

**RELATÓRIO DESCRITIVO**

# DIREITOS E VIOLÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE:

*Construção de um perfil social em diálogo com a população*

**PROJETO TRANS**  
[ TRAVESTILIDADES E TRANSEXUALIDADES ]

**UF** *m* **G**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS

  
**nuh**  
NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS  
E CIDADANIA LGBT



---

# NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA LGBT (NUH-UFMG)

## COORDENAÇÃO:

Professor Marco Aurélio Máximo Prado

## PARTICIPANTES:

Anne Rafaela Telmira  
Denyr Jeferson Dutra Alecrim  
Júlia Carneiro  
Karina Dias Géa  
Lorena Hellen de Oliveira  
Nicole Gonçalves da Costa  
Rafaela Vasconcelos Freitas

## CONSULTORIA:

Keila Simpson  
Anyky Lima  
Liliane Anderson Reis Caldeira

## PARCERIA:

Grupo Margens/UFSC

Belo Horizonte  
2016

# ÍNDICE:

<b>1</b>	Apresentação .....	<b>04</b>
<b>2</b>	Metodologia .....	<b>08</b>
<b>3</b>	Descrições dos Dados .....	<b>25</b>
<b>3.1</b>	Características Sociodemográficas .....	<b>25</b>
<b>3.2</b>	Escolaridade .....	<b>31</b>
<b>3.3</b>	Família .....	<b>38</b>
<b>3.4</b>	Religião .....	<b>46</b>
<b>3.5</b>	Migração/Moradia .....	<b>50</b>
<b>3.6</b>	Trabalho Sexual .....	<b>59</b>
<b>3.7</b>	Outros Trabalhos .....	<b>69</b>
<b>3.8</b>	Transformação Corporal .....	<b>86</b>
<b>3.9</b>	Saúde .....	<b>113</b>
<b>3.9.1</b>	Sobre uso de drogas .....	<b>119</b>
<b>3.9.2</b>	Diagnósticos de Doenças .....	<b>154</b>
<b>3.10</b>	Camisinhas .....	<b>179</b>
<b>3.11</b>	Políticas Públicas .....	<b>189</b>
<b>3.12</b>	Violência .....	<b>192</b>
<b>3.12.1</b>	Violência Física .....	<b>193</b>
<b>3.12.2</b>	Violência Sexual .....	<b>194</b>
<b>3.12.3</b>	Violência Psicológica .....	<b>195</b>
<b>3.12.4</b>	Agentes de Violência .....	<b>196</b>
<b>3.12.5</b>	Providências .....	<b>197</b>
<b>3.12.6</b>	Providências por meios oficiais .....	<b>197</b>
<b>3.12.7</b>	Agentes de violência e tomadas de providências .....	<b>1983</b>
<b>.12.8</b>	Relação com a Polícia .....	<b>2073</b>
<b>.12.9</b>	Percepção de vulnerabilidade em espaços da cidade .....	<b>2103</b>
<b>.13</b>	Uso do tempo/ Lazer .....	<b>216</b>
<b>4</b>	Considerações .....	<b>239</b>
<b>5</b>	Glossário .....	<b>240</b>
<b>6</b>	Referências Bibliográficas .....	<b>241</b>

# APRESENTAÇÃO

Esse relatório é resultado do projeto intitulado ***Direitos e violência na experiência de travestis e transexuais na cidade de Belo Horizonte: construção de um perfil social em diálogo com a população***, que teve como foco a população de travestis e mulheres transexuais que exercem trabalhos sexuais no município de Belo Horizonte e região metropolitana. A pesquisa foi realizada pelo ***Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (Nuh) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*** sob a coordenação do ***Prof. Marco Aurélio Máximo Prado*** e equipe composta por alunos de diversos cursos de graduação, mestrado e doutorado entre os anos de 2011 a 2015.

O ***Nuh/UFMG***, buscando ampliar o entendimento sobre a questão da violência contra as experiências LGBT, desenvolveu uma série de ações a fim de compreender de que maneira a dinâmica do preconceito impõe obstáculos à cidadania e aos direitos humanos da população de travestis e mulheres transexuais, e preparar intervenções de fortalecimento de suas ações junto aos poderes públicos.

Tendo em vista a construção de um perfil social, a pesquisa levantou dados sobre escolaridade, família, religião, trabalho sexual, trabalho formal, transformação do corpo, saúde, violência, políticas públicas e lazer. Objetivou-se, com isso, identificar os contextos de vulnerabilidade em que se encontram travestis e mulheres transexuais de Belo Horizonte e região metropolitana frente às áreas de **Saúde, Educação, Assistência Social, Segurança Pública, Emprego e Renda**. A pesquisa se dedicou também ao fomento da discussão de temas relacionados ao combate do preconceito e à inserção das especificidades do universo das travestis e transexuais nas políticas públicas vinculadas à noção de direitos humanos, no intuito de promover documentos que embasem e refinem as estratégias de ação para esta população.

Ao longo do desenvolvimento desse projeto, no diálogo com travestis e mulheres transexuais, verificou-se a necessidade de aprofundar estudos que busquem articular as diversas situações de violência e violações de direitos, exclusão e subalternidade com a dinâmica do preconceito contra as identidades de gênero. Fez-se necessária, portanto, uma imersão analítica nas esferas sociais mencionadas acima, já que elas se mostraram relevantes no que tange os problemas sociais vivenciados por travestis e mulheres transexuais.

Se moradia, segurança, saúde, educação, trabalho e lazer são direitos inalienáveis de todos e todas as cidadãs brasileiras, o que explicaria a precariedade de políticas públicas voltadas para esta população? Como pensar a situação de exclusão, e mais, de abjeção a que essa comunidade está submetida sem levar em consideração o vazio legislativo a respeito das questões de travestis e mulheres transexuais? E qual seria o papel da Academia, da sociedade e do Estado no trato desta questão? Estas são perguntas que permearam a referida pesquisa.



O projeto possibilitou diálogos e parcerias com o Estado e a sociedade civil, colaborando na ampliação de certa rede de proteção às travestis e mulheres transexuais da capital. A equipe organizou e participou de importantes eventos e reuniões voltados para a comunidade de travestis e transexuais em Belo Horizonte, dentre eles: Organização do *Dia Nacional da visibilidade de Travestis e Transexuais (2010, 2011, 2012)*; Organização do *7º Encontro de Travestis e Transexuais da Região Sudeste e 1º Encontro Nacional da Rede Trans Educ (2012)*; Realização do *4º Ciclo de Debate – Direitos negados – Violências no cotidiano de travestis e transexuais (2013)*; Realização do *6º Ciclo de Debate – O uso do nome social na escola e seus possíveis contornos democráticos (2014)*; Realização do *9º Ciclo de Debate – Saúde, direitos e nome social*, que, em parceria com o **Ministério da Saúde / DATASUS** disponibilizou gratuitamente a impressão de cartões do SUS com o nome social; participação na *Audiência pública Municipal sobre as violações e as violências de direitos humanos cometidos contra a comunidade LGBT (2013)*; Produção do material para *Campanha Nacional Olhe, olhe de novo e veja além do preconceito* do **Ministério da Saúde**; Fomentação de uma *rede de promoção dos direitos de travestis e transexuais (2013, 2014)*, junto ao Ministério Público de Minas Gerais e ao Núcleo de Atendimento a Vítimas de Crimes Violentos (NAVCV); Participação em visita técnica realizada no 34º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais; Criação da Comissão que regulamenta o uso do nome social na UFMG; Realização da *Reunião pública*

- *Visibilidade, dignidade e respeito a travestis e transexuais* (2014), junto ao **Ministério Público de Minas Gerais**; Elaboração de uma Cartilha informativa. Foi possível também acompanhar os principais encontros regionais (sudeste) e nacionais (**ENTLAIDS**) organizados pelos movimentos de travestis e transexuais durante os anos de realização da pesquisa. Foram também desenvolvidas dissertações de mestrado e teses de doutorado com foco nas vivências de travestis e homens ou mulheres transexuais.

O projeto tem fomentado muitas reflexões e dados sobre a sociabilidade de travestis e mulheres transexuais em Belo Horizonte – onde circulam, como se relacionam nos espaços compartilhados, quais os serviços públicos que acessam (e também aqueles que não acessam), as redes que criam e suas demandas políticas e sociais. Observou-se também como se constroem enquanto sujeitas políticas, traçando estratégias de resistência e enfrentamento diante de contextos marginalizados como a rua, no caso do trabalho sexual.

Portanto, ao expandir essa proposta de trabalho junto à comunidade de travestis e mulheres transexuais de Belo Horizonte e região metropolitana, já em desenvolvimento, transformando-a em um projeto amplo de pesquisa dialogada com a comunidade em tela; o projeto pretende contribuir para o alargamento das possibilidades de entendimento, intervenção e mobilização dos grupos sociais em questão. Ao enfrentar e combater as dinâmicas do preconceito é possível, ainda, construir a compreensão da experiência travesti e transexual enquanto formas legítimas de vivências subjetivas e públicas.

Cabe destacar ainda a importância e o impacto destas experiências no processo de formação e reflexão dos estudantes que passaram em algum momento pelo projeto. A possibilidade de diálogo e vivência com a população, com os movimentos sociais e as entidades do poder público possibilitaram oportunidades de crescimento, aprendizagem e autonomia fundamentais para a formação de profissionais críticos e comprometidos com as diretrizes dos direitos humanos e a ampliação da cidadania.



# METODOLOGIA

O projeto “***Direitos e Violência na Experiência de Travestis e Transexuais da Cidade de Belo Horizonte: construção de um perfil social em diálogo com a população***” é um estudo do tipo corte transversal e teve como objetivo traçar o perfil de travestis e mulheres transexuais que exercem trabalho sexual na capital mineira e região metropolitana, tendo como principais referências para esta construção os eixos “perfil socioeconômico”, “trajetória escolar”, “redes de sociabilidade”, e “acesso a políticas e instituições públicas”. Estas informações foram coletadas através de dois métodos de investigação: a aplicação de questionários estruturados e a realização de trabalho de campo de cunho etnográfico, tanto nos locais de trabalho como em outros espaços de sociabilidade desta população.

O projeto teve seu início no ano de 2011, porém seu período de gestação remonta ainda ao ano de 2010, quando alguns alunos de graduação, sob a orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado, realizaram um estágio curricular em Psicologia, denominado ***Psicologia Comunitária***

– **Teoria Queer**, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o qual buscou mapear e conhecer vivências de travestis e mulheres transexuais em Belo Horizonte, pela atuação direta desses alunos junto a esta população. Realizado por meio da inserção etnográfica da equipe em quatro das principais áreas em que travestis e mulheres transexuais exercem trabalho sexual na capital, o estágio serviu para evidenciar a urgente necessidade de elaboração e aprofundamento de pesquisas junto a esta população, demonstrando os contextos de vulnerabilidade e exclusão em que a mesma estaria envolvida. Proporcionando, pois, diversas reflexões acerca destas experiências, o estágio configurou-se em um trabalho preliminar e gestacional do que viria então a ser o presente projeto. Dentre as principais contribuições que o mesmo proporcionou, destacam-se o mapeamento dos locais em que travestis e mulheres transexuais exercem trabalho sexual em Belo Horizonte e Região Metropolitana; informações gerais acerca dos contextos que as envolvem; estratégias de aproximação junto a esta população, além, é claro, da troca de experiências entre os diferentes membros que compuseram – e que ainda compõem – esta pesquisa.

Deste modo, a pesquisa aqui apresentada procede de um conjunto de experiências investigativas, as quais, a partir da interação social com os sujeitos pesquisados, visaram não apenas um estudo empírico e teórico dos mesmos, mas também uma possível transformação social em seu meio. Assim, os delineamentos metodológicos adotados buscaram ser participativos, no sentido de provocar o universo da população estudada, seja por meio da realização de eventos, como encontros, rodas de conversa e debates, seja na elaboração de materiais informativos, campanhas contra o preconceito ou mesmo na distribuição de preservativos para esta população. Os caminhos percorridos pela pesquisa estiveram organizados da seguinte maneira:

## **LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO**

Esta etapa consistiu de suma importância na preparação da equipe para a inserção em campo, para as possibilidades de diálogo com as entrevistadas, bem como para a elaboração do questionário a ser aplicado. A partir do estudo sistemático de perspectivas teóricas do campo multidisciplinar dos estudos de gênero, sexualidade, preconceito, cidadania e das leituras de etnografias realizadas junto à população de travestis e mulheres transexuais no Brasil (Silva, 1993; Oliveira, 1994; Kulick, 1998:2008; Benedetti, 2005; Pelúcio, 2009), a equipe pode se familiarizar com o universo das trans e travestilidades, bem como se preparar teoricamente para as discussões que

suscitariam de tal experiência. Na realidade, esta é uma etapa que transpassa todo o processo da pesquisa, desde a fundamentação teórica do objeto de estudo à contribuição com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos (Lima e Miotto, 2007).

## ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Esta etapa desenvolveu-se a partir do diálogo direto com a comunidade de travestis e mulheres transexuais, responsável tanto pela orientação acerca dos pontos a serem abordados no questionário, como por auxiliar na própria construção das perguntas, de forma a não haver equívocos ou má interpretação entre as participantes. Também se considerou nesta elaboração algumas demandas levantadas no **7º Encontro de Travestis e Transexuais da Região Sudeste**, realizado pelo Nuh/UFMG em maio de 2012, que demonstraram a necessidade de se pesquisar o acesso aos serviços públicos e as situações de violência que as acometem, de forma a instrumentalizar o poder público com informações sobre esta população.

Por meio de **243 perguntas**, algumas fechadas outras abertas, o questionário abarca os seguintes temas: características sociodemográficas, escolaridade, família, religião, migração/moradia, trabalho sexual, outros trabalhos, transformação do corpo, saúde, uso de preservativo/camisinha, política pública, violência, uso do tempo/lazer e cotidiano.

## REUNIÕES

Semanalmente eram realizadas no **Nuh/UFMG** reuniões para supervisão dos trabalhos desenvolvidos e para discussões a respeito dos novos passos e estratégias de continuidade da pesquisa. Também havia reuniões quinzenais destinadas ao estudo de bibliografia selecionada pelo coordenador ou eleita pela própria equipe de pesquisa. Sobretudo nos períodos de realização do trabalho de campo, essas reuniões eram de suma importância, sendo o momento em que a equipe compartilhava as experiências específicas de cada campo e discutia os dados obtidos por meio das observações participantes. Vale destacar a participação e debates entre equipe e importantes militantes e/ou pessoas de referência da comunidade em questão para ressignificar os contextos, melhor compreender as demandas, os vocabulários, as estratégias, inserções e intervenções que o Projeto poderia promover.



# O CAMPO



Contagem



Av. Pedro II



Av. Santos Dumont



Av. Santos Dumont



*Av. Santos Dumont*



*Santa Branca*



*Santa Branca*



*Av. Santos Dumont*



## TRABALHO DE CAMPO

Conforme Lakatos & Marconi (2001), a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes para analisá-los. Levando, pois, em consideração tais aspectos, tal procedimento metodológico foi extremamente importante para a apreensão dos processos e significados produzidos no contexto das experiências travestis e mulheres transexuais aqui estudadas.

Por meio do mapeamento realizado pelo estágio em 2010 percebeu-se uma diversidade de locais em que travestis e mulheres transexuais exercem trabalhos sexuais em Belo Horizonte e Região Metropolitana, o que foi confirmado durante a realização da pesquisa. Destaca-se que essas áreas estão marcadas por diferenças substantivas e que se referem tanto à localização geográfica das mesmas, quanto à natureza desses espaços (comerciais ou residenciais). Essas diferenciações influenciam a organização de travestis e mulheres transexuais em tais espaços e implicam dinâmicas muito específicas para cada um desses locais. Assim, há uma conexão direta entre as regiões ocupadas para o trabalho sexual e o perfil da população, as formas como elas se apresentam publicamente, a gestão da segurança pública, os índices de violência, o tipo de clientes que atendem e com quem se relacionam nestes espaços.

Tais apontamentos serviram de base para decisões sobre em quais locais seriam realizados os trabalhos de campo. Pensando em riscos e facilidade de acesso da equipe, foram decididos os seguintes locais: Avenida Afonso Pena; Avenida Santos Dumont; Avenida Pedro II, o Bairro Santa Branca (Região da Pampulha) e a Praça dos Trabalhadores (Contagem), os quais foram acompanhados/monitorados semanalmente. Vale ressaltar que Contagem não era uma área contemplada pelo estágio curricular, sendo um campo que não estava ainda bem delimitado e as primeiras visitas foram feitas com o intuito de descobrir e mapear a área próxima à Praça da CEMIG.

Para a inserção nestes espaços, adotou-se a distribuição de preservativos e gel lubrificante, estratégia utilizada como forma de aproximação e de contribuição para o processo de prevenção às DST's/AIDS. As visitas iniciais foram acompanhadas por travestis com quem a equipe já mantinha contato, as quais foram essenciais nesta etapa, tanto para nossa familiaridade com o campo, quanto para nossa reflexão sobre as formas de abordagens a serem utilizadas.

Os trabalhos de campo se iniciaram em agosto de 2012 e foram finalizados em 2014. A equipe esteve dividida em dois grupos, cada um compreendendo às seguintes áreas de referência: a) Avenidas Santos Dumont e Pedro II e b) Bairro Santa Branca (Região da Pampulha) e Praça dos Trabalhadores (Contagem). As visitas à Avenida Afonso Pena foram interrompidas, ainda no início da pesquisa, devido a própria dinâmica deste campo que dificultava o acesso às travestis e mulheres transexuais que trabalham neste local. Até dezembro de 2013 as visitas foram realizadas semanalmente, passando a ocorrer, a partir de janeiro de 2014, quinzenalmente.

Após o período de inserção nos campos e do estabelecimento de tais vínculos, os questionários estruturados foram aplicados às travestis e mulheres transexuais, com participação de caráter voluntário e em local previamente acordado, mantendo a privacidade e anonimato das participantes, conforme informado no **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)** assinado pelas participantes. Os agendamentos foram feitos em campo ou via contato telefônico, e as aplicações ocorreram em bares próximos ao campo, no próprio campo (na casa das entrevistadas ou casa de diárias).

A seguir, uma sucinta caracterização de cada campo, a fim de familiarizar o(a) leitor(a) aos contextos que envolvem este estudo:

## AVENIDA AFONSO PENA

É um local de destaque no que se refere ao trabalho sexual de travestis e mulheres transexuais. Por se localizar em uma região nobre da capital e ser uma via de grande circulação de carros e clientes (os quais, aparentemente, apresentam médio a alto poder aquisitivo), a prostituição neste local fornece certo status para travestis e mulheres transexuais neste universo, informação que foi coletada dos próprios relatos de campo. Esta, porém, foi uma área abandonada pela equipe ainda no início da pesquisa, uma vez que a grande movimentação de pessoas neste espaço impossibilitava que os membros da equipe pudessem estabelecer um diálogo mais profundo com as travestis e mulheres transexuais ali presentes. Percebendo a pouca produtividade do trabalho neste ambiente, optou-se por reservar a atuação a outros pontos da cidade. Destaca-se, porém, que é relativamente alto o número das participantes desta pesquisa que *batalham* nesta avenida, enquanto *batalham* também em outras regiões.

## AVENIDA SANTOS DUMONT

Situada na região central de Belo Horizonte, em uma área inteiramente comercial, é marcada pelo grande fluxo de pessoas e tráfego de automóveis. Devido à dinâmica imposta por tal localização, o trabalho nesta região obedece à seguinte especificidade: em busca de possíveis clientes que trabalham no centro ou então que passam por ele, o horário em que as travestis e mulheres transexuais começam a batalhar na região é a partir das 19 horas ou pouco depois do fechamento das lojas. No trecho da avenida em que elas se encontram, há três motéis (dois do lado em que elas batalham e outro do outro lado da Avenida), sendo um desses e mais outro (localizado na Rua Curitiba) motéis recentemente abertos, onde as travestis e mulheres transexuais alugam quartos por determinados períodos do dia, atendendo clientes que ali circulam (hotéis conhecidos como “sobe-e-desce”).

Esta foi uma transformação decorrente das reformas realizadas para a Copa do Mundo de 2014, tendo a Avenida Santos Dumont sido interditada por um longo intervalo de tempo anterior ao evento, o que levou travestis e mulheres transexuais a desenvolver estratégias para seguir *batalhando* na região, a despeito de todas as dificuldades “logísticas” que se interpuseram. Muitas travestis e mulheres transexuais que iniciaram pagando “turnos” por estes quartos acabaram por aluga-los, posteriormente, onde passaram, de fato, a residir.



## BAIRRO SANTA BRANCA

Situado na região da Pampulha de Belo Horizonte, é uma área predominantemente residencial. Contudo existem muitos motéis próximos um ao outro, dentro do próprio bairro, sendo estes os locais em que a maioria das travestis e mulheres transexuais realizam seus trabalhos sexuais. Estes estabelecimentos ficam próximos a uma avenida movimentada e que dá acesso ao bairro e a outros pontos da cidade, a Av. Dom Pedro I. Diferente dos outros locais pesquisados, o bairro possui um baixo fluxo de pessoas e de tráfego de automóveis, sendo caracterizado pelo movimento do próprio bairro, bairros próximos, circulação de ônibus e dos próprios clientes. Todavia, após a construção de dois viadutos no bairro, decorrente das reformas realizadas para a Copa do Mundo de 2014 e localizados próximos ao ponto de prostituição, o fluxo teve um aumento significativo, mas não aumentou o número de clientes. Devido à dinâmica imposta por tal localização residencial, o trabalho nesta região obedece à seguinte especificidade: em busca de possíveis clientes, o horário em que começam a *batalhar* na região é a partir das 20 horas, algumas ficando por lá até mais tarde ou, em outros casos, migrando para outro ponto de prostituição da cidade. As travestis e mulheres transexuais ficam distribuídas em um quarteirão do bairro onde se localizam a maior parte dos motéis – entre as Ruas Antero de Quental, Monte Castelo, Téles de Menezes e Rua Montese; embora algumas também se encontrem para além desse perímetro.

## PRAÇA DOS TRABALHADORES (CONTAGEM)

Localizado em um encontro de avenidas, em que a Avenida Babita Camargos é a mais movimentada, a Praça se encontra na região Industrial de Contagem. Deste modo, possui intenso tráfego de carros, motos, caminhões e ônibus, tanto no período diurno quanto no noturno, porém, no que se refere à circulação dos pedestres, esta se reduz durante o anoitecer. As travestis e mulheres transexuais chegam tarde para batalhar, depois das 22 horas. Elas ficam próximas em um ponto mais iluminado do local, pois a região é muito escura, deserta e muito violenta. Os programas são feitos dentro dos veículos (principalmente caminhões e carros) ou na rua; há um drive in distante do local que raramente é usado por elas para fazer os programas. Não há residências, pois se trata de uma região industrial, onde os principais movimentos se dão pela grande circulação de caminhões e por uma casa de shows próxima à praça.

## AVENIDA DOM PEDRO II

É uma avenida predominantemente comercial e que dá acesso a outras importantes vias de Belo Horizonte. Deste modo, possui intenso tráfego de carros e de ônibus tanto no período diurno quanto no noturno, porém, no que se refere à circulação dos pedestres, esta se reduz à noite. É uma avenida extensa, onde há travestis e mulheres transexuais *batalhando* em um percurso de quase três quilômetros (entre as Ruas Manhumirim e a Rio Casca), embora algumas também se encontrem para além desse perímetro. Sua distribuição se dá de forma espaçada pelas esquinas da avenida, localizando-se, principalmente, ao lado direito da pista (sentido centro). Geralmente, o horário em que chegam ao local é no final da noite, sendo somente a partir das 23 horas que a rua possui um número mais expressivo de travestis e mulheres transexuais. É raro vê-las antes das 22 horas, com exceção daquelas que se dizem "casadas" e que, portanto, voltam mais cedo para suas residências, a fim de ficar com os maridos.

Conforme já ressaltado, a distribuição de preservativos e de gel lubrificante foi uma estratégia acionada pela equipe para a aproximação e primeiro contato junto às travestis e mulheres transexuais, porém este foi um procedimento empregado ao longo de todo o trabalho de campo. Essa aproximação foi um processo moroso e que exigiu uma atuação extremamente cuidadosa, sendo permitido à equipe, paulatinamente, adentrar neste universo, o que somente foi possível pelas relações de confiança que se estabeleceram. A recorrente desconfiança de travestis e mulheres transexuais com relação aos pesquisadores que as procuram, dos trabalhos com

que já contribuíram de alguma forma, a descrença nos órgãos públicos ou as dúvidas sobre os benefícios que podem ser trazidos por meio de pesquisas, inclusive esta, configuraram-se em ponto de constante tensão para a equipe. Desta forma, o esforço empreendido ao longo do processo consistiu em buscar não reproduzir tais impressões, estabelecendo uma relação que não reforçasse esses modelos. Neste sentido, as insistentes idas a campo, mesmo quando as condições não eram completamente favoráveis à equipe, o desenvolvimento de atividades paralelas que pudessem contemplá-las, bem como uma busca por ligações menos superficiais e mais profundas com as mesmas, foram de importância fundamental para o estabelecimento de relações mais concretas, o que favoreceu o desenvolvimento das diferentes etapas da pesquisa.

As datas escolhidas para as visitas de campo semanais correspondiam aos dias em que seria mais fácil conversar com as travestis e mulheres transexuais sem atrapalhá-las em seu trabalho, o que excluía aqueles em que a circulação de clientes era muito alta, como é o caso dos finais de semana. Os horários escolhidos para estas visitas, por sua vez, consistiam naqueles em que seria encontrado razoável número delas pela pista.

Verificou-se, ao longo da pesquisa, que as aplicações dos questionários nos locais de trabalho de travestis/mulheres transexuais não era uma opção muito plausível, seja para a equipe seja para as entrevistadas. Por se tratar de um questionário muito amplo e que exigia disponibilidade de tempo para ser respondido, realizá-lo nesses espaços acabava por comprometer o horário de trabalho das entrevistadas, além de a própria dinâmica da rua impedir sua concentração durante o procedimento – seja pela circulação de clientes, pedestres ou mesmo das próprias travestis/mulheres transexuais com quem dividiam espaço. Felizmente, a consolidação dos vínculos com algumas travestis e mulheres transexuais possibilitaram à equipe seu trânsito a outros ambientes como suas casas, pensões e bares (em suas companhias), situações em que foram realizadas muitas aplicações de questionário e que demonstraram as potencialidades destes espaços para a coleta dos dados, não mais limitada ao espaço das pistas.

É interessante ressaltar como esse deslocamento do espaço público e noturno da pista para os âmbitos privados de suas casas ou casas de diárias e em períodos diurnos, possibilitou à equipe observações de suas vivências, rotinas, sociabilidades e conjugalidades que, em outros momentos, não poderiam jamais ser realizadas. Assim, elementos significativos e, ao mesmo tempo, bastante sutis de seus cotidianos puderam também integrar-se às investigações de campo, configurando-se em importante material para as reflexões desta pesquisa. Desta forma, a observação das relações com os maridos, amigos, donas de casa e com a própria vizinhança puderam ser integradas neste projeto e exploradas de forma muito mais segura com base nos dados coletados e anotados nos diários de campo da equipe.

## **APLICAÇÕES DOS QUESTIONÁRIOS:**

Cento e quarenta e uma (141) travestis e mulheres transexuais participaram da pesquisa, amostra considerada representativa para este projeto, tendo em vista o caráter transitório e flutuante destes segmentos nos espaços urbanos que, dentre múltiplos fatores, deve-se às próprias necessidades que o mercado sexual impõe a este universo. Além disso, a amplitude do questionário, finalizado em 243 questões, foi um fator de complicação em alguns casos, dado a demanda de tempo exigida para que o mesmo fosse respondido. Uma estratégia utilizada pela equipe, conforme já salientado, foi o contato estabelecido com algumas donas de casa, o que nos permitiu frequentar suas residências realizar a aplicação de questionários às travestis e mulheres transexuais que moravam com elas.



Conforme já apontado, as condições de aplicação foram bastante variáveis, obedecendo a exigências específicas impostas a cada contexto. Assim, a coleta de dados via questionário foi realizada em diferentes lugares, horários e com intervalos de tempo muito diferenciados. Os tempos mínimo e máximo das aplicações estiveram em torno dos 12 e 217 minutos, respectivamente, alcançando uma média de 48,49 minutos. Já no que se refere à distribuição das aplicações pela natureza dos locais em que foram realizadas (pistas, casas e bares) tem-se a seguinte divisão:

## TABELA 1 DISTRIBUIÇÃO DO LOCAL DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Bares	03	2
Pistas/Campo	16	11
Casas*	122	87
Total	141	100,0

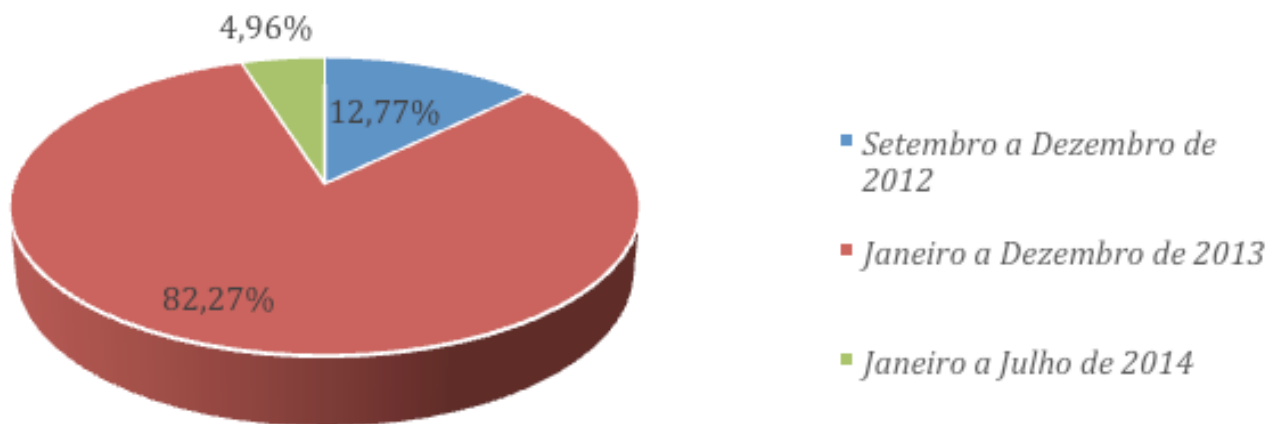
Diante deste quadro, percebe-se a importância de se ter tido acesso a outros espaços para além das pistas onde travestis e mulheres transexuais trabalham para a realização desta pesquisa. Tal acesso só foi possível, vale destacar, por meio do investimento constante e temporal nestas relações, facilmente fragilizáveis, uma vez que esta é uma população diariamente violentada nos múltiplos espaços (físicos e simbólicos) pelos quais circula.

*\*As entrevistadas relataram diferentes tipos de moradias quanto à resposta "casa". Sendo eles: casa da prima/casa da amiga da entrevistada; casa da dona de casa; casa da entrevistada.*

*\*Com relação ao local de realização das entrevistas, 51,0% (71) delas foram realizadas nas casas de donas de casa; 29,0% (41) na própria casa da entrevistada; 11,0% (16) nos locais onde a equipe realizou trabalho de campo, ou seja, nas pistas onde as entrevistadas trabalham; 7,0% (10) na casa de parentes ou de amigas das entrevistadas; 2,0% (3) em bares, geralmente próximos às pistas onde batalham.*

*\*A aplicação dos questionários se iniciaram no segundo semestre de 2012, percorrendo todo o ano de 2013, finalizando no primeiro semestre de 2014. Desta forma, 82,27% (116) dos questionários foram aplicados no ano de 2013, 12,77% (18) no ano de 2012 e 4,96% (7) no ano de 2014.*

## PERCENTUAL DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS, SEGUNDO ANO (2012, 2013, 2014)



*\*Dados referentes a 141 questionários*

\*A aplicação dos questionários se iniciaram no segundo semestre de 2012, percorrendo todo o ano de 2013, finalizando no primeiro semestre de 2014. Desta forma, 82,27% (116) dos questionários foram aplicados no ano de 2013, 12,77% (18) no ano de 2012 e 4,96% (7) no ano de 2014.

---

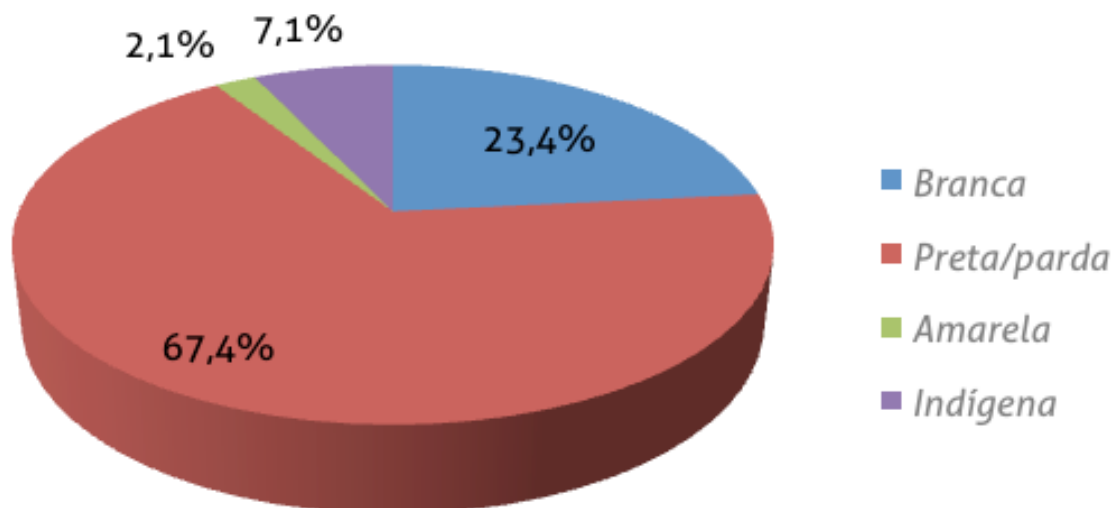
## ANÁLISE ESTATÍSTICA E RESULTADOS

Os dados coletados foram organizados em um banco de dados utilizando o software **Statistical Package for Social Sciences® (SPSS®)** na elaboração da máscara e extração dos dados dos questionários. Após a construção do banco foi realizada a análise de consistência desses dados e, posteriormente, realizadas as distribuições das frequências das variáveis e suas correlações no mesmo software.

# DESCRIÇÕES DOS DADOS

## 3.1 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

### GRÁFICO 1 - PERCENTUAL DE COR/RAÇA DAS ENTREVISTADAS.

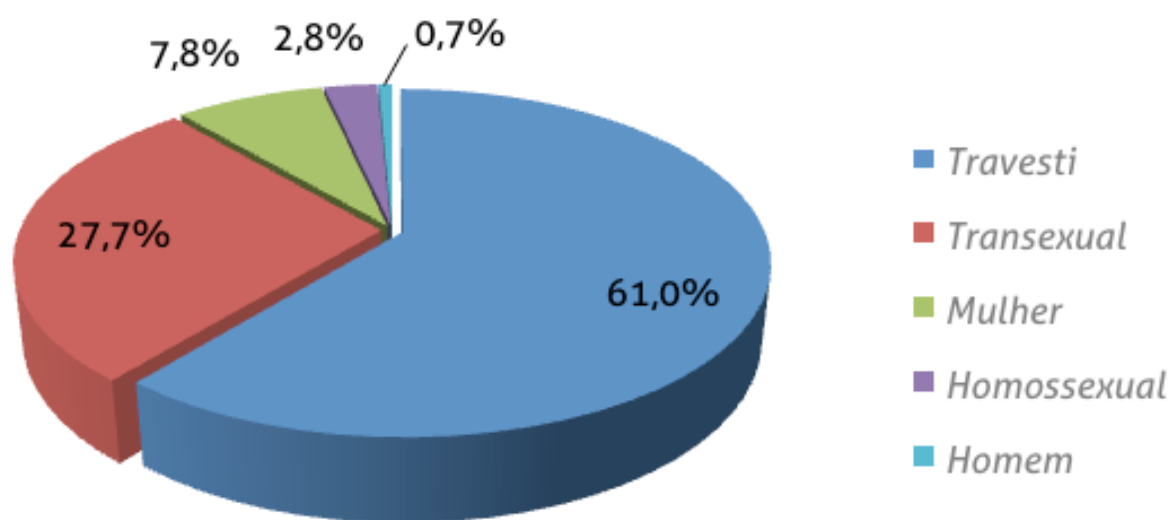


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à identificação racial das entrevistadas: 67,4% (95) se declararam pretas ou pardas; 23,4% (33) brancas; 7,1% (10) indígenas e 2,1% (3) amarelas.



## GRÁFICO 2 - PERCENTUAL DE AUTODECLARAÇÃO DAS ENTREVISTADAS QUANTO A GÊNERO/SEXUALIDADE.

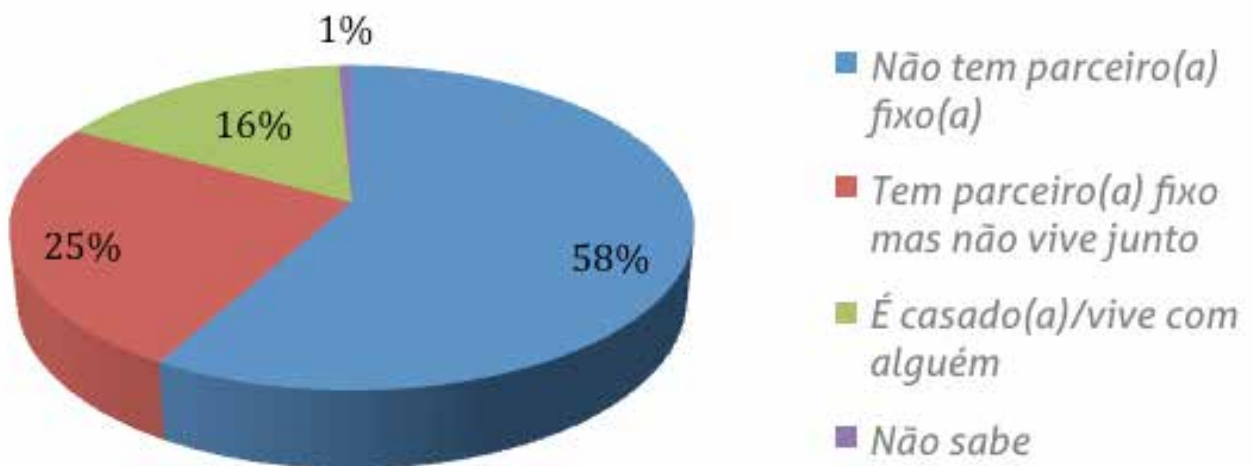


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à identificação de gênero das entrevistadas, em que elas escolhiam entre categorias pré-estabelecidas, 61,0% (86) declararam-se travesti; 27,7% (39) transexual; 7,8% (11) mulher; 2,8% (4) homossexual; 0,7% (1) homem.



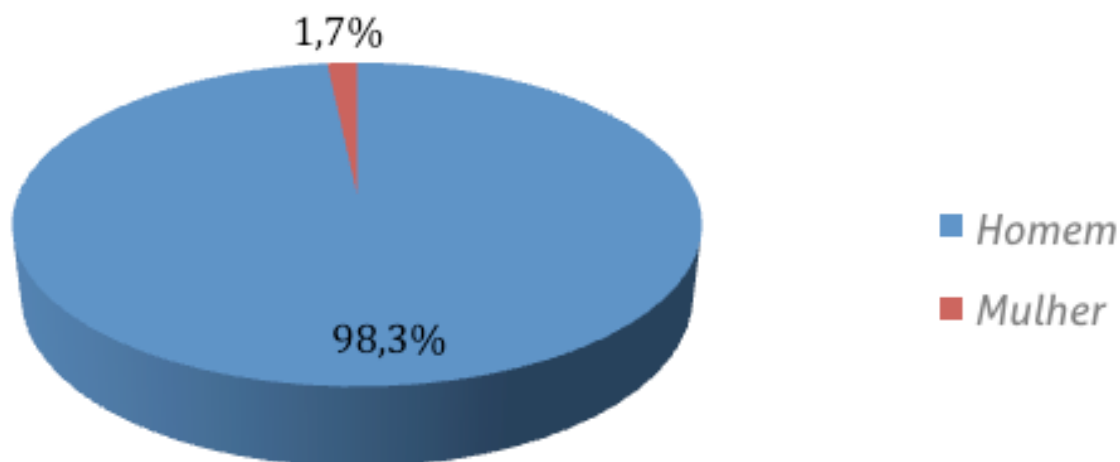
### GRÁFICO 3 - PERCENTUAL DA SITUAÇÃO CONJUGAL DAS ENTREVISTADAS NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Sobre a situação conjugal das entrevistadas, grande parte, 58% (82), relatou não possuir parceiro(a) fixo(a); 25% (35) declararam possuir parceiro(a) fixo(a); 16% (23) são casadas ou vivem com alguém; 1% (1) não soube responder.

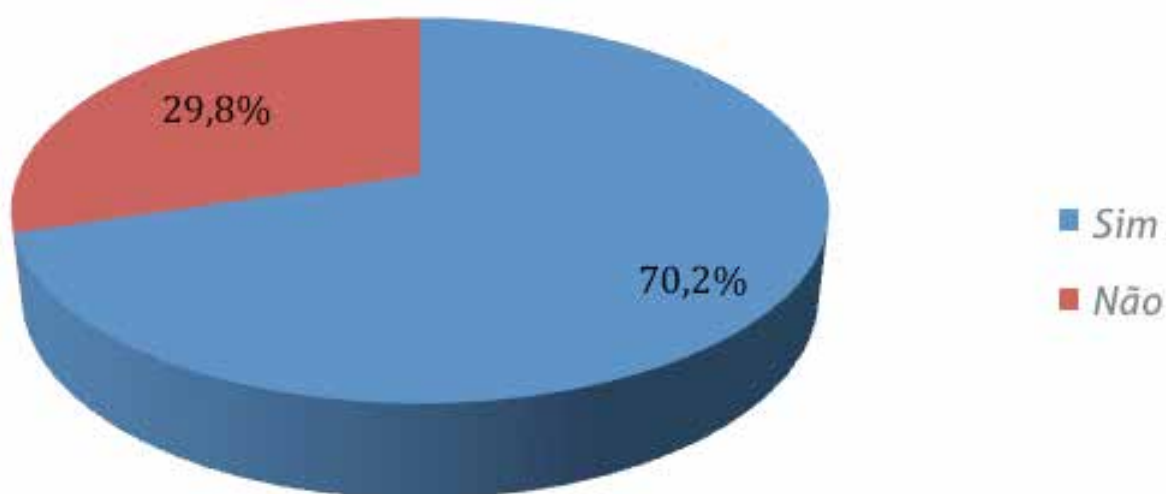
## GRÁFICO 4 - PERCENTUAL DA IDENTIDADE DE GÊNERO DOS(AS) PARCEIROS(AS) DAS ENTREVISTADAS NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 60 participantes que responderam esta pergunta.*

Das 60 entrevistadas que responderam acerca da identidade de gênero de seus parceiros, 98,3% (59) declararam ter um homem como parceiro, enquanto que 1,7% (1) declarou ter como parceira uma mulher.

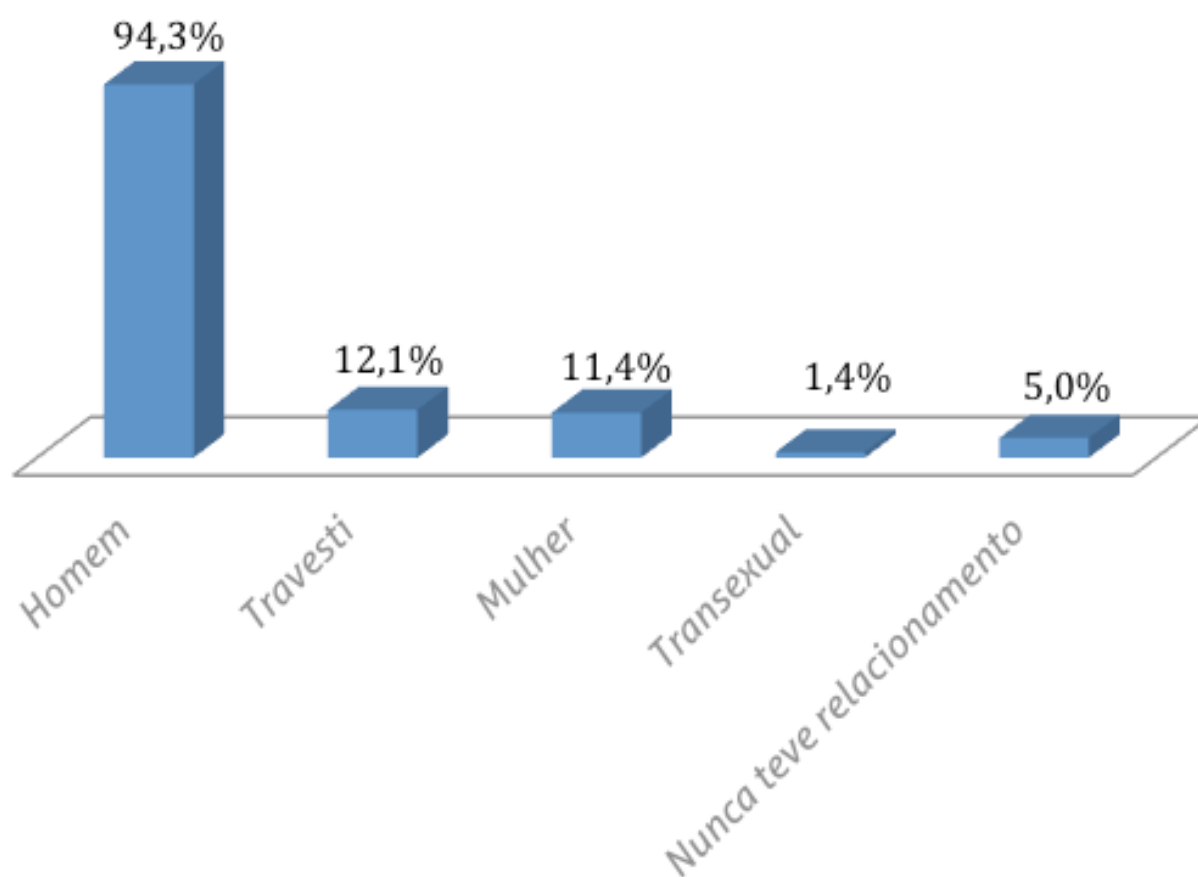
## GRÁFICO 5 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE JÁ FORAM CASADAS OU VIVERAM COM ALGUÉM.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 141 participantes, 70,2% (99) declararam já terem sido casadas ou vivido com alguém.

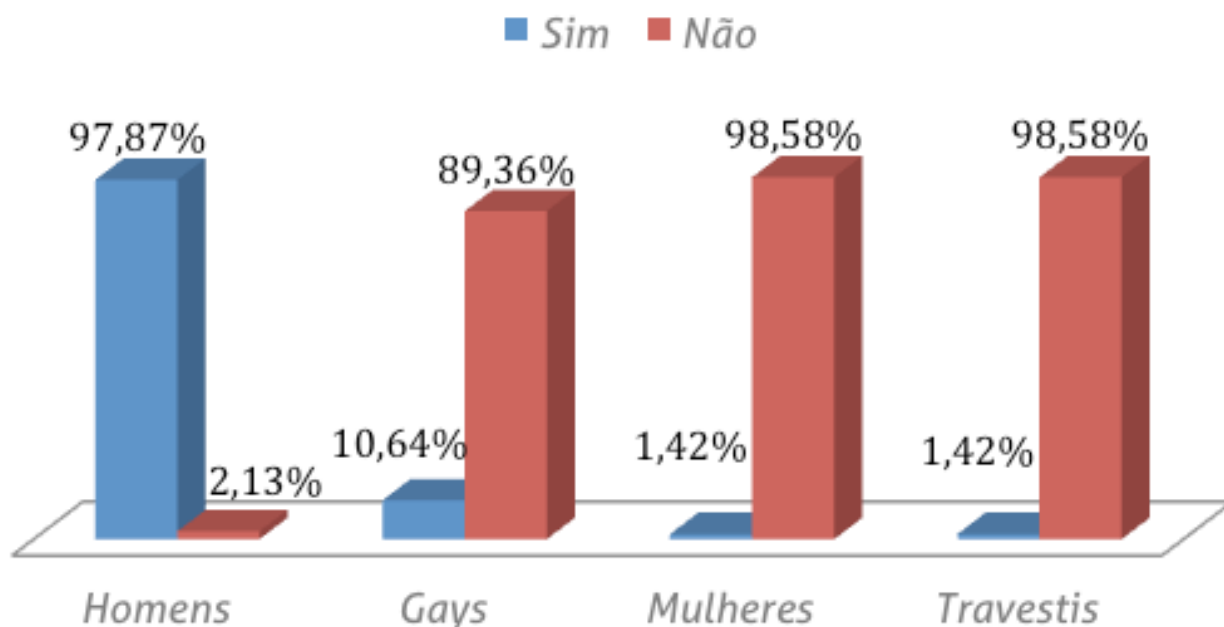
## GRÁFICO 6 - PERCENTUAL DA IDENTIDADE DE GÊNERO DAS PESSOAS COM AS QUAIS AS ENTREVISTADAS MANTIVERAM RELACIONAMENTO FIXO.



*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam cada categoria pré-estabelecida.*

Com relação à identidade de gênero dos(as) parceiros(as) com os quais as entrevistadas já se relacionaram: 94,3% (132) responderam já terem se relacionado com homem; 12,1% (17) já terem se relacionado com travesti; 11,4% (16) com mulher; 1,4% (2) com transexual. 5,0% (7) declararam nunca ter tido relacionamento fixo.

## PERCENTUAL DE PESSOAS PELAS QUAIS AS ENTREVISTADAS SENTEM ATRAÇÃO FÍSICA OU AMOROSA.

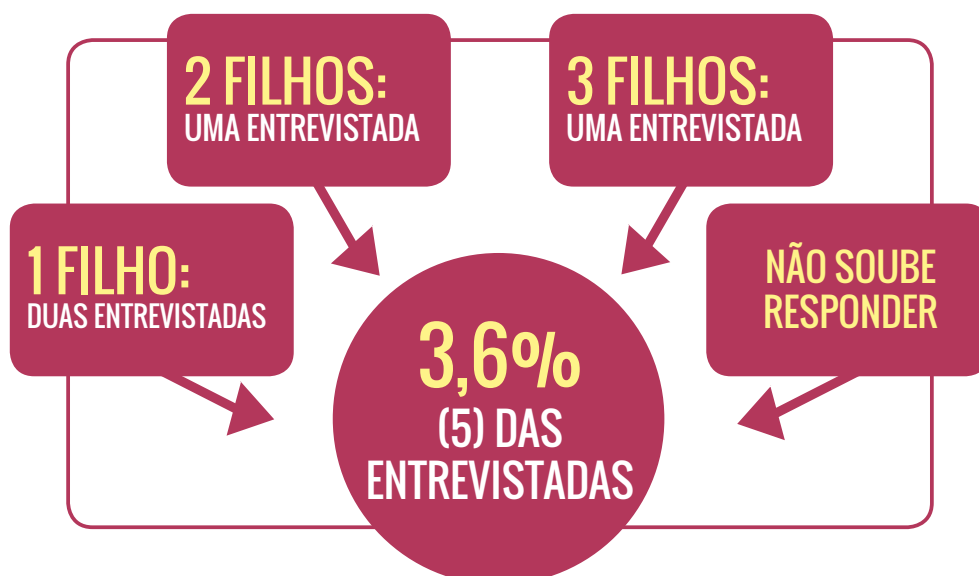


\*Dados referentes a 141 participantes que responderam cada categoria pré-estabelecida.

Com relação às pessoas pelas quais as entrevistadas sentem mais atração física ou amorosa, independentemente de seu trabalho, **97,87% (138)** responderam que sentem atração por homens, **10,64% (15)** por gays; **1,42% (2)** por mulheres; **1,42% (2)** por travestis. Para as opções transexuais e lésbicas não houve nenhuma resposta.

## FIGURA 1 - FLUXOGRAMA REFERENTE ÀS ENTREVISTADAS QUE POSSUEM FILHOS

Apenas **3,6% (5)** das entrevistadas declararam possuir filhos, no período da aplicação do questionário. Dentre elas, quatro responderam a respeito da quantidade de filhos que possuem: duas declararam ter apenas um filho; uma relatou ter dois filhos; uma relatou ter três filhos; uma não soube responder. Nenhuma das cinco entrevistadas reside com o(s) filho(s).

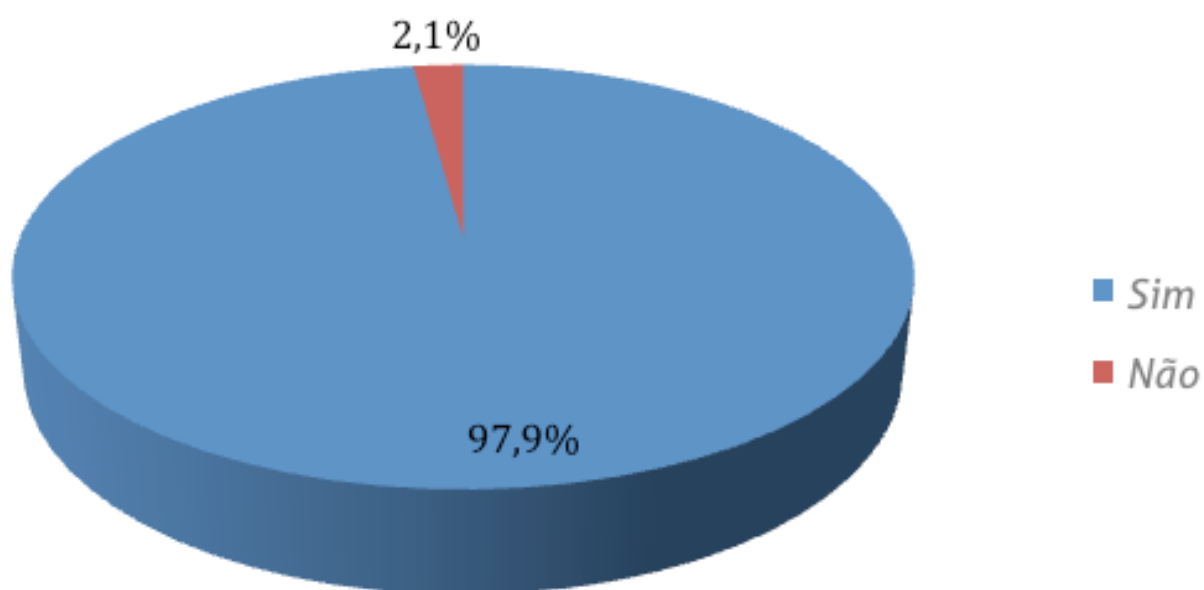




## 3.1 ESCOLARIDADE

---

### GRÁFICO 8 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FREQUENTARAM A ESCOLA.

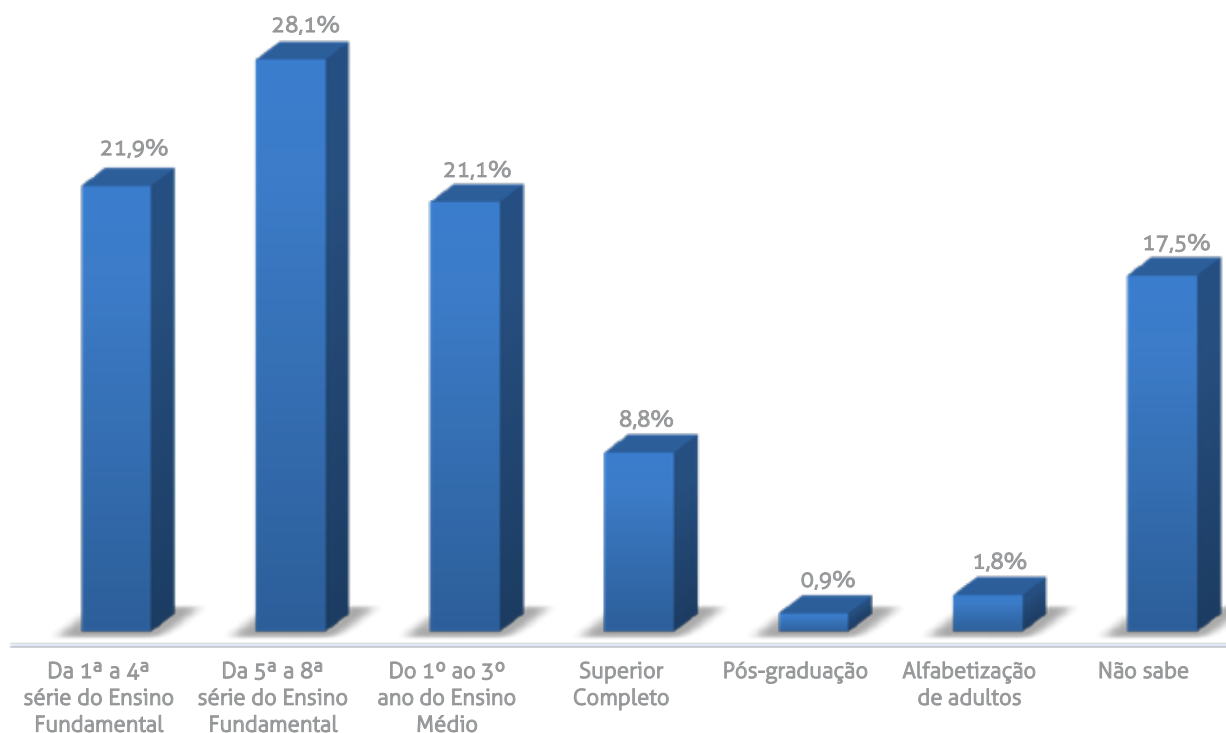


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

---

Dentre as participantes que responderam a pergunta sobre ter frequentado a escola, observa-se que 97,9% (138) delas declararam a ter frequentado.

## GRÁFICO 9 - TAXA DE ESCOLARIDADE DAS ENTREVISTADAS.



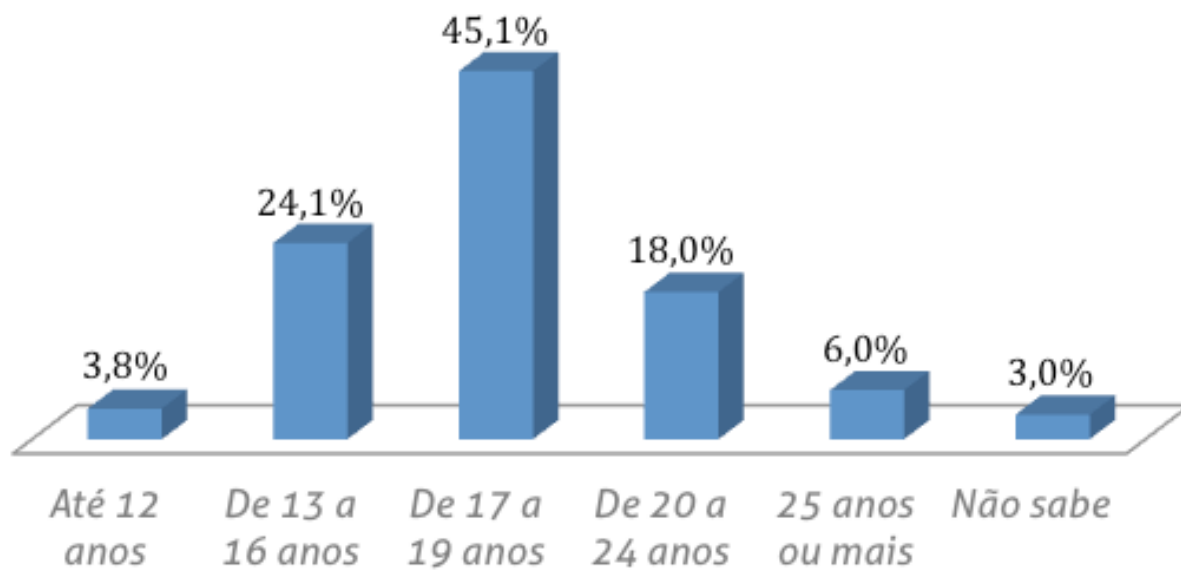
*\*Dados referentes a 138 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à taxa de escolaridade das 138 entrevistadas que frequentaram a escola - tendo como base a última série cursada com aprovação - observa-se que: 5,8% (8) não passaram da 4ª série do Ensino Fundamental; 25,4% (35) estudaram entre a 5ª e a 8ª série do Ensino Fundamental; 59,4% (82) estudaram até o 3º ano do Ensino Médio. Quanto ao Ensino Superior: 6,5% (9) declararam tê-lo iniciado sem, no entanto, ter se formado; apenas 2,2% (3) responderam possuir o Ensino Superior Completo. Já 0,7% (1) encontravam-se na alfabetização de adultos, no período de aplicação do questionário.

Alertamos que a análise desses dados isoladamente não se mostra suficiente para conclusões quanto a trajetória escolar das entrevistadas, que em seus relatos, é repleta de violências e preconceitos. Para tal consideração é imprescindível uma reflexão crítica dos contextos aos quais estão inseridas e articulada com outros dados disponibilizados pela pesquisa. Por exemplo, o ingresso de 59,4% das entrevistadas no Ensino Médio não necessariamente sugere um bom percurso escolar uma vez que, além de não indicar se houve ou não a finalização deste Ensino, outros motivos, que não a conclusão do curso, são apresentados como impulsionadores para a não continuidade dos estudos - como pode ser verificado a partir dos motivos apontados pelas entrevistadas para o abandono escolar apresentado no gráfico 9. Nestes dados, de um total de 132 participantes, apenas 15,9% (21) consideram que a interrupção de seus estudos esteve relacionada à conclusão do curso. Ou seja, 84,1% (111) apontaram diferentes fatores

responsáveis por levá-las ao abandono da escola. A baixa inserção no ensino superior (8,7%) é também um indicativo de que o percurso escolar provavelmente não foi satisfatório e propulsor para a continuidade dos estudos. Mais evidente ainda se comparado ao alto ingresso em cursos de capacitação (60,9% das entrevistadas), o que pode ser visto como uma estratégia de formação que não, necessariamente, dependa do espaço escolar e acadêmico, uma vez que este não se mostrou preparado para garantir o respeito às suas especificidades e identidade.

## GRÁFICO 10 - PERCENTUAL DE IDADES NAS QUAIS AS ENTREVISTADAS ABANDONARAM OS ESTUDOS.

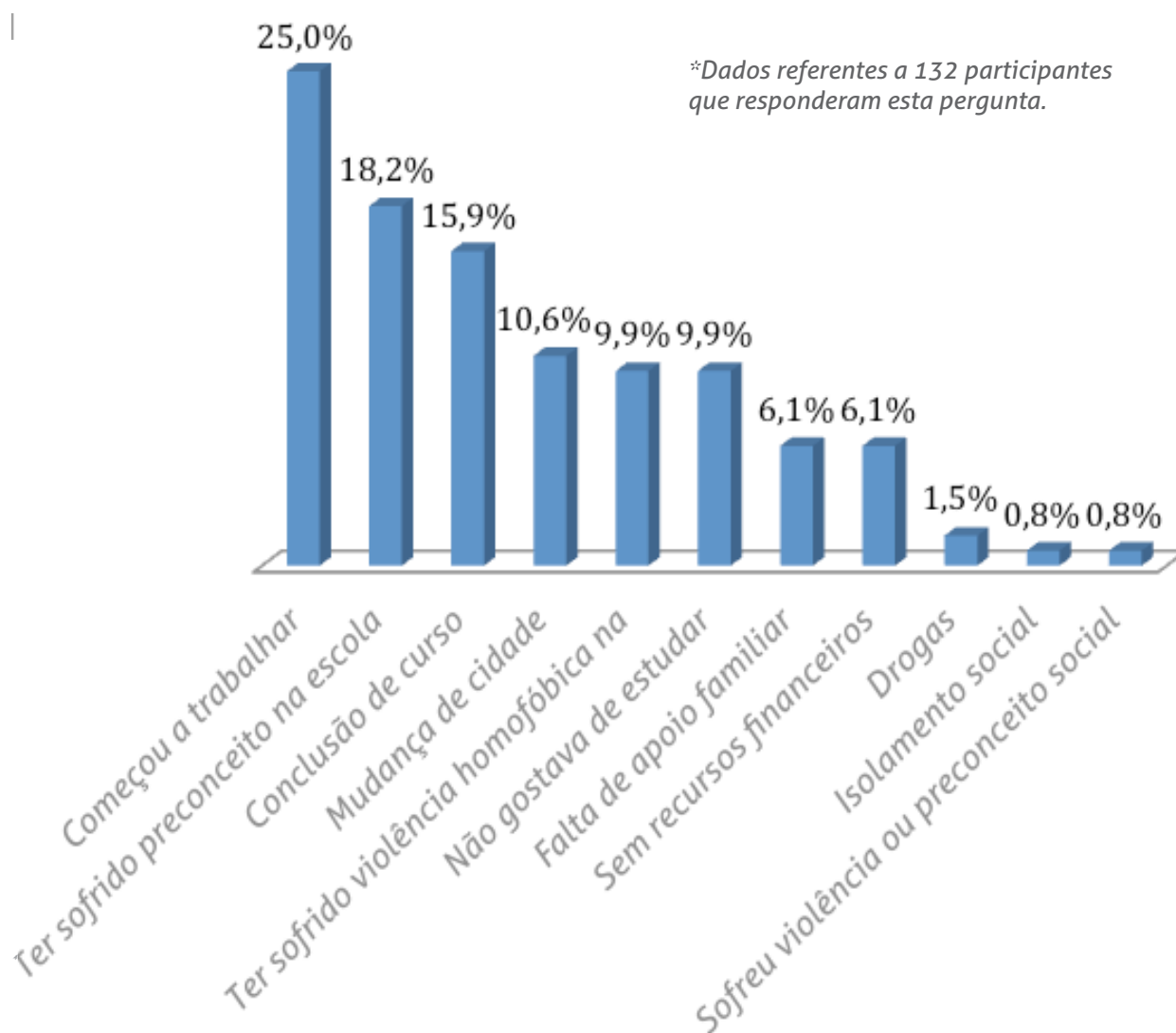


*\*Dados referentes a 133 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à idade em que as entrevistadas pararam de estudar, dentre as 133 respostas, **3,8% (5)** largaram os estudos até os 12 anos de idade; **24,1% (32)** entre as faixas de **13 a 16** anos de idade; **45,1% (60)** entre as faixas de **17 a 19** anos de idade; **18,0% (24)** entre as faixas de **20 a 24 anos** de idade; **6,0% (8)** com **25** anos ou mais e **3,0% (4)** não souberam responder.



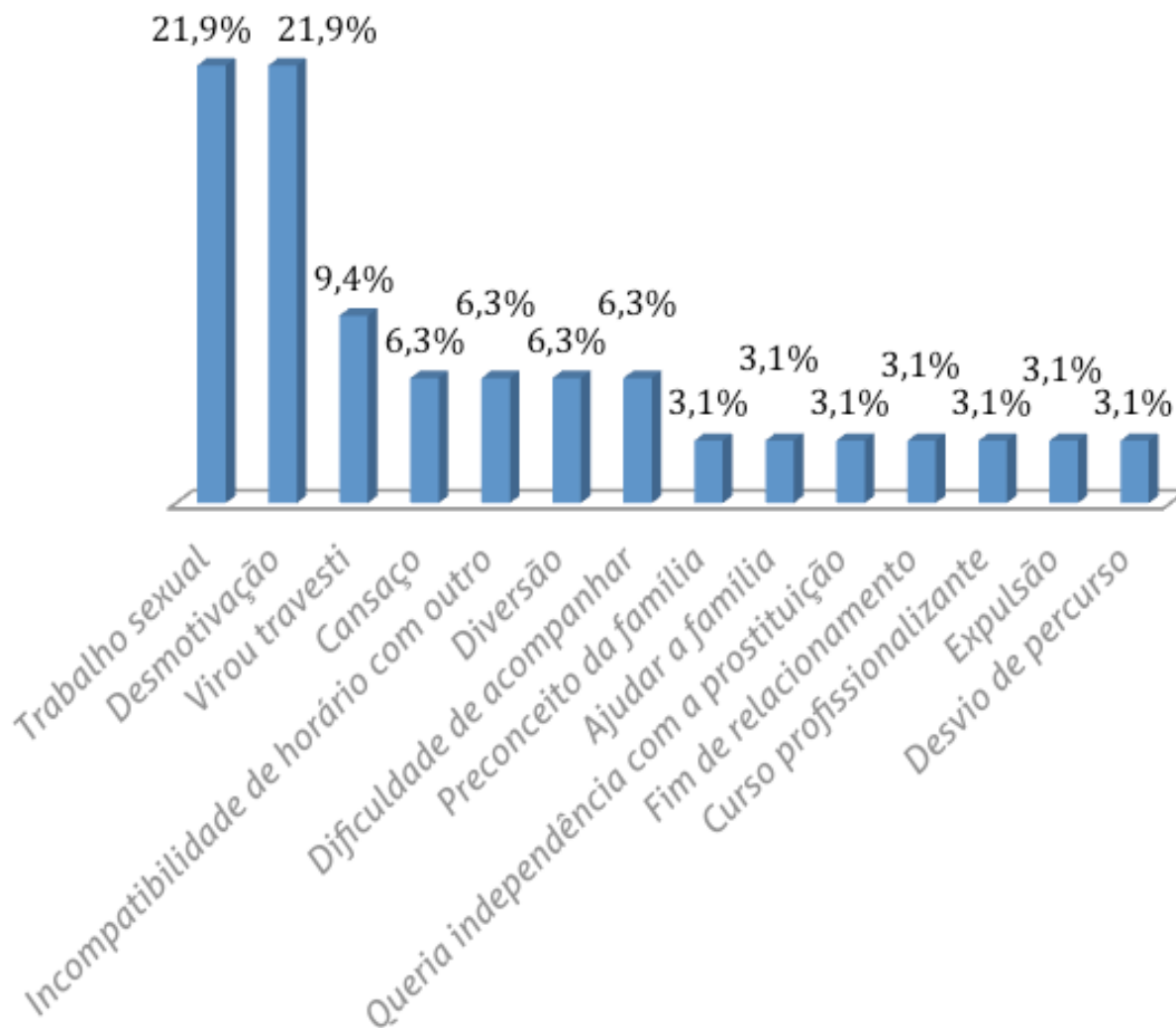
## GRÁFICO 11 - PERCENTUAL DOS MOTIVOS QUE IMPULSIONARAM O ABANDONO ESCOLAR DAS ENTREVISTADAS.



Com relação à principal razão pela qual as entrevistadas abandonaram os estabelecimentos escolares, vê-se que **25,0% (33)** declararam o fato de começarem a trabalhar como o principal motivo; **18,2% (24)** declararam ter sido o preconceito sofrido na escola; **15,9% (21)** apontaram a conclusão do curso; **10,6% (14)** o fato de terem mudado de cidade; **9,9% (13)** responderam ter sido a violência na escola, **9,9% (13)** por não gostarem de estudar. O percentual de **6,1% (8)** apareceu para falta de apoio familiar e falta de recursos financeiros. Já **1,5% (2)** das entrevistadas declararam as drogas como principal razão pela qual saíram da escola; **0,8% (1)** apontou o isolamento social e **0,8% (1)** a violência ou o preconceito social.

Ressalta-se que a opção começou a trabalhar não pode ser analisada fora de um contexto de discriminação que muitas vezes acaba por impulsionar a evasão escolar. Para além de uma agressão física, seus cotidianos são permeados por desrespeito ao uso do nome social, dificuldades de acesso aos banheiros femininos, relações hostis com professores, colegas e outros profissionais da escola que acabam por diariamente desmotivar a sua permanência no sistema de ensino.

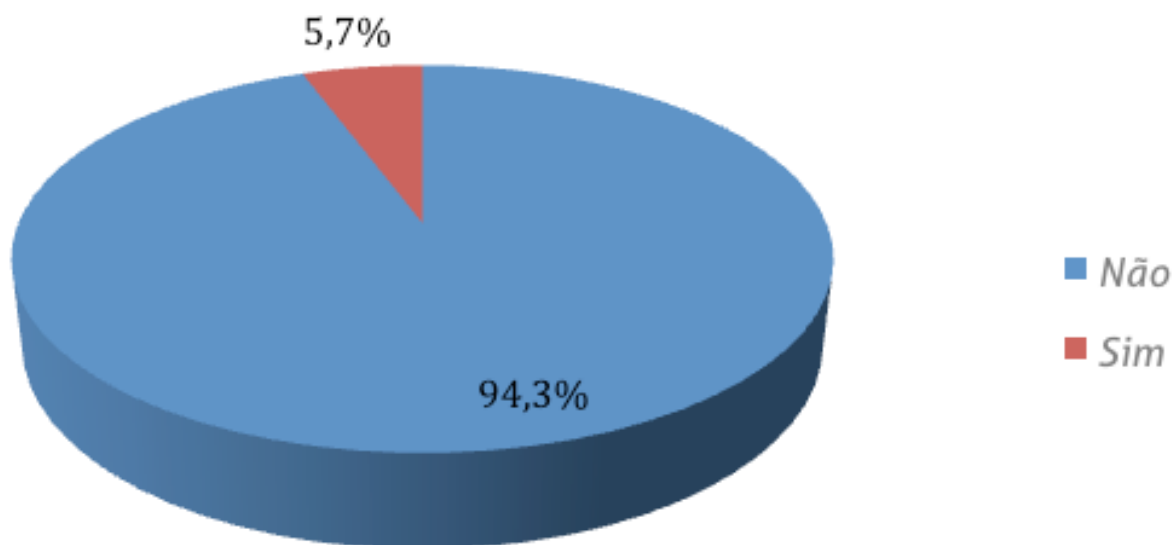
## GRÁFICO 12 - PERCENTUAL DE OUTROS MOTIVOS CITADOS PELAS ENTREVISTADAS QUE AS IMPULSIONARAM A ABANDONAR OS ESTUDOS.



\*Dados referentes a 32 outras respostas

Outros **14** fatores também foram apresentados como motivos para o abandono escolar por parte das entrevistadas. De um total de **32** outras respostas apresentadas, **21,9% (7)** apresentaram o trabalho sexual como um dos motivos para a saída da escola; **21,9% (7)** apontaram a desmotivação; **9,4% (3)** o fato de terem virado travestis; **6,3% (2)** apontaram o cansaço; **6,3% (2)** a incompatibilidade de horário com o trabalho / falta de tempo; **6,3% (2)** diversão; **6,3% (2)** dificuldade de acompanhar. O percentual de **3,1% (1)** foi encontrado ainda para os seguintes motivos: preconceito da família; necessidade de ter que ajudar a família; busca de independência com a prostituição; fim de relacionamento; curso profissionalizante; expulsão da escola e desvio de percurso.

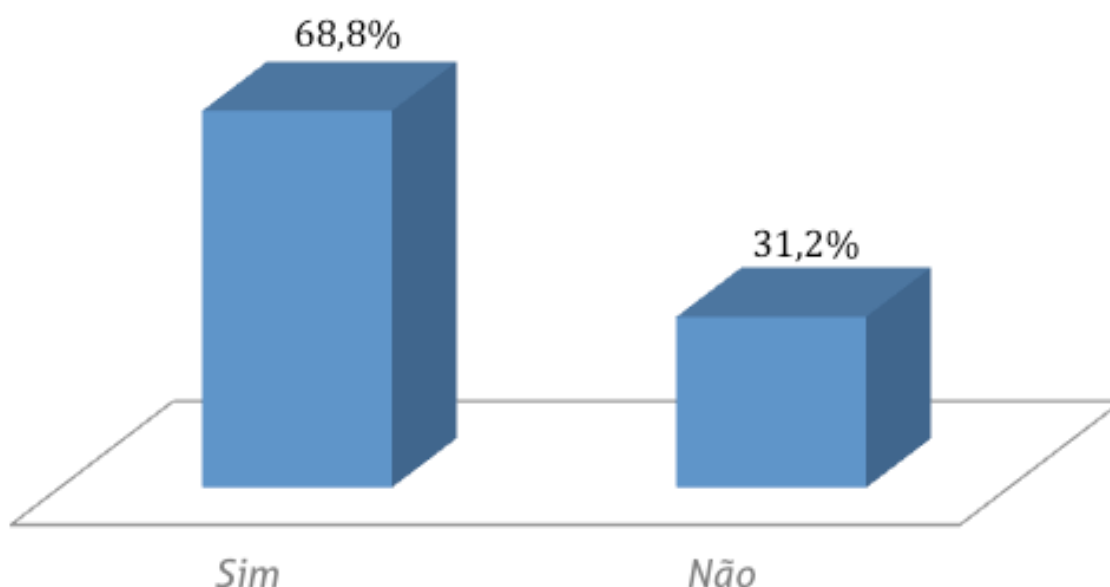
### GRÁFICO 13 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE ESTUDAVAM NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Do total de 141 entrevistadas, apenas 5,7% (8) afirmaram estar estudando no momento da aplicação do questionário.

### GRÁFICO 14 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM ALGUM CURSO TÉCNICO, PROFISSIONALIZANTE OU DE CAPACITAÇÃO.

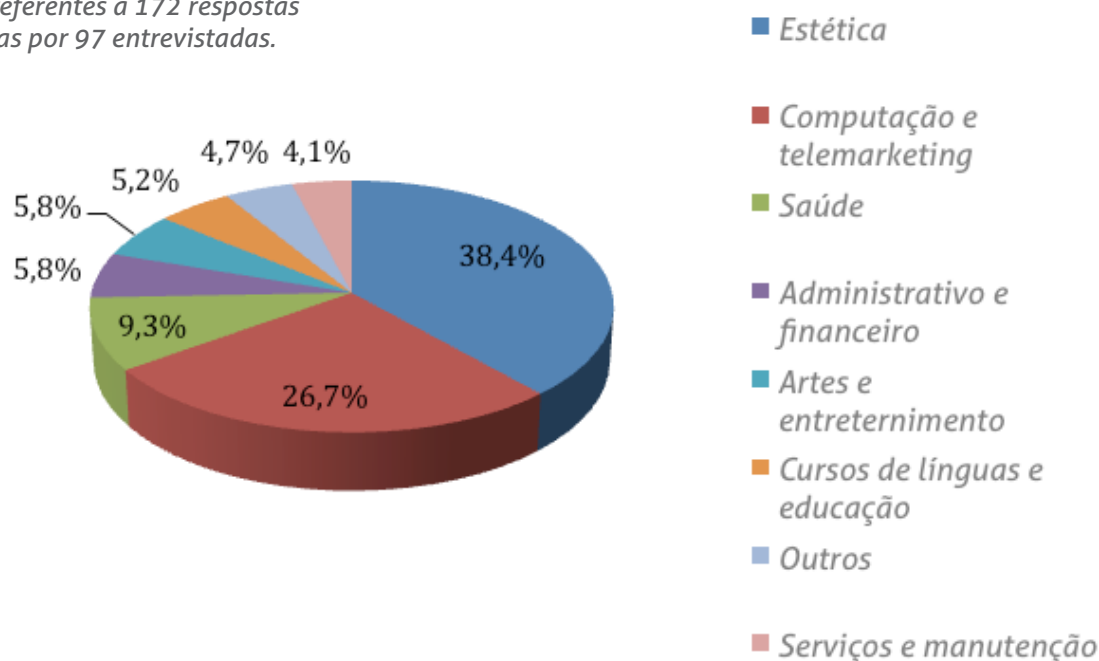


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 141 participantes, 68,8% (97) já fizeram algum curso técnico, profissionalizante ou de capacitação.

## GRÁFICO 15 - PERCENTUAL DE CURSOS TÉCNICOS, PROFISSIONALIZANTES OU DE CAPACITAÇÃO ESTUDADOS PELAS ENTREVISTADAS.

\*Dados referentes a 172 respostas apontadas por 97 entrevistadas.

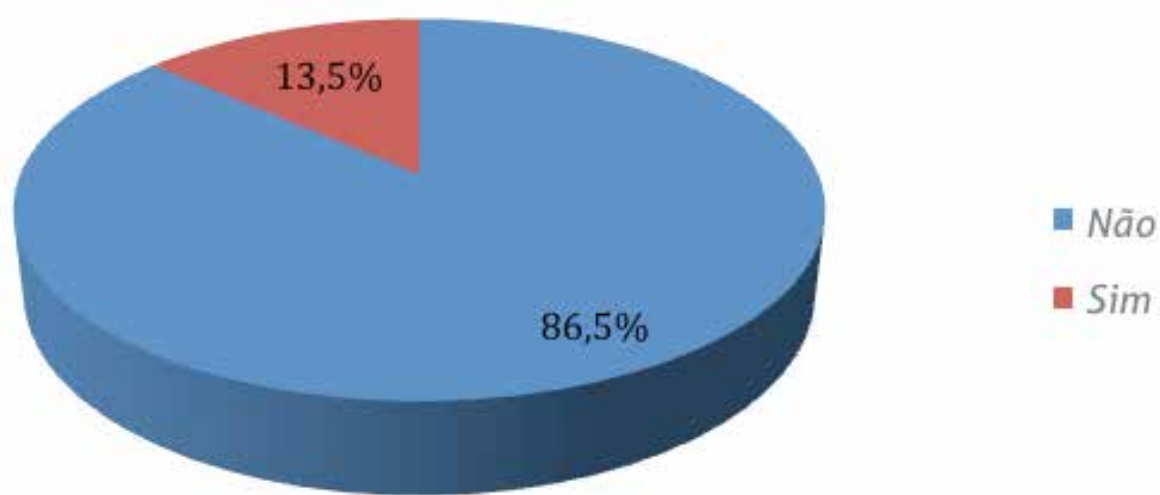


Dentre as 97 entrevistadas que já realizaram algum curso profissionalizante, perguntou-se quais foram esses cursos estudados por elas. A partir de 172 respostas, que abarcaram 41 cursos diferentes, foi possível agrupar tais cursos em sete áreas de atuação diferentes. Cursos voltados para a área de estética totalizaram 38,4% (66) das respostas, são os cursos: cabeleireiro (42), maquiagem (9), costura (5), estética (5), manicure (3), curso de depilação (2). Cursos de computação e telemarketing totalizaram 26,7% (46) das respostas, são eles: computação / informática (38), telemarketing (5), processamento de dados (2), datilografia (1). Para cursos relacionados à área de saúde, obteve-se um total 9,3% (16) das respostas, entre eles apareceram as seguintes opções: técnica em enfermagem (7), veterinária / técnico (3), massoterapeuta (1), nutrição (1), curso em área da saúde (1), auxiliar em clínica médica (1), em odontologia (1), em farmácia (1). Cursos da área administrativo financeiro totalizaram 5,8% (10) das respostas, entre eles apareceram os seguintes cursos: RH e departamento pessoal (3), administração (3), segurança do trabalho e meio ambiente / excelência no trabalho (2), contabilidade (1) e secretariado (1). Cursos voltados para a área de artes e entretenimento totalizaram 5,8% (10) das respostas, entre eles apareceram os seguintes cursos: estilista (2), decoradora (2), para os cursos de teatro, desenhista, fotografia, web design, artesanato e recreação infantil houve apenas uma resposta para cada. Os cursos voltados para a área de línguas e educação totalizaram 5,2% (9) das respostas, entre eles apareceram as seguintes respostas: língua estrangeira (4), magistério (2), pré-vestibular (1), EJA (1), projeto de governo (1). Os cursos voltados a serviços e manutenção totalizaram 4,1% (7) das respostas, e são eles: eletricista (4), bombeiro hidráulico (2) e mecânico (1). Três outros cursos foram citados totalizando 4,7% (8) das respostas, entre eles apareceram os seguintes percentuais: 3,5% (6) para cozinha / gastronomia; 0,6% (1) para técnico agrícola e a mesma porcentagem para turismo. Percebe-se, assim, uma tentativa de inserção no mercado de trabalho via cursos profissionalizantes que, no entanto, não deixam de evidenciar uma maior procura por certas áreas de atuação que já são geralmente mais relacionadas (áreas da beleza) ou então que não há muita exposição de sua identidade de gênero e, deste modo, maiores chances de obtenção de emprego (áreas de computação/telemarketing).

## 3.3 FAMÍLIA

---

**GRÁFICO 16 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE VIVIAM COM A FAMÍLIA NO MOMENTO DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.**



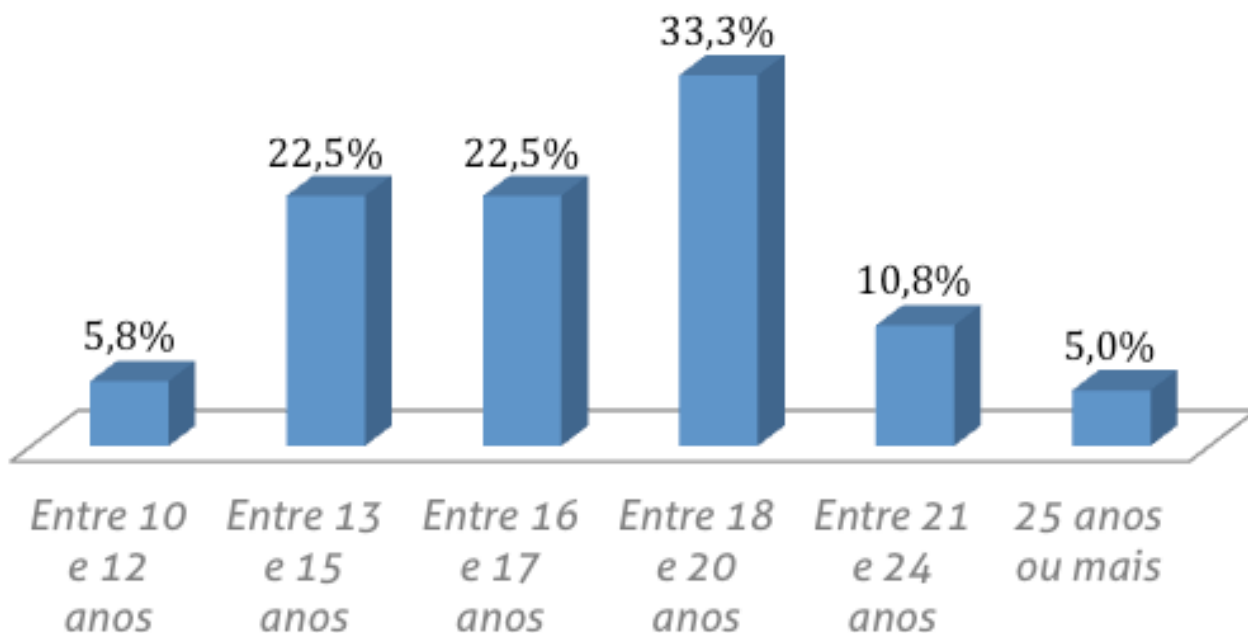
*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

---

Dentre as 141 entrevistadas, apenas 13,5% (19) viviam com a família no momento da aplicação do questionário.



## GRÁFICO 17 - PERCENTUAL DE IDADE NA QUAL AS ENTREVISTADAS DEIXARAM DE VIVER COM SUA FAMÍLIA.

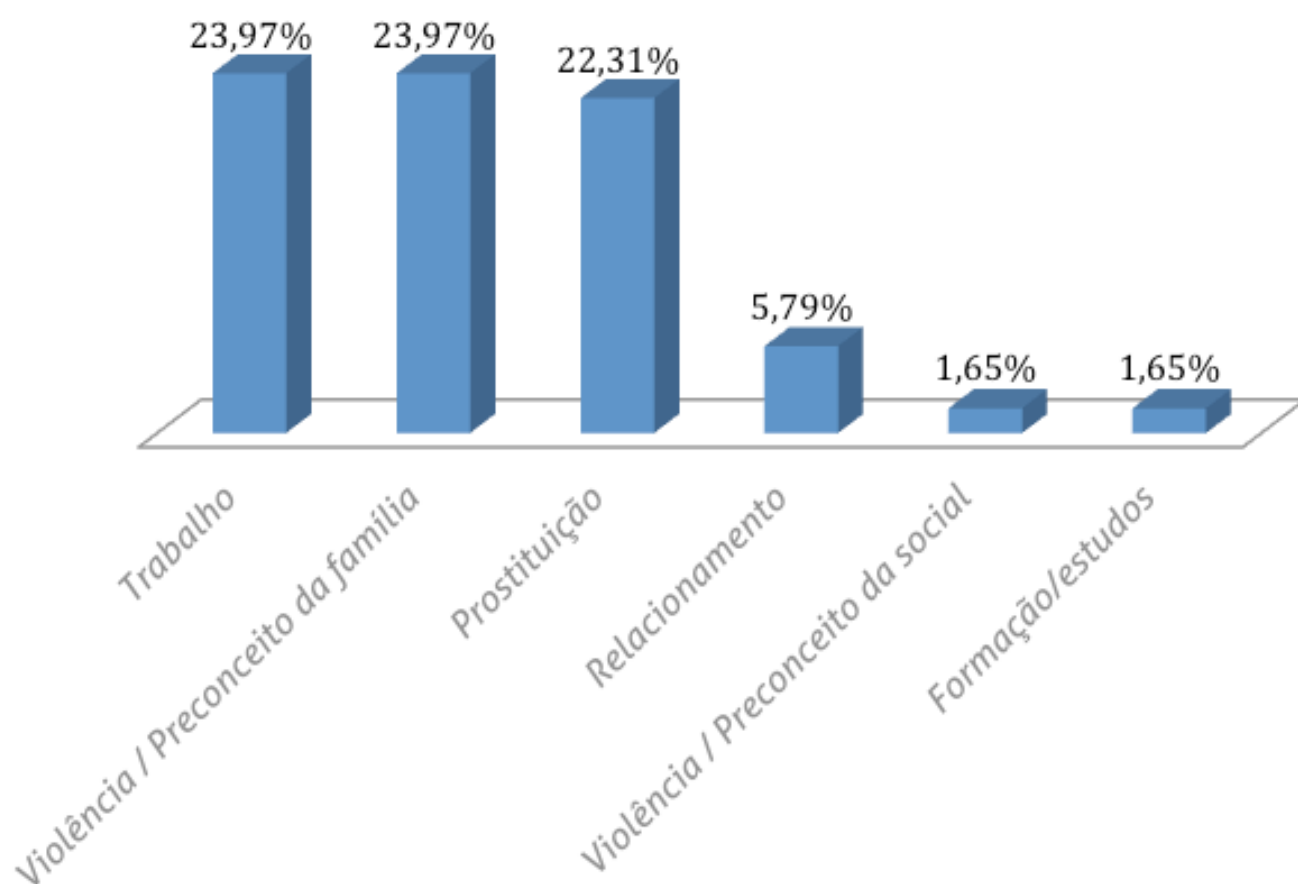


*\*Dados referentes a 120 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas até qual idade viveram com suas famílias, de um total de 120 respondentes, 5,8% (7) disseram que saíram de casa entre os 10 e 12 anos; 22,5% (27) entre os 13 e 15 anos; 22,5% (7) entre os 16 e 17 anos; 33,3% (40) entre os 18 e 20 anos; 10,8% (13) entre os 21 e 24 anos e 5,0% (6) com 25 anos ou mais. Deste modo, vê-se que 50,8% (61) das entrevistadas saíram de casa antes mesmo de completarem 18 anos de idade.



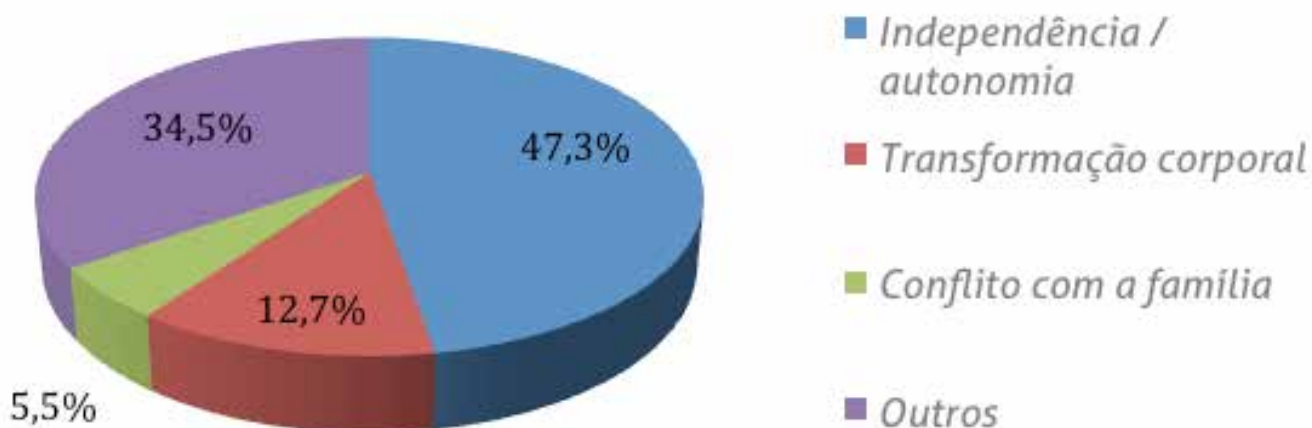
## GRÁFICO 18 - PERCENTUAL DOS MOTIVOS QUE IMPULSIONARAM AS ENTREVISTADAS A SAÍREM DE CASA.



*\*Dados referentes a 121 participantes que responderam esta pergunta.*

Sobre os motivos pelos quais as 121 entrevistadas citaram como impulsionadores à sua saída de casa, trabalho foi relatado por 23,97% (29) e violência/preconceito da família por 23,97% (29). Já 22,31% (27) apontaram a prostituição; 5,79% (7) relacionamento. Violência/preconceito social e formação/estudos foi citado por 1,65% (2) das entrevistadas cada. Para violência/preconceito da escola e saúde não houve nenhuma menção.

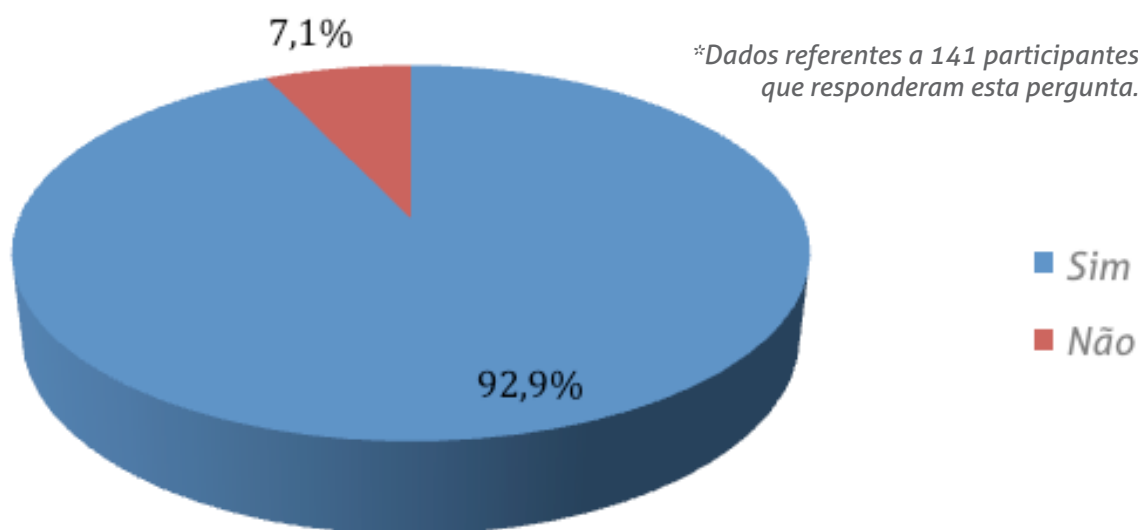
## GRÁFICO 19 - PERCENTUAL DE OUTROS MOTIVOS QUE IMPULSIONARAM AS ENTREVISTADAS A SAÍREM DE CASA.



\*Dados referentes a 55 respostas.

Além das opções descritas no questionário, 16 entrevistadas apresentaram outros motivos para a saída de casa, perfazendo um total de 55 respostas. Entre esses motivos, 47,3% (26) mencionaram a independência/autonomia. Transformação corporal foi a segunda mais relatada, com 12,7% (7) das respostas; conflito com a família obteve 5,5% (3) das respostas. O restante dos motivadores representa 34,5% (13) da amostra e contemplaram opções como: morar com amigos; privacidade; morte dos pais ou familiar; se realizar como travesti; vontade de morar em Belo Horizonte; se divertir; conhecer outros lugares.

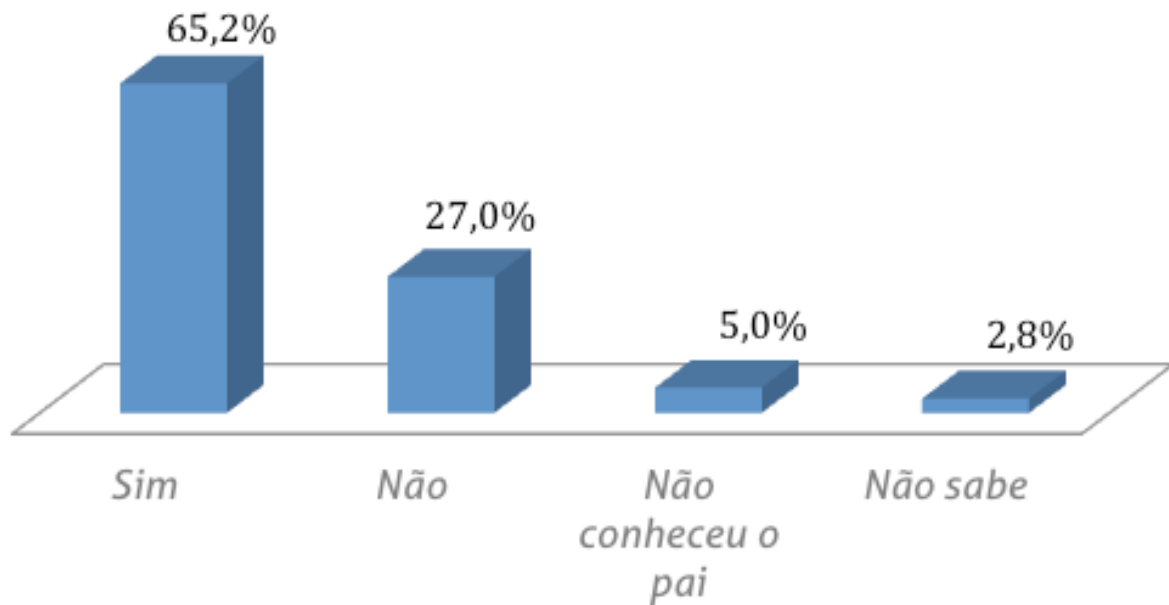
## GRÁFICO 20 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE MANTINHAM CONTATO COM OS PAIS NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.

Dentre as participantes, 92,9% (131) relataram ainda possuir contato com os pais no momento da entrevista.

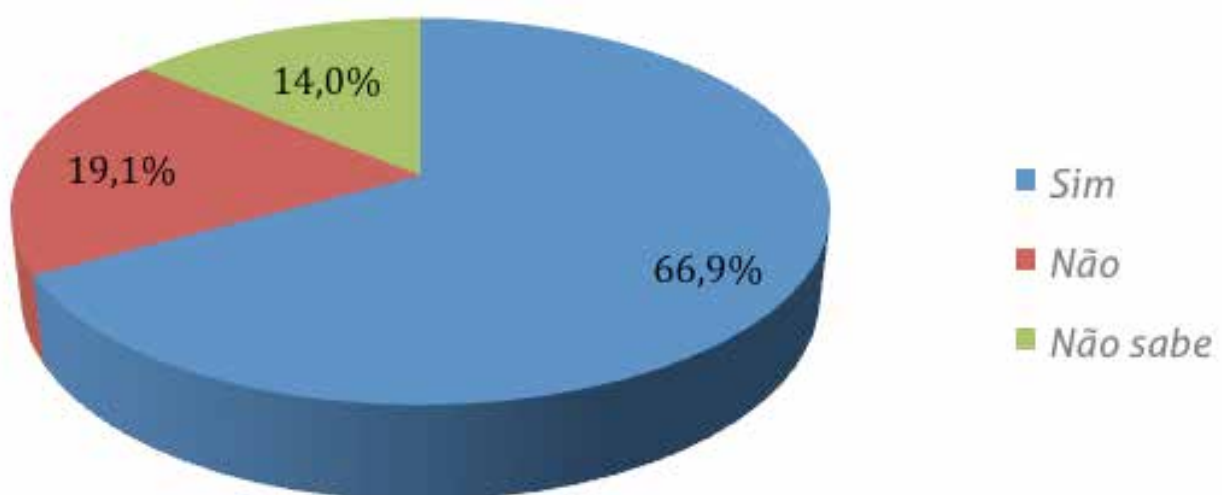
## GRÁFICO 21 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE DECLARARAM POSSUIR (OU NÃO) PAI VIVO NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.

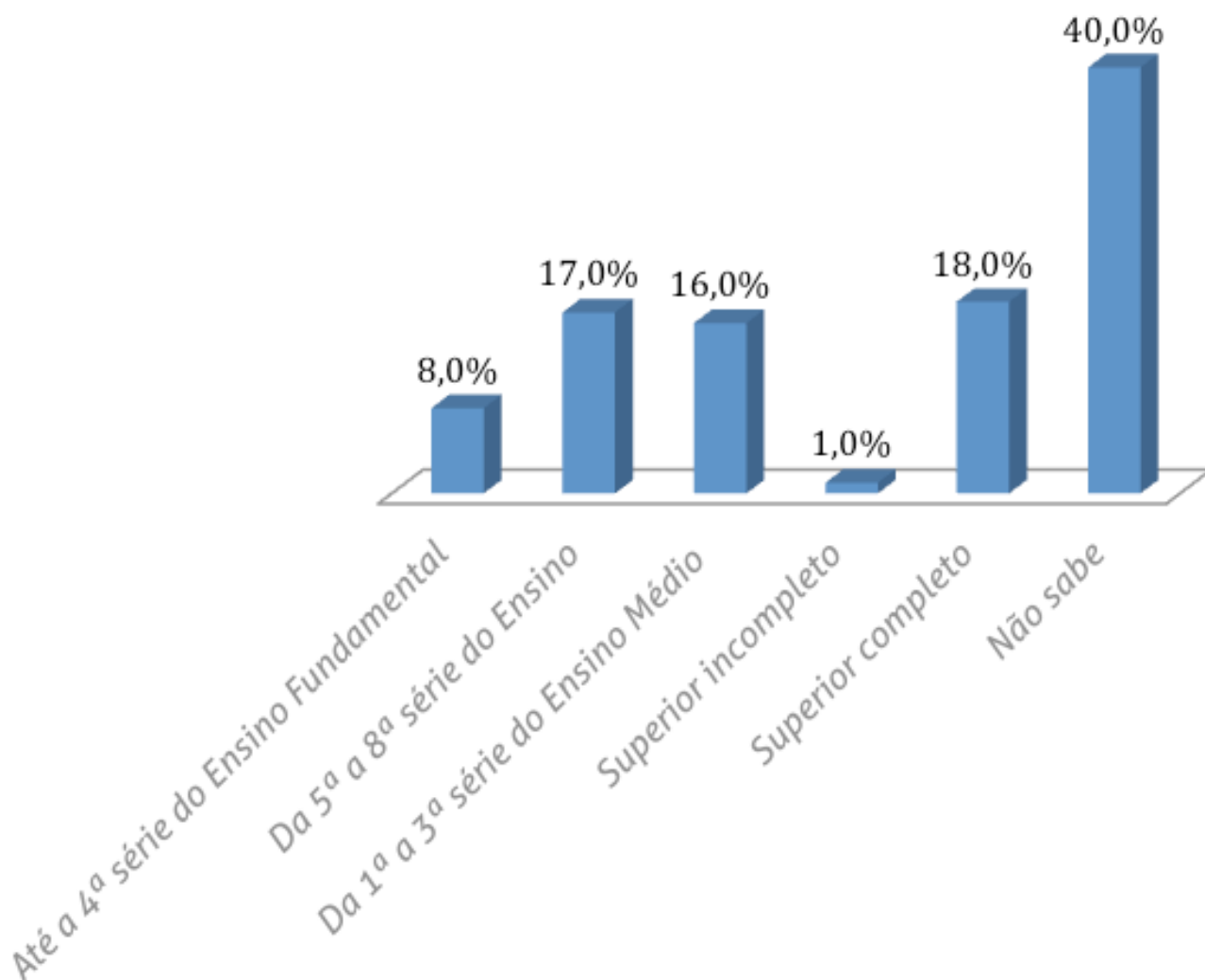
Sobre o pai estar vivo no momento da entrevista, 65,2% (92) das entrevistadas relataram possuir pai vivo; 27,0% (38) não possuíam pai vivo; 5,0% (7) não conheciam o pai e 2,8% (4) não souberam responder.

## GRÁFICO 22 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS AS QUAIS O PAI FREQUENTOU A ESCOLA.



Dentre as 141 participantes, 66,9% (91) relataram que o pai frequentou a escola; 19,1% (26) relataram que o pai não a frequentou e outras 14,0% (19) não souberam responder.

## GRÁFICO 23 - TAXA DE ESCOLARIDADE DOS PAIS DAS ENTREVISTADAS.

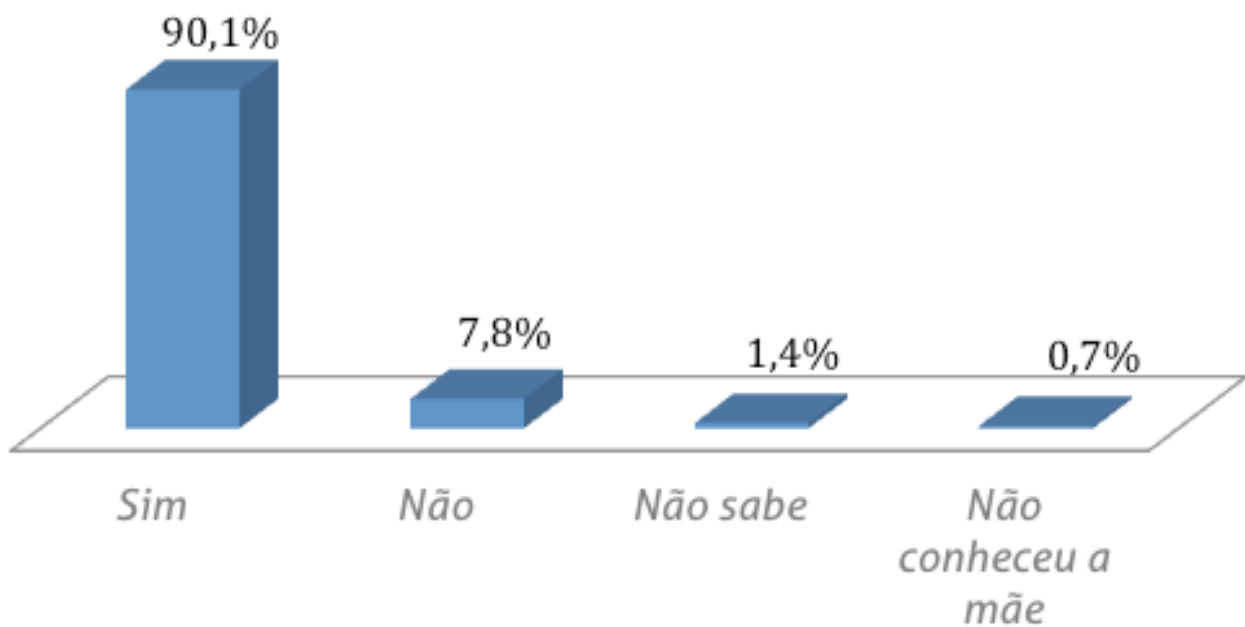


*\*Dados referentes a 100 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 100 entrevistadas que responderam a respeito da escolaridade de seus pais, 8,0% (8) relataram que seus pais estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental; 17,0% (17) da 5ª série a 8ª série; 16,0% (16) da 1ª a 3ª série do Ensino Médio; 1,0% (1) declarou que seu pai possuía Superior Incompleto; 18,0% (18) Superior Completo e 40,0% (40) não souberam responder.

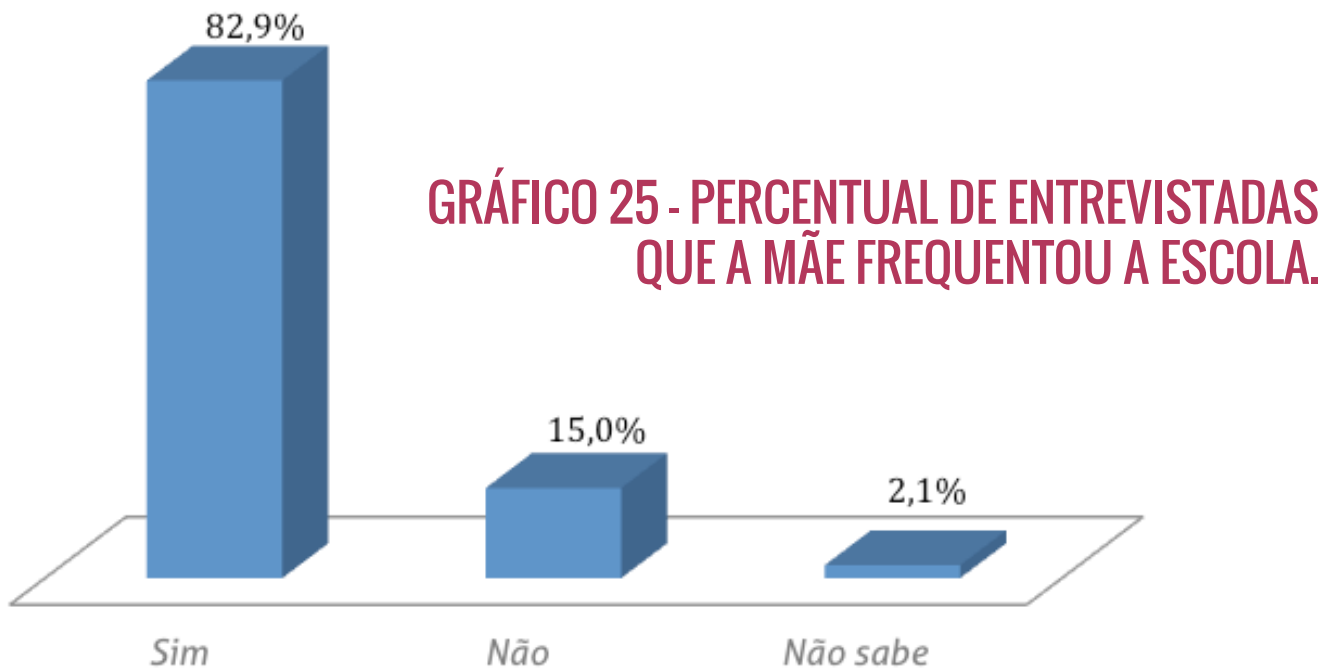


## GRÁFICO 24 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE DECLARARAM POSSUIR (OU NÃO) MÃE VIVA NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

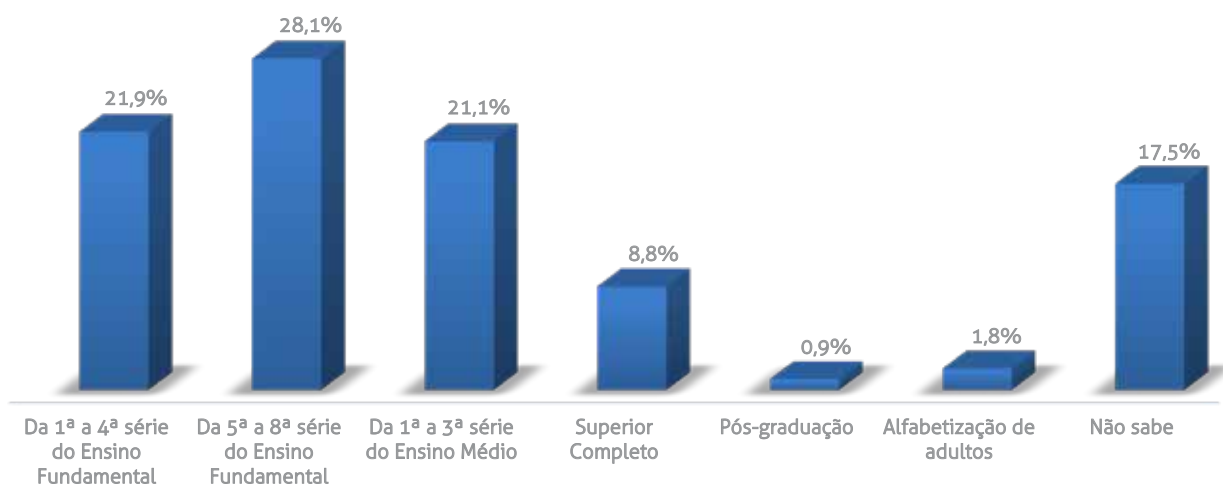
Dentre as 141 participantes, 90,1% (127) delas possuíam mãe viva no momento da aplicação do questionário, 7,8% (11) não tinham mãe viva, 1,4% (2) não souberam responder e 0,7% (1) não conhecia a mãe.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 141 participantes, 82,9% (116) relataram que a mãe frequentou a escola; 15,0% (21) relataram que a mãe não a frequentou e 2,1% (3) das entrevistadas não souberam responder.

### GRÁFICO 26 - TAXA DE ESCOLARIDADE DAS MÃES DAS ENTREVISTADAS.

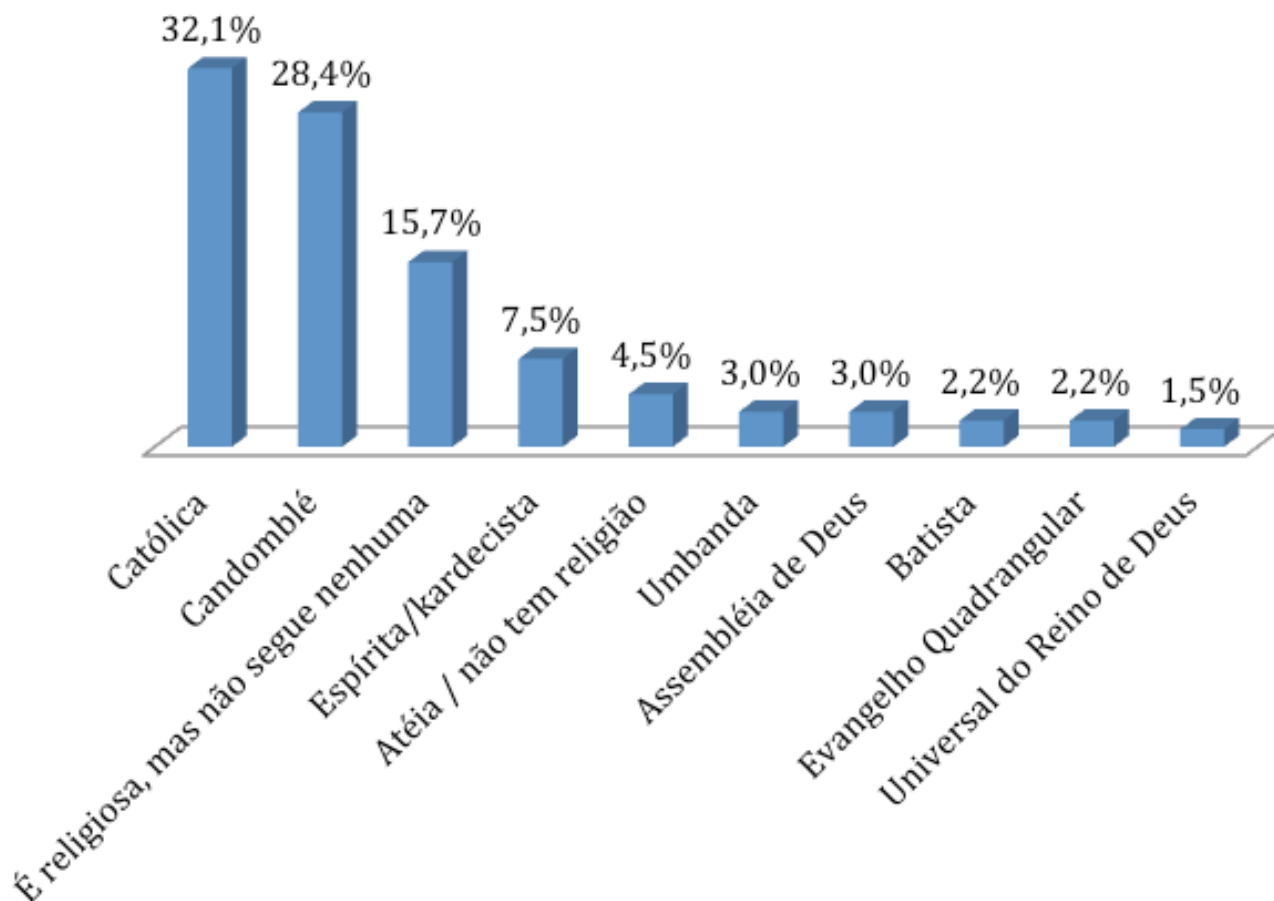


*\*Dados referentes a 114 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à escolaridade das mães de 114 entrevistadas: 21,9% (25) delas estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental; 28,1% (32) da 5ª série a 8ª série do mesmo ensino; 21,1% (24) da 1ª a 3ª série do Ensino Médio; 8,8% (10) possuíam Superior Completo; 0,9% (1) Pós-graduação; 1,8% (2) estavam na alfabetização de adultos. 17,5% (20) da entrevistadas não souberam responder.

## 3.4 RELIGIÃO

### GRÁFICO 27 - FREQUÊNCIA DE RELIGIÃO DECLARADA PELAS ENTREVISTADAS.



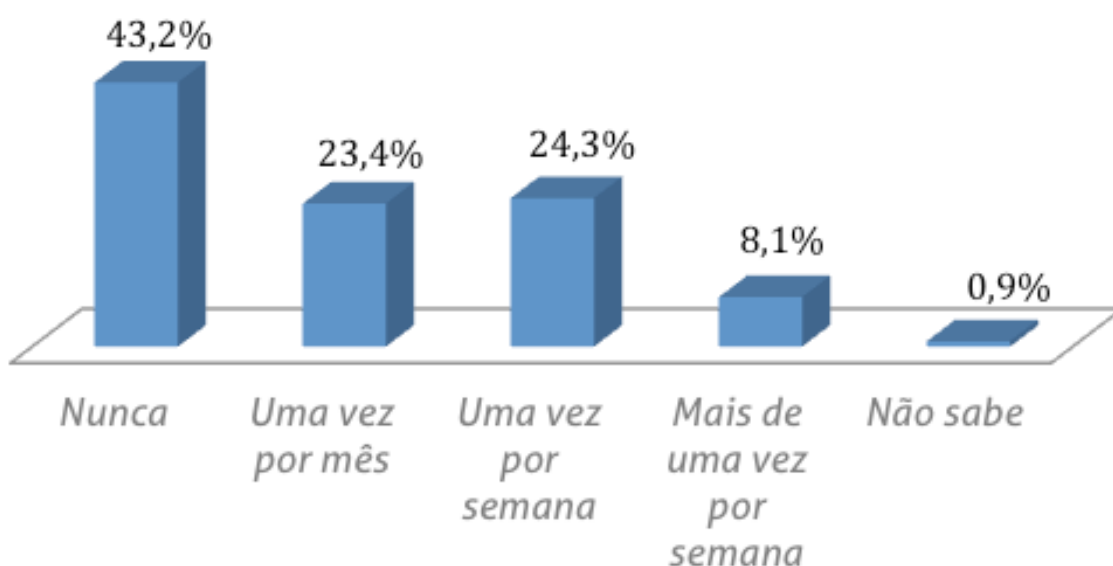
*\*Dados referentes a 134 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 134 entrevistadas que relataram a religião que possuíam no período de aplicação do questionário, 32,1% (43) responderam religião católica; 28,4% (38) Candomblé; 15,7% (21) declararam ser religiosas sem, no entanto, seguirem alguma religião; 7,5% (10) Espírita / Kardecista; 4,5% (6) declararam-se ateias. O percentual de 3,0% (4) apareceu para Umbanda e Assembléia de Deus; o percentual de 2,2% (3) apareceu para Batista e Evangelho Quadrangular e 1,5% (2) declararam ser da igreja Universal do Reino de Deus.

Além das igrejas ou religiões acima citadas, cinco outras respostas foram mencionadas pelas entrevistadas. A religião "evangélica" foi citada quatro vezes e a igreja Adventista uma vez.



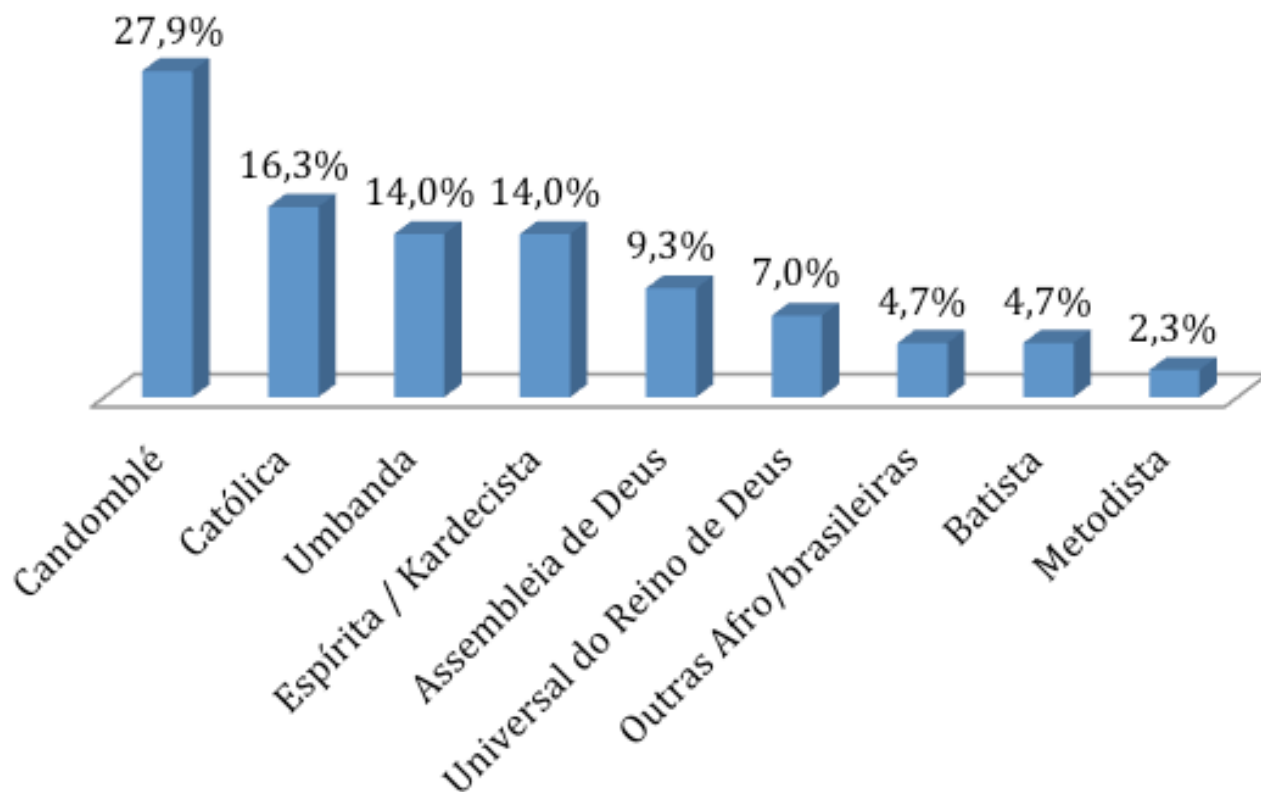
## GRÁFICO 28 - FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO ÀS CERIMÔNIAS RELIGIOSAS PELAS ENTREVISTADAS.



\*Dados referentes a 111 participantes que responderam esta pergunta.

Com relação à taxa de frequência de participação às cerimônias religiosas, 43,2% (48) responderam nunca frequentar; 23,4% (26) declararam que frequentam as cerimônias uma vez por mês; 24,3% que frequentam as cerimônias uma vez por semana; 8,1% (9) mais de uma vez por semana; 0,9% (1) não soube responder.

## GRÁFICO 29 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TAMBÉM FREQUENTAM OUTRAS RELIGIÕES.

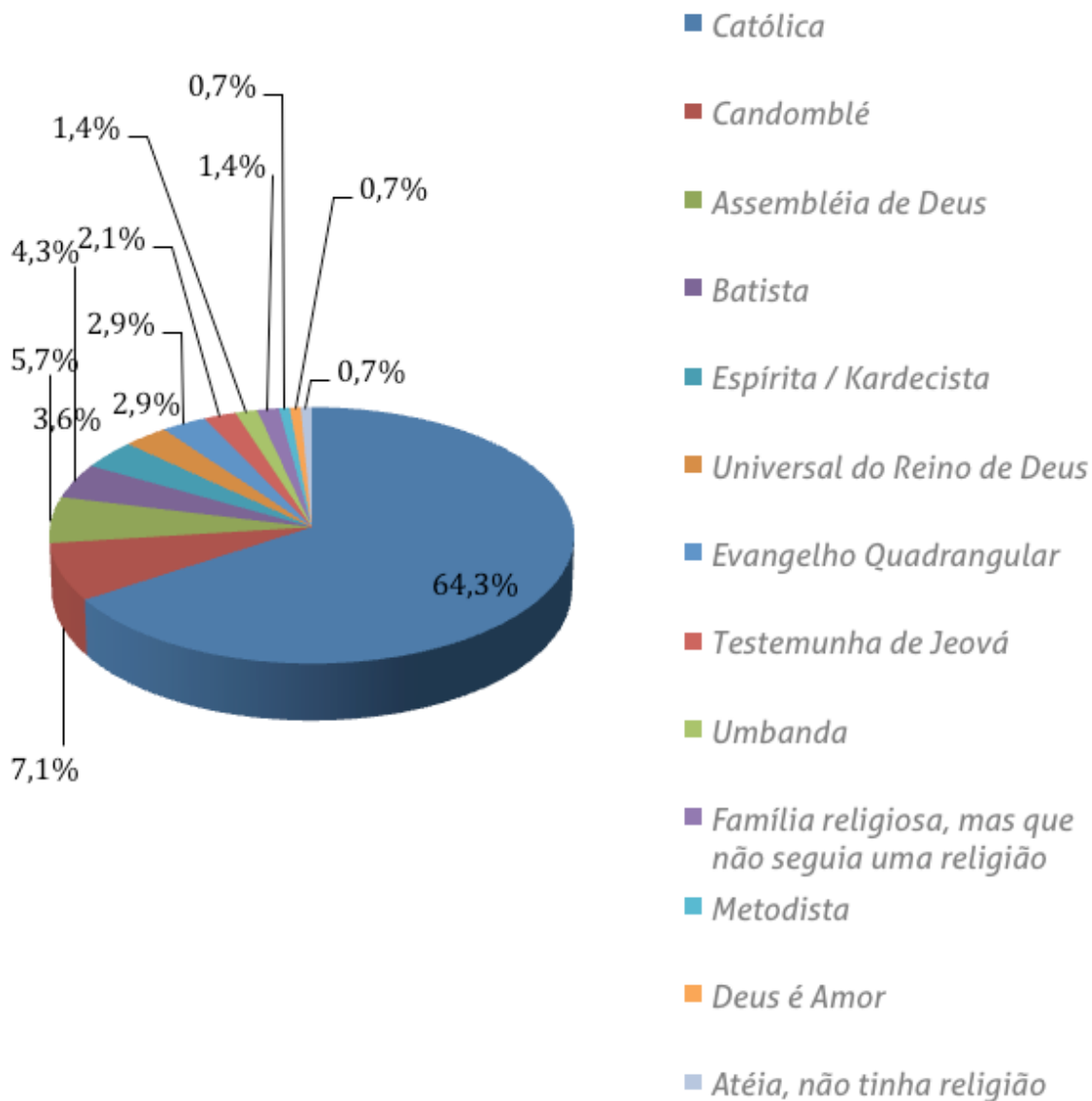


*\*Dados referentes a 45 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação às outras religiões que as entrevistadas frequentam além de sua religião oficial, 27,9% (12) responderam também frequentar o Candomblé; 16,3% (7) a religião católica; 14,0% (6) a Umbanda, essa mesma porcentagem (14,0%) respondeu frequentar a religião Espírita / Kadercista; 9,3% (4) a Assembleia de Deus; 7,0% (3) a Universal do Reino de Deus; 4,7% (2) responderam "outras religiões afro/brasileiras", a mesma porcentagem (4,7%) respondeu frequentar a Igreja Batista; e 2,3% (1) a Igreja Metodista.

As religiões/igrejas: Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, Igreja Internacional da Graça, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Testemunha de Jeová, Budista e Judaica, que constavam no questionário, não foram mencionadas.

## GRÁFICO 30- PERCENTUAL DAS RELIGIÕES OU IGREJAS NAS QUAIS AS ENTREVISTADAS FORAM CRIADAS.



\*Dados referentes a 140 participantes que responderam esta pergunta

Com relação à religião na qual foram criadas, 64,3% (90) das entrevistadas responderam a religião Católica; 7,1% (10) o Candomblé; 5,7% (8) a Assembleia de Deus; 4,3% (6) a Igreja Batista; 3,6% (5) a Espírita / Kardecista; 2,9% (4) a Universal do Reino de Deus, a mesma porcentagem (2,9%) respondeu a Igreja do Evangelho Quadrangular; 2,1% (3) Testemunha de Jeová; 1,4% (2) a Umbanda; Além das religiões citadas, algumas entrevistadas ainda mencionaram mais outras três opções, totalizando 9 respostas. Entre elas, houve quatro menções à religião Evangélica, três ao fato de não terem sido criadas em alguma religião e duas menções à igreja Adventista.

A porcentagem de 0,7% (1) apareceu para Metodista, Deus é Amor e para a opção "ateia". (1,4%(2) respondeu não seguir uma religião, apesar da família ser religiosa.)

## 3.5 MIGRAÇÃO/MORADIA

FIGURA 2 -FREQUÊNCIA DO ESTADO DE NASCIMENTO DAS ENTREVISTADAS.

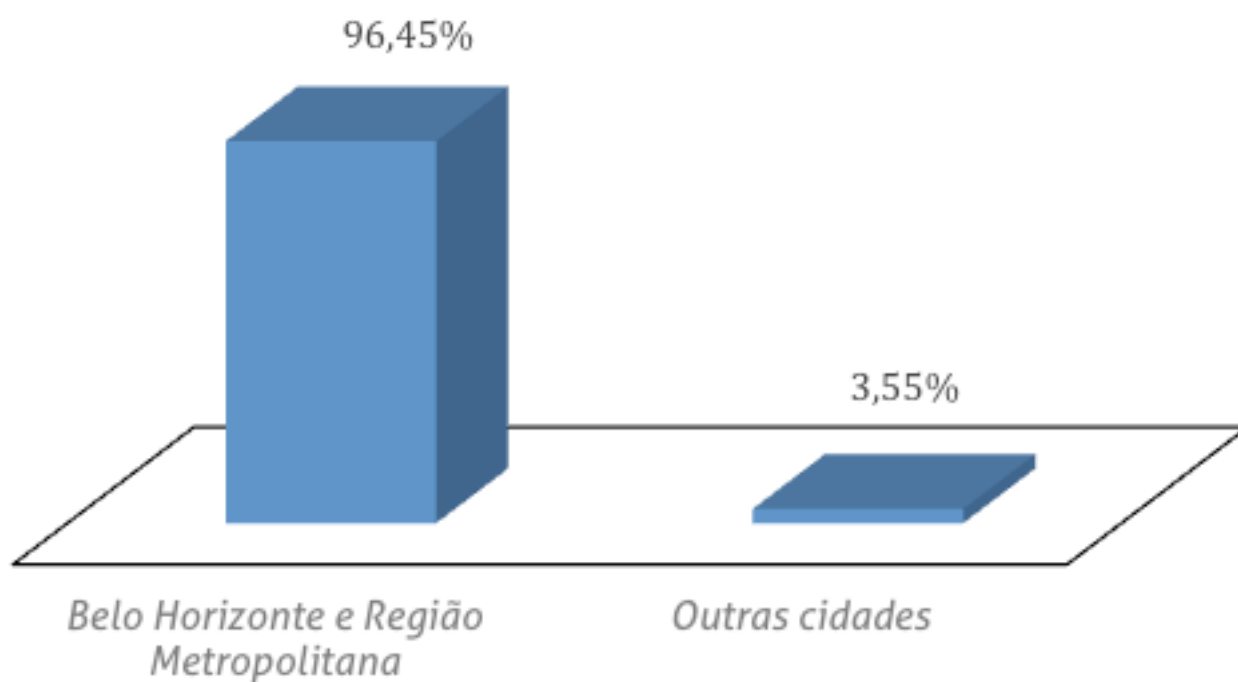


\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.

Observa-se que a distribuição por estados de nascimento das 141 entrevistadas apresentou-se da seguinte maneira: declaram ter nascido em Minas Gerais **45,4% (64)** delas. Bahia veio em segundo lugar, estado em que nasceram **8,5% (12)** das entrevistadas. Pela ordem, São Paulo aparece em terceiro lugar, estado em que declararam ter nascido **6,4% (9)** das entrevistadas. No estado de Sergipe esse número foi **4,9% (7)**, seguido do Ceará com **4,3% (6)**, Rio de Janeiro com **3,6% (5)**, Alagoas com **3,6% (5)**, Paraíba com **3,6% (5)** e Pará com **3,6% (5)**. Em Goiás o número foi de **2,8% (4)** bem como no Acre, também **2,8% (4)**. Nasceram no estado de Pernambuco **2,1% (3)** delas, número equivalente ao daquelas que nasceram no Maranhão, também **2,1% (3)**. Já no Distrito Federal nasceram **1,4% (2)** delas, mesma quantidade declarada no Espírito Santo, **1,4% (2)**. Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Norte, Tocantins e Amazonas também foram citados, nascendo em cada um desses estados **0,7% (1)** das entrevistadas. Percebe-se, pois, uma grande diversidade na amostra. Destaca-se que embora Minas Gerais seja o estado de origem mais citado pelas entrevistadas, **54,61% (77)** delas vieram de outros estados, o Nordeste se destacando, sendo **29,79% (42)** das entrevistadas provenientes desta região.



## GRÁFICO 31 - PERCENTUAL DAS CIDADES EM QUE AS ENTREVISTADAS MORAVAM NO MOMENTO DA ENTREVISTA.

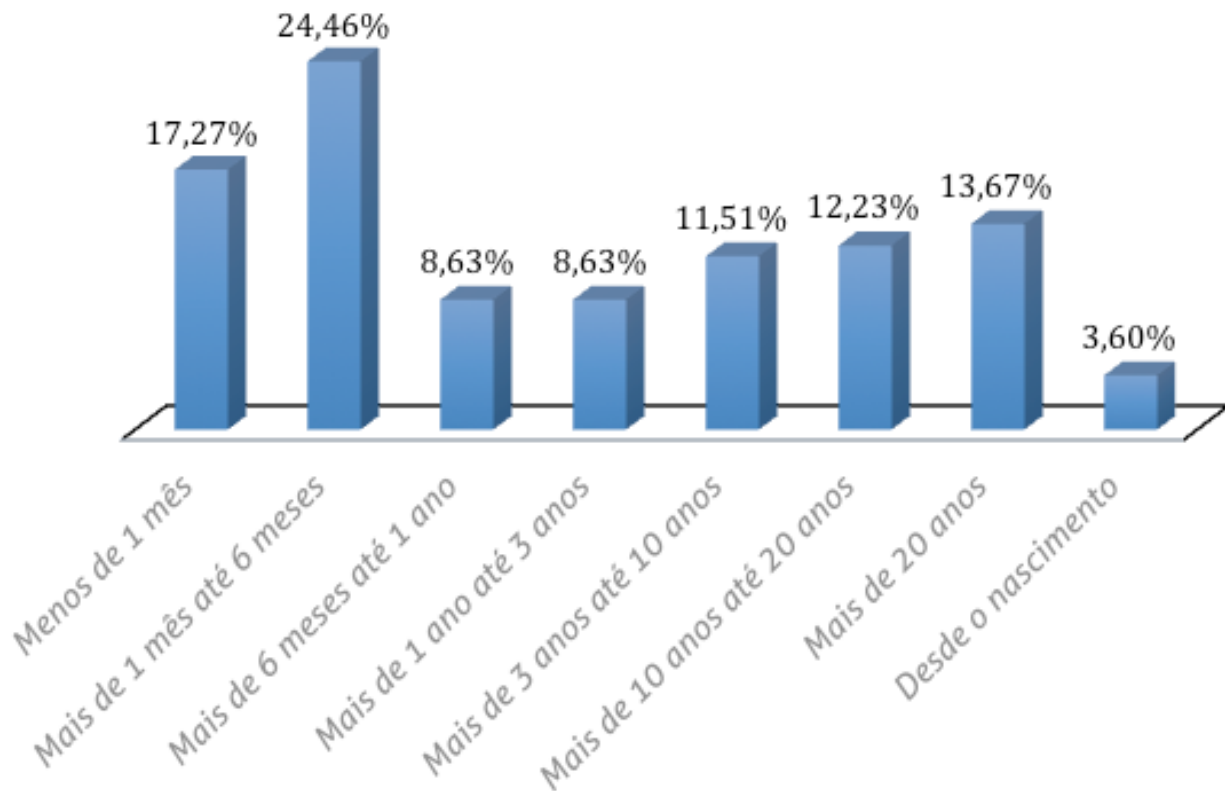


\*Os valores referem-se a um total de 141 participantes que responderam a esta questão.

\*\*Por Região Metropolitana, referem-se os municípios de Caeté, Contagem, Ribeirão das Neves e Santa Luzia mencionados nas entrevistas. As entrevistadas que declararam morar em "outras cidades" são, comumente, aquelas que haviam chegado recentemente a Belo Horizonte e que possuíam sua referência de moradia, ainda, como a última cidade em que viveram.

Em resposta à pergunta sobre a cidade em que moravam na ocasião da pesquisa, dentre as 141 respondentes, 96,45% (136) disseram viver em Belo Horizonte ou Região Metropolitana; 0,71% (1) em Catalão (GO); 0,71% (1) em Rio Verde (GO); em Salvador (BA) esse número foi de 1,42% (2) e 0,71% (1) respondeu morar em São Paulo (SP) naquela ocasião.

## GRÁFICO 32 - PERCENTUAL RELATIVO AO TEMPO EM QUE AS ENTREVISTADAS RESIDIAM NA CIDADE DECLARADA.



*\*Dados referentes a 139 participantes que responderam esta pergunta.*

O gráfico acima apresenta há quanto tempo as entrevistadas moravam na cidade declarada, no momento da pesquisa. Os dados apontam que apenas 3,60% (5) das entrevistadas residiam na cidade desde seu nascimento. 17,27% (24) residiam há menos de um mês; 24,46% (34) estavam de um mês até seis meses na cidade; 8,63% (12) estavam de seis meses até um ano; 8,63% (12) estavam de um ano até três anos; 11,51% (16) de três anos até dez anos; 12,23% (17) estavam de dez anos até vinte anos na cidade; e 13,67% (19) estavam há mais de vinte anos.

Esses dados indicam que esta é uma população muito flutuante nos espaços urbanos, uma vez que o trânsito entre diferentes cidades e regiões aparece como uma exigência do próprio mercado sexual.

## FIGURA 3 - FREQUÊNCIA DOS ESTADOS EM QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TER MORADO ANTERIORMENTE.



\*Dados referentes a 376 respostas para a questão sobre os 10 últimos estados brasileiros em que viveram.

Descrição 1 – A informação sobre os estados em que as entrevistadas já moraram também foi levantada. Nesta questão as participantes podiam citar mais de uma cidade/estado em que já haviam residido, portanto, contabilizaram-se 376 respostas. Logo, as porcentagens aqui trabalhadas referem-se a esse total de respostas e não ao total de participantes da pesquisa (141). Dos 376 relatos, São Paulo foi citado em 23,94% (90) das vezes, Rio de Janeiro em 8,51% (32); Espírito Santo em 5,85% (22); Goiás em 5,58% (21); Bahia em 5,32% (20); Distrito Federal em 3,19% (12); Mato Grosso em 2,66% (10), Paraná em 2,66% (10); Sergipe em 2,39% (9); Ceará em 2,13% (8); Alagoas em 1,59% (6); Santa Catarina em 1,33% (5); Tocantins em 1,33% (5); Pará em 1,06% (4); Pernambuco em 1,06% (4); Rio Grande do Norte em 0,80% (3); Acre em 0,53% (2); Maranhã em 0,53% (2); Mato Grosso do Sul em 0,53% (2); Paraíba em 0,53% (2) e Rio Grande do Sul em 0,53% (2). Rondônia e Amazonas foram citados em 0,26% (1) dos 376 relatos. De maneira geral, percebe-se que os estados do Sudeste foram os mais mencionados entre as respostas (38,30%), revelando um fluxo migratório mais intenso de/para estes locais.

Descrição 2 – Esses números também podem ser analisados em termos da quantidade de participantes e não de relatos. Assim, se pensarmos nas porcentagens para o total de 141 entrevistadas, observamos que 63,83% (90) delas declararam já ter morado em São Paulo; 22,70% (32) delas no Rio de Janeiro; 15,60% (22) no Espírito Santo; 14,9% (21) em Goiás; 14,18% (20) na Bahia; 8,51% (12) no Distrito Federal; 7,09% (10) no Mato Grosso; 7,09% (10) no Paraná; 6,38% (9) em Sergipe; 5,67% (8) no Ceará; 4,25% (6) em Alagoas; 3,54% (5) em Santa Catarina; 3,54% (5) em Tocantins; 2,83% (4) no Pará; 2,83% (4) em Pernambuco; 2,13% (3) no Rio Grande do Norte; 1,42% (2) no Acre; 1,42% (2) no Maranhão; 1,42% (2) no Mato Grosso do Sul; 1,42% (2) na Paraíba; 1,42% (2) no Rio Grande do Sul; 0,71% (1) em Rondônia; e 0,71% (1) no Amazonas.

Conforme já ressaltado, os estados do Sudeste foram os mais mencionados entre as respostas, revelando uma preferência das entrevistadas em migrar para estes locais.

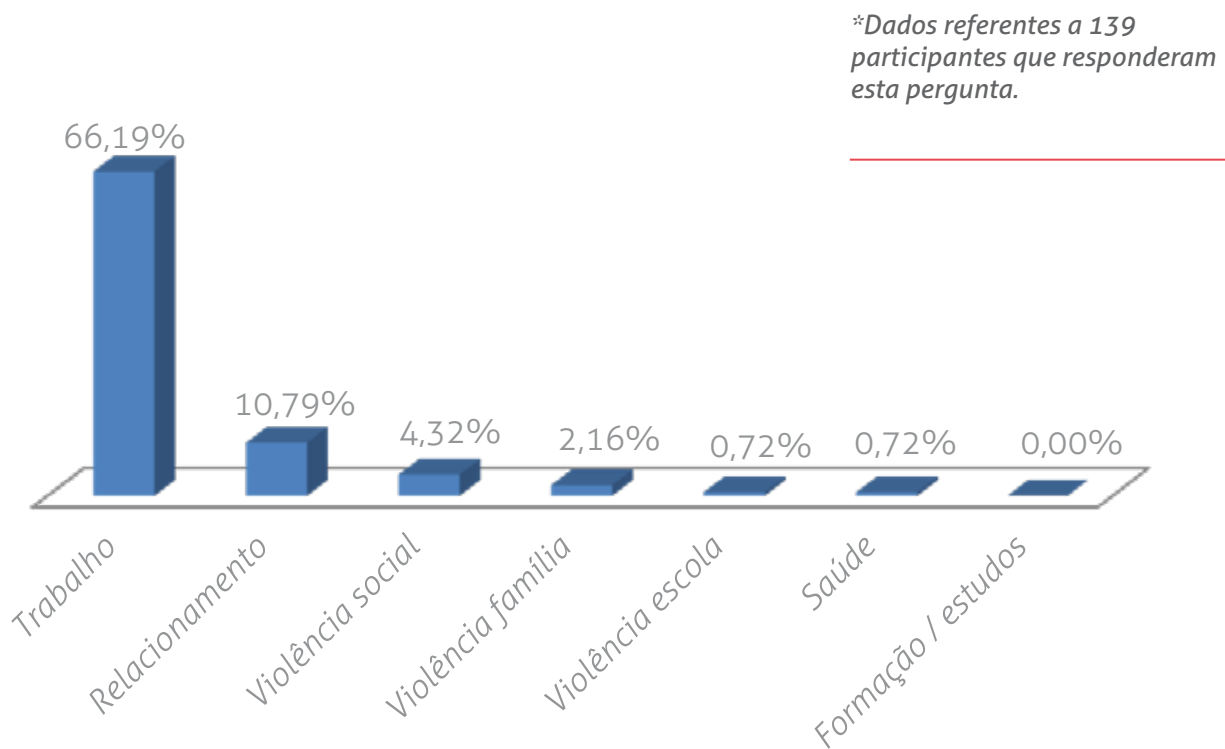
## TABELA 2 - FREQUÊNCIA DOS ÚLTIMOS PAÍSES QUE AS ENTREVISTADAS DECLARARAM TEREM VIVIDO.

	FREQUÊNCIA
Itália	12
Espanha	2
Bélgica	1
França	1
Inglaterra	1
Paraguai	1
Portugal	1
Suíça	1

*\*Dados referentes a 20 respostas sobre os últimos países que moraram.*

Dentre as 20 respostas sobre os últimos países em que as entrevistadas viveram, obteve-se doze (12) referências à Itália, duas (2) à Espanha. Bélgica, França, Inglaterra, Paraguai, Portugal e Suíça tiveram uma (1) menção cada.

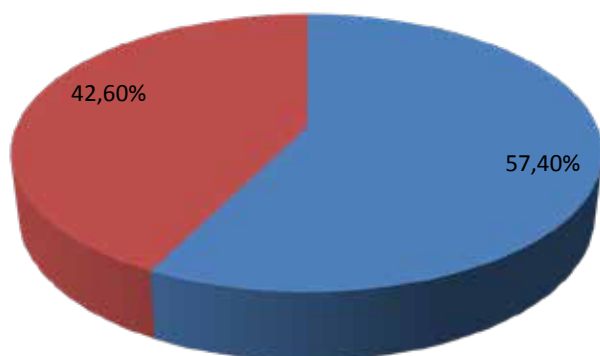
## GRÁFICO 33 - PERCENTUAL DOS MOTIVOS QUE LEVARIAM AS ENTREVISTADAS A SE MUDAR DE CIDADE.



Dentre as 139 participantes que responderam sobre os motivos que as levariam a se mudar de cidade, observa-se que o trabalho aparece em primeiro lugar, com 66,19% (92) das respostas. 10,79% (15) das entrevistadas responderam que o relacionamento as levariam a se mudar de cidade; 4,32% (6) apontaram a violência social como motivo da mudança; 2,16% (3) apontaram a violência da família; 0,72% (1) mencionou a violência da escola e também 0,72% (1) mencionou "saúde" como motivo que a levaria a se mudar de cidade. A opção "formação/estudos", presente no questionário, não foi mencionada em nenhum caso.

Outros motivos não referidos no questionário também foram citados durante as entrevistas. A opção "melhoria financeira" apareceu em 10,07% (14) das respostas, "conhecer novos lugares" em 4,32% (6); "ficar próxima da família" em 3,60% (5); "conhecer novas pessoas" em 2,88% (4); "tranquilidade" também apareceu em 2,88% (4); "falta de estrutura" em 1,44% (2) e "amizade", "colocar silicone", "depressão", "fugir do estresse/cansaço", "instabilidade", "loucura", "mudança da família", "prostituição", "qualidade de vida", "relações sociais", "residência nova" e "respeito" foram opções mencionadas uma vez cada uma.

## GRÁFICO 34 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE DECLARARAM POSSUIR RESIDÊNCIA FIXA NO MOMENTO DA ENTREVISTA.

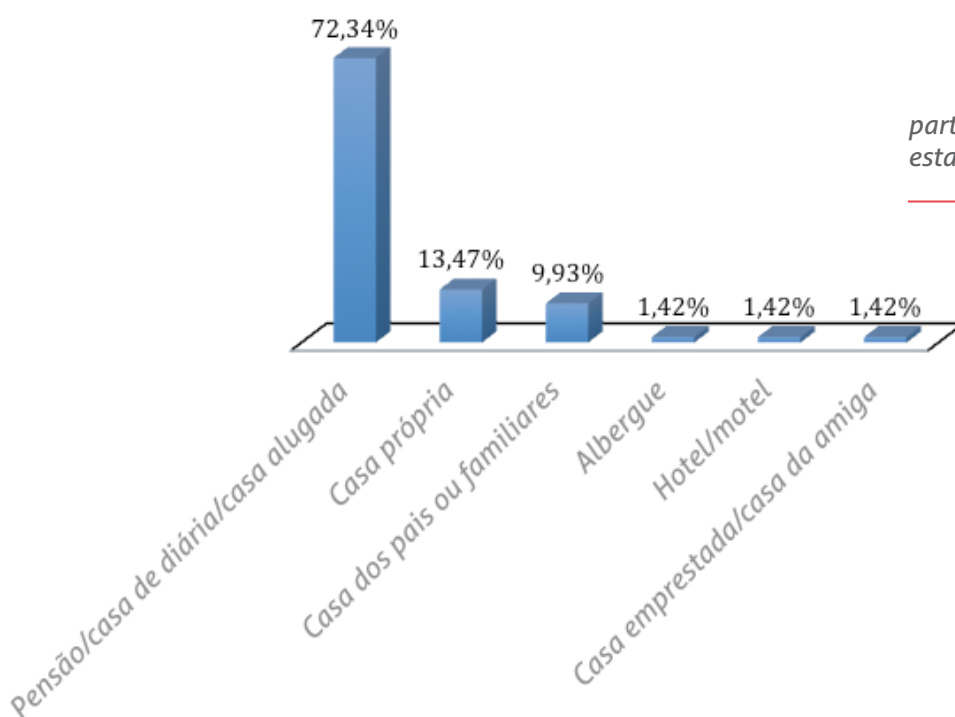


■ Sim ■ Não

*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Das 141 entrevistadas, 57,40% (81) declararam ter residência fixa, enquanto 42,60% (60) responderam não possuir.

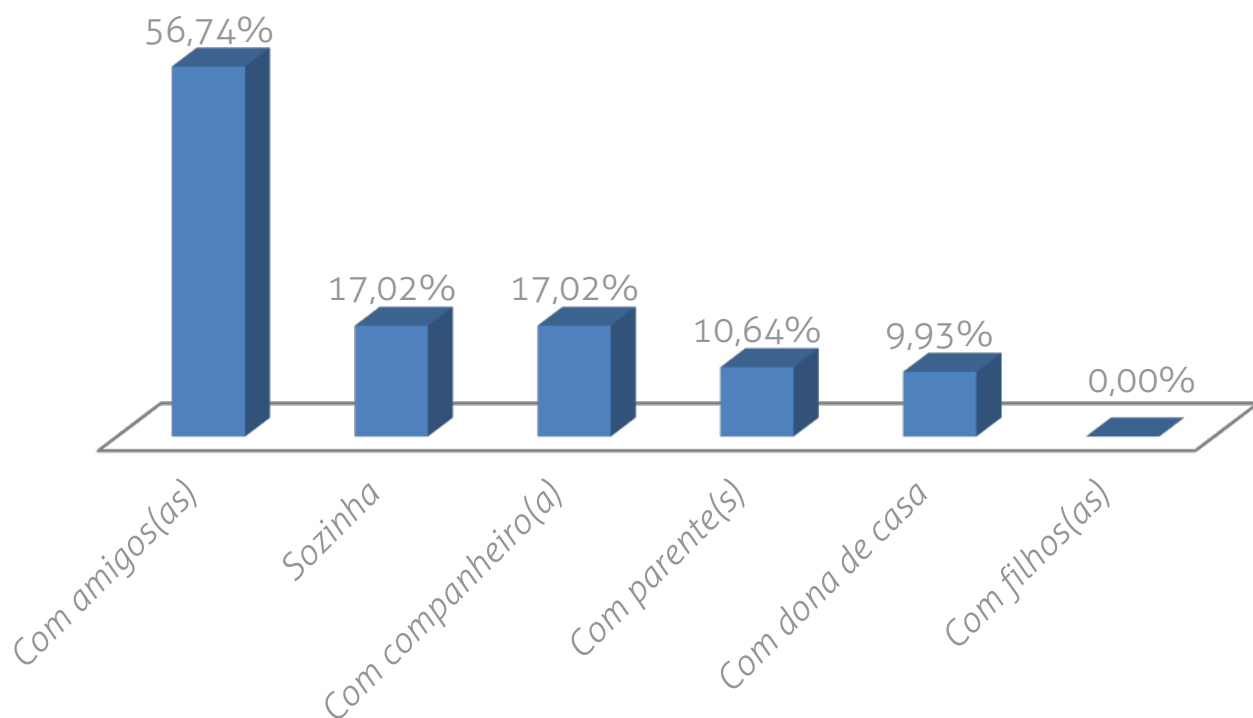
## GRÁFICO 35 - PERCENTUAL DO TIPO DE MORADIA DA ENTREVISTADA NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 139 participantes que responderam esta pergunta.*

Sobre o tipo de moradia das entrevistadas na ocasião da pesquisa, dentre as 139 respondentes, 72,34% (102) declararam residir em pensão/casa de diária ou casa alugada. 13,47% (19) disseram morar em casa própria; 9,93% (14) na casa dos pais ou familiares; 1,42% (2) responderam que, na ocasião da pesquisa, moravam em albergue; 1,42% (2) em hotel/motel; e 1,42% (2) em casa emprestada ou casa da amiga. Durante a aplicação do questionário percebeu-se que a categoria casa própria aparecia muito mais como um contraponto à casa de diária que casa alugada. Algumas entrevistadas ao considerarem que residiam em um local fixo, não vivendo em casas de diária, tomavam a sua moradia como casa própria mesmo quando pagando aluguéis mensais.

## GRÁFICO 36 - DISTRIBUIÇÃO DA DIVISÃO HABITACIONAL DA ENTREVISTADA NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 157 respostas, uma vez que as entrevistadas podiam responder mais de uma opção nesta questão.*

Levantou-se dados sobre com quem as entrevistadas moravam, na ocasião da pesquisa, obtendo 157 respostas. Desse total de respostas, 56,74% (80) delas referem-se à moradia com amigos, 17,02% (24) referem-se a morar sozinha; 17,02% (24) morar com companheiro (a); 10,64% (15) morar com parente(s); e 9,93% (14) das respostas referem-se a morar com dona de casa. A opção "filhos" também apareceu no questionário, porém não foi mencionada por nenhuma entrevistada.

Na opção "outros", presente no questionário, apareceram ainda as seguintes respostas: duas (2) respostas para morar com "colegas", enquanto uma (1) declaração de morar com a mãe (categorias que não estavam escritas no questionário).





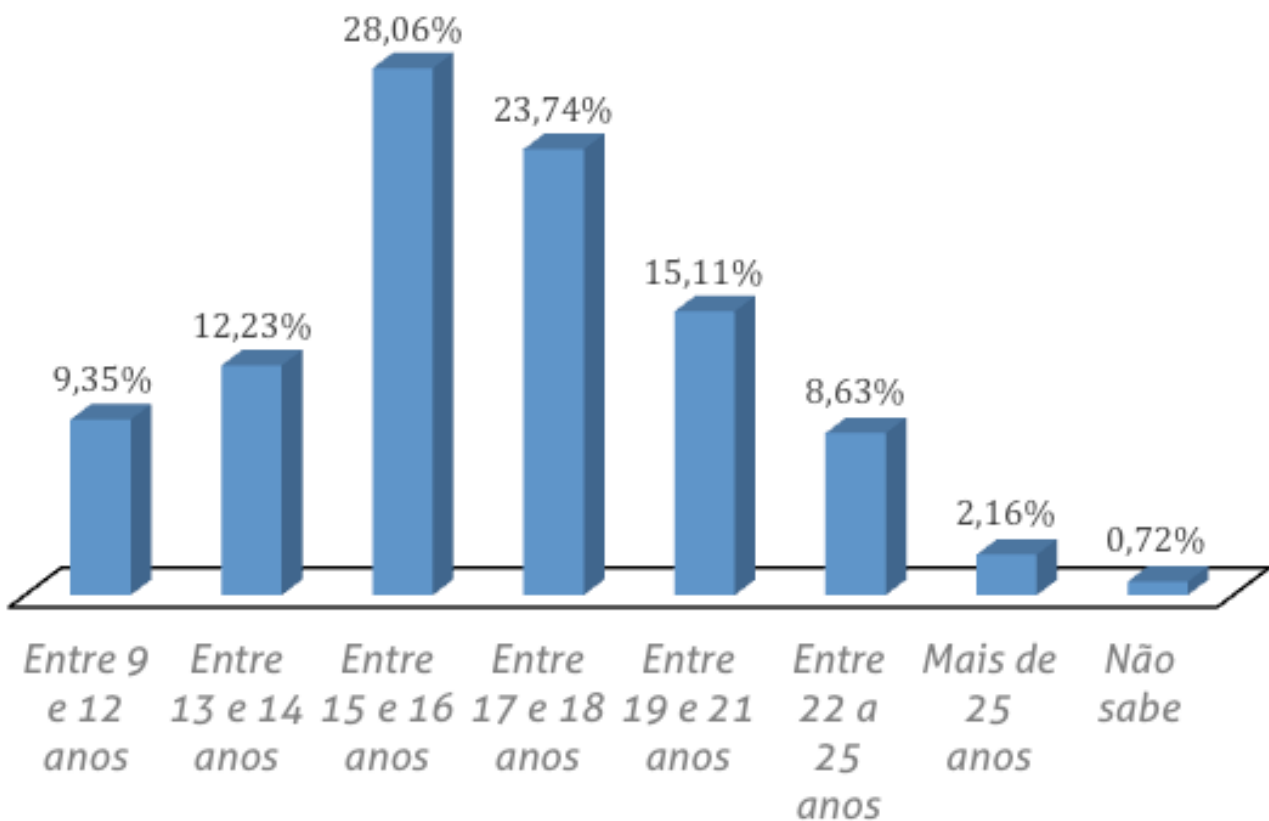
# TRABALHO SEXUAL



## 3.6 TRABALHO SEXUAL

---

### GRÁFICO 37 - PERCENTUAL DE DISTRIBUIÇÃO DAS IDADES COM QUE A ENTREVISTADA FEZ SEXO POR DINHEIRO PELA PRIMEIRA VEZ.

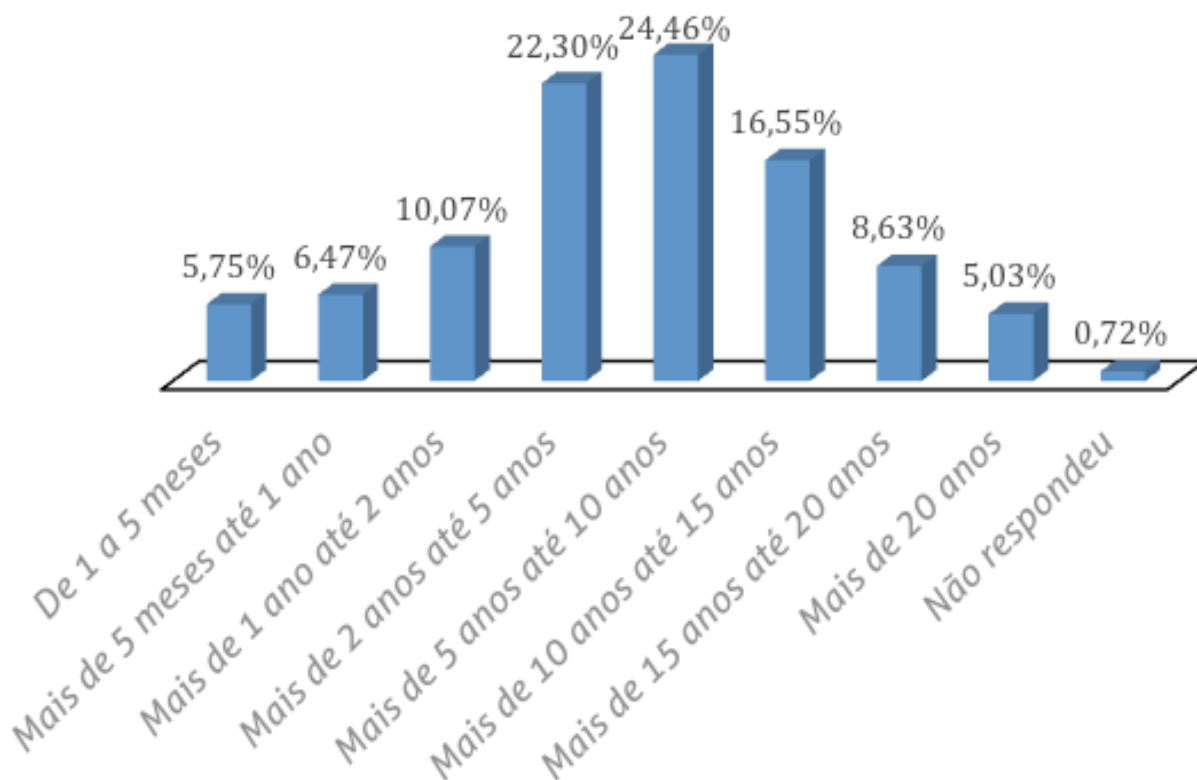


*\*Dados referentes a 139 participantes que responderam esta pergunta.*

---

Conforme se verifica, 9,35% (13) das entrevistadas fizeram sexo por dinheiro pela primeira vez entre 9 e 12 anos; 12,23% (17) fizeram entre 13 e 14 anos; 28,06% (39) entre 15 e 16 anos; 23,74% (33) entre 17 e 18 anos; 15,11% (21) entre 19 e 21 anos; 8,63% (12) entre 22 e 25 anos; 2,16% (3) com mais de 25 anos e 0,72% (1) declarou não saber com qual idade fez sexo por dinheiro pela primeira vez.

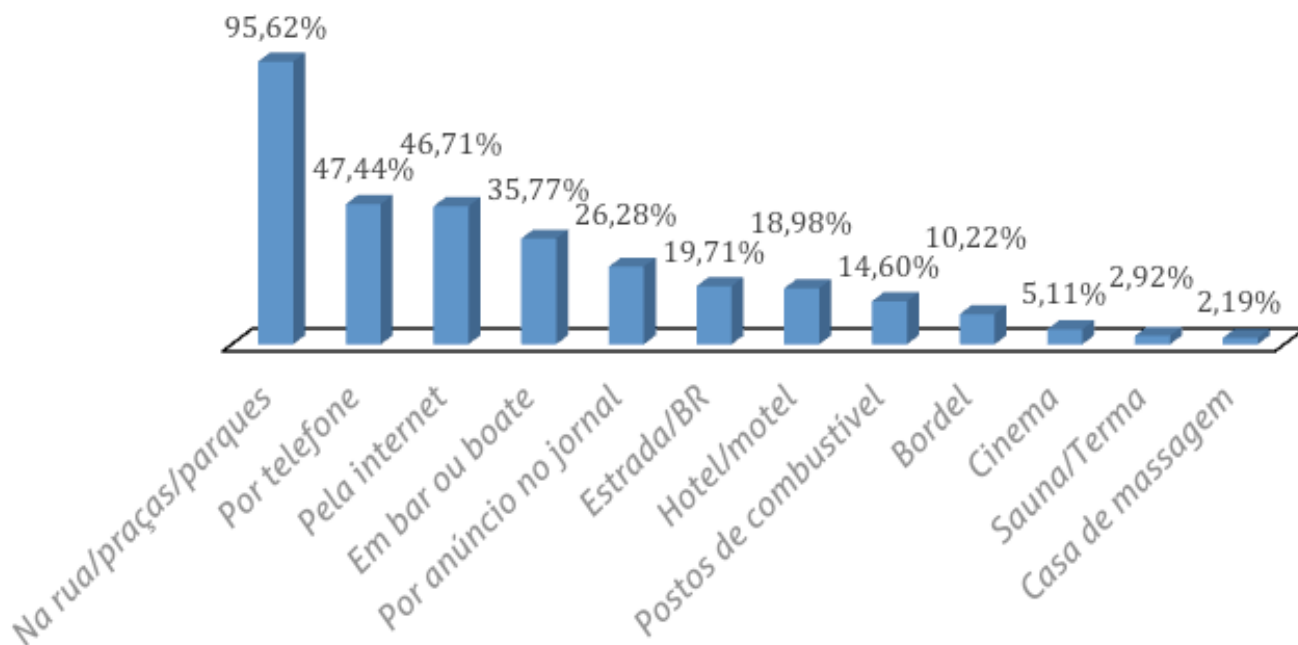
## GRÁFICO 38 - PERCENTUAL RELATIVO AO TEMPO QUE A ENTREVISTADA EXERCIA TRABALHO SEXUAL NO MOMENTO DA ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 139 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação ao tempo em que as entrevistadas declararam trabalhar como profissionais do sexo, percebe-se que 5,75% (8) delas exerciam trabalho sexual de um a cinco meses, na ocasião da pesquisa; 6,47% (9) exerciam há mais de cinco meses até um ano; 10,07% (14) há mais de um ano até dois anos; 22,30% (31) há mais de dois anos até cinco anos; 24,46% (34) há mais de cinco anos até dez anos; 16,55% (23) há mais de dez anos até quinze anos; 8,63% (12) há mais de quinze anos até vinte anos; 5,03% (7) há mais de vinte anos e 0,72% (1) não soube há quanto tempo exercia trabalho sexual.

## GRÁFICO 39 - PERCENTUAL RELATIVO AOS LOCAIS ONDE AS ENTREVISTADAS RELATAM CONSEGUIREM CLIENTES.



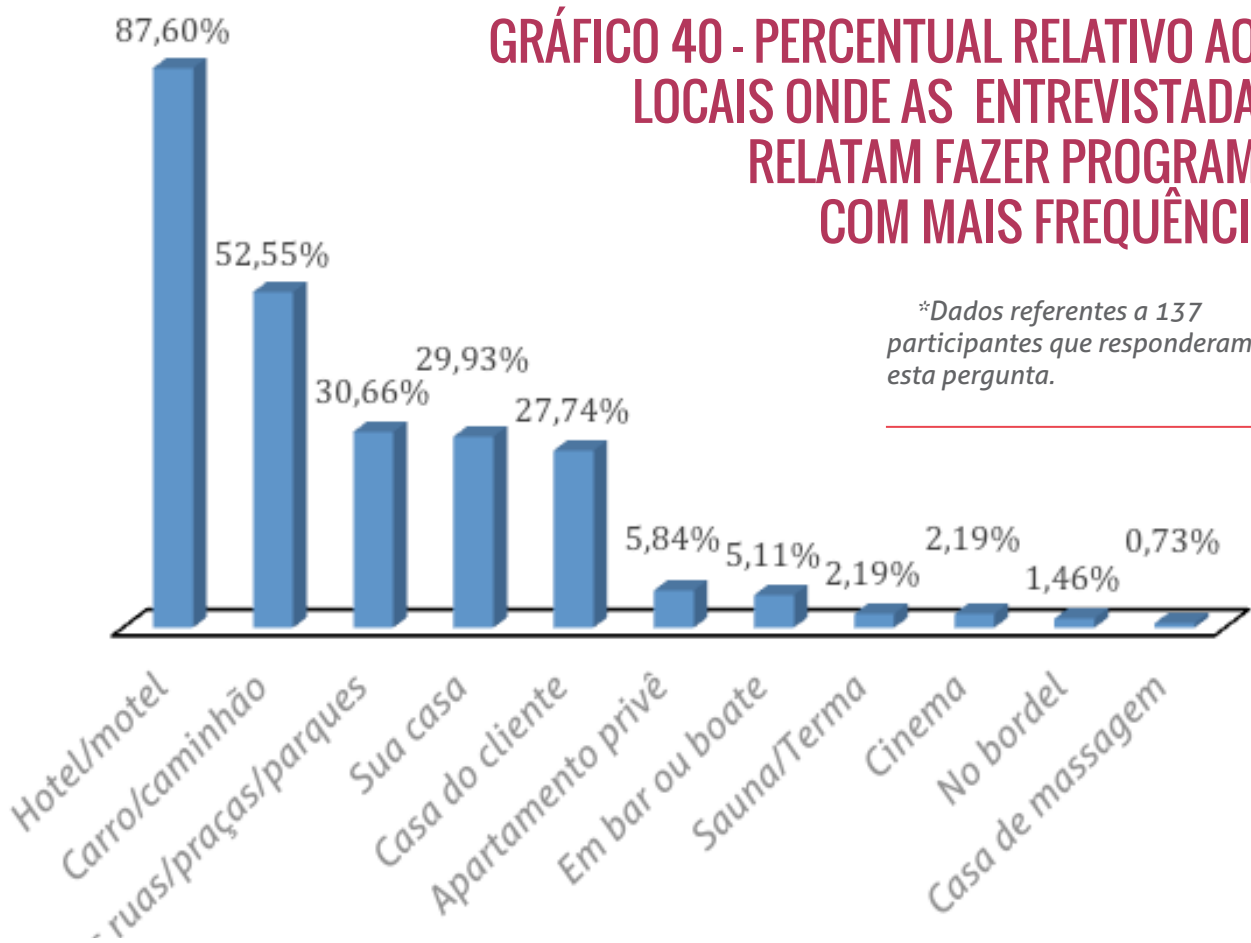
\*Dados referentes a 137 participantes que responderam esta pergunta.

No que se refere aos lugares em que as entrevistadas conseguem clientes, 95,62% (131) delas responderam conseguir clientes em ruas, praças e parques. Dessas 131 entrevistadas, 122 mencionaram em quais pontos dessas áreas elas conseguiam clientes.

Assim, desse total (122), 33,60% (41) responderam conseguir clientes na Av. Pedro II; 18,03% (22) na região da Pampulha; 11,47% (14) na Afonso Pena e na Pedro II; 8,20% (10) na Av. Santos Dumont; 4,92% (6) na Av. Afonso Pena; 4,10% (5) na Av. Santos Dumont e na Pampulha; 3,28% (4) na Via Expressa; 2,46% (3) em Contagem; 2,46% (3) na região da Pampulha e no Hotel Rubi; 1,64% (2) na Av. Pedro II e no Hotel Rubi; 0,82% (1) na Av. Afonso Pena, na Av. Pedro II e no Hotel Rubi; 0,82% (1) na Av. Afonso Pena, na Av. Pedro II e na Av. Santos Dumont; 0,82% (1) na Av. Afonso Pena e na Av. Santos Dumont; 0,82% (1) na Av. Arvoredo; 0,82% (1) na Av. Afonso Pena e região da Pampulha; 0,82% (1) na Av. Pedro II e Região da Pampulha; 0,82% (1) na região da Pampulha e Santa Branca; 0,82% (1) na Av. Pedro II, na Av. Santos Dumont e na rua Curitiba; 0,82% (1) na Via Expressa e na Av. Arvoredo; 0,82% (1) na Via Expressa e Contagem; 0,82% (1) na Via Expressa e na Praça da Cemig; e, por fim, 0,82% (1) disse conseguir clientes em zonas e na Praça da Cemig.

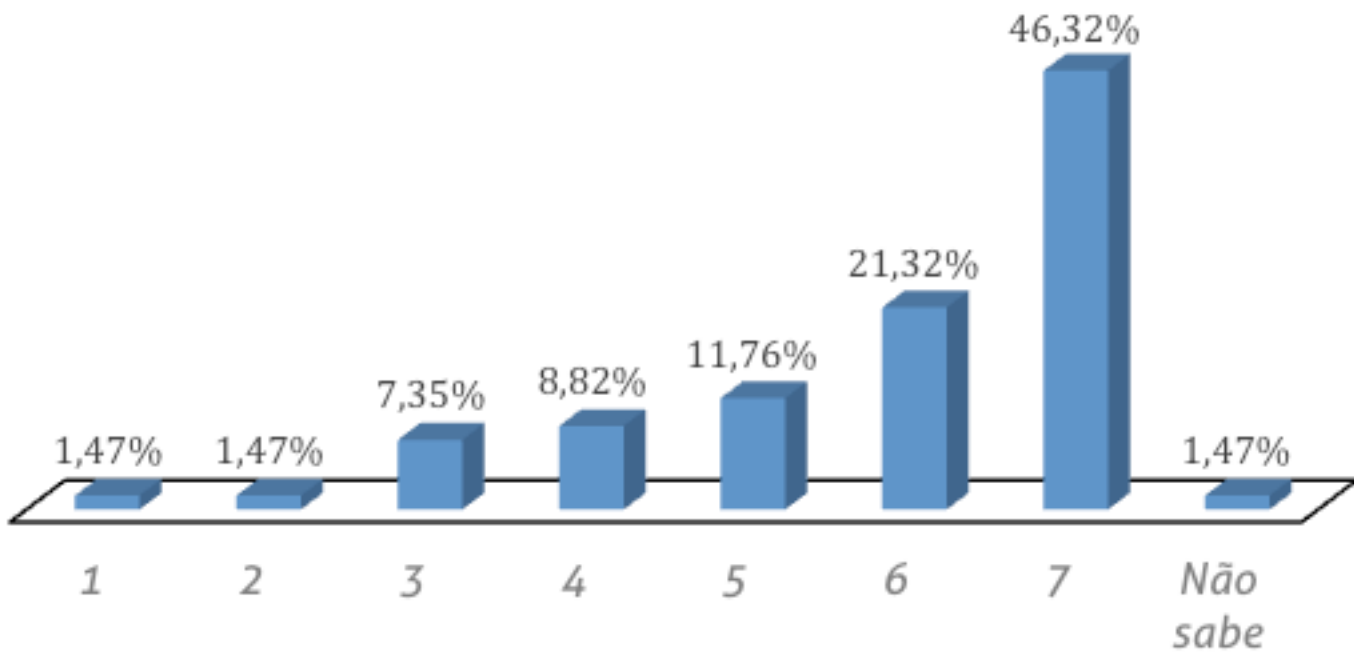
Com relação aos outros meios de conseguir clientes, das 137 participantes que responderam a pergunta, 47,44% (65) disseram consegui-los por telefone; 46,71% (64) pela internet; 35,77% (49) em bares ou boates; 26,28% (36) por anúncio no jornal; 19,71% (27) em estradas/BR; 18,98% (26) em hotel/motel; 14,60% (20) em postos de combustível; 10,22% (14) em bordel; 5,11% (7) em cinemas; 2,92% (4) em saunas e 2,19% (3) em casas de massagem. Na opção "outros" do questionário, apareceram ainda as seguintes respostas (referentes ainda ao total de 137): 1,46% (2) responderam conseguir clientes em supermercados; 0,73% (1) no Hotel Rubi; 0,73% (1) em bosques; e, por fim, 0,73% (1) respondeu conseguir clientes em qualquer lugar.

## GRÁFICO 40 - PERCENTUAL RELATIVO AOS LOCAIS ONDE AS ENTREVISTADAS RELATAM FAZER PROGRAMA COM MAIS FREQUÊNCIA.



Questionou-se os locais em que as entrevistadas realizam programas com mais frequência. Como se pode verificar no gráfico acima, 87,60% (120) das participantes responderam realizá-los em motel/hotel; 52,55% (72) em carro/caminhão; 30,66% (42) em ruas/parques/praças; 29,93% (42) em suas casas; 27,74% (38) na casa do cliente; 5,84% (8) em apartamento privê; 5,11% (7) em bar/boate; 2,19% (3) em sauna/terma; 2,19 (3) em cinemas; 1,46% (2) em bordel; e 0,73% (1) disse realizar programas em casas de massagem. Na opção "outros" do questionário, apareceram ainda as seguintes respostas: 2,19% (3) das entrevistadas responderam fazer programas com mais frequência em drive-in; e 0,73% (1) especificou fazê-los no Hotel Rubi.

## GRÁFICO 41 - PERCENTUAL RELATIVO A QUANTIDADE DE DIAS QUE AS ENTREVISTADAS TRABALHAM POR SEMANA.



*\*Dados referentes a 136 participantes que responderam esta pergunta.*

Sobre a quantidade de dias em que as entrevistadas exercem trabalho sexual ao longo da semana, verificaram-se as seguintes respostas: 1,47% (2) declararam trabalhar apenas um dia da semana. 1,47% (2) disseram trabalhar dois dias por semana; 7,35% (10) trabalham três dias por semana; 8,82% (12) trabalham quatro dias por semana; 11,76% (16) trabalham cinco dias por semana; 21,32% (29) responderam trabalhar seis dias por semana e 46,32% (63) disseram trabalhar todos os dias da semana, ou seja, sete dias. Outras 1,47% (2) responderam não saber quantos dias da semana elas exercem trabalho sexual.



### TABELA 3 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA MÉDIA DOS VALORES COBRADOS PELAS ENTREVISTADAS POR PROGRAMA

VALORES EM REAIS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
10 a 50	1	0,74
20 a 30	1	0,74
20 a 40	1	0,74
20 a 50	1	0,74
20 a 60	1	0,74
20 a 70	1	0,74
20 a 100	1	0,74
30	2	1,47
30 a 40	1	0,74
30 a 50	2	1,47
30 a 80	1	0,74
30 a 100	1	0,74
40	17	12,50
45	1	0,74
40 a 50	7	5,15
40 a 100	1	0,74
40 a 200	1	0,74
50	37	27,21
50 a 100	19	13,97
50 a 150	1	0,74
60	3	2,21
70	3	2,21
70 a 100	1	0,74
70 a 200	1	0,74
80	9	6,62
80 a 100	1	0,74
100	12	8,82
100 a 200	3	2,21
150	2	1,47
150 a 200	1	0,74
200	2	1,47
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>100</b>

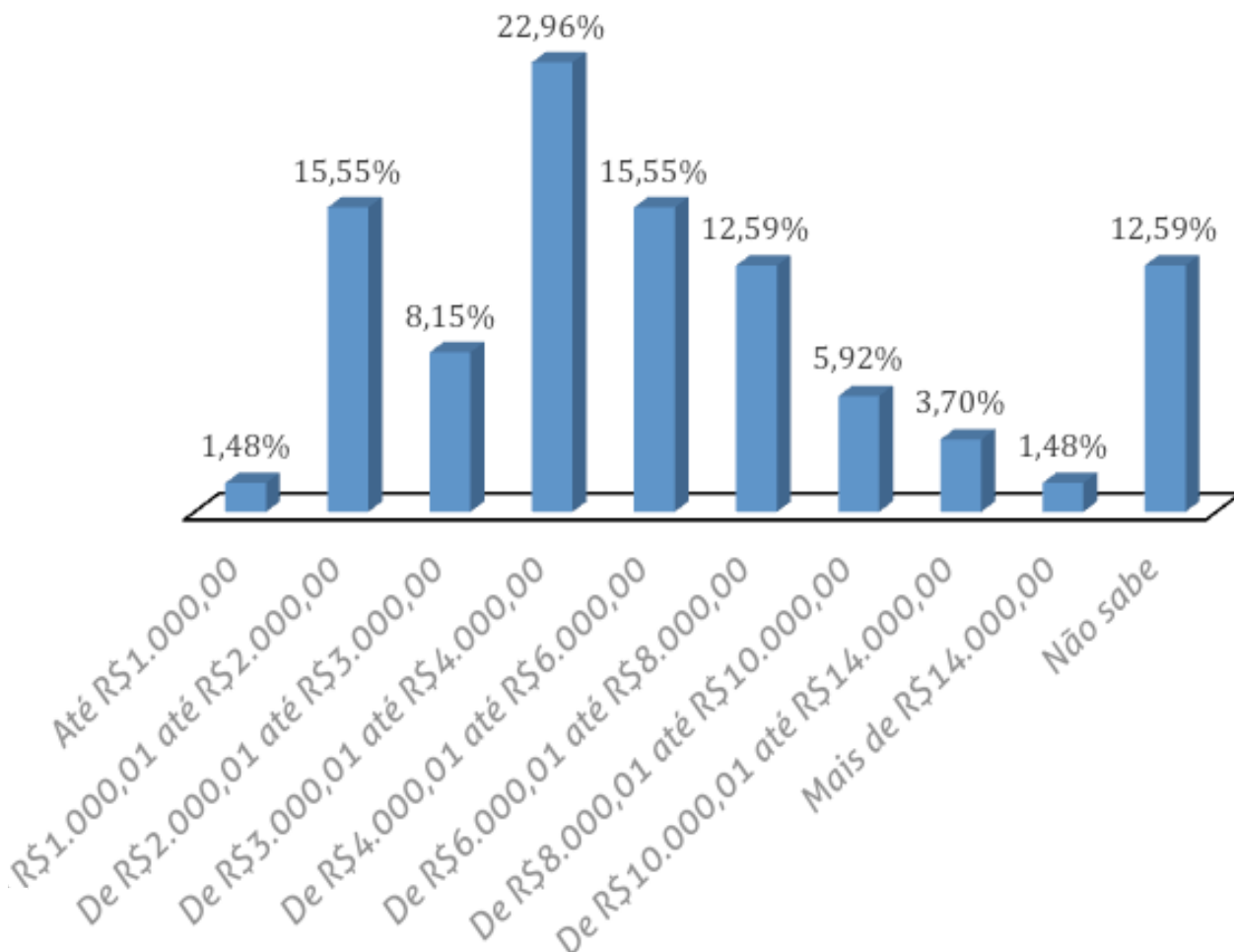
\*Dados referentes a 136 participantes que responderam esta pergunta.

Os valores que as entrevistadas costumam cobrar, em média, pelos programas realizados estiveram distribuídos da seguinte maneira: de um total de 136 participantes, 0,74% (1) delas disse cobrar de R\$10,00 a R\$50,00; 0,74% (1) de R\$20,00 a R\$30,00; 0,74% (1) de R\$20,00 a R\$40,00; 0,74% (1) de R\$20,00 a R\$50,00; 0,74% (1) de R\$20,00 a R\$60,00; 0,74% (1) de R\$20,00 a R\$70,00; 0,74% (1) de R\$20,00 a R\$100,00; 1,47% (2) disseram cobrar R\$30,00; 0,74% (1) disse cobrar de R\$30,00 a R\$40,00; 1,47% (2) responderam que cobram de R\$30,00 a R\$50,00; 0,74% (1) de R\$30,00 a R\$80,00; 0,74% (1) de R\$30,00 a R\$100,00; 12,50% (17) disseram cobrar R\$40,00; 0,74% (1) disse cobrar R\$45,00; 5,15% (7) de R\$40,00 a R\$50,00; 0,74% (1) respondeu cobrar de R\$40,00 a R\$100,00; 0,74% (1) de R\$40,00 a R\$200,00; 27,21% (50) disseram cobrar R\$50,00; 13,97% (19) de R\$50,00 a R\$100,00; 0,74% (1) de R\$50,00 a R\$150,00; 2,21% (3) disseram cobrar R\$60,00; 2,21% (3) disseram cobrar R\$70,00; 0,74% (1) respondeu cobrar de R\$70,00 a R\$100,00; ; 0,74% (1) de R\$70,00 a R\$200,00; 6,62% (9) disseram cobrar R\$80,00; 0,74% (1) de R\$80,00 a R\$100,00; 8,82% (12) responderam cobrar R\$100,00; 2,21% (3) disseram cobrar de R\$100,00 a R\$200,00; 1,47% (2) responderam cobrar R\$150,00; 0,74% (1) de R\$150,00 a R\$200; e 1,47% (2) disseram cobrar R\$200,00.

Obs.: É importante considerar tais intervalos de valor, uma vez que eles correspondem aos preços cobrados pelas diferentes práticas sexuais realizadas com os clientes. Assim, conforme os relatos de campo apontam, o preço de um programa varia com relação ao desejo do cliente. Desta maneira, a prática do "sexo oral" é uma atividade sobre a qual se cobra valor inferior em relação àquele cobrado no caso de "programas completos", que, muitas vezes, envolvem penetração não só do cliente, mas também das profissionais do sexo. Além disso, ressalta-se que a própria divisão espacial das pistas de prostituição implica na diferenciação dos preços cobrados pelos programas. Em determinadas áreas, consideradas mais nobres ou com uma circulação de clientes com um maior poder aquisitivo, os valores cobrados costumam estar acima da média daqueles cobrados em áreas centrais ou mais ermas, onde o perfil dos clientes que circulam difere bastante do daqueles primeiros. Portanto, observa-se que é grande a variabilidade dos valores cobrados pelas entrevistadas em seus programas, o que impede a construção de intervalos mais rígidos ou de médias de preço passíveis de inclui-las em sua totalidade.



## GRÁFICO 42 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS RENDIMENTOS MENSIS DAS ENTREVISTADAS OBTIDOS DO TRABALHO SEXUAL.\*\*



\*Dados referentes a 135 participantes que responderam esta pergunta.

\*\**Ressalta-se que esses valores foram calculados a partir da quantia que as entrevistadas declararam ganhar por semana. Ou seja, multiplicou-se seus rendimentos semanais por quatro para que se obtivessem os valores acima. Destaca-se também que por se tratar de uma questão delicada, como o é a de rendimento, conjugada às condições de aplicação do questionário (muitas vezes na presença de outras travestis/ mulheres transexuais), esses valores podem apresentar-se superestimados. Dados dos diários de campo também vêm a confirmar esta observação.*

No que se refere ao rendimento mensal obtido através do trabalho sexual, 1,48% (2) das entrevistadas declararam receber até R\$1.000,00; 15,55% (21) de R\$1.001,00 até R\$2.000,00; 8,15% (11) de R\$2.001,00 até R\$3.000,00; 22,96% (31) de R\$3.001,00 até R\$4.000,00; 15,55% (21) de R\$4.001,00 até R\$6.000,00; 12,59% (17) de R\$6.001,00 até R\$8.000,00; 5,92% (8) de R\$8.001,00 até R\$10.000,00; 3,70% (5) de R\$10.001,00 até R\$14.000,00; 1,48% (2) mais de R\$14.000,00; e 12,59% (17) responderam não saber quanto obtinham de rendimento através do trabalho sexual.



**TABELA 4 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DAS FAIXAS DE RENDIMENTO MENSAIS\* POR TRABALHO SEXUAL.**

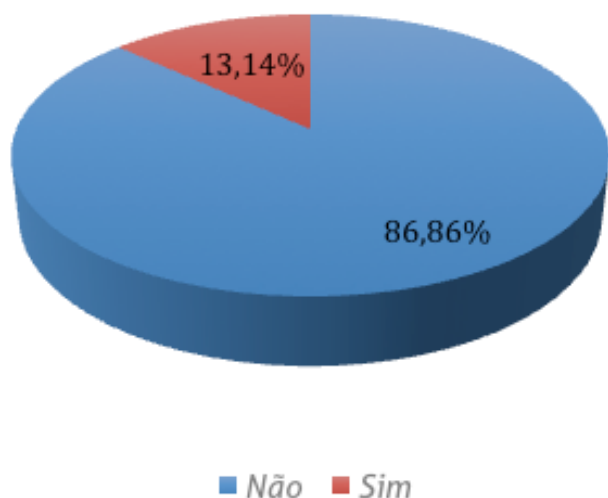
FAIXA SALARIAL	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Entre 1 e 2 salários mínimos	5	4,2
Entre 2 e 5 salários mínimos	38	32,2
Entre 5 e 10 salários mínimos	43	36,5
Acima de 10 salários mínimos	32	27,1
Total	118	100,0

\*Baseado na média dos salários mínimos dos 3 anos de entrevista (2012 a 2014)

\*Os intervalos foram construídos tendo como referência a média salarial dos anos de 2012, 2013 e 2014, anos em que a pesquisa foi realizada. Calculou-se a média da seguinte maneira: R\$622,00 (2012) + R\$ 678,00 (2013) + R\$ 724,00 (2014) = R\$ 2.024,00 / 3. Logo, o valor final foi de R\$ 674,66, valor referência para a construção dos intervalos. / \*\*Os dados referem-se a um total de 118 participantes

No que se refere ao rendimento mensal obtido através do trabalho sexual, em salários mínimos, pode-se concluir, com base nas aproximações realizadas, que 4,2% (5) das entrevistadas receberiam entre 1 e 2 salários mínimos; 32,2% (38) entre 2 e 5 salários mínimos; 36,5% (43) entre 5 e 10 salários mínimos; e 27,1% (32) acima de 10 salários mínimos.

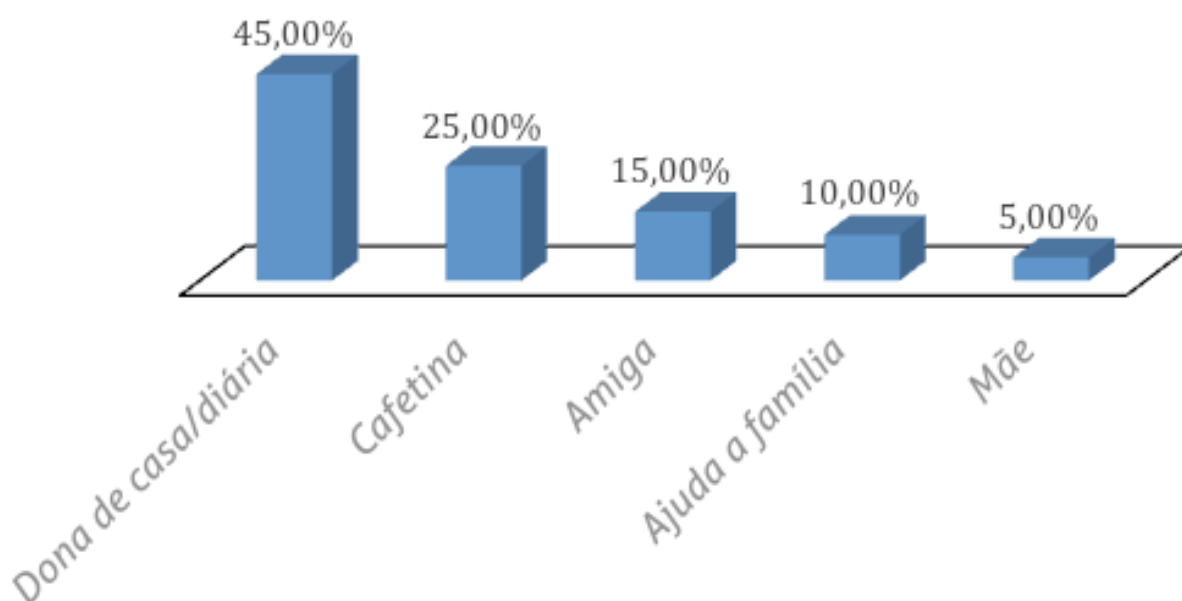
## GRÁFICO 44 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE DIVIDEM O DINHEIRO DO PROGRAMA.



*\*Dados referentes a 137 participantes que responderam esta pergunta.*

Também se perguntou às entrevistadas se elas dividiam o dinheiro do programa com alguém. Como se percebe no gráfico, 86,86% (119) responderam não dividir, enquanto 13,14% (18) disseram que o dividem.

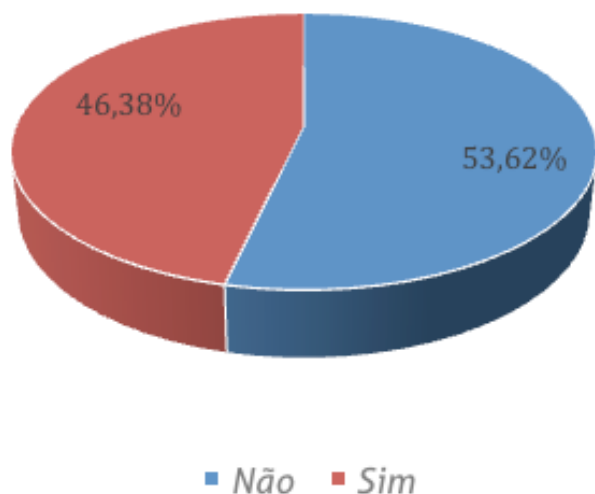
## GRÁFICO 45 - PERCENTUAL DAS PESSOAS COM QUEM A ENTREVISTADA DIVIDE O DINHEIRO DO PROGRAMA.



*\*Os valores do gráfico referem-se a 20 respostas, das 18 participantes que declararam dividir o dinheiro do programa. Nesta questão, as entrevistadas puderam citar mais de uma opção de resposta.*

Com relação às 20 respostas dadas a esta questão, a opção "divide o dinheiro do programa com dona de casa/diária" foi mencionada em 45,0% (9) dos casos. Já a opção "divide o dinheiro do programa com cafetinas" apareceu em 25,0% (5) deles; "com amigas" em 15,0% (3); "ajudam a família com o dinheiro do programa" em 10,0% (2) e a opção "divide o dinheiro do programa com a mãe" foi mencionada em 5,0% (1) das respostas.

## GRÁFICO 46 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FAZEM VÍCIOS.\*\*



\*Dados referentes a 139 participantes que responderam esta pergunta.

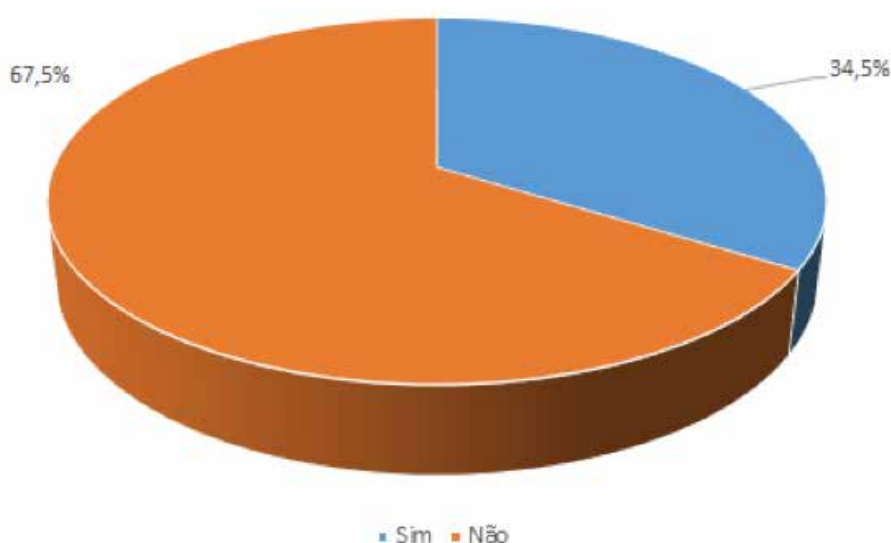
\*\*Vícios são práticas sexuais que travestis e mulheres transexuais realizam com homens e que não envolve transação de dinheiro, como no caso dos programas, é também uma categoria utilizada para se referir àqueles sujeitos com quem elas se relacionam. A relação não é conjugal/amorosa, como no caso dos maridos, namorados ou companheiros, envolvendo mais atração física/tesão que sentimentos afetivos.

Ainda na parte sobre o trabalho sexual, perguntou-se às entrevistadas sobre a prática de “vícios”. Assim, 53,62% (74) responderam não fazer vício, enquanto 46,38% (64) disseram fazer.

## 3.7 OUTROS TRABALHOS

### GRÁFICO 47 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE POSSUEM OUTRA OCUPAÇÃO.

\*Dados referentes a 139 participantes que responderam esta pergunta.



Observa-se que 65,5% (91) das entrevistadas declararam não ter outra ocupação (além do trabalho sexual), enquanto 34,5% (48) disseram possuir.

## TABELA 5 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE OUTRAS OCUPAÇÕES RELATADAS.

OCUPAÇÃO	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Cabeleireira	26	42,6
Maquiadora	5	8,2
Bombadeira	3	4,9
Cantora	2	3,3
Confeiteira	2	3,3
Empregada doméstica	2	3,3
Esteticista	2	3,3
Sacoleira	2	3,3
Agente social mobilizadora	1	1,6
Animadora de festa	1	1,6
Apresentação/show	1	1,6
Auxiliar de balcão	1	1,6
Cafetina	1	1,6
Conselho espiritual	1	1,6
Consulta como mãe de santo	1	1,6
Costureira	1	1,6
Cozinheira*	1	1,6
Depiladora	1	1,6
Estilista	1	1,6
Fotografia	1	1,6
Limpeza em hospital*	1	1,6
Operadora de telemarketing	1	1,6
Recepcionista	1	1,6
Secretária de saúde	1	1,6
Vende espetinho	1	1,6
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>100</b>

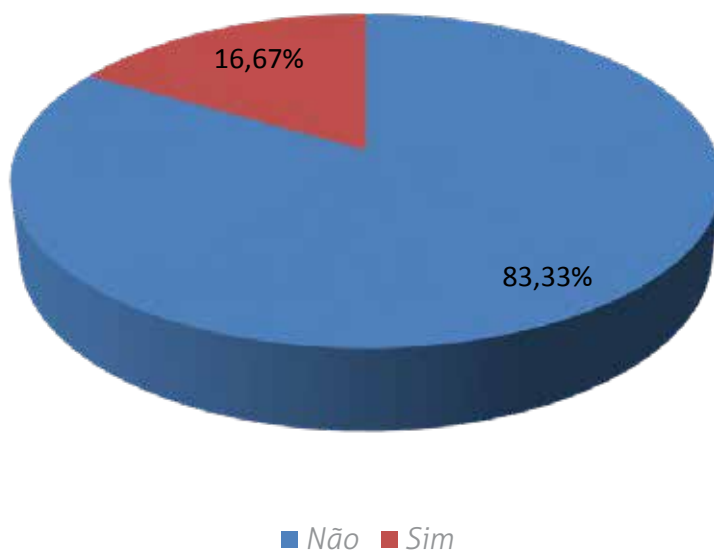
48 entrevistadas relataram possuir outra ocupação além do trabalho sexual, sendo que destas, apenas 8 obtinham carteira assinada nessa ocupação. Quando perguntadas quais seriam essas ocupações, foram contabilizadas 61 respostas para 25 diferentes ocupações. As porcentagens, portanto, referem-se a esse total de respostas. Declararam ter a ocupação de cabeleireira, **42,6% (26)** das entrevistadas; **8,2% (5)** declaram ter a ocupação de maquiadora; **4,9% (3)** de bombadeira; **3,3% (2)** de cantora; **3,3% (2)** de confeiteira; **3,3% (2)** de empregada doméstica; **3,3% (2)** de esteticista; **3,3% (2)** de sacoleira; **1,6% (1)** de agente social mobilizadora; **1,6% (1)** de animadora de festa; **1,6% (1)** disse fazer shows/apresentação; **1,6% (1)** disse ter a ocupação de auxiliar de balcão; **1,6% (1)** de cafetina;

**1,6% (1)** ocupa-se como conselheira espiritual; **1,6% (1)** realiza consulta como mãe de santo; **1,6% (1)** tem a ocupação de costureira; **1,6% (1)** tem a ocupação de cozinheira; **1,6% (1)** de depiladora; **1,6% (1)** de estilista; **1,6% (1)** de fotógrafa; **1,6% (1)** de limpeza de hospital; **1,6% (1)** de operadora de telemarketing; **1,6% (1)** de recepcionista; **1,6% (1)** de secretária de saúde e **1,6% (1)** disse vender espetinhos como outra ocupação, além do trabalho sexual.

Além dessas ocupações, 17 entrevistadas declararam ainda ter outra fonte de rendimento, 47,06% (8) responderam que sua outra fonte de rendimento vem de aluguel recebido; 11,76% (2) de bolsa família; 11,76% (2) por prestar serviço de cabeleireira; 5,88% (1) como pai de santo; 5,88% (1) como maquiadora; 5,88% (1) recebe pensão do pai; 5,88% (1) recebe ajuda da Casa do Câncer do Planalto e 5,88% (1) não respondeu qual é esta fonte de rendimento.



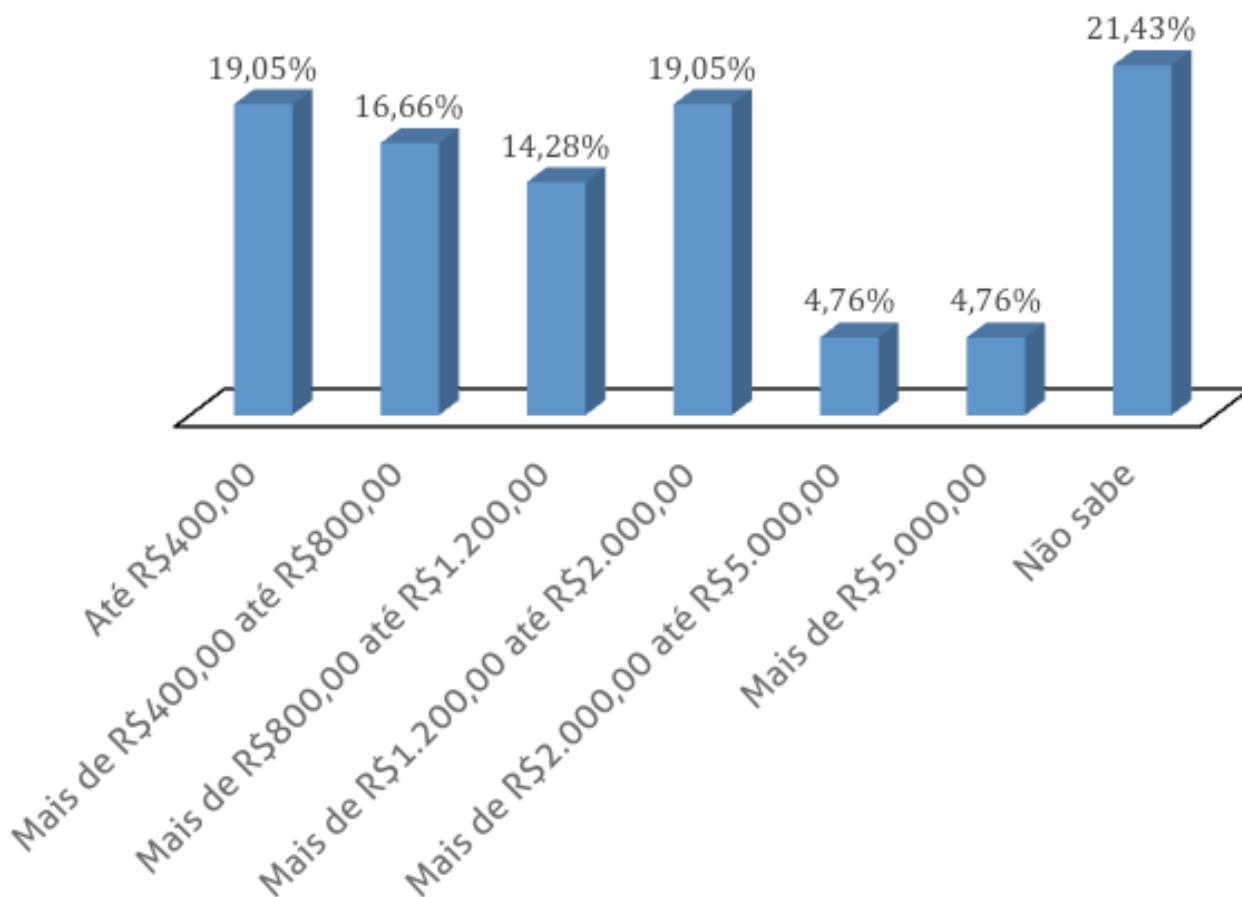
## GRÁFICO 48 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE POSSUEM CARTEIRA ASSINADA NA OUTRA OCUPAÇÃO.



*\*Dados referentes a 48 entrevistadas que declararam, em pergunta anterior, ter outra ocupação para além do trabalho sexual.*

Também se questionou às entrevistadas (que declararam ter outra ocupação, para além do trabalho sexual) se teriam carteira assinada nesta ocupação. 83,33% (40) responderam que não, enquanto apenas 16,67% (8) declarou que sim.

## GRÁFICO 49 - DISTRIBUIÇÃO DOS RENDIMENTOS MENSAIS DAS ENTREVISTADAS EM OUTRAS OCUPAÇÕES.



\*Dados referentes a 42 participantes

\*\* Destaca-se que por se tratar de uma questão delicada, como o é a de declaração de rendimento, conjugada às condições de aplicação do questionário (muitas vezes na presença de outras travestis/mulheres transexuais), esses valores podem apresentar-se superestimados. Dados dos diários de campo também vêm a confirmar esta observação.

No que se refere ao rendimento mensal obtido através de outra ocupação, 19,05% (8) das entrevistadas declararam receber até R\$400,00; 16,66% (7) mais de R\$400,00 até R\$800,00; 14,28% (6) mais de R\$800,00 até R\$1.200,00; 19,05% (8) mais de R\$1.200,00 até R\$2.000,00; 4,76% (2) mais de R\$2.000,00 até R\$5.000,00; 4,76% (2) mais de R\$5.000,00; e 21,43% (9) responderam não saber quanto obtinham em rendimento de outras ocupações.



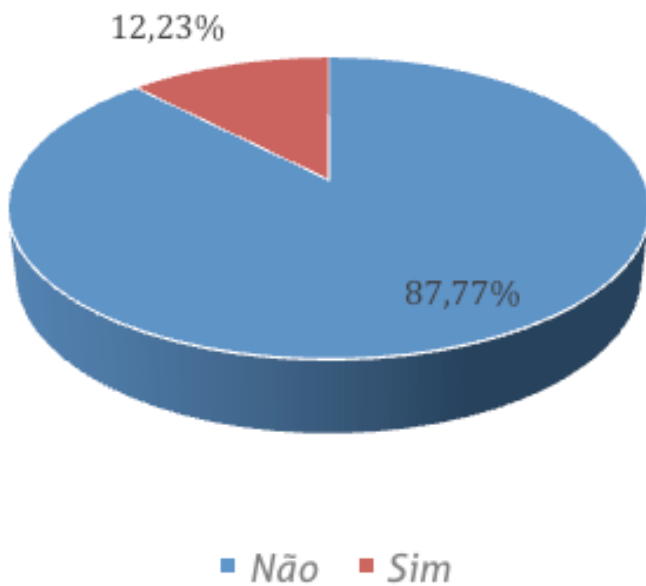
**TABELA 6 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DAS FAIXAS DE RENDIMENTO MENSAL\* POR OUTRAS OCUPAÇÕES.**

FAIXA SALARIAL	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Até 1 salário mínimo	9	27,30%
Entre 1 e 2 salários mínimos	13	39,40%
Entre 2 e 5 salários mínimos	8	24,20%
Entre 5 e 10 salários mínimos	1	3,00%
Acima de 10 salários mínimos	2	6,10%
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100,0%</b>

*\*Baseado na média dos salários mínimos dos 3 anos de entrevista (2012 a 2014)*

No que se refere ao rendimento mensal obtido em outra ocupação (que não o trabalho sexual) em salários mínimos, 27,30% (9) das entrevistadas recebem até 1 salário mínimo; 39,40% (13) entre 1 e 2 salários mínimos; 24,20% (8) entre 2 e 5 salários mínimos; 3,00% (1) entre 5 e 10 salários mínimos; e 6,10% (2) acima de 10 salários mínimos.

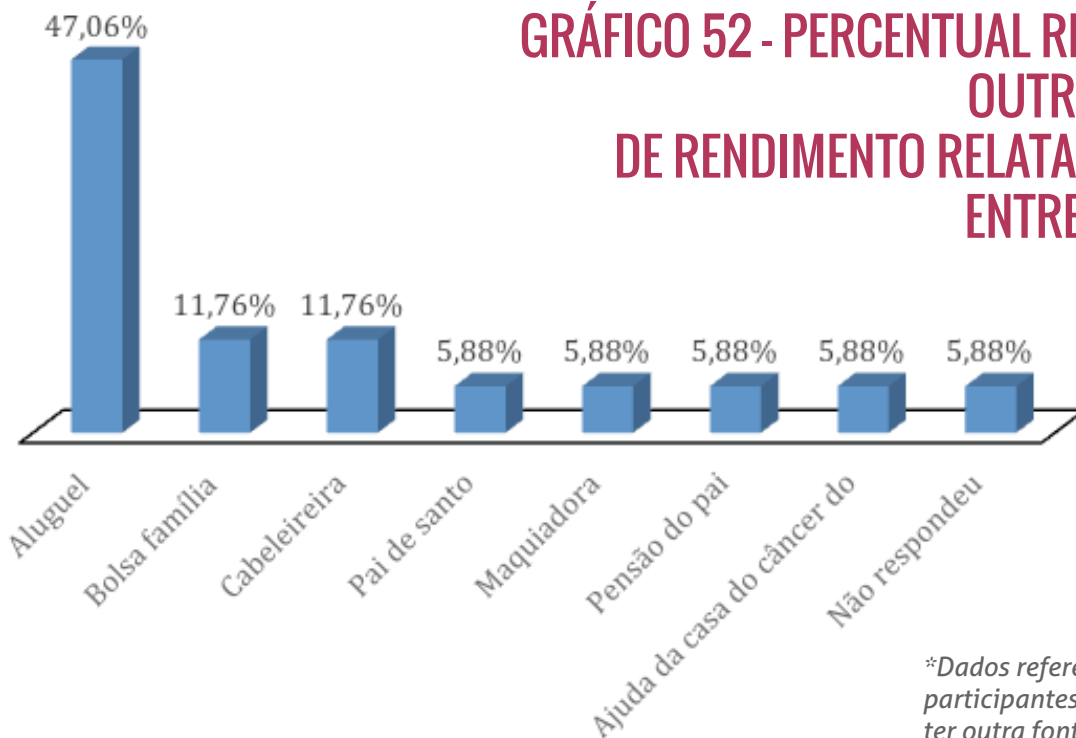
## GRÁFICO 51 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE POSSUEM OUTRA FONTE DE RENDIMENTO, PARA ALÉM DO TRABALHO SEXUAL E DA OUTRA OCUPAÇÃO.



*\*Dados referentes a 139 participantes que responderam esta pergunta.*

Para além do trabalho sexual e da outra ocupação declarada, também foi perguntado às entrevistadas se elas ainda teriam outra fonte de rendimento. 87,77% (122) responderam que não e 12,23% (17) disseram que sim

## GRÁFICO 52 - PERCENTUAL RELATIVO ÀS OUTRAS FONTES DE RENDIMENTO RELATADAS PELAS ENTREVISTADAS.

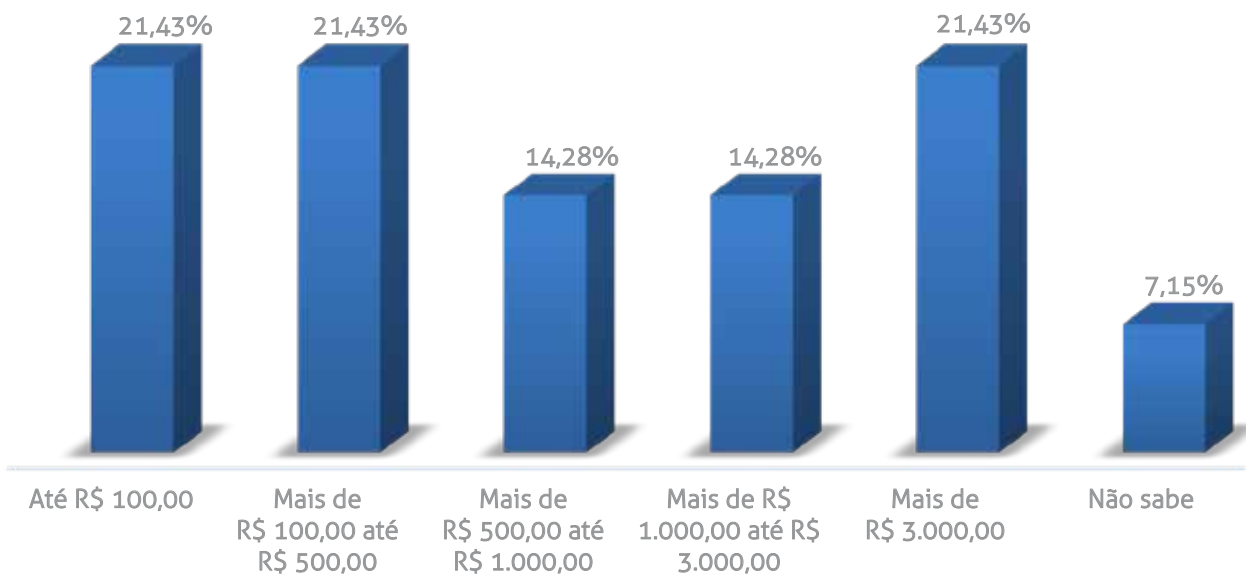


*\*Dados referentes a 17 participantes que declararam ter outra fonte de rendimento.*

Dentre as 17 entrevistadas que declararam ter outra fonte de rendimento, 47,06% (8) responderam que sua outra fonte de rendimento vem de aluguel recebido; 11,76% (2) de bolsa família; 11,76% (2) por prestar serviço de cabeleireira; 5,88% (1) como pai de santo; 5,88% (1) como maquiadora; 5,88% (1) recebe pensão do pai; 5,88% (1) recebe ajuda da Casa do Câncer do Planalto e 5,88% (1) não respondeu qual é esta fonte de rendimento.



## GRÁFICO 53 - DISTRIBUIÇÃO DOS RENDIMENTOS MENSAIS DAS ENTREVISTADAS OBTIDOS DE OUTRAS FONTES QUE NÃO O TRABALHO SEXUAL E A OUTRA OCUPAÇÃO.



\*Dados referentes a 14 participantes que responderam esta pergunta.

\*\*Destaca-se que por se tratar de uma questão delicada, como o é a de declaração de rendimento, conjugada às condições de aplicação do questionário (muitas vezes na presença de outras travestis/ mulheres transexuais), esses valores podem apresentar-se superestimados. Dados dos diários de campo também vêm a confirmar esta observação

No que se refere ao rendimento mensal obtido de outras fontes, 21,43% (3) das entrevistadas declararam receber até R\$100,00; 21,43% (3) mais de R\$100,00 até R\$500,00; 14,28% (2) mais de R\$500,00 até R\$1.000,00; 14,28% (2) mais de R\$1.000,00 até R\$3.000,00; 21,43% (3) mais de R\$3.000,00; e 7,14% (1) respondeu não saber quanto obtinha de rendimento de outras fontes.



## TABELA 7 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DAS FAIXAS DE RENDIMENTO MENSAL\* POR OUTRAS FONTES DE RENDIMENTO (QUE NÃO O TRABALHO SEXUAL E A OUTRA OCUPAÇÃO).

FAIXA SALARIAL	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Até 1 salário mínimo	6	46,10%
Entre 1 e 2 salários mínimos	2	15,40%
Entre 2 e 5 salários mínimos	2	15,40%
Entre 5 e 10 salários mínimos	2	15,40%
Acima de 10 salários mínimos	1	7,70%
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100,0%</b>

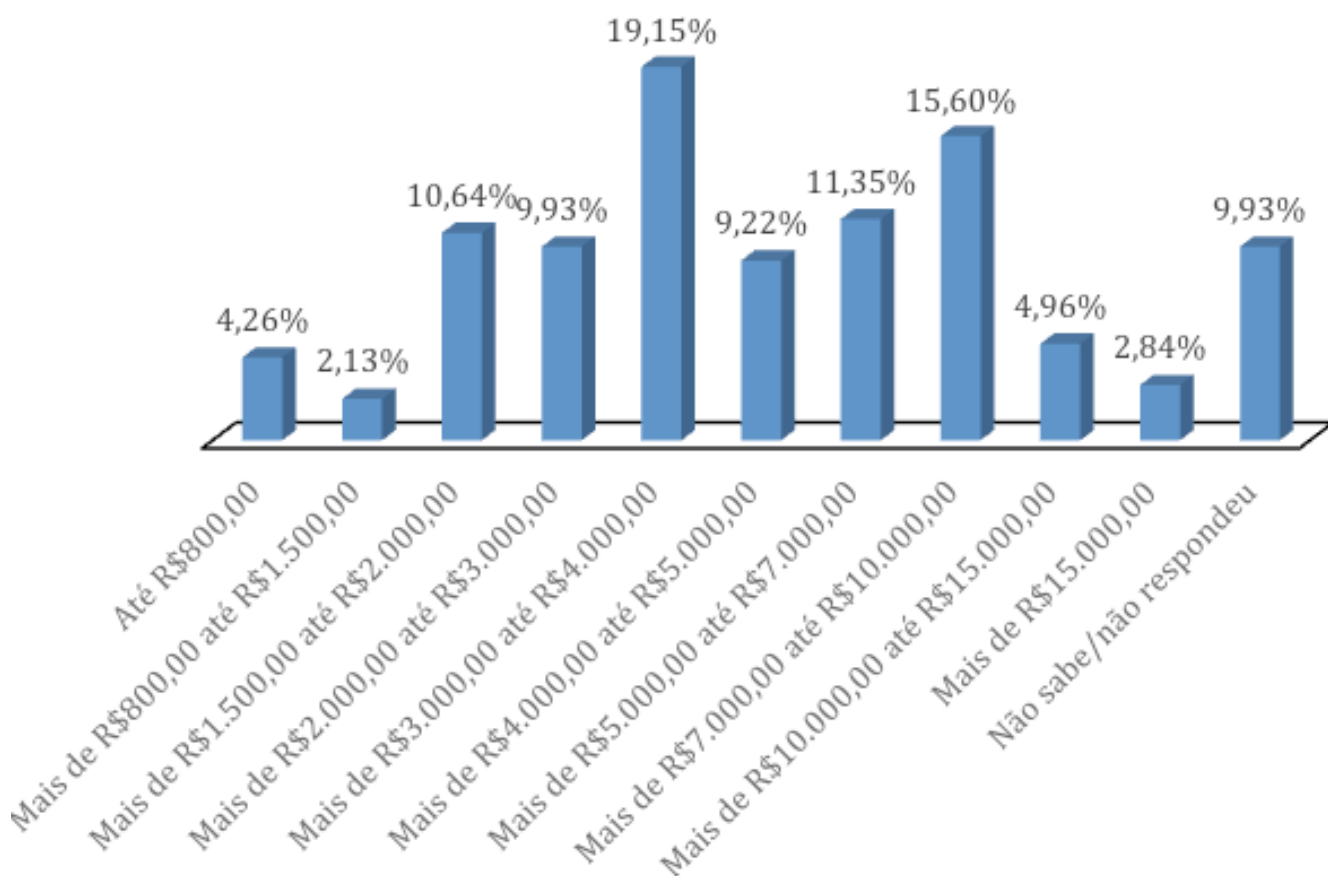
\*Baseado na média dos salários mínimos dos 3 anos de entrevista (2012 a 2014)

\*Os intervalos foram construídos tendo como referência a média salarial dos anos de 2012, 2013 e 2014, anos em que a pesquisa foi realizada. Calculou-se a média da seguinte maneira: R\$622,00 (2012) + R\$ 678,00 (2013) + R\$ 724,00 (2014) = R\$ 2.024,00 / 3. Logo, o valor final foi de R\$ 674,66, valor referência para a construção dos intervalos.

\*\*Os dados referem-se a um total de 13 participantes.

No que se refere ao rendimento mensal obtido por outra fonte (que não o trabalho sexual e a outra ocupação), quando pensado em salários mínimos, verifica-se que 46,10% (6) das entrevistadas recebem até 1 salário mínimo; 15,40% (2) entre 1 e 2 salários mínimos; 15,40% (2) entre 2 e 5 salários mínimos; 15,40% (2) entre 5 e 10 salários mínimos; e 7,70% (1) acima de 10 salários mínimos.

## GRÁFICO 55 - DISTRIBUIÇÃO DOS RENDIMENTOS MENSIS TOTAIS\*\* DAS ENTREVISTADAS.



\*Dados referentes a 141 participantes

\*\*Não se perguntou às entrevistadas qual seria seu rendimento mensal total. As informações acima foram levantadas a partir do cálculo de todos os rendimentos declarados pelas entrevistadas em suas atividades (trabalho sexual + outra ocupação + outra fonte). Ressalta-se, logo, que os valores acima não são reais devido tanto ao cálculo aproximado quanto às condições que envolveram as próprias aplicações de questionário (muitas vezes na presença de outras travestis/ mulheres transexuais). Esses valores podem apresentar-se, portanto, superestimados

A partir do cálculo de todas as rendas declaradas pelas entrevistadas, verifica-se que 4,26% (6) das entrevistadas recebem até R\$800,00; 2,13% (3) mais de R\$800,00 até R\$1.500,00; 10,64% (15) mais de R\$1.500,00 até R\$2.000,00; 9,93% (14) mais de R\$2.000,00 até R\$3.000,00; 19,15% (27) mais de R\$3.000,00 até R\$4.000,00; 9,22% (13) mais de R\$4.000,00 até R\$5.000,00; 11,35% mais de R\$5.000,00 até R\$7.000,00; 15,60% (22) mais de R\$7.000,00 até R\$10.000,00; 4,96% (7) mais de R\$10.000,00 até R\$15.000,00; 2,84% (4) mais de R\$15.000,00; e 9,93% (14) é o total daquelas cujos rendimentos não puderam ser calculados.

Para analisar a renda das entrevistadas é imprescindível se considerar as assimetrias no campo das relações de gênero como, mais especificamente, a inserção do público investigado em um registro bastante singular: o trabalho sexual. Tal categoria profissional está vinculada à informalidade, sem praticamente nenhuma garantia trabalhista e que, por suas características político-instituídas, tende a expor suas profissionais a situações de violências, chantagens e extorsões. Além disso, é necessário pontuar que esta é uma carreira curta, o que traz instabilidade na remuneração das profissionais desta área com o passar do tempo, sendo praticamente inviável uma construção de plano de carreira.

É preciso considerar também o quanto sua renda fica comprometida com seus gastos cotidianos: a manutenção e construção de uma identidade feminina marca suas experiências, na maioria das vezes, por um alto e constante investimento de capital no campo da estética e beleza – requisitos fundamentais em sua atividade laboral. Somando-se esses valores aos demais dispêndios envolvidos em seus processos de modificação e construção corporal, verifica-se que embora parte significativa dessas pessoas possam adquirir uma renda relativamente alta no mercado sexual, os gastos envolvidos nesses processos também são muito grandes.

Ademais, os dados coletados na pesquisa sobre acessos a direitos, demonstram que essa renda não necessariamente implica em um poder aquisitivo comparável ao restante da população com igual renda, uma vez que os efeitos da transfobia podem inflacionar seu custo de vida, tornando seu acesso a determinados bens e serviços muito mais oneroso do que se observa em geral – fato que é corroborado ao nos voltarmos para esferas como moradia, lazer, saúde e educação, âmbitos que permanecem como um campo cuja trajetória social revela uma incorporação precária de um certo modelo de bem-estar.



**TABELA 8 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DAS FAIXAS DE RENDIMENTO MENSAL\* POR TODAS AS FONTES DE RENDA.**

FAIXA SALARIAL	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Até 1 salário mínimo	3	2,40%
Entre 1 e 2 salários mínimos	4	3,90%
Entre 2 e 5 salários mínimos	38	29,90%
Entre 5 e 10 salários mínimos	46	36,20%
Acima de 10 salários mínimos	35	27,60%
<b>Total</b>	<b>127</b>	<b>100,0%</b>

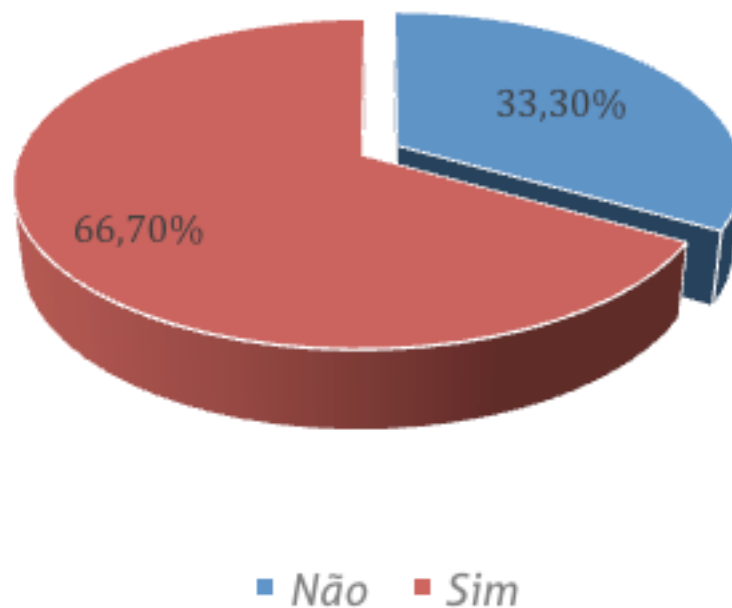
\*Os intervalos foram construídos tendo como referência a média salarial dos anos de 2012, 2013 e 2014, anos em que a pesquisa foi realizada. Calculou-se a média da seguinte maneira: R\$622,00 (2012) + R\$ 678,00 (2013) + R\$ 724,00 (2014) = R\$ 2.024,00 / 3. Logo, o valor final foi de R\$ 674,66, valor referência para a construção dos intervalos.

\*\*Os dados referem-se a um total de 127 participantes.

No que se refere ao rendimento mensal total obtido em todas as ocupações, quando pensando em salários mínimos, verifica-se que 2,40% (3) das entrevistadas recebem até 1 salário mínimo; 3,90% (5) entre 1 e 2 salários mínimos; 29,90% (38) entre 2 e 5 salários mínimos; 36,20% (46) entre 5 e 10 salários mínimos; e 27,60% (35) acima de 10 salários mínimos.



## GRÁFICO 57 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE AJUDAM OUTRAS PESSOAS COM SUA RENDA TOTAL.

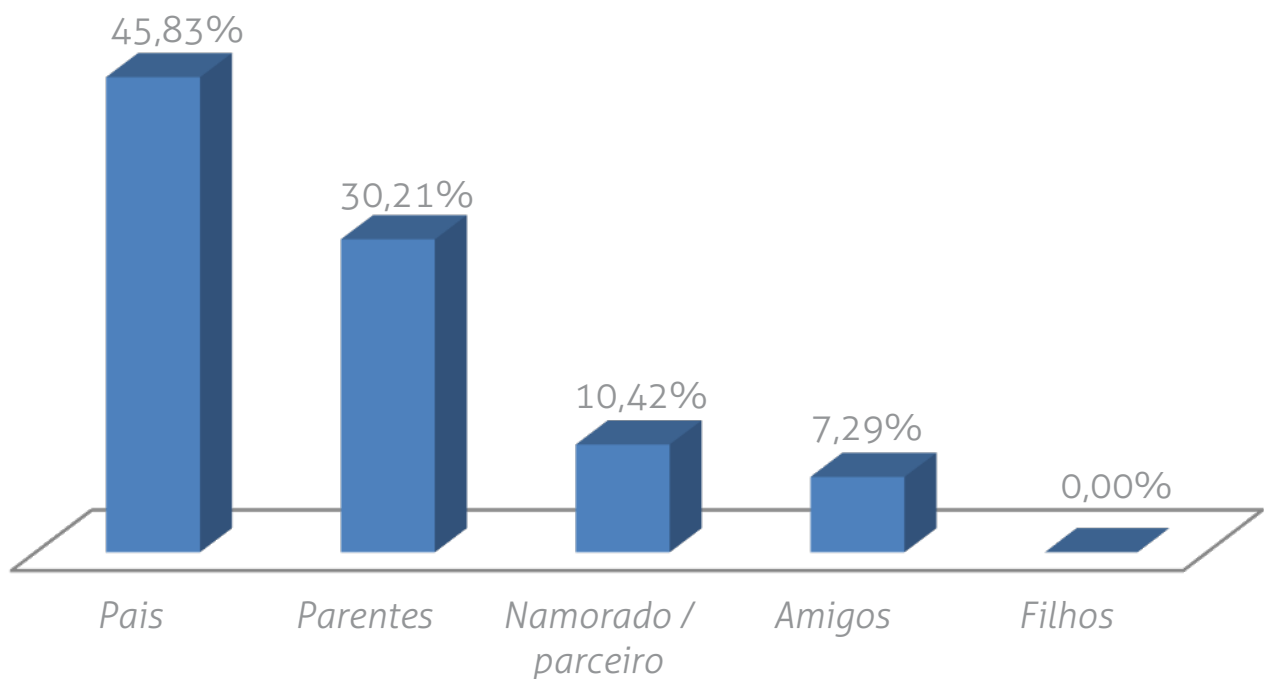


*\*Dados referentes a 141 participantes*

Ao se perguntar às entrevistadas se, com sua renda total, elas ajudavam outras pessoas, 66,70% (94) responderam que sim, enquanto 33,30% (47) disseram que não.



## GRÁFICO 58 - PERCENTUAL DAS PESSOAS A QUEM AS ENTREVISTADAS AJUDAM COM SUA RENDA TOTAL.



*\*Dados referentes a 96 entrevistadas que declararam ajudar outras pessoas com sua renda total.*

Dentre aquelas que declararam ajudar alguém com sua renda total, 45,83% (44) disseram ajudar os pais; 30,21% (29) ajudam parentes; 10,42% (10) ajudam namorado/parceiro; e 7,29% (7) disseram ajudar amigos. Ressalta-se que nesta questão as participantes podiam escolher mais de uma opção. Apareceram também as seguintes opções que não estavam contempladas no questionário:

## TABELA 9 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE OUTRAS PESSOAS A QUEM AS ENTREVISTADAS AJUDAM COM SUA RENDA TOTAL.

PESSOAS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Mãe	33	34,37%
Pai de santo	1	1,04%
Pai	1	1,04%
Irmãos	12	12,5%
Família	1	1,04%
Comunidade	1	1,04%
Creche/asilo	1	1,04%

*\*Dados referentes a 96 entrevistadas que declararam ajudar outras pessoas com sua renda total.*

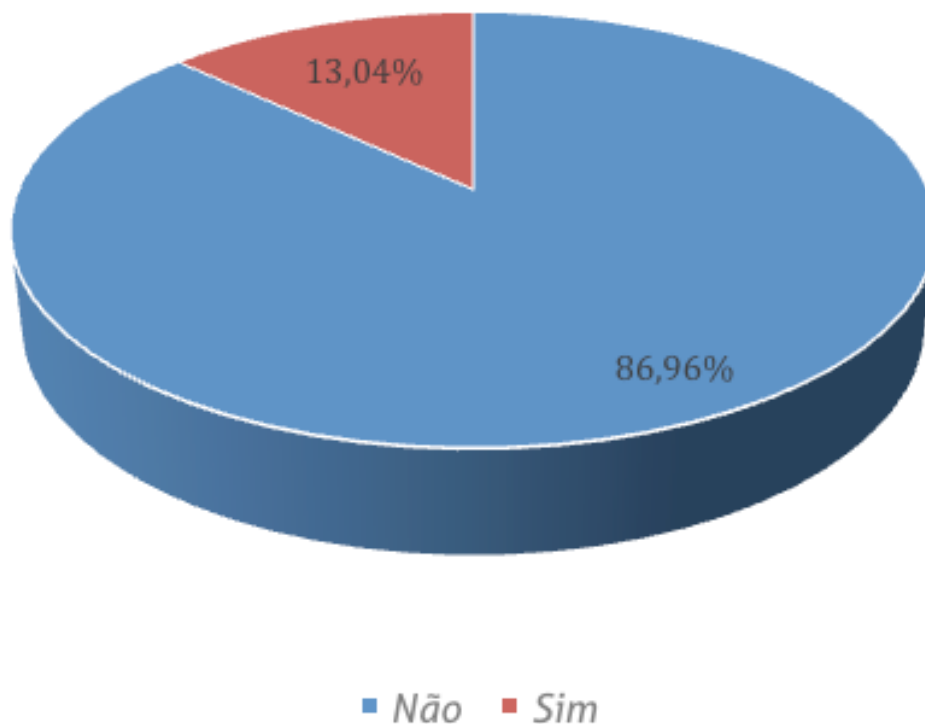
Ainda entre as 96 participantes que declararam ajudar outras pessoas com sua renda total, 34,37% (33) disseram ajudar a mãe; 1,04% (1) disse ajudar pai de santo; 1,04% (1) disse ajudar o pai; 12,5% (12) disseram ajudar irmãos; 1,04% (1) disse ajudar a família; 1,04% (1) disse ajudar a comunidade; e 1,04% (1) disse ajudar creche/asilo com sua renda total.

No entanto, destaca-se que muitas das participantes desconheciam a possibilidade de contribuir ao INSS como autônoma, uma vez que o trabalho sexual ainda não é regulamentado.





## GRÁFICO 59- PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE CONTRIBUEM AO INSS\*\*

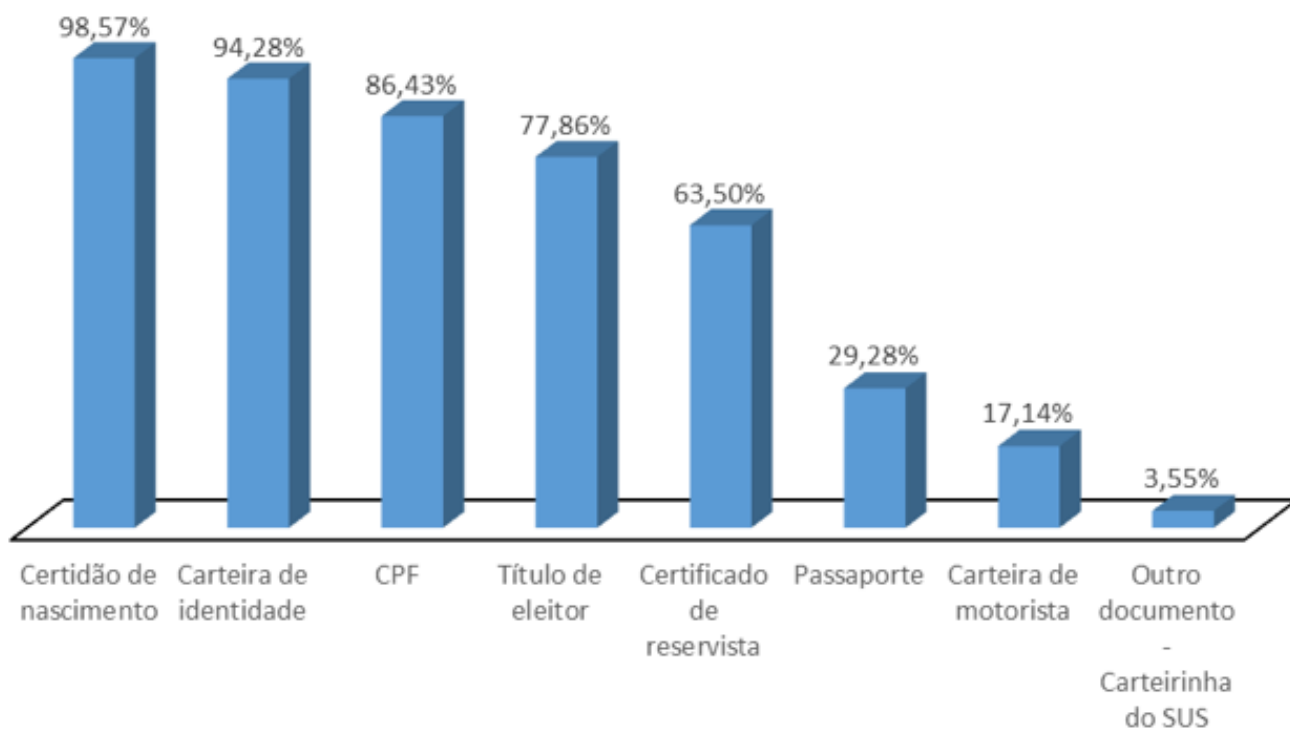


\*Dados referentes a 138 participantes que responderam esta pergunta.

\*\* Instituto Nacional do Seguro Social. Órgão do Ministério da Previdência Social responsável por receber as contribuições dos indivíduos e tem como função fazer os pagamentos de aposentadoria, auxílio-doença, pensão por morte, auxílio-acidente e outros vários benefícios previstos por lei.

No que se refere à contribuição previdenciária, de 138 respostas válidas para a pergunta, apenas 13,04% (18) responderam pagar o INSS, enquanto 86,96% (120) responderam que não.

## GRÁFICO 60 - PERCENTUAL DA NATUREZA DOS DOCUMENTOS QUE AS ENTREVISTADAS POSSUEM



\* Dados referentes a um total de 140 participantes, exceto no caso do certificado de reservista, que refere-se a um total de 137 participantes.

No que se refere à documentação que as entrevistadas relataram possuir, 98,57% (138) delas possuem certidão de nascimento; 94,28% (132) carteira de identidade; 86,43% (121) CPF, 77,86% (109) título de eleitor, 63,50% (87) certificado de reservista; 29,28% (41) passaporte; 17,14% (24) carteira de motorista; 3,55% (5) outro documento, como, por exemplo, carteirainha do SUS.





## 3.8 TRANSFORMAÇÃO CORPORAL



## TABELA 10 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DOS TRABALHOS QUE AS ENTREVISTADAS TIVERAM ANTES DA TRANSFORMAÇÃO DO CORPO

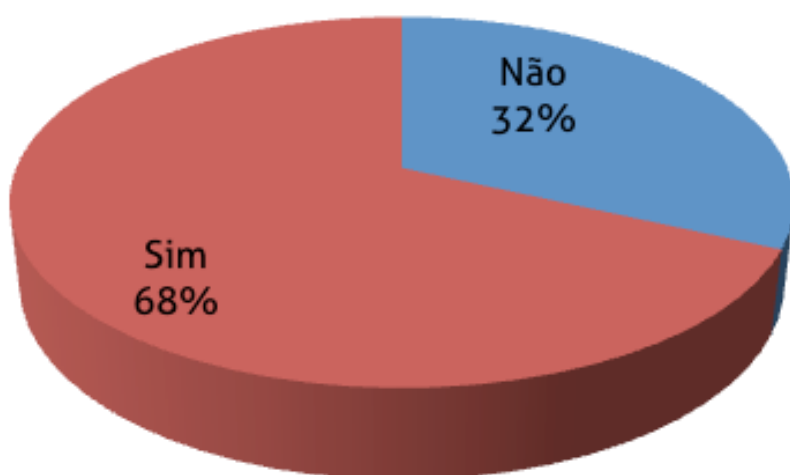
TRABALHO ANTES DA TRANSFORMAÇÃO	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Atendente	23	15,23
Cabeleireira	17	11,26
Serviços de limpeza / emprego doméstico	16	10,60
Caixa / reposição de mercadoria / auxiliar	11	7,28
Vendedor / Representante vendas	9	5,96
Maquiagem, depilação, estética, auxiliar para cabeleireiro	7	4,64
Babá	5	3,31
Professora(o)	5	3,31
Servente / Serviços gerais	5	3,31
Auxiliar administrativo / trabalho em escritório	4	2,65
Estágio / menor aprendiz	4	2,65
Serviços em fábricas	4	2,65
Cozinha / confeitaria	3	1,99
Enfermeira / área de saúde / auxiliar de enfermagem	3	1,99
Pizzaiola(o) / padeira(o)	3	1,99
Serviço para governo / serviço público	3	1,99
Telemarketing	3	1,99
Trabalho rural	3	1,99
Cantora(cantor), dançarina(o)	2	1,32
Costureira	2	1,32
Garçonete/garçom	2	1,32
Office boy	2	1,32
Pintor / pedreiro / auxiliares na área de construção	2	1,32
Prostituição	2	1,32
Trabalhos na Usiminas	2	1,32
Banho e Tosa clínica veterinária	1	0,66
Camareira	1	0,66
Cambista	1	0,66
Cuidadora de idosos	1	0,66
Informática	1	0,66
Jardineiro	1	0,66
Oficina	1	0,66
Projetos de iluminação	1	0,66
Recreação infantil	1	0,66
<b>Total</b>	<b>151</b>	<b>100,00</b>

\*Dados referentes a 151 respostas válidas, visto que foi possível responder mais de uma opção.

Perguntou-se qual o trabalho que as entrevistadas tiveram antes da transformação do corpo. Os números foram computados tendo como base o número de vezes em que cada profissão foi citada pelas entrevistadas, ou seja, os percentuais referem-se ao percentual de respostas e não de entrevistadas. Nesse sentido, a profissão de atendente foi citada 23 vezes entre as entrevistas, o que corresponde a um percentual de 15,23%. A profissão de cabeleireira apareceu num total de 17 vezes (11,26%). Emprego doméstico/serviços de limpeza foi citado 16 vezes (10,60%), caixa/reposição de mercadoria/auxiliar foi citado num total de 11 vezes (7,28%) e vendedor/representante de vendas num total de 9 vezes (5,96%). A profissão de auxiliar para cabeleireiro e atividades relacionadas à maquiagem, depilação, estética foi citada 7 vezes (4,64%). As profissões de babá, professor(a) e servente/serviços gerais foram citadas num total de 5 vezes (3,31%) cada.

Auxiliar administrativo e trabalho em escritório, estágio/ menor aprendiz e serviços em fábricas foram citados, todos eles separadamente, 4 vezes (2,65%). As profissões de cozinheira/ confeitadeira, auxiliar de enfermagem/ enfermagem/ área de saúde, pizzaiolo(a) / padeiro(a), serviço para governo/ serviço público, telemarketing e, por fim, trabalho rural foram citadas num total de 3 vezes (1,99%). Já as profissões de cantora (cantor) / dançarina(o), costureira, garçomete/ garçom, office boy, pintor/ pedreiro/ auxiliares na área de construção, prostituição e trabalhos na empresa Usiminas foram citadas num total e 2 vezes entre as entrevistadas (1,32%). Por fim, as profissões de camareira, funcionários de banho e tosa em clínicas veterinárias, cambista, cuidadora de idosos, informática, jardineiro, oficina, projetos de iluminação e recreação infantil foram citadas apenas 1 vez entre as entrevistadas (0,66%). Ao todo, pode-se dizer que 151 exercícios de atividades profissionais foram citados (sendo que, como apresentado, o número de vezes que muitas destas atividades profissionais apareceram foi maior que 1).

## GRÁFICO 60 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TIVERAM OUTRO TRABALHO ANTES DA TRANSFORMAÇÃO.



\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.

Dentre as 141 travestis entrevistadas, 68% (96) responderam que tiveram outro trabalho antes da transformação do corpo.

## TABELA 11 - FREQUÊNCIA, PERCENTUAL E PERCENTUAL ACUMULADO DA IDADE QUE AS ENTREVISTADAS COMEÇARAM A SE VESTIR COM ROUPAS FEMININAS.

IDADE QUE COMEÇOU A SE VESTIR COM ROUPAS FEMININAS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL	PERCENTUAL ACUMULADO (%)
2	1	0,71	0,71
6	1	0,71	1,42
7	2	1,42	2,84
9	1	0,71	3,55
10	4	2,84	6,38
11	6	4,26	10,64
12	12	8,51	19,15
13	12	8,51	27,66
14	9	6,38	34,04
15	26	18,44	52,48
16	14	9,93	62,41
17	12	8,51	70,92
18	12	8,51	79,43
19	11	7,80	87,23
20	5	3,55	90,78
21	3	2,13	92,91
22	1	0,71	93,62
23	2	1,42	95,04
24	2	1,42	96,45
26	2	1,42	97,87
27	2	1,42	99,29
39	1	0,71	100,00
<b>Total</b>	<b>141</b>	<b>100,00</b>	

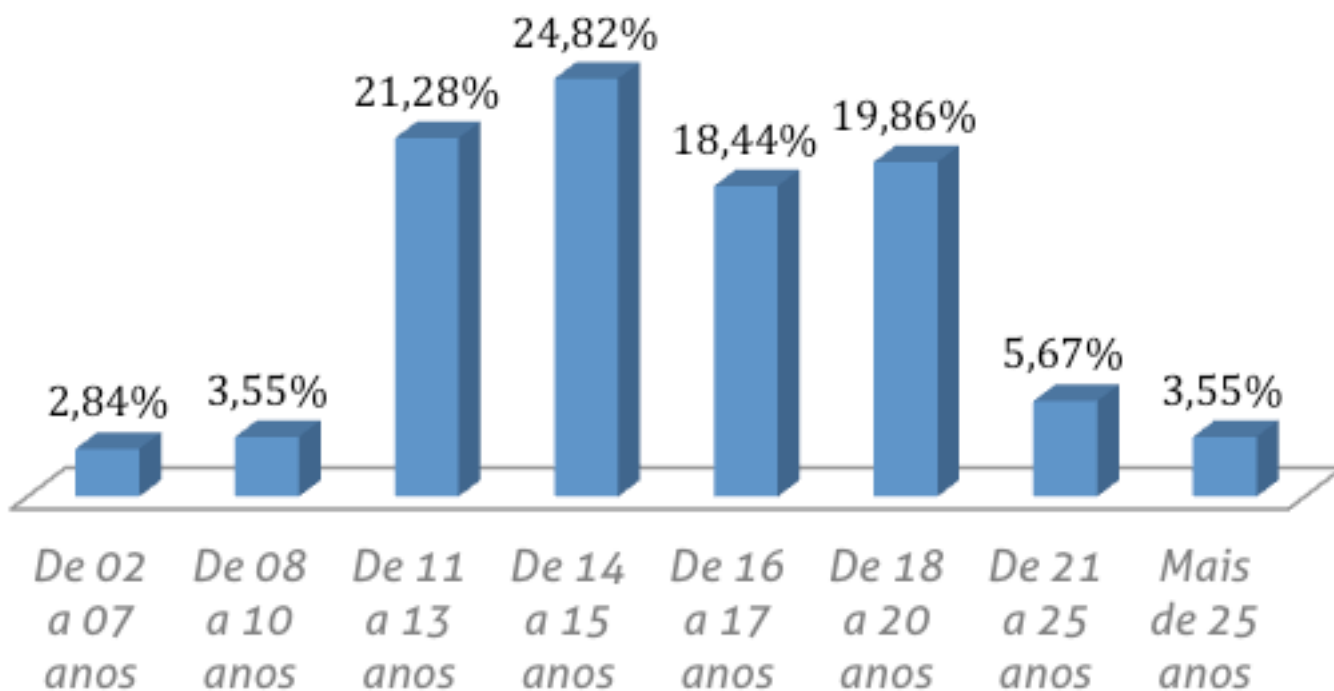
\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.

Foi perguntada a idade com a qual as entrevistadas começaram a se vestir com roupas femininas. 0,71% (1) das entrevistadas começou a se vestir com 2 anos; 0,71% (1) das entrevistadas respondeu que começou a se vestir com roupas femininas aos 6 anos, o mesmo percentual de entrevistadas (equivalente a 1), afirmou que tal fato ocorreu quando ela tinha 9 anos. 1,42% (2) das entrevistadas responderam que aos 7 anos começaram a vestir roupas femininas, ao passo que 2,84% (4) responderam que isso ocorreu aos 10 anos. 4,26% (6) das entrevistadas afirmaram que aos 11 anos começaram a se vestir com roupas femininas e 8,51% (12) das entrevistadas responderam que aos 12 anos começaram a se vestir assim. O mesmo percentual (8,51%) equivale às travestis e mulheres transexuais que aos 13 anos começaram a se vestir com roupas femininas. 6,38% (9) das entrevistadas disseram que a idade com a qual começaram a se vestir com roupas femininas foi aos 14 anos, 18,44% (26) responderam que isso ocorreu aos 15 anos e 9,93% (14) responderam que o mesmo fato ocorreu com elas aos 16 anos.

O percentual de travestis e mulheres transexuais que começaram a se vestir com roupas femininas aos 17 anos corresponde a 8,51% (12), o mesmo percentual (8,51%) vale para aquelas que começaram a se vestir com roupas femininas aos 18 anos. 7,8% (11) das entrevistadas responderam que aos 19 anos começaram a se vestir com roupas femininas, ao passo que 3,55% (5) afirmaram que isso ocorreu aos 20 anos de idade. 2,13% (3) das entrevistadas disseram que aos 21 anos começaram a se vestir com roupas femininas e 0,71% (1) disse que tal fato ocorreu aos 22 anos de idade. 1,42% (2) das entrevistadas responderam que aos 23 anos de idade começaram a se vestir com roupas femininas. O mesmo percentual de entrevistadas (1,42%) também corresponde àquelas que aos 24 anos começaram a se vestir assim. Esse mesmo percentual (1,42%) também diz respeito às que começaram a se vestir com roupas femininas aos 26 anos e também às que começaram a se vestir assim aos 27 anos (também 1,42%). Por fim, 0,71% (1) das entrevistadas afirmou que aos 35 anos começou a se vestir com roupas femininas.



## GRÁFICO 61 - PERCENTUAL DA IDADE QUE AS ENTREVISTADAS COMEÇARAM A SE VESTIR COM ROUPAS FEMININAS.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Das informações referentes à questão sobre a idade em que iniciaram a se vestir com roupas femininas, pode-se inferir que 2,84% (4) das entrevistadas se encontravam na faixa etária dos 02 aos 07 anos quando começaram a se vestir com roupas femininas. 3,55% (5) das entrevistadas começaram a se vestir com roupas femininas dos 08 aos 10 anos; 21,28% (30) das entrevistas começaram a se vestir com roupas femininas dos 11 aos 13 anos; 24,82% (35) das entrevistadas começaram a se vestir com roupas femininas dos 14 aos 15 anos; ao passo que 18,44% (26) das entrevistadas que começaram na faixa dos 16 aos 17 anos. Ainda dentre as entrevistadas, 19,86% (28) são aquelas que dos 18 aos 20 anos de idade começaram a se vestir com roupas femininas, 5,67% (8) responderam que dos 21 aos 25 anos começaram a se vestir com roupas femininas e 3,55% (5) das entrevistadas responderam que tal fato ocorreu quando elas tinham mais de 25 anos.

Obs.: Percebe-se que o maior número de travestis e mulheres transexuais responderam que começaram a se vestir com roupas femininas quando tinham entre 14 e 15 anos e a faixa etária de maior concentração de respostas é entre 11 e 20 anos.

## TABELA 12 - FREQUÊNCIA, PERCENTUAL E PERCENTUAL ACUMULADO DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS DEMORAM PARA SE PRODUIZIR PARA O TRABALHO - EM MINUTOS

MINUTOS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL VÁLIDO (%)	PERCENTUAL ACUMULADO (%)
2	1	0,72	0,72
5	3	2,17	2,90
10	3	2,17	5,07
15	4	2,90	7,97
20	15	10,87	18,84
25	1	0,72	19,57
30	27	19,57	39,13
40	17	12,32	51,45
45	2	1,45	52,90
50	1	0,72	53,62
60	31	22,46	76,09
80	1	0,72	76,81
90	8	5,80	82,61
120	18	13,04	95,65
150	1	0,72	96,38
180	2	1,45	97,83
240	3	2,17	100,00
<b>Total</b>	<b>138</b>	<b>100,00</b>	

*\*Dados referentes a 138 participantes que responderam esta pergunta.*

A pergunta seguinte foi referente ao tempo gasto pelas entrevistadas para se vestirem para o trabalho. É necessário apontar que aqui o tempo considerado deu-se em minutos. 0,72% (1) das entrevistadas respondeu que gasta 2 minutos para se arrumar para o trabalho. 2,17% (3) das entrevistadas responderam que o tempo gasto para se arrumar para o trabalho equivale a 5 minutos. O mesmo percentual de entrevistadas (2,17%) respondeu que esse tempo é de 10 minutos.

2,90% (4) das entrevistadas afirmaram que gastam 15 minutos para se arrumarem para o trabalho, ao passo que 10,87% (15) responderam que o tempo gasto é de 20 minutos. 0,72% (1) respondeu que gasta 25 minutos para se arrumar para o trabalho e 19,57% (27) das entrevistadas responderam que esse tempo corresponde a 30 minutos. 12,32% (17) das entrevistadas afirmaram que para trabalhar, gastam 40 minutos para se arrumarem e 1,45% (2) responderam que demoram 45 minutos também para se arrumar para o trabalho. 0,72% (1) das entrevistadas respondeu que

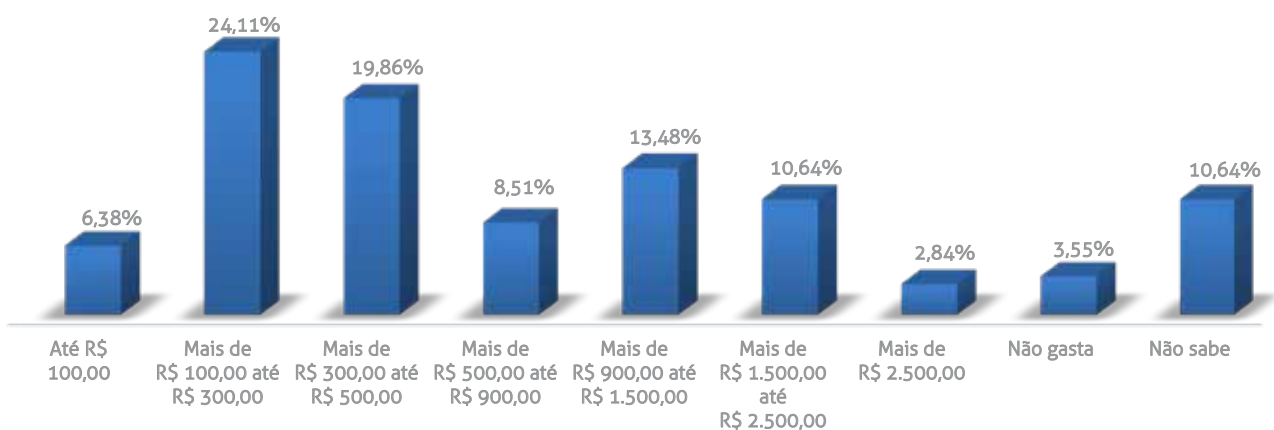
gasta 50 minutos para se arrumar para o trabalho. 22,46% (31) das entrevistadas responderam que gastam 60 minutos para se arrumarem. 0,72% (1) das entrevistadas disse que o tempo gasto é de 80 minutos e 5,80% (8) das entrevistadas afirmaram que o tempo gasto para se arrumarem para o trabalho é de 90 minutos. 13,04% (18) das travestis e mulheres transexuais que responderam a essa pergunta disseram que gastam 120 minutos para se arrumar para o trabalho, ao passo que 0,72% (1) das que responderam disse que o tempo gasto é de 150 minutos. Finalmente, 1,42% (2) disse que gasta 180 minutos para se arrumar e 2,17% (3) das entrevistadas responderam que o tempo gasto é de 240 minutos.

Obs.: O maior percentual de entrevistadas que responderam a essa pergunta afirmou que o tempo gasto para se arrumar para o trabalho é de 60 minutos. O menor intervalo de tempo que apareceu entre as respostas foi o de 2 minutos, afirmado por 0,72% das entrevistadas, e o maior intervalo de tempo obtido foi o de 240 minutos, 4 horas, afirmado por 2,17% das entrevistadas. Do total de respostas, a média de tempo e desvio padrão obtidos foram de 58,78 ( $\pm 46,10$ ) minutos, o que equivale a dizer que, de um modo geral, as travestis e mulheres transexuais que responderam a essa pergunta demoram entre 12,68 e 102,88 minutos para se arrumarem para o trabalho.

Por fim, é também importante informar que em algumas respostas foi mencionado um intervalo de tempo e, nestes casos, para a análise dos dados considerou-se a média de tempo. Por exemplo: se alguma entrevistada citou o intervalo de tempo de 120 a 180 minutos, o que equivale dizer de 2 a 3 horas, considerou-se 150 minutos (média) como a resposta final para a criação da tabela.

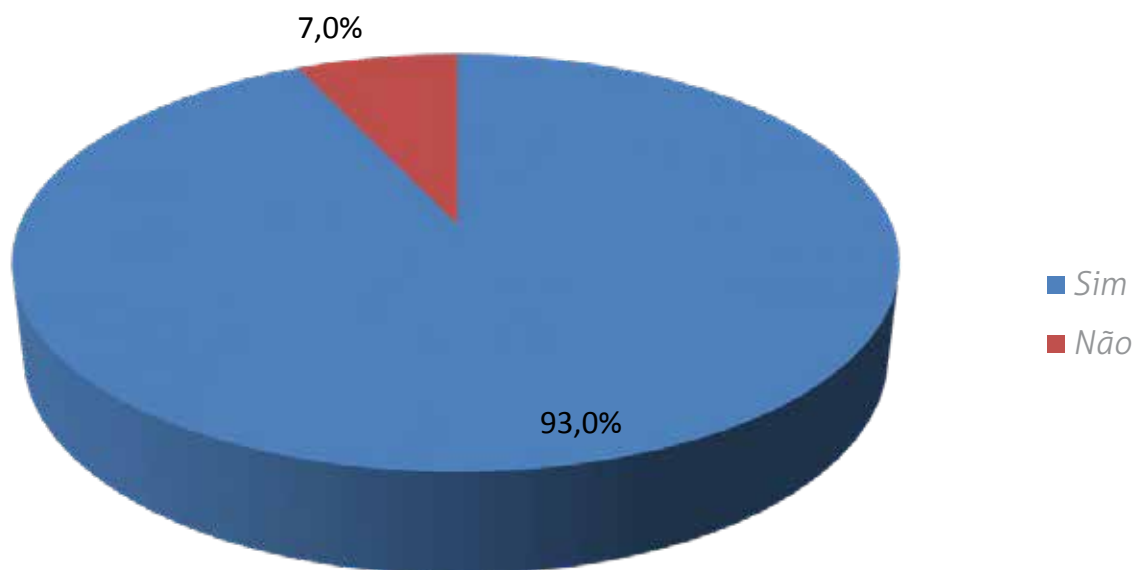
## GRÁFICO 62 - PERCENTUAL DO QUANTO AS ENTREVISTADAS GASTAM, EM MÉDIA, POR MÊS, COM ESTÉTICA.

*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*



Com relação ao valor gasto com estética, incluindo cabeleireiro, roupas, entre outros, 6,38% (9) das entrevistadas afirmaram que gastam até 100 reais por mês. 24,11% (34) das entrevistadas gastam mais de 100 reais e até 300 reais por mês com estética. 19,86% (28) das entrevistadas gastam entre 300 e 500 reais. 8,51% (12) das entrevistadas que responderam a essa pergunta disseram que gastam mais de 500 e até 900 reais por mês com estética. 13,48% das entrevistadas declararam gastar entre 900 e 1.500 reais por mês com estética. 10,64% (15) das entrevistadas responderam que gastam mais de 1.500 reais até 2.500 reais por mês com estética, ao passo que 2,82% (4) das entrevistadas afirmaram que gastam mais de 2.500 reais por mês com estética. 3,55% (5) das entrevistadas responderam que não gastam com estética e 10,64% (15) disseram que não sabem o quanto gastam com estética por mês.

## GRÁFICO 63 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE FIZERAM USO DE HORMÔNIOS OU ANTICONCEPCIONAIS.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre o uso de hormônios ou anticoncepcionais, 93,0% (131) das entrevistadas responderam que já fizeram o uso dos mesmos. Apenas 7,0% (10) das entrevistadas responderam que nunca fizeram o uso de hormônios ou anticoncepcionais.

## TABELA 14 - FREQUÊNCIA, PERCENTUAL E PERCENTUAL ACUMULADO DA IDADE AS ENTREVISTADAS COMEÇARAM A FAZER USO DE HORMÔNIOS OU ANTICONCEPCIONAIS

IDADE DE INÍCIO DO USO DE HORMÔNIOS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL VÁLIDO (%)	PERCENTUAL ACUMULADO (%)
10	2	1,53%	1,53%
11	5	3,82%	5,35%
12	9	6,87%	12,22%
13	6	4,58%	16,80%
14	13	9,92%	26,72%
15	20	15,27%	41,99%
16	16	12,21%	54,20%
17	13	9,92%	64,12%
18	9	6,87%	70,99%
19	12	9,16%	80,15%
20	10	7,63%	87,78%
21	5	3,82%	91,60%
22	3	2,29%	93,89%
23	1	0,76%	94,65%
24	1	0,76%	95,41%
26	1	0,76%	96,17%
27	2	1,53%	97,70%
28	2	1,53%	99,23%
30	1	0,76%	99,99%
<b>Total</b>	<b>131</b>	<b>100,00%</b>	

*\*Dados referentes a 131 participantes que responderam esta pergunta.*

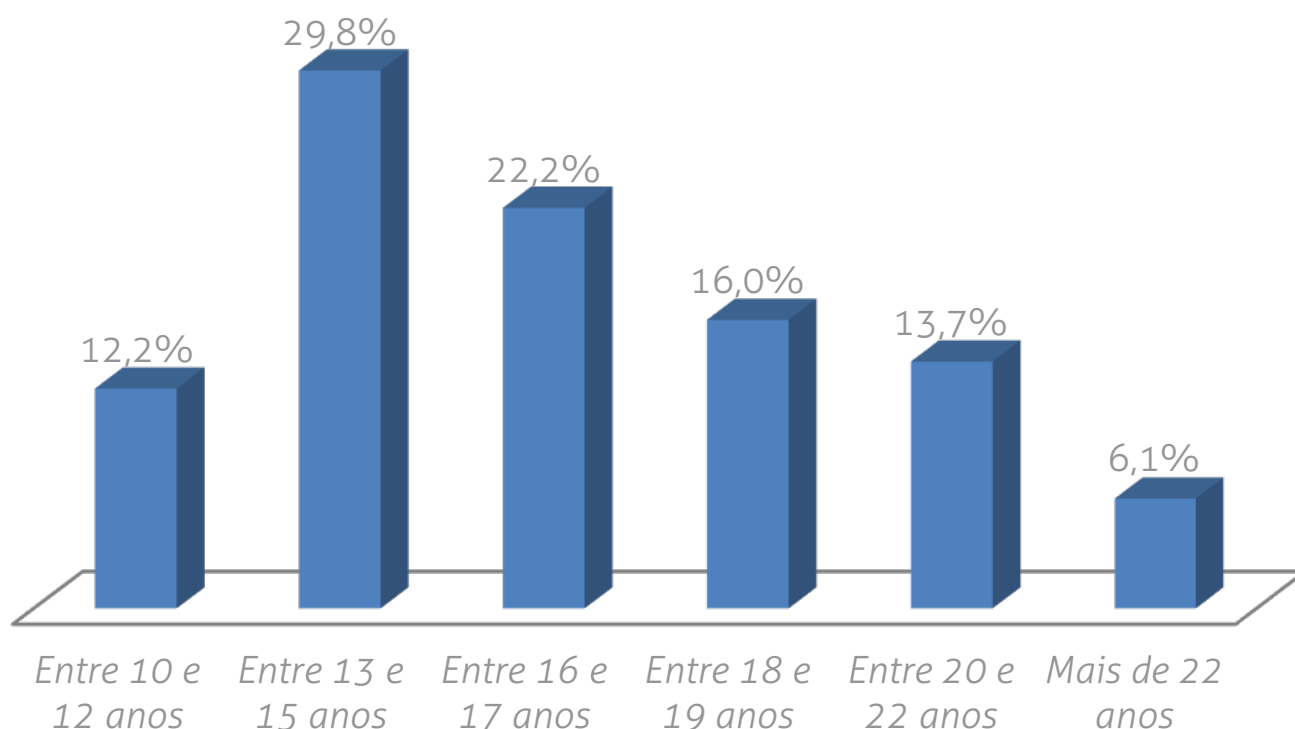
Quando perguntadas sobre a idade em que começaram a fazer uso de hormônios ou anticoncepcionais, 131 participantes responderam esta questão. Dentre as respondentes, 1,53% (2) disseram que tinham 10 anos quando começaram a fazer ingestão de hormônios. 3,82% (5) das entrevistadas responderam que tinham 11 anos de idade e 6,87% (9) responderam que tinham 12 anos de idade quando começaram a fazer uso de hormônios/anticoncepcionais. 4,58% (6) das entrevistadas afirmaram que aos 13 anos começaram a ingerir hormônios e 9,92% (13) das entrevistadas afirmaram que tinham 14 anos. 15,27% (20) das entrevistadas responderam que iniciaram o uso de hormônios aos 15 anos, 12,21% (16) das entrevistadas afirmaram que tinham

16 anos quando iniciaram o uso de hormônios e 9,92% (13) das entrevistadas responderam que tinham 17 anos. 6,87% (9) das entrevistadas responderam que aos 18 anos começaram a usar hormônios/anticoncepcionais e 9,16% (12) das entrevistadas afirmaram que tinham 19 anos quando iniciaram o uso dos mesmos. 7,63% (10) das travestis e mulheres transexuais entrevistadas afirmaram que tinham 20 anos quando resolveram iniciar o uso de hormônios e 3,82% (5) das entrevistadas responderam que tinham 21 anos. 2,29% (3) das entrevistadas disseram que começaram a ingerir hormônios quando tinham 22 anos e 0,76% (1) das entrevistadas afirmaram que começaram a ingerir os mesmos quando tinham 23 anos de idade. Esse percentual (0,76%) corresponde também às entrevistadas que começaram a usar hormônios quando tinham 24 anos e para as que começaram a ingestão de hormônios aos 26 anos. 1,42% (2) equivale ao percentual de entrevistadas que iniciaram o uso de hormônios aos 27 anos. Esse mesmo percentual (1,53%) vale para as entrevistadas que iniciaram o uso aos 28 anos. 0,71% (1) das entrevistadas responderam que iniciaram o uso de hormônios aos 30 anos.

Obs: Observa-se que a idade com a qual o maior número de entrevistadas iniciou o uso de hormônios é de 15 anos. Quando comparamos essa informação com as informações obtidas pela tabela relacionada à idade com a qual as entrevistadas começaram a se vestir com roupas femininas, observamos que essas idades coincidem, ou seja: foi aos 15 anos que a maior parte das travestis e mulheres transexuais entrevistadas (15,27%, 20 entrevistadas) começaram a ingestão de hormônios. Também o maior número de travestis e mulheres transexuais que responderam ao questionário (18,44%, 26 entrevistadas) afirmou que tinham entre 15 anos quando começaram a se vestir com roupas femininas. Como já ressaltado, pode-se afirmar que na maioria dos casos, a idade de início da ingestão de hormônios é correspondente à idade em que as travestis e mulheres transexuais começaram a se vestir com roupas femininas.



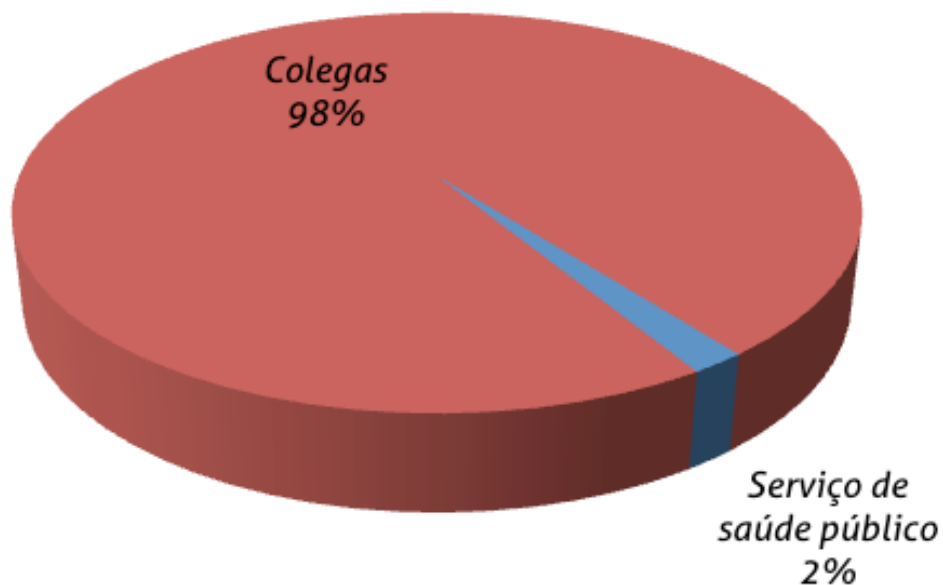
## GRÁFICO 64 - PERCENTUAL DA IDADE QUE AS ENTREVISTADAS COMEÇARAM A FAZER USO DE HORMÔNIOS OU ANTICÔNCEPCIONAIS.



*Dados referentes a 131 participantes que responderam esta pergunta.*

Considerando as faixas etárias com as quais as travestis iniciaram o uso de hormônios/ anticoncepcionais, pode-se afirmar que 12,2% (16) das entrevistadas tinham entre 10 e 12 anos quando iniciaram o uso de hormônios; 29,8% (39) tinham entre 13 e 15 anos; 22,2% (29) tinham entre 16 e 17 anos quando começaram a utilizar hormônios e anticoncepcionais; 16,0% (21) tinham entre 18 e 19 anos quando começaram a fazer uso de hormônio e 13,7% (18) tinham entre 20 e 22 anos; 6,1% (8) responderam que tinham mais de 22 anos quando iniciaram a utilização de hormônios e anticoncepcionais.

## GRÁFICO 65 - PERCENTUAL DAS FORMAS QUE AS ENTREVISTADAS OBTIVERAM CONHECIMENTO SOBRE O USO DE HORMÔNIOS OU ANTICONCEPCIONAIS

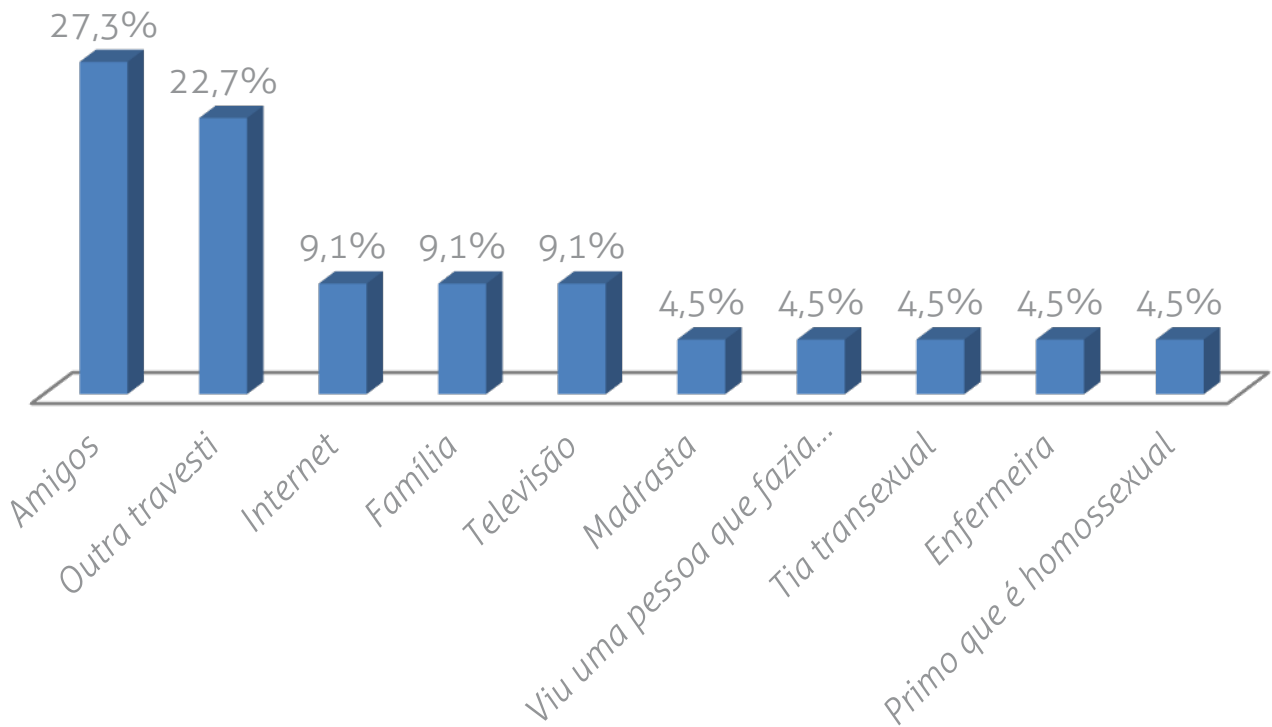


*\*Dados referentes a 113 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre como tiveram conhecimento sobre o uso de hormônios, 98% (111) das entrevistadas responderam que foi através de colegas e 2% (2) das entrevistadas responderam que obtiveram tal conhecimento através do serviço de saúde.



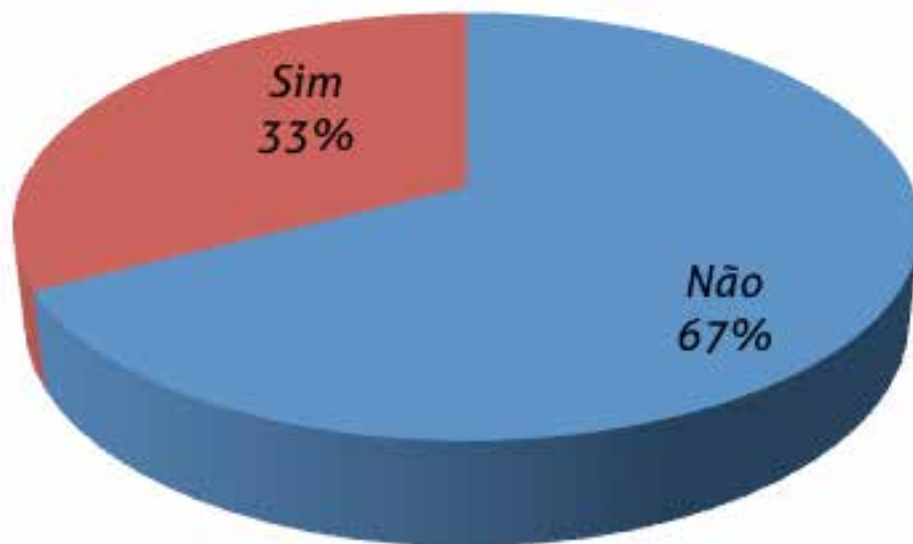
## GRÁFICO 66 - PERCENTUAL DE OUTRAS FORMAS PELAS QUAIS AS ENTREVISTADAS OBTIVERAM CONHECIMENTO SOBRE O USO DE HORMÔNIOS OU ANTICONCEPCIONAIS.



\*Este gráfico se refere a 22 respostas à categoria "Outros" da questão sobre a fonte de conhecimento sobre o uso dos hormônios ou anticoncepcionais.

Há também outras fontes através das quais as travestis e mulheres transexuais tiveram informações sobre o uso de hormônios/anticoncepcionais. Dentre as entrevistadas que relataram outra fonte de conhecimento, 27,3%(6) delas responderam que tiveram essas informações através de amigos. 22,7% (5) responderam que esse conhecimento foi obtido por meio de outra travesti. 9,1% (2) afirmaram que foi por meio da internet. A mesma porcentagem (9,1%) apareceu para família e televisão. 4,5% (1) das entrevistadas respondeu que conseguiu informações por meio de sua madrasta. 4,5%(1) com outra pessoa que também fazia reposição hormonal. 4,5% (1) das entrevistadas respondeu que foi por meio da tia transexual, ao passo que o mesmo percentual (4,5%) apareceu também para enfermeira e para primo que é homossexual.

## GRÁFICO 67 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE TIVERAM PROBLEMAS DECORRENTES DO USO DE HORMÔNIOS OU ANTICONCEPCIONAIS.



*\*Dados referentes a 132 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas se já tiveram problemas decorrentes do uso de hormônios/anticoncepcionais, 67% das entrevistadas (89) responderam que não, ao passo que 33% das entrevistadas (43) responderam que sim.



## TABELA 15 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DOS PROBLEMAS DECORRENTES DO USO DE HORMÔNIOS OU ANTICONCEPCIONAIS

PROBLEMA DECORRENTE DO USO DE HORMÔNIOS OU ANTICONCEPCIONAIS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Enjoo	9	14,75
Nervosismo / estresse	5	8,20
Depressão	4	6,56
Vômitos	4	6,56
Aumento de peso	3	4,92
Tontura	3	4,92
Alergia, ficar empolado	2	3,28
Atrofia de testículos	2	3,28
Causou efeitos colaterais (respondente não identificou quais)	2	3,28
Dor no fígado	2	3,28
Gastrite	2	3,28
Acne	1	1,64
Asma	1	1,64
Baixa da imunidade	1	1,64
Cólica renal	1	1,64
Desmaios	1	1,64
Dificuldade de ereção	1	1,64
Dor de cabeça	1	1,64
Dor de estômago	1	1,64
Dor no testículo	1	1,64
Excesso de pelos	1	1,64
Falta de ar	1	1,64
Fome	1	1,64
Formigamento	1	1,64
Fraqueza	1	1,64
Sangue ralo	1	1,64
Furúnculo	1	1,64
Mal-estar	1	1,64
Pressão baixa	1	1,64
Produção de Leite	1	1,64
Silicone inchou	1	1,64
Sono	1	1,64
Taquicardia	1	1,64
Varizes	1	1,64
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>100,00</b>

\*Dados referentes a 61 respostas de 41 entrevistadas que responderam a pergunta.



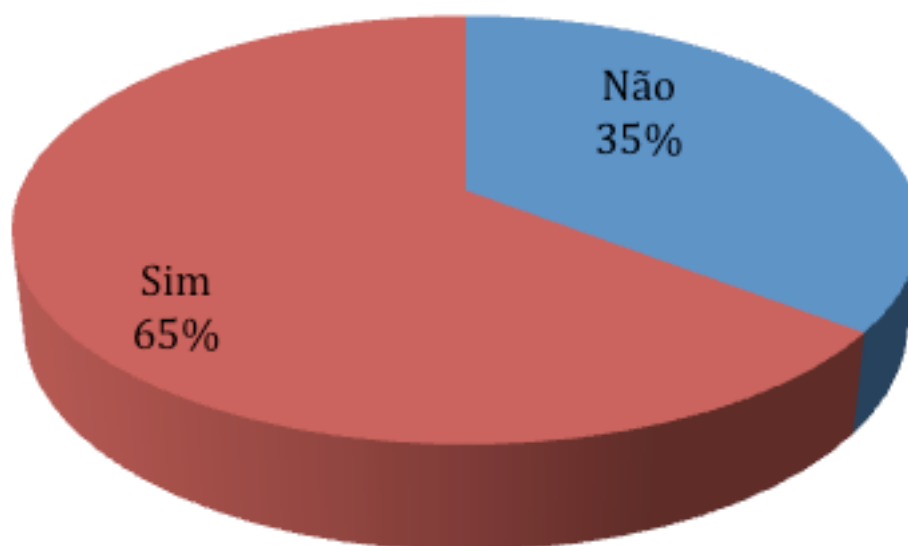
Para a análise dessa tabela, é importante considerar que o total de entrevistadas que responderam a essa pergunta é de quarenta e uma (41) travestis e mulheres transexuais. Duas (2) entrevistadas não responderam a essa pergunta e a 98 entrevistas essa pergunta não se aplica, seja porque não usam hormônios, sejam porque não tiveram problemas decorrentes do uso.

Ainda no tocante a observações importantes que devem ser registradas, deve-se considerar que os percentuais existentes nesta tabela não correspondem aos percentuais de entrevistadas, mas sim ao percentual de respostas, ou seja, a frequência com que cada resposta apareceu nessa pergunta. Nesse sentido, uma mesma entrevistada pode ter apontado mais de um problema como decorrente do uso de hormônios.

Deste modo, do total de sessenta e uma (61) respostas (100%), 14,75% (9) delas referem-se a enjoos como problemas de saúde decorrentes do uso de hormônios; 8,20% (5) a nervosismo e estresse. O percentual de 6,56% (4) apareceu tanto para a resposta depressão quanto vômito. Dentre as respostas, 4,92% (3) delas referem-se ao aumento de peso e, a mesma porcentagem, à tontura. Já o percentual de 3,28% (2) apareceu para alergia, chegando a ficar com seus corpos "empolados"; atrofia de testículos; efeitos colaterais em seu corpo sem, no entanto, identificar quais foram esses efeitos; "dores no fígado" e gastrite. Para acne; asma; baixa imunidade; cólica renal; desmaios; dificuldade de ereção; dor de cabeça; dor no estômago; dor no testículo; excesso de pelos; falta de ar; fome; formigamento; fraqueza; sangue ralo; furúnculo; mal-estar; pressão baixa; produção de leite; inchaço do silicone; sono; taquicardia; e varizes, houve percentual de 1,64% (1) para cada uma dessas respostas.



## GRÁFICO 68 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE FIZERAM USO DE SILICONE INDUSTRIAL.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

As entrevistadas também foram perguntadas se já fizeram uso de silicone industrial. 65% (91) responderam que sim e 35% (50) das entrevistadas responderam que não.

**TABELA 16 - FREQUÊNCIA, PERCENTUAL E PERCENTUAL ACUMULADO DA IDADE AS ENTREVISTADAS COMEÇARAM A FAZER USO DE SILICONE INDUSTRIAL.**

IDADE DE INÍCIO DE SILICONE INDUSTRIAL	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)	PERCENTUAL ACUMULADO (%)
12	1	1,10	1,10
14	1	1,10	2,20
15	1	1,10	3,30
16	5	5,49	8,79
17	9	9,89	18,68
18	8	8,79	27,47
19	14	15,38	42,86
20	9	9,89	52,75
21	7	7,69	60,44
22	9	9,89	70,33
23	4	4,40	74,73
24	6	6,59	81,32
25	3	3,30	84,62
26	5	5,49	90,11
27	4	4,40	94,51
28	2	2,20	96,70
29	1	1,10	97,80
31	1	1,10	98,90
39	1	1,10	100,00
<b>Total</b>	<b>91</b>	<b>100</b>	

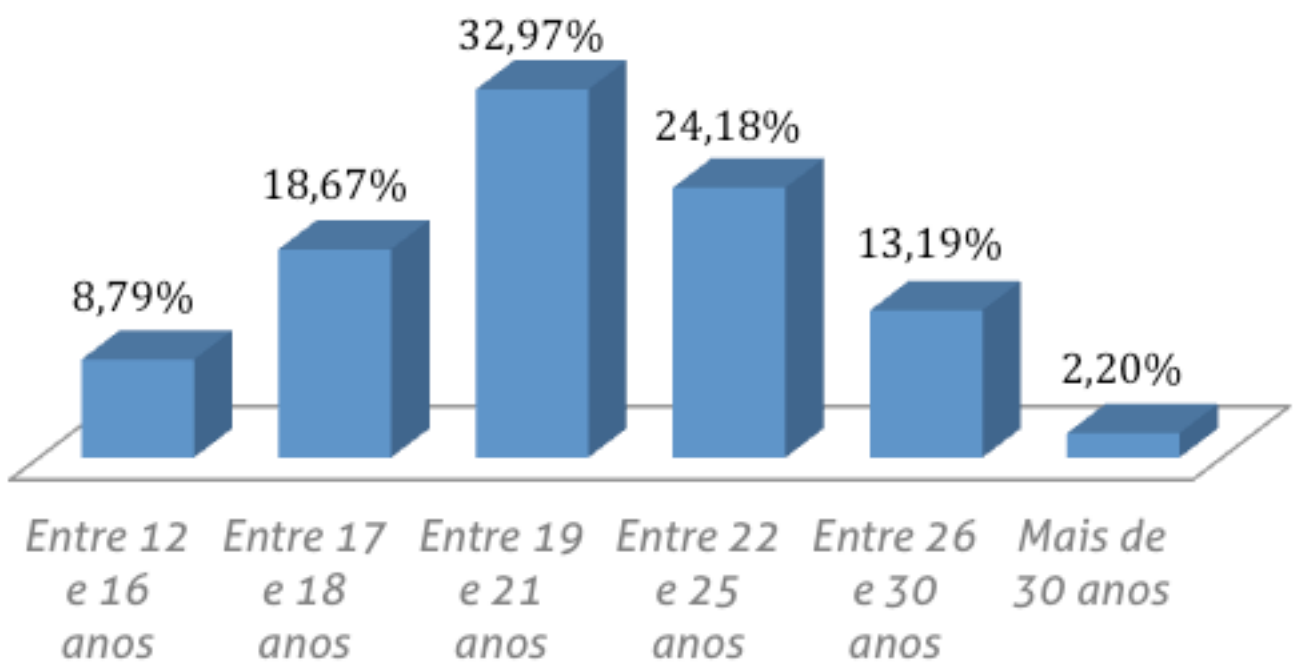
*\*Dados referentes a 91 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à idade com a qual as travestis e mulheres transexuais começaram a fazer uso do silicone industrial, dentre as noventa e uma (91) respondentes, 1,10% (1) das entrevistadas responderam que essa idade corresponde aos 12 anos. A mesma porcentagem de entrevistadas (1,10%) respondeu que aos 14 anos iniciaram o uso do silicone industrial, 1,10% das entrevistadas também afirmaram que aos 15 anos começaram o uso do silicone industrial. 5,49% das entrevistadas (5) responderam que aos 16 anos iniciaram o uso do silicone industrial e 9,89% (9) disseram que tal idade correspondia aos 17 anos.

Dentre as respondentes, 8,79% (8) disseram que aos 18 anos iniciaram o uso do silicone industrial, ao passo que 15,38% (14) responderam que o início do uso se deu aos 19 anos. Já 9,89% das entrevistadas (9) afirmaram terem usado silicone industrial pela primeira vez aos 20 anos, 7,69% (7) afirmaram que esse uso se deu aos 21 anos, 9,89% (9) responderam que tinham 22 anos quando iniciaram o uso do silicone industrial, ao passo que 4,40% (4) responderam que o uso

do mesmo se iniciou aos 23 anos. Das travestis e mulheres transexuais que responderam a essa pergunta, 6,59% (6) afirmaram que aos 24 anos iniciaram o uso do silicone industrial, 3,30% (3) responderam que esse uso se deu aos 25 anos, 5,49% (5) afirmaram que usaram silicone industrial pela primeira vez aos 26 anos, 4,40% (4) afirmaram que esse uso ocorreu quando tinham 27 anos. Aos 28 anos, 2,20% (2) das entrevistadas iniciaram o uso do silicone industrial e 1,10% (1) afirmaram que tal fato ocorreu quando tinham 29 anos. Essa mesma porcentagem de entrevistadas (1,10%) diz respeito a travestis e mulheres transexuais que iniciaram o uso do silicone aos 31 anos e ainda, 1,10% de entrevistadas afirmaram que esse uso ocorreu quando tinham 39 anos. Obs: Diferentemente da idade (15 anos) com a qual grande parte das travestis começou a se vestir com roupas femininas e iniciou o uso de hormônios, a idade com a qual a maioria das entrevistadas fez o uso do silicone industrial pela primeira vez corresponde a 19 anos.

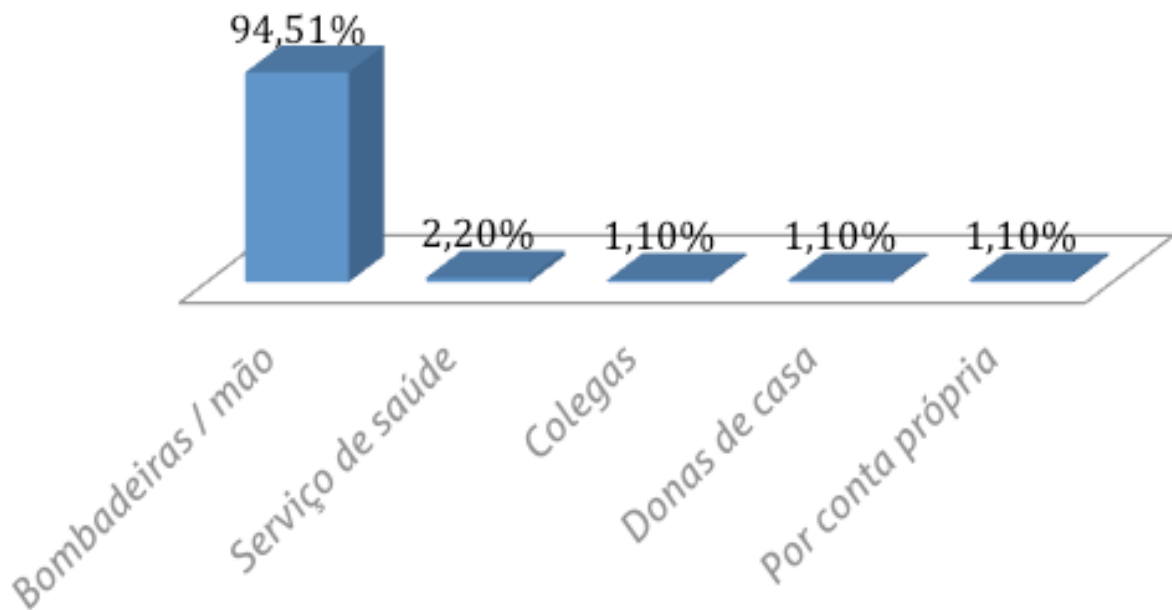
## GRÁFICO 69 - PERCENTUAL DA IDADE EM QUE AS ENTREVISTADAS COMEÇARAM A FAZER USO DE SILICONE INDUSTRIAL.



*\*Dados referentes a 91 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as noventa e uma (91) participantes que responderam esta questão, 8,79% (8) responderam que começaram a fazer uso do silicone industrial quando tinham entre 12 e 16 anos, 18,67% (17) afirmaram que tinham entre 17 e 18 anos quando tal fato ocorreu em suas vidas, 32,97% (30) disseram que quando tinham entre 19 e 21 anos e 24,18% (22) afirmaram que iniciaram o uso do silicone industrial quando tinham entre 22 e 25 anos. Já 13,19% (12) das entrevistadas responderam que tinham idades entre 26 e 30 anos, 2,20% (2) tinham idade superior a 30 anos quando iniciaram o uso do silicone industrial. É importante ressaltar que 50 entrevistadas não responderam esta pergunta por não terem utilizado silicone industrial.

## GRÁFICO 70 - PERCENTUAL DA FORMA QUE AS ENTREVISTADAS FIZERAM A APLICAÇÃO DE SILICONE INDUSTRIAL.

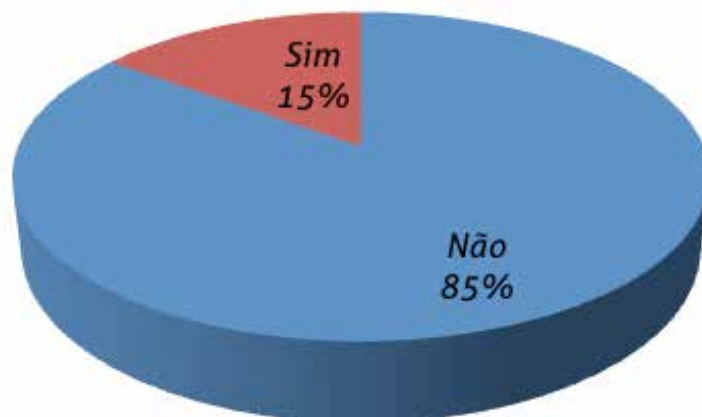


\*Dados referentes a 91 participantes que responderam esta pergunta.

Com relação à forma com que as entrevistadas fizeram a aplicação do silicone industrial, dentre as 91 respondentes, 94,50% (86) disseram que foram bombadeiras ou mãos de fada quem efetuaram a aplicação do silicone industrial em seus corpos, 2,20% (2) informaram que esse uso se deu por meio do serviço de saúde particular, 1,10% (1) responderam que a aplicação foi feita por colegas. A mesma porcentagem (1,10%) corresponde àquelas cujas aplicações de silicone foram realizadas por donas de casa e 1,10% (1) responderam que tal aplicação foi feita por conta própria.

Quando perguntadas sobre outra forma através da qual fizeram a utilização de silicone, à totalidade das entrevistadas não é aplicada essa pergunta, ou seja, nenhuma travesti e transexual citou algum outro meio pelo qual foi realizada a aplicação de silicone em seus corpos.

## GRÁFICO 71 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE TIVERAM PROBLEMAS DECORRENTES DO USO DE SILICONE INDUSTRIAL.



*\*Dados referentes a 93 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas se já tiveram algum problema decorrente do uso do silicone industrial, 85% (79) das entrevistadas responderam que não, ao passo que 15% (14) das entrevistadas responderam que sim.

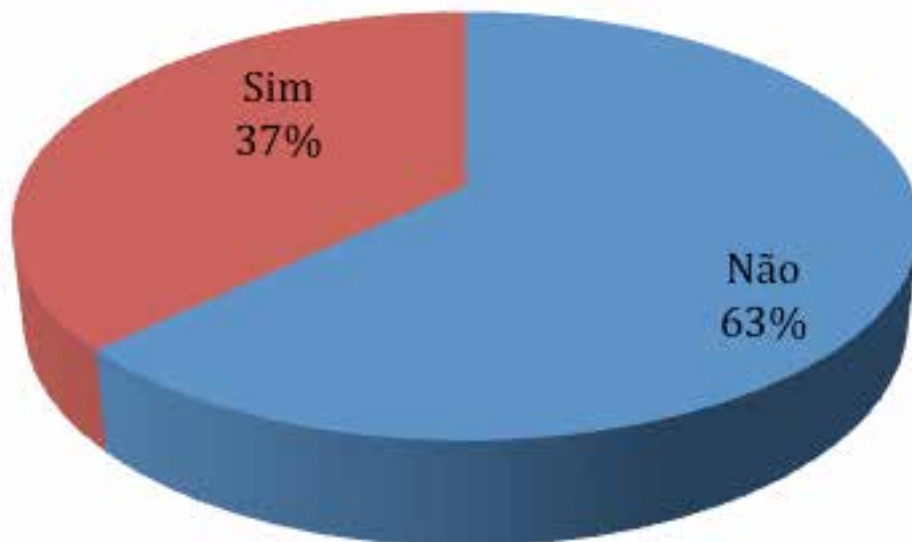
## TABELA 17 - FREQUÊNCIA DOS PROBLEMAS DECORRENTES DO USO DE SILICONE INDUSTRIAL

PROBLEMA DECORRENTE DO USO DE SILICONE INDUSTRIAL.	FREQUÊNCIA
Inflamação	4
Alergia	2
Inflamação / dor nas pernas	2
Manchas na pele	2
Rejeição	2
Cicatriz	1
Coceira	1
Dor	1
Inchaço	1
Queimação	1
Silicone desceu	1
Varizes	1
Vazamento	1
<b>Total</b>	<b>20</b>

*\*Dados referentes a 20 respostas das 14 participantes que responderam terem tido algum problema decorrentes do uso de silicone industrial.*

Relacionado aos problemas decorrentes do uso de silicone que as entrevistadas já tiveram, inflamação foi citado 4 vezes pelas respondentes, alergia 2 vezes e inflamação / dores nas pernas duas vezes também. Manchas na pele devido ao uso do silicone industrial foi citado 2 vezes, rejeição também teve duas afirmações. Cicatrizes, devido ao uso do silicone industrial, foi relatado uma (1) vez, coceiras foi citada uma (1) vez. Dor, inchaço, queimação, o "silicone desceu", varizes e vazamento decorrentes do uso do silicone industrial foram citados uma (1) vez cada.

## GRÁFICO 72 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE FIZERAM USO DE PRÓTESE DE SILICONE.



*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as cento e quarenta (140) participantes que responderam esta questão sobre o uso de prótese de silicone, 63% das entrevistadas (88) responderam que não fizeram esse uso, ao passo que 37% (52) responderam que sim, que já fizeram uso da prótese.

## TABELA 18 - FREQUÊNCIA, PERCENTUAL E PERCENTUAL ACUMULADO DA IDADE AS ENTREVISTADAS COLOCARAM PRÓTESES DE SILICONE.

IDADE QUE COLOCOU PRÓTESES DE SILICONE	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)	PERCENTUAL ACUMULADO (%)
16	2	3,92	3,92
17	3	5,88	9,80
18	5	9,80	19,61
19	5	9,80	29,41
20	5	9,80	39,22
21	3	5,88	45,10
22	4	7,84	52,94
23	2	3,92	56,86
24	3	5,88	62,75
25	4	7,84	70,59
26	3	5,88	76,47
27	3	5,88	82,35
28	2	3,92	86,27
29	2	3,92	90,20
30	2	3,92	94,12
32	1	1,96	96,08
38	1	1,96	98,04
39	1	1,96	100,00
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100,00</b>	

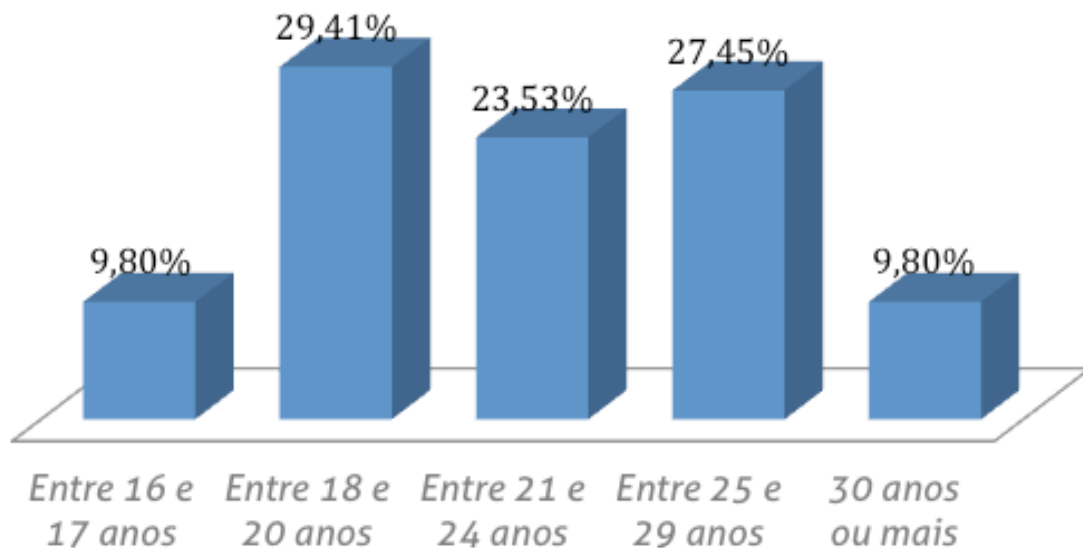
\*Dados referentes a 51 participantes que responderam terem utilizado próteses de silicone e responderam esta questão.

Com relação à idade que tinham as entrevistadas quando essas começaram a fazer uso da prótese de silicone, dentre as 51 entrevistadas, 3,92% (2) afirmaram que isso ocorreu quando tinham 16 anos, 5,88% (3) responderam que tinham 17 anos, 9,80% (5) mencionaram que tinham 18 anos quando colocaram a prótese de silicone e a mesma porcentagem de respondentes (9,80%) informaram que tinham 19 anos e também 9,80% (5) das entrevistadas afirmaram que tinham 20 anos.

Ainda dentre as respondentes, 5,88% (3) disseram que quando tinham 21 anos fizeram uso da prótese de silicone, ao passo que 7,84% (4) disseram que tinham 22 anos quando isso ocorreu, 3,92% (2) afirmaram que tinham 23 anos de idade e 5,88% (3) responderam que tinham 24 anos de idade. Das travestis e transexuais que responderam esta pergunta, 7,84% (4) disseram que aos 25 anos de idade fizeram uso da prótese de silicone, 5,88% (3) afirmaram que quando tinham 26 anos isso ocorreu e mesma porcentagem de entrevistadas (5,88%) respondeu que aos 27

anos começaram a usar a prótese de silicone. Já 3,92% (2) responderam que aos 28 anos fizeram uso da prótese de silicone, a mesma porcentagem de entrevistadas (3,92%) afirmou que aos 29 anos utilizaram a prótese de silicone. A mesma porcentagem de entrevistadas, ou seja 3,92% (2), também responderam que aos 30 anos de idade fizeram uso da prótese. 1,96% (1) afirmaram que aos 32 anos começaram a usar a prótese de silicone, ao passo que a mesma porcentagem (1,96%) afirmou que tinham 38 anos quando isso ocorreu. Também 1,96% das entrevistadas (1) tinham 39 anos quando fizeram uso da prótese de silicone.

## GRÁFICO 73 - PERCENTUAL DA IDADE QUE AS ENTREVISTADAS COMEÇARAM A FAZER USO DE PRÓTESE DE SILICONE.

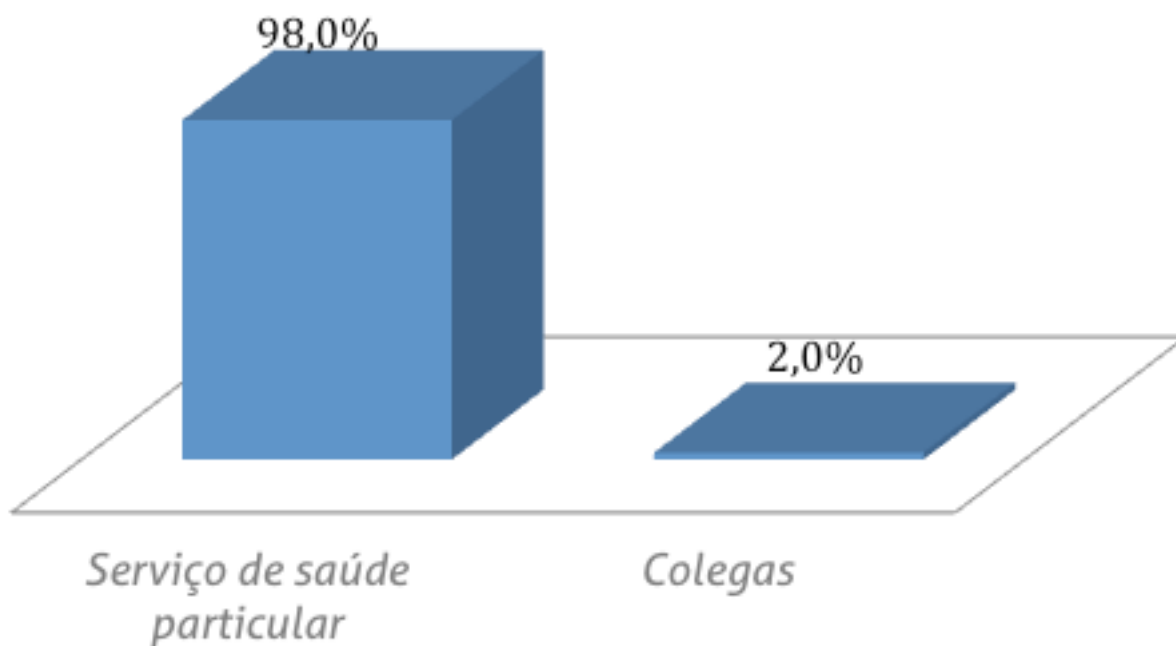


*\*Dados referentes a 51 participantes que responderam terem utilizado próteses de silicone e responderam esta questão.*

Considerando-se as faixas etárias dentre as 51 respondentes, 9,80% das entrevistadas (5) tinham entre 16 e 17 anos quando colocaram a prótese de silicone, 29,41% (15) responderam que tinham entre 18 e 20 anos, 23,53% (12) afirmaram que quando tinham entre 21 e 24 anos começaram a usar a prótese. Das travestis e mulheres transexuais que responderam a essa pergunta 27,45% (14) responderam que tinham entre 25 e 29 anos quando tal fato ocorreu, 9,80% (5) tinham 30 anos ou mais quando iniciaram o uso da prótese de silicone.

Obs: A faixa etária dos 18 aos 20 anos foi aquela em que a maior parte das entrevistadas iniciou o uso da prótese de silicone.

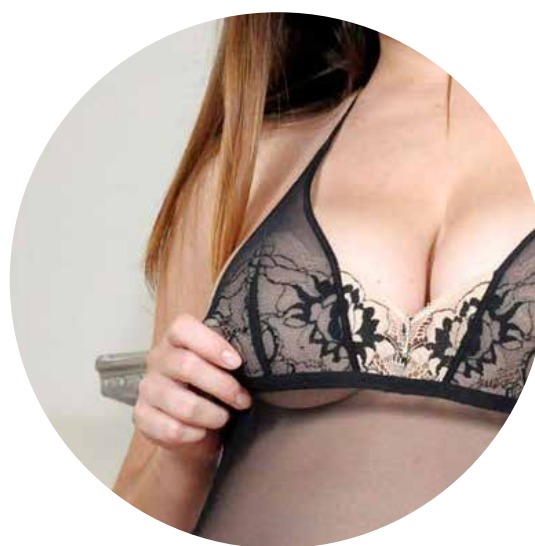
## GRÁFICO 74 - PERCENTUAL DA FORMA QUE AS ENTREVISTADAS TIVERAM ACESSO À PRÓTESE DE SILICONE.



*\*Dados referentes a 50 participantes que responderam terem utilizado próteses de silicone e responderam esta questão.*

Quando perguntadas sobre o modo como tiveram acesso à prótese de silicone, dentre as 50 respondentes, 98,0% (49) afirmaram que isso se deu por meio do serviço de saúde particular e 2,0% (1) afirmaram que foi por meio de colegas que tiveram acesso à prótese.

Quando perguntadas sobre outros meios através dos quais tiveram acesso à prótese de silicone, três entrevistadas responderam que isso se deu através de um cirurgião clandestino.





## GRÁFICO 75 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE TIVERAM PROBLEMAS DECORRENTES DO USO DE PRÓTESES DE SILICONE.



*\*Dados referentes a 49 participantes que responderam terem utilizado próteses de silicone e responderam esta questão.*

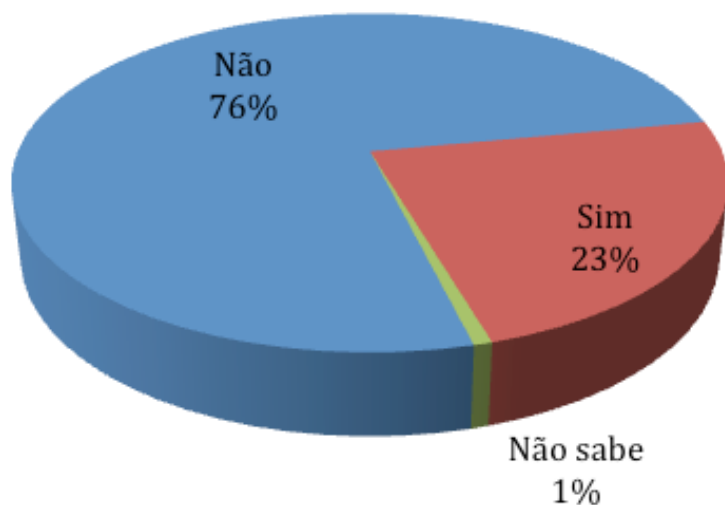
Quando perguntadas sobre problemas decorrentes do uso de prótese de silicone, 98,0% (49) das respondentes disseram que nunca tiveram qualquer problema e 2,0% (1) responderam que tiveram problemas decorrentes do uso de silicone. Acerca dos problemas decorrentes do uso de prótese de silicone, somente uma participante respondeu ter tido algum problema relatou que teve infecção e por esse motivo foi necessário retirar a prótese.



# 3.9 SAÚDE

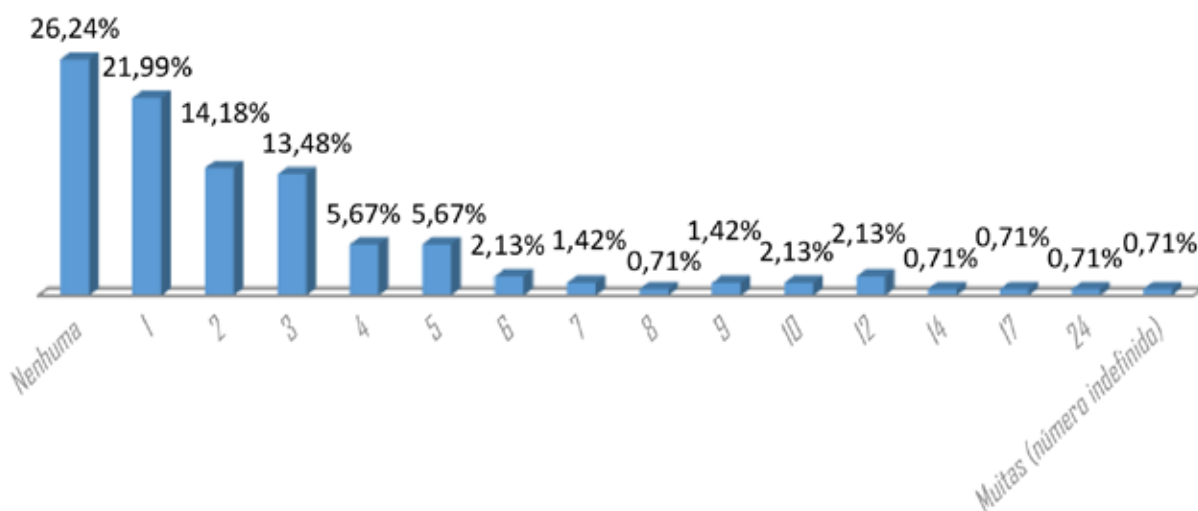


## GRÁFICO 76 - PERCENTUAL DAS PARTICIPANTES QUE POSSUEM PLANO DE SAÚDE OU CONVÊNIO.



Das 141 entrevistadas, 76% (107) não possuem convênio ou plano de saúde, 23% (33) possuem convênio ou plano de saúde e 1% (1) não soube responder a esta pergunta.

## GRÁFICO 77 - PERCENTUAL DO NÚMERO DE CONSULTAS MÉDICAS REALIZADAS PELAS ENTREVISTADAS NOS 12 MESES ANTERIORES À ENTREVISTA.

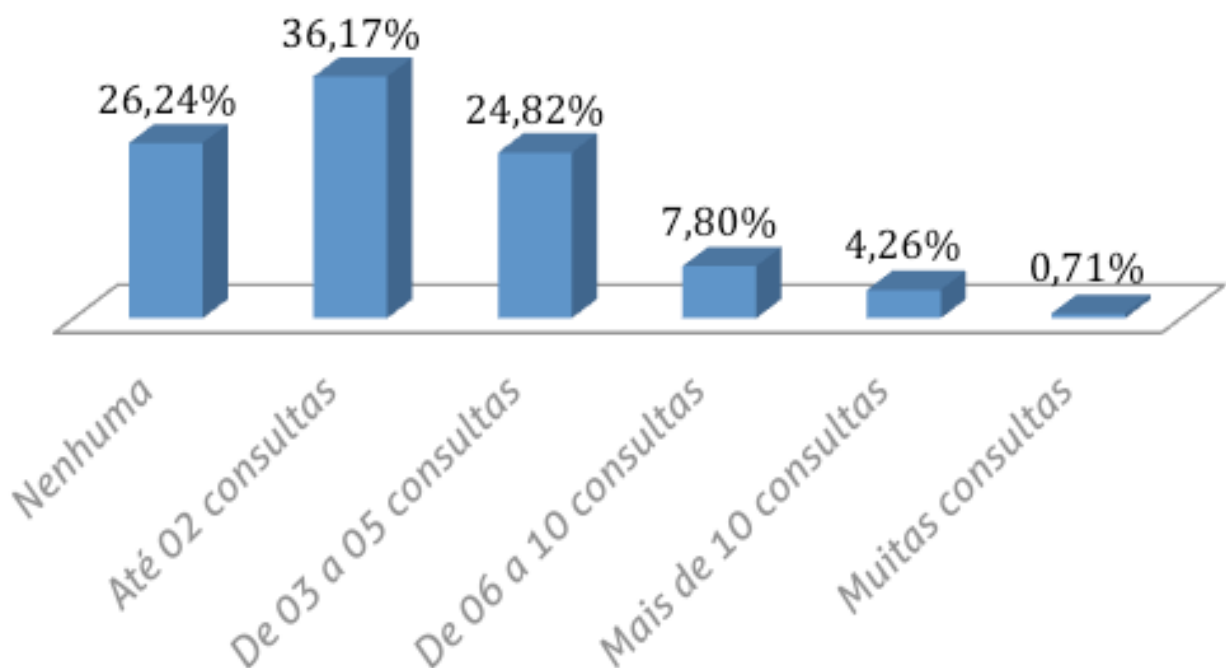


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Em relação ao número de consultas médicas realizadas nos doze meses anteriores à entrevista: 26,24% (37) das entrevistadas não realizaram nenhuma consulta; 21,99% (31) realizaram uma

(1) consulta nos últimos 12 meses, 14,18% (20) realizaram duas (2) consultas nos últimos 12 meses, 13,48% (19) realizaram três (3) consultas; 5,67% (8) realizaram 4 consultas. Também 5,67% (8) das entrevistadas realizaram cinco (5) consultas nos últimos 12 meses; 2,13% (3) realizaram seis (6) consultas nos últimos 12 meses; 1,42% (2) estiveram em sete (7) consultas médicas nos últimos 12 meses; 0,71% (1) realizou oito (8) consultas nos últimos 12 meses; 1,42% (2) realizaram nove (9) consultas; 2,13% (3) realizaram dez (10) consultas; 2,13% (3) das entrevistadas estiveram em doze (12) consultas nos últimos 12 meses; 0,71 % (1) realizou quatorze (14) consultas nos últimos 12 meses; 0,71 % (1) realizou dezessete (17) consultas nos últimos 12 meses; 0,71 % (1) fez vinte e quatro (24) consultas nos últimos 12 meses e 0,71 % (1) das entrevistadas realizou muitas consultas nos últimos 12 meses.

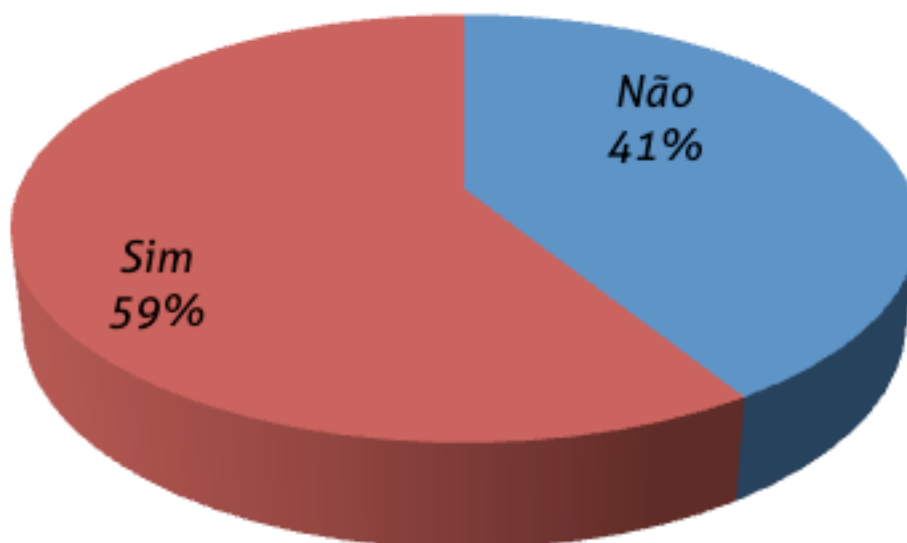
## GRÁFICO 78 - PERCENTUAL CATEGORIZADO DO NÚMERO DE CONSULTAS MÉDICAS REALIZADAS PELAS ENTREVISTADAS NOS 12 MESES ANTERIORES À ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 26,24% (37) das entrevistadas não fizeram consulta médica nos últimos 12 meses, 36,17% (51) realizaram uma ou duas consultas nos últimos 12 meses, 24,82% (35) realizaram de três (3) a cinco (5) consultas nos últimos 12 meses, 7,80 % (11) realizaram de seis (6) a dez (10) consultas, 4,26% (6) realizaram mais de dez (10) consultas nos últimos 12 meses e 0,71% (1) das entrevistadas fez muitas consultas.

## GRÁFICO 79 - PERCENTUAL DAS PARTICIPANTES QUE PRECISAVAM DE ATENDIMENTO MÉDICO E DEIXARAM DE PROCURÁ-LO.

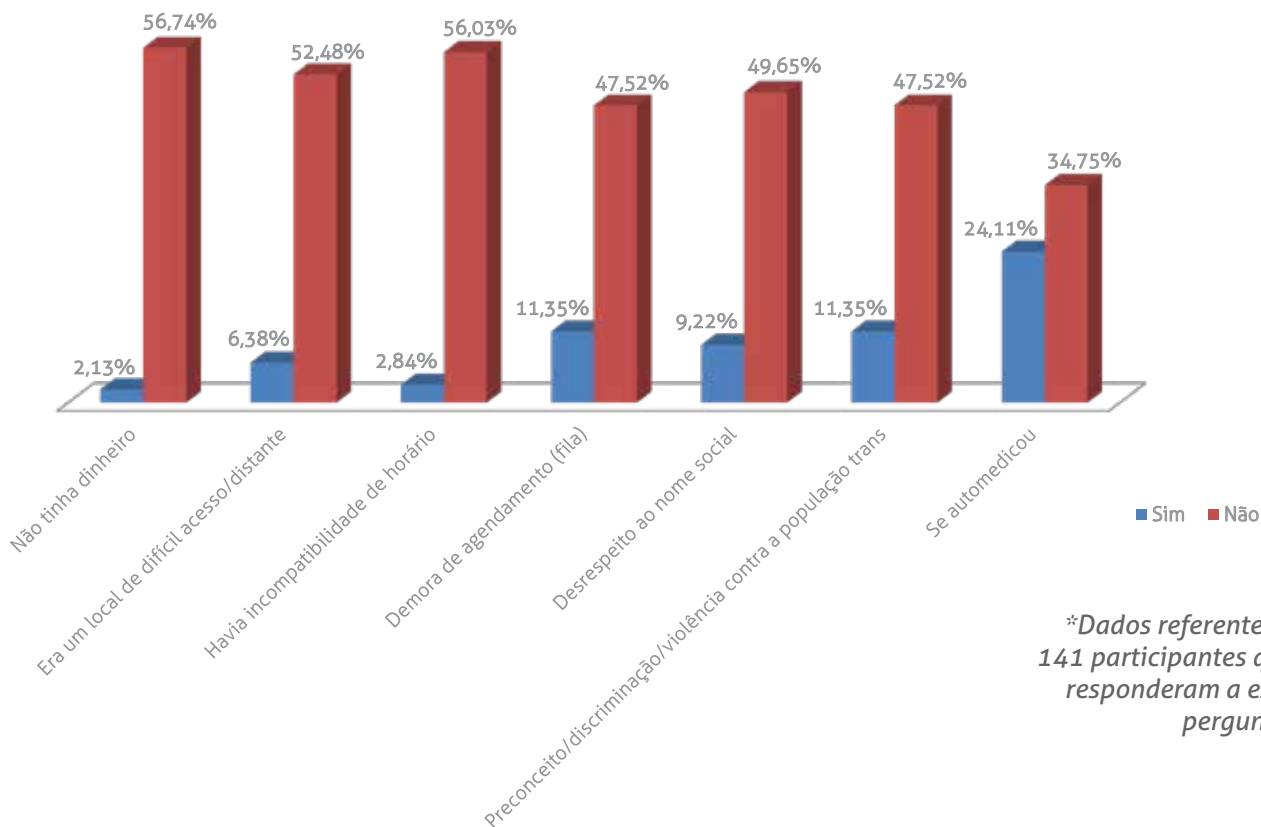


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 41% (58) das entrevistadas afirmaram que não deixaram de procurar um médico quando acharam que precisavam de atendimento médico e mais da metade, 59% (83) das entrevistadas, não procurou um médico mesmo achando que precisava de atendimento médico.



## GRÁFICO 80 - PERCENTUAL DOS MOTIVOS QUE LEVARAM AS PARTICIPANTES A NÃO PROCURAREM ATENDIMENTO MÉDICO QUANDO NECESSITARAM DELE.



Dentre as entrevistadas, 2,13% (3) deixaram de procurar um médico porque não tinham dinheiro; 6,38% (9) deixaram de procurar um médico porque era um local de difícil acesso/distante; 2,84% (4) deixaram de procurar um médico porque havia incompatibilidade de horário; 11,35% (16) deixaram de procurar um médico por causa da demora de agendamento (fila) para consultas e exames; 9,22% (13) deixaram de procurar um médico por causa do desrespeito ao nome social; 11,35% (16) deixaram de procurar um médico por causa do preconceito/discriminação/violência contra a população trans; e 24,11% (34) deixaram de procurar um médico porque se automedicaram.

Com relação à automedicação, é importante que se considere que esta é recorrentemente usada como uma forma de evitar constrangimentos ao buscar atendimento médico. Muitas travestis e transexuais, dado o restrito acesso a saúde pública, acabam por consultar a internet, colegas ou a dona de casa onde residem a enfrentarem momentos discriminatórios e vexatórios.

## TABELA 19 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE OUTROS MOTIVOS QUE LEVARAM A ENTREVISTADA A NÃO PROCURAR UM MÉDICO.

OUTROS MOTIVOS QUE LEVARAM A ENTREVISTADA A NÃO PROCURAR UM MÉDICO	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Preguiça	9	25,71
Medo do diagnóstico	5	14,29
Vergonha / vergonha de ficar nua	4	11,43
Achou que não era grave	3	8,57
Atendimento péssimo para travestis	2	5,71
Não acreditou que precisava / não quis	2	5,71
Estava muito mal e não tinha companhia para ir	2	5,71
Deixa melhorar naturalmente / melhoria	2	5,71
Não gosta de remédio	1	2,86
Caos do serviço público	1	2,86
Prefere ir ao farmacêutico	1	2,86
Medo de descobrir que tem HIV / DSTs	1	2,86
Medo de injeção	1	2,86
Não é atendida imediatamente	1	2,86
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100,00</b>

Das 35 entrevistadas que responderam a questão sobre outros motivos de não procurarem um médico: 25,71% (9) não procuraram um médico porque ficaram com preguiça; 14,29% (5) não procuraram um médico por medo do diagnóstico; 11,43% (4) não procuraram um médico por causa da vergonha/vergonha de ficar nua; 8,57% (3) não procuraram um médico porque acharam que não era grave; 5,71% (2) não procuraram um médico por causa do atendimento péssimo para as travestis; 5,71% (2) não procuraram um médico por não acreditarem que precisavam/não quis ir; 5,71% (2) não procuraram um médico porque estavam muito mal e não tinham companhia; 5,71% (2) não procuraram um médico porque deixaram melhorar naturalmente/melhoria; 2,86% (1) não procuraram um médico porque não gostam de remédio; 2,86% (1) não procuraram um médico por causa do caos do serviço público; 2,86% (1) não procuraram um médico porque preferem ir ao farmacêutico; 2,86% (1) não procuraram um médico por medo de descobrir que tem HIV/DSTs; 2,86% (1) não procuraram um médico porque têm medo de injeção; 2,86% (1) não procuraram um médico porque não é atendida imediatamente e 2,86% (2) não responderam o porquê não procuraram um médico.

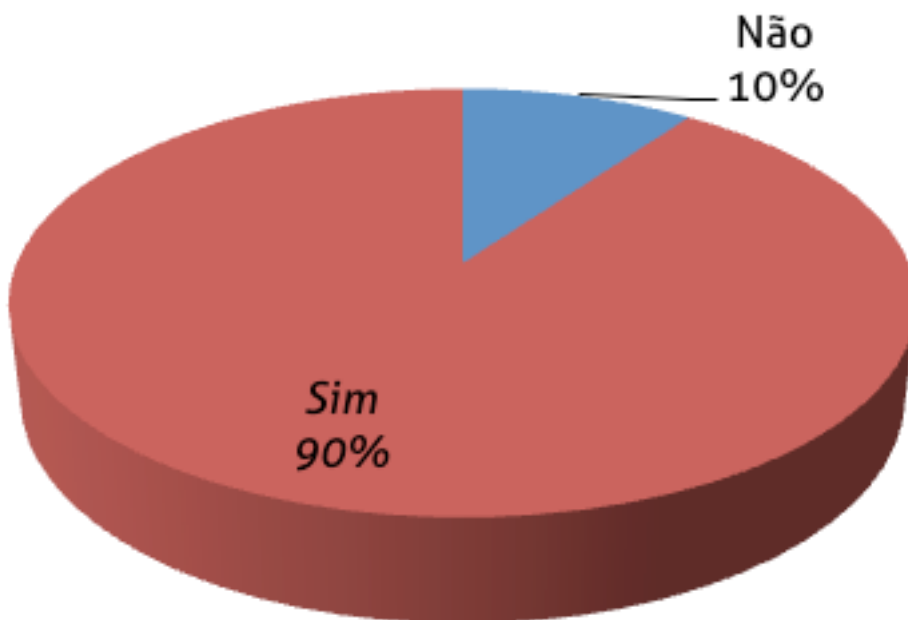


## 3.9.1 USO DE DROGAS





## GRÁFICO 81 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE ÁLCOOL



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

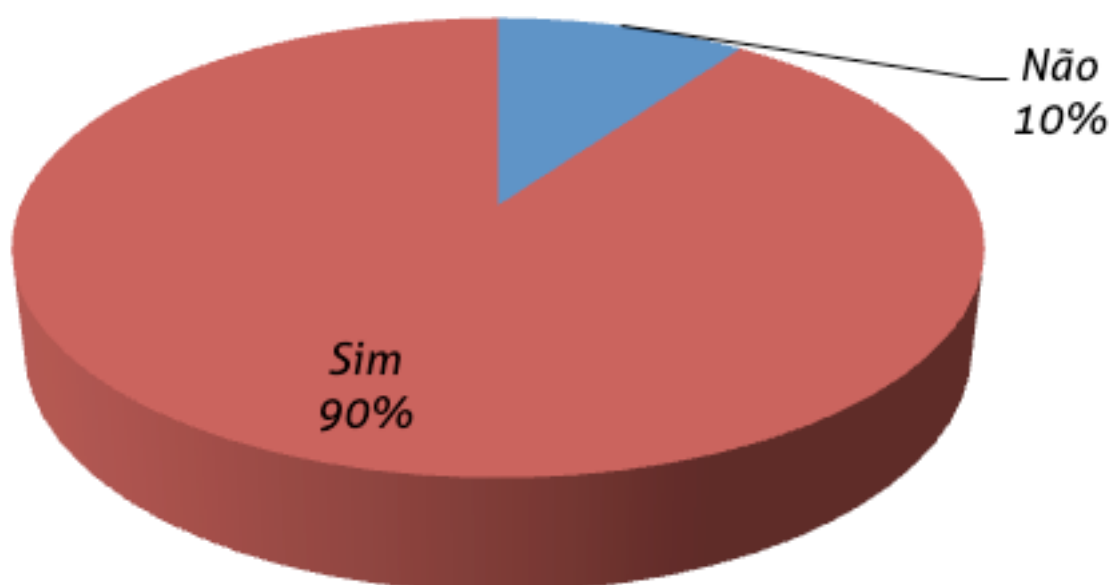
Das cento e quarenta e uma (141) entrevistadas apenas 10 % (14) afirmam que não fizeram uso de álcool e 90% (127) fizeram uso de álcool.

## TABELA 20 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS PARTICIPANTES RELATARAM TEREM USADO ÁLCOOL.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
1 mês	1	1,8
6 meses	1	1,8
9 meses	1	1,8
1 ano	1	1,8
2 anos	3	5,5
3 anos	2	3,6
4 anos	5	9,1
5 anos	2	3,6
6 anos	5	9,1
7 anos	5	9,1
8 anos	1	1,8
9 anos	6	10,9
10 anos	5	9,1
12 anos	2	3,6
13 anos	1	1,8
14 anos	1	1,8
15 anos	2	3,6
16 anos	1	1,8
17 anos	1	1,8
18 anos	1	1,8
20 anos	2	3,6
Ainda usa	2	3,6
Desde nova	1	1,8
Desde os 12 anos	1	1,8
Desde os 18 anos	1	1,8
Socialmente	1	1,8
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>100,0</b>

Dentre as cinquenta e cinco (55) entrevistadas que responderam sobre o tempo de uso de álcool, observa-se que: 1,8% (1) das entrevistadas fez uso de álcool por um (1) mês; 1,8% (1) fez uso de álcool por seis (6) meses; 1,8% (1) fez uso de álcool por nove (9) meses; 1,8% (1) fez uso de álcool por um (1) ano; 5,5% (3) fizeram uso de álcool por dois (2) anos; 3,6% (2) fizeram uso de álcool por três (3) anos; 9,1% (5) fizeram uso de álcool por quatro (4) anos; 3,6% (2) fizeram uso de álcool por cinco (5) anos; 9,1% (5) fizeram uso de álcool por seis (6) anos; 9,1% (5) fizeram uso de álcool por sete (7) anos; 1,8 % (1) fez uso de álcool por oito (8) anos; 10,9% (6) fizeram uso de álcool por nove (9) anos; 9,1% (5) fizeram uso de álcool por dez (10) anos; 3,6% (2) fizeram uso de álcool por doze (12) anos; 1,8% (1) fez uso de álcool por treze (13) anos; 1,8 % (1) fez uso de álcool por quatorze (14) anos; 3,6% (2) fizeram uso de álcool por quinze (15) anos; 1,8% (1) fez uso de álcool por dezesseis (16) anos; 1,8 % (1) fez uso de álcool por dezessete (17) anos; 1,8 % (1) fez uso de álcool por dezoito (18) anos e 3,6% (2) fizeram uso de álcool por vinte (20) anos. Das entrevistadas, 3,6% (2) ainda fazem uso de álcool; 1,8 % (1) usa álcool desde nova; 1,8 % (1) usa álcool desde os doze (12) anos de idade; 1,8% (1) usa álcool desde os dezoito (18) anos de idade e 1,8% (1) usa álcool socialmente.

## GRÁFICO 82 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE ÁLCOOL NO PERÍODO DA ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

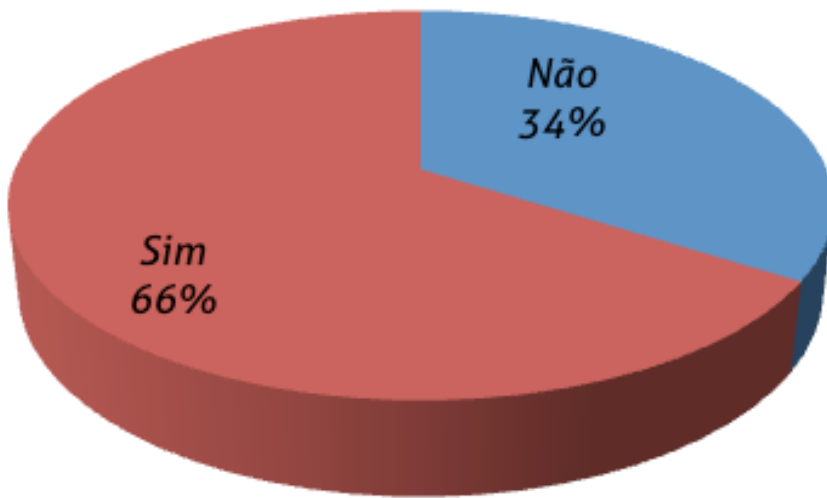
Das cento e quarenta e uma (141) entrevistadas, 90,0 % (127) informaram que ainda fazem uso de álcool e 10% (14) afirmaram que não faziam uso de álcool no período da entrevista.

## TABELA 21 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE ÁLCOOL RELATADO PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Diariamente	15	13,5
Quase todo dia	1	0,9
5x semana	1	0,9
4x semana	3	2,7
3x semana	4	3,6
2x semana	11	9,9
1x semana	15	13,5
Semanalmente	3	2,7
4x mês	2	1,8
2x mês	1	0,9
1x mês	15	13,5
1x a cada 2 meses	1	0,9
1x ano	1	0,9
2x ano	1	0,9
Eventualmente	9	8,1
Final de semana / dias de festa	12	10,8
Socialmente / na balada	9	8,1
Pouco	7	6,3
<b>Total</b>	<b>111</b>	<b>100,0</b>

Das cento e onze (111) entrevistadas que responderam a esta pergunta, 13,5% (15) relataram que usam álcool diariamente; 0,9% (1) usa álcool quase todo dia; 0,9% (1) usa álcool cinco (5) vezes por semana; 2,7% (3) usam álcool quatro (4) vezes por semana; 3,6% (4) usam álcool três (3) vezes por semana; 9,9% (11) usam álcool duas (2) vezes por semana; 13,5% (15) usam álcool uma (1) vez por semana; 2,7% (3) usam álcool semanalmente; 1,8% (2) usam álcool quatro (4) vezes por mês; 0,9% (1) usa álcool duas (2) vezes por mês; 13,5% (15) usam álcool uma (1) vez por mês; 0,9% (1) usa álcool uma vez a cada dois meses; 0,9% (1) usa álcool uma vez por ano; 0,9% (1) usa álcool duas vezes por ano; 8,1% (9) usam álcool eventualmente; 10,8% (12) usam álcool no final de semana/dias de festa; 8,1% (9) usam álcool socialmente/na balada; e 6,3% (7) das entrevistadas usam pouco álcool.

## GRÁFICO 83 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE CIGARRO.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que, dentre as 141 participantes, 34,0% (48) não fizeram uso de cigarro e mais da metade 66,0% (93) já fizeram uso de cigarro.

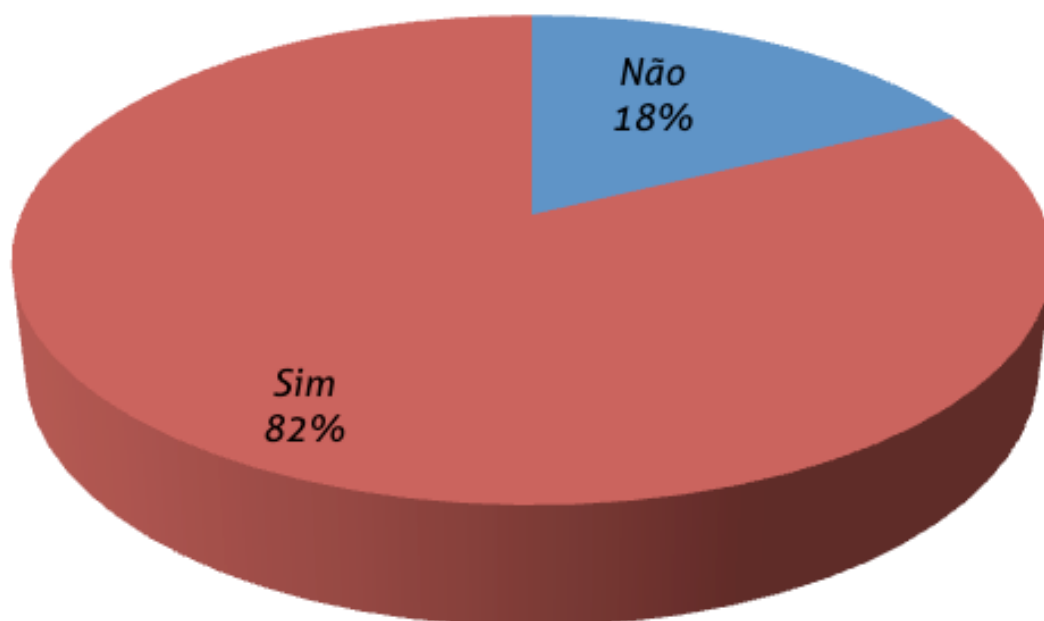
**TABELA 22 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO CIGARRO**

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
1 mês	1	1,8
2 meses	1	1,8
10 meses	1	1,8
1 ano	1	1,8
1 ano e meio	1	1,8
2 anos	3	5,4
3 anos	7	12,5
4 anos	3	5,4
5 anos	1	1,8
6 anos	6	10,7
7 anos	4	7,1
8 anos	2	3,6
9 anos	3	5,4
10 anos	2	3,6
Mais de 10 anos	1	1,8
12 anos	3	5,4
16 anos	1	1,8
17 anos	1	1,8
20 anos	1	1,8
21 anos	1	1,8
25 anos	1	1,8
Raramente	1	1,8
Só experimentou / uma vez	6	10,7
Ainda usa	4	7,1
Total	56	100,0



Dentre as 56 participantes que responderam sobre o tempo que fizeram uso de cigarro, 1,8% (1) afirmou que fez uso de cigarro por um (1) mês; 1,8% (1) fez uso de cigarro por dois (2) meses; 1,8% (1) fez uso de cigarro por dez (10) meses; 1,8% (1) fez uso de cigarro por um (1) ano; 1,8% (1) fez uso de cigarro por um ano e meio; 5,4% (3) fizeram uso de cigarro por dois (2) anos; 12,5% (7) fizeram uso de cigarro por três (3) anos; 5,4% (3) fizeram uso de cigarro por quatro (4) anos; 1,8% (1) fez uso de álcool por cinco (5) anos; 10,7% (6) fizeram uso de cigarro por seis (6) anos; 7,1% (4) fizeram uso de cigarro por sete (7) anos; 3,6% (2) fizeram uso de cigarro por oito (8) anos; 5,4% (3) fizeram uso de cigarro por nove (9) anos; 3,6% (2) fizeram uso de cigarro por dez (10) anos; 1,8% (1) fez uso de cigarro por mais de dez (10) anos; 5,4% (3) fizeram uso de cigarro por doze (12) anos; 1,8% (1) fez uso de cigarro por dezesseis (16) anos; 1,8% (1) fez uso de cigarro por dezessete (17) anos; 1,8% (1) fez uso de cigarro por vinte (20) anos; 1,8% (1) fez uso de cigarro por vinte e um (21) anos; 1,8% (1) fez uso de cigarro por vinte e cinco (25) anos; 1,8% (1) fez uso raramente de cigarro; 10,7% (6) experimentaram cigarro/usaram uma vez e 7,1% (4) ainda fazem uso de cigarro.

## GRÁFICO 84 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE CIGARRO.



*\*Dados referentes a 85 participantes que responderam a esta pergunta.*

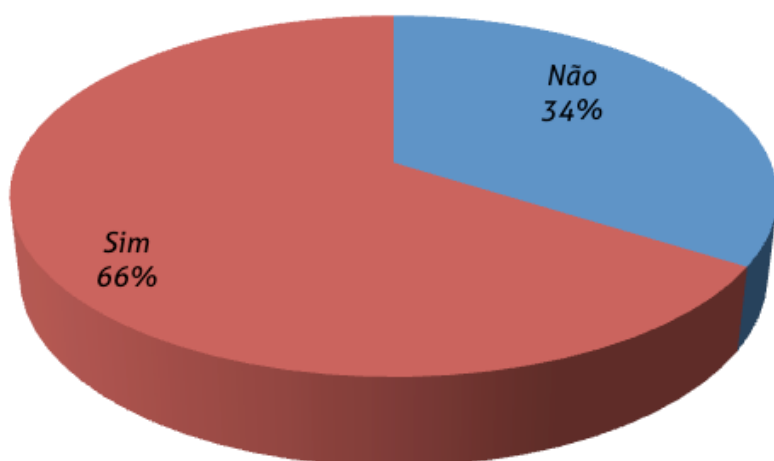
Observa-se que, dentre as 85 participantes que responderam a esta pergunta, 18% (15) não fazem mais uso de cigarros, sendo que mais da metade, 82% (70) ainda faz uso de cigarros.

## TABELA 23 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE CIGARRO RELATADO PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Muito	3	4,5
Diariamente	52	77,6
Quase todos os dias	1	1,5
Semanalmente	5	7,5
Final de semana	1	1,5
Ocasionalmente	4	6,0
Indefinida	1	1,5
<b>Total</b>	<b>67</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que, dentre as 67 respondentes, 4,5% (3) afirmaram usar muito cigarros, sendo que 77,6% (52) afirmaram usar cigarro diariamente; 1,5% (1) usa cigarro quase todos os dias; 7,5% (5) usam cigarro semanalmente; 1,5% (1) usa cigarro nos fins de semana; 6,0% (4) usam cigarro ocasionalmente e 1,5% (1) declarou a regularidade como indefinida.

## GRÁFICO 85 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE MACONHA.



*\*Dados referentes a 79 participantes que responderam a esta pergunta.*

Das 79 entrevistadas que responderam a esta pergunta, 34% (32) afirmaram que não fazem mais uso de maconha, sendo que 66% (47) ainda fazem uso de maconha.

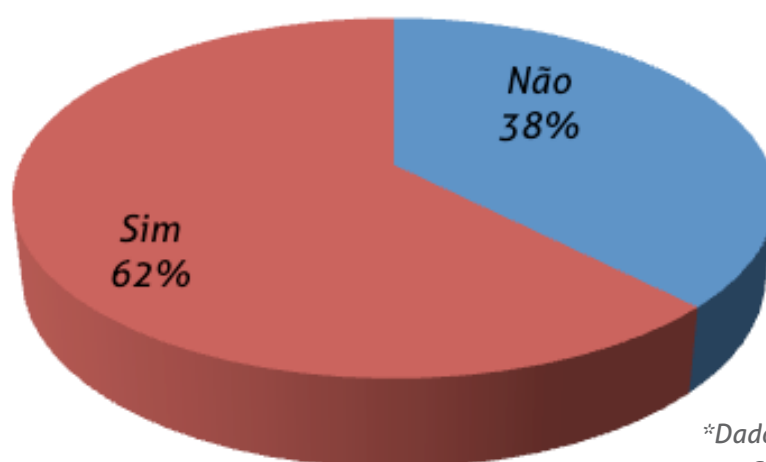


## TABELA 25 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE MACONHA RELATADO PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
1x mês	1	2,2
1x semana	3	6,5
3x semana	1	2,2
4x semana	2	4,3
5x semana	2	4,3
Diariamente	25	54,3
Eventualmente	7	15,2
Final de semana	2	4,3
Indefinido	3	6,5
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>100,0</b>

Dentre as 46 participantes que responderam sobre a regularidade do uso de maconha, 2,2% (1) respondeu usar maconha uma vez por mês; 6,5% (3) afirmaram usar maconha uma vez por semana; 2,2% (1) usa maconha três vezes por semana; 4,3% (2) afirmaram usar maconha quatro vezes por semana; 4,3% (2) afirmaram usar maconha cinco vezes por semana; 54,3% (25) afirmaram usar maconha diariamente; 15,2% (7) usam maconha eventualmente; 4,3% (2) usam maconha nos finais de semana e 6,5 % (3) usam por tempo indefinido.

## GRÁFICO 87 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE COCAÍNA.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 141 entrevistadas, 38% (53) relataram não terem feito uso de cocaína e 62% (88) já fizeram uso cocaína.

**TABELA 26 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO COCAÍNA**

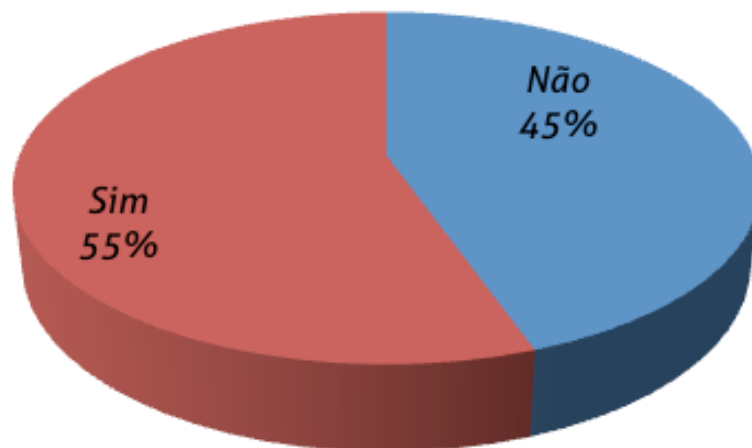
	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>PERCENTUAL (%)</b>
4 vezes	1	1,9
3 dias	1	1,9
1 semana	1	1,9
2 meses	1	1,9
3 meses	3	5,6
5 meses	1	1,9
6 meses	2	3,7
<b>1 ano</b>	<b>8</b>	<b>14,8</b>
<b>2 anos</b>	<b>6</b>	<b>11,1</b>
<b>3 anos</b>	<b>3</b>	<b>5,6</b>
<b>4 anos</b>	<b>4</b>	<b>7,4</b>
<b>5 anos</b>	<b>1</b>	<b>1,9</b>
<b>6 anos</b>	<b>2</b>	<b>3,7</b>
<b>10 anos</b>	<b>3</b>	<b>5,6</b>
Eventualmente	3	5,6
<b>Experimentou apenas</b>	<b>9</b>	<b>16,7</b>
Ainda usa	1	1,9
Indefinido	3	5,6
Não sabe	1	1,9
<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que dentre as 54 respondentes, 16,7% (9) experimentaram cocaína; 1,9% (1) fez uso de cocaína quatro vezes; 1,9 % (1) fez uso de cocaína por três dias; 1,9% (1) fez uso de cocaína por uma semana; 1,9 % (1) fez uso de cocaína por dois meses; 5,6% (3) fizeram uso de cocaína por três meses; 1,9 % (1) das entrevistadas fez uso de cocaína por cinco meses; 3,7% (2) fizeram uso por seis meses; 14,8% (8) fizeram uso de cocaína por um ano; 11,1% (6) fizeram uso

por dois anos; 5,6 % (3) fizeram uso de cocaína por três anos; 7,4 % (4) fizeram uso de cocaína por quatro anos; 1,9% (1) fez uso de cocaína por cinco anos; 3,7% (2) fizeram uso de cocaína por seis anos; 5,6% (3) fizeram uso de cocaína por dez anos; 5,6% (3) fizeram uso de cocaína eventualmente; 16,7% (9) experimentaram cocaína 1,9% (1) ainda usa cocaína; 5,6% (3) o tempo de uso é indefinido e 1,9% (1) não soube responder a esta pergunta.



## GRÁFICO 88 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE COCAÍNA



*\*Dados referentes a 74 participantes que responderam a esta pergunta.*

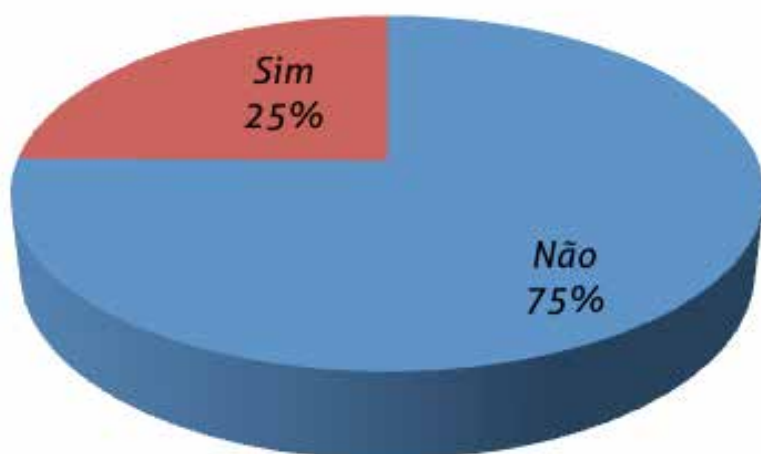
Observa-se que dentre as 74 participantes que responderam se ainda faziam uso de cocaína no período da entrevista, 45% (33) responderam que não faziam mais uso de cocaína e 55% (41) das entrevistadas ainda faziam uso de cocaína.

## TABELA 27 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE COCAÍNA RELATADO PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Diariamente	3	7,9
1x semana	5	13,2
2x semana	4	10,5
3x semana	4	10,5
5x semana	1	2,6
1x mês	3	7,9
2x mês	2	5,3
Eventualmente	8	21,1
Final de semana / balada	4	10,5
4x na vida	1	2,6
Quando o cliente paga	3	7,9
<b>Total</b>	<b>38</b>	<b>100,0</b>

Dentre 38 respondentes, observa-se que 7,9% (3) das entrevistadas responderam que usam cocaína diariamente; 13,2% (5) usam uma vez por semana; 10,5% (4) usam duas vezes por semana; 10,5% (4) usam três vezes por semana; 2,6% (1) usa cinco vezes por semana; 7,9% (3) das entrevistadas responderam usar cocaína uma vez por mês; 5,3% (2) usam duas vezes por mês; 21,1% (8) usam cocaína eventualmente; 10,5% (4) usam cocaína nos finais de semana/ balada; 2,6% (1) usou quatro vezes e 7,9% (3) usam quando o cliente paga.

## GRÁFICO 89 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE CRACK.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre todas as participantes, observa-se que, 75,0% (106) não fizeram uso de crack e 25,0% (35) já fizeram uso de crack.

**TABELA 28 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO CRACK.**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>PERCENTUAL (%)</b>
Experimentou apenas	8	29,6
1 mês	1	3,7
4 meses	1	3,7
5 meses	1	3,7
1 ano	3	11,1
2 anos	3	11,1
4 anos	1	3,7
6 anos	2	7,4
8 anos	2	7,4
10 anos	2	7,4
14 anos	1	3,7
Ainda usa	1	3,7
Raramente	1	3,7
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que, dentre as 27 entrevistadas que responderam à pergunta sobre o tempo que fizeram uso de crack, 29,6% (8) das entrevistadas apenas experimentaram o crack; 3,7% (1) fez uso de crack durante um mês; 3,7% (1) das entrevistadas fez uso por quatro meses; 3,7% (1) das entrevistadas fez uso por cinco meses; 11,1% (3) fizeram uso de crack por um ano; 11,1% (3) fizeram uso por dois anos; 3,7% (1) fez uso crack por quatro anos; 7,4% (2) fizeram uso de crack por seis anos; 7,4% (2) fizeram uso de crack por oito anos; 7,4% (2) fizeram uso de crack por dez anos; 3,7% (1) fez uso de crack durante quatorze anos; 3,7% (1) ainda faz uso de crack e 3,7% (1) faz uso raramente.



## GRÁFICO 90 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE CRACK.



*\*Dados referentes a 28 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 28 respondentes, 79% (22) disseram que não fazem mais uso de crack e apenas 21% (6) das entrevistadas ainda fazem uso de crack.

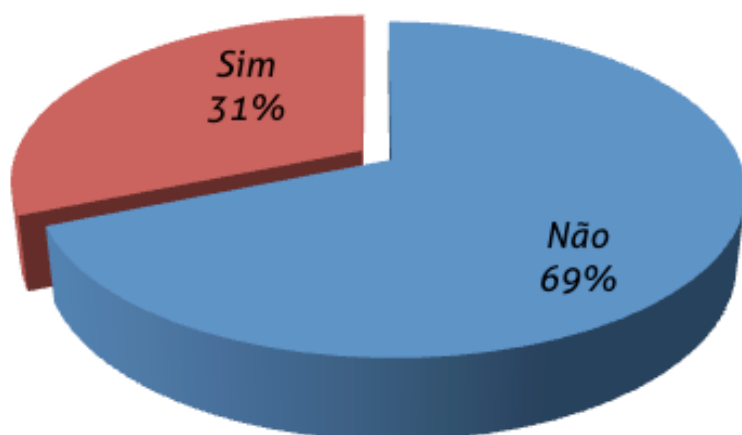
**TABELA 29 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE CRACK RELATADO PELAS PARTICIPANTES.**

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Diariamente	2	33,3
1x semana	1	16,7
Final de semana	1	16,7
Eventualmente	2	33,3
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que, das seis (6) respondentes, 33,3% (2) disseram que usam crack diariamente; 16,7% (1) usa uma vez por semana; 16,7% (1) usa aos finais de semana e 33,3% (2) das entrevistadas responderam usar crack eventualmente.



## GRÁFICO 91 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE ECSTASY (BALA), MDMA.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

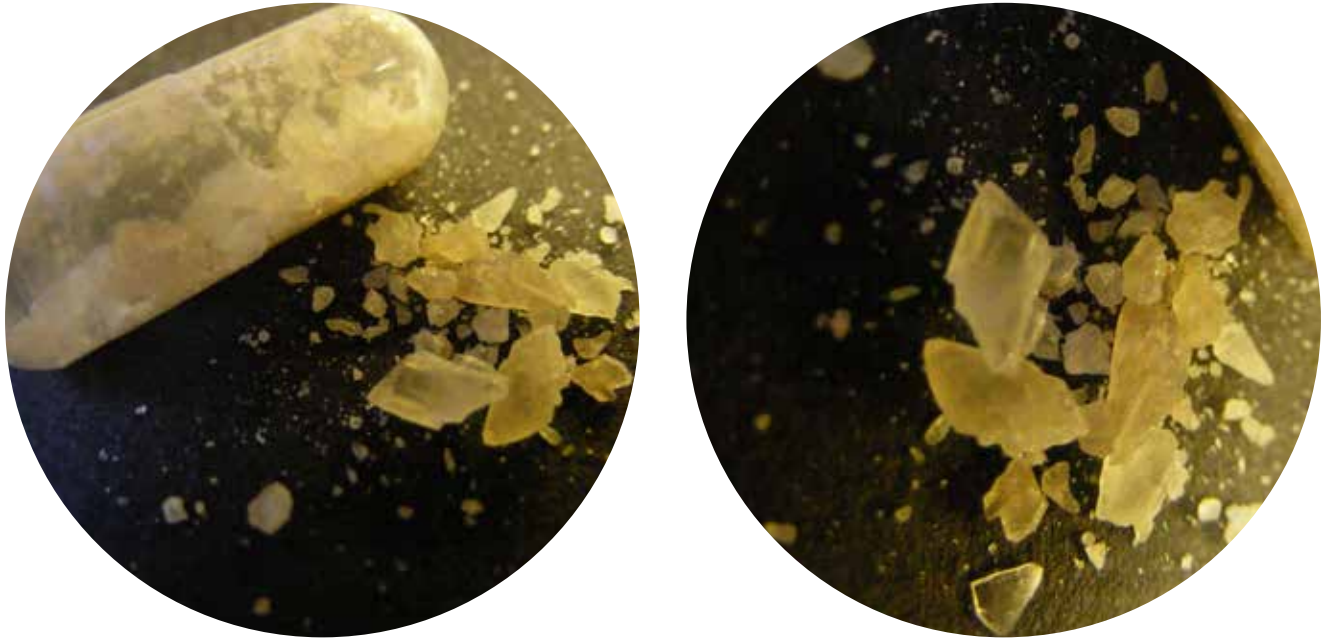
Dentre as cento e quarenta e uma (141) participantes, observa-se que 69% (97) não fizeram uso de ecstasy (bala) e MDMA e 31% (44) já fizeram uso de ecstasy (bala) e MDMA.

## TABELA 30 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO ECSTASY (BALA), MDMA.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Experimentou apenas	15	55,6
2 vezes	3	11,1
3 vezes	1	3,7
4 vezes	3	11,1
6 vezes	1	3,7
1 mês	1	3,7
2 anos	1	3,7
6 anos	1	3,7
Raramente	1	3,7
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100,0</b>

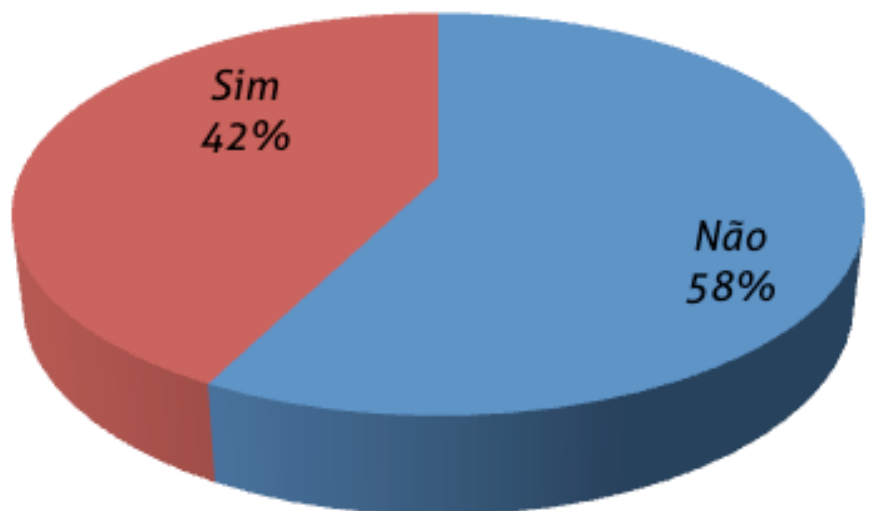


Dentre as 27 participantes que responderam à pergunta sobre o tempo de uso de ecstasy (bala), MDMA: 55,6% (15) relataram que apenas experimentaram; 11,1% (3) fizeram uso duas vezes; 3,7% (1) das entrevistadas fez uso três vezes; 11,1% (3) fizeram uso quatro vezes; 3,7% (1) fez uso seis vezes; 3,7% (1) das entrevistadas fez uso durante um mês; 3,7% (1) fez uso durante dois anos; 3,7% (1) fez uso durante seis anos e 3,7% (1) das entrevistadas afirmou que fez uso raramente.



## GRÁFICO 92 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE ECSTASY (BALA), MDMA

*\*Dados referentes a 33 participantes que responderam a esta pergunta.*



Observa-se que dentre 33 respondentes, 58% (19) responderam que não fazem mais uso de ecstasy (bala), MDMA e 42% (14) das entrevistadas disseram que ainda fazem uso.

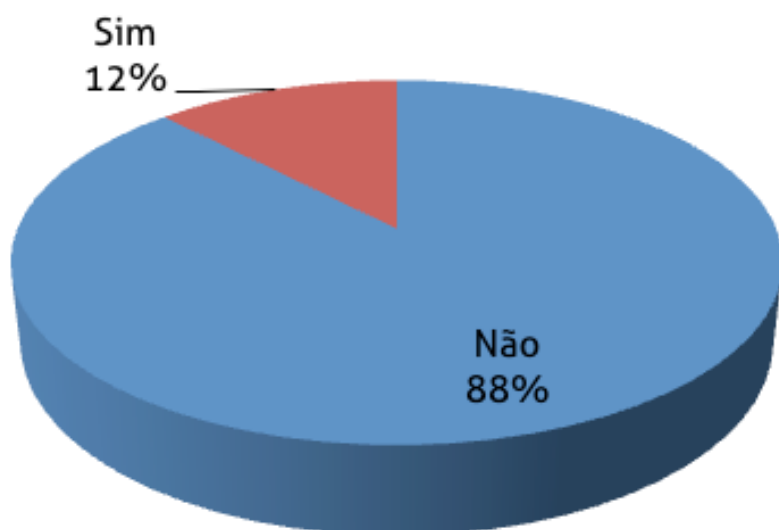
## TABELA 31 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE ECSTASY (BALA), MDMA RELATADO PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
1x semana	2	18,2
Final de semana / balada	6	54,5
2x mês	1	9,1
Eventualmente	3	27,3
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100,0</b>



Dentre as 11 entrevistadas que responderam sobre a regularidade do uso de ecstasy (bala), MDMA, observa-se que 18,2% (2) responderam que usam uma vez por semana; 54,5% (6) usam nos finais de semana/balada; 9,1% (1) usa duas vezes ao mês e 27,3% (3) usam eventualmente.

## GRÁFICO 93 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE LSD.



*\*Dados referentes a 139 participantes que responderam a esta pergunta.*

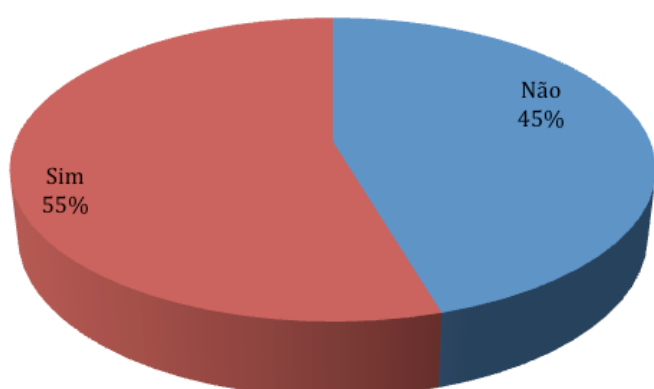
Observa-se, dentre as 139 respondentes, que 88% (122) disseram que não fizeram uso de LSD e apenas 12% (17) já fizeram uso de LSD.

## TABELA 32 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO LSD.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Experimentou apenas	6	60,0
2 vezes	1	10,0
2 anos	1	10,0
6 anos	1	10,0
Indefinido	1	10,0
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>

Dentre as dez participantes que responderam sobre o tempo de uso de LSD, observa-se que 60,0% (6) das entrevistadas apenas experimentaram; 10,0% (1) das entrevistadas fez uso duas vezes; 10% (1) das entrevistadas fez uso por dois anos; 10,0% (1) das entrevistadas fez uso por seis anos e 10,0% (1) das entrevistadas respondeu indefinido.

## GRÁFICO 94 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE LSD.



*\*Dados referentes a 11 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que, dentre as 11 entrevistadas que responderam a esta pergunta, 45% (5) não fazem mais uso de LSD atualmente e 55% (6) das entrevistadas ainda fazem uso de LSD.

## TABELA 33 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE LSD, RELATADO PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Diariamente	1	25
Sempre que tem oportunidade	1	25
Final de semana / balada	2	50
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>100</b>

Dentre as quatro participantes que responderam sobre a regularidade de uso de LSD, 25,0% (1) das entrevistadas respondeu que o usa diariamente; 25,0% (1) das entrevistadas usa sempre que tem oportunidade e 50,0% (2) usam nos finais de semana/balada.

## GRÁFICO 95 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE KETAMINA (SPECIAL K) / GHB (TIPO DE BOA NOITE CINDERELA).



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*



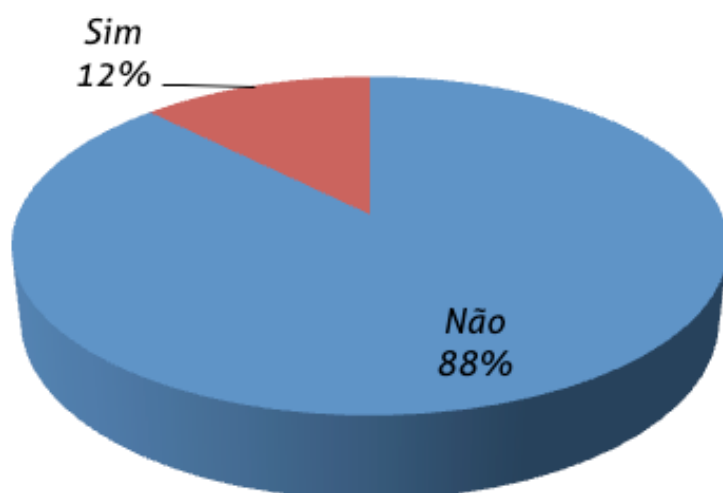
Dentre as 141 participantes, 91% (129) não fizeram uso de Ketamina (special K) / GHB (tipo Boa Noite Cinderela) e apenas 9% (12) já fizeram uso de Ketamina.

## TABELA 34 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO KETAMINA (SPECIAL K), GHB (TIPO BOA NOITE CINDERELA).

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Experimentou apenas	4	44,5
2 vezes	1	11,1
5 vezes	1	11,1
1 semana	1	11,1
1 mês	1	11,1
6 anos	1	11,1
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que, dentre as 9 respondentes, 44,5% (4) relataram que apenas experimentaram Ketamina; 11,1% (1) fez uso de Ketamina duas vezes; 11,1% (1) das entrevistadas fez uso de Ketamina cinco vezes; 11,1% (1) fez uso de Ketamina por uma semana; 11,1% (1) fez uso de Ketamina por um mês e 11,1% (1) fez uso de Ketamina durante seis anos.

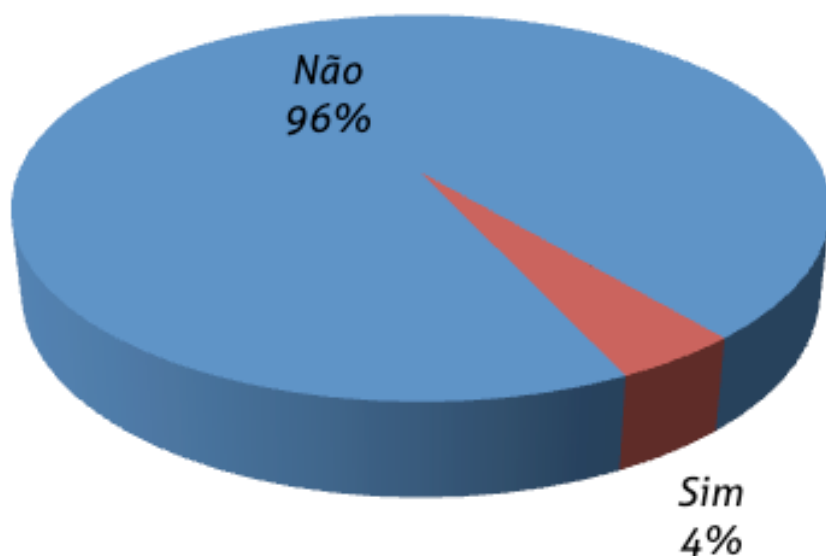
## GRÁFICO 96 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE KETAMINA.



*\*Dados referentes a 8 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que, dentre as 8 respondentes, 88% (7) disseram que não fazem mais uso de Ketamina e apenas 12% (1) das entrevistadas ainda faz uso de Ketamina. Observa-se que uma entrevistada respondeu que usa Ketamina nos finais de semana/balada, as demais não responderam à pergunta sobre a regularidade do uso de Ketamina.

## GRÁFICO 97 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE HEROÍNA.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre todas as participantes, observa-se que 96% (135) não fizeram uso de heroína e apenas 4% (6) já fizeram uso heroína.

## TABELA 35 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO HEROÍNA

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
1 semana	1	25
1 ano	1	25
6 anos	1	25
Indefinido	1	25
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>100</b>

Observa-se que 25,0% (1) fez uso de heroína por uma semana; 25,0% (1) das entrevistadas fez uso de heroína por um ano; 25,0% (1) fez uso de heroína por seis anos e 25,0% (1) por um tempo indefinido.

Observa-se que 2 das entrevistadas responderam que não fazem mais uso de heroína. As demais participantes não responderam ou a pergunta não se aplicava a elas. E nenhuma participante respondeu sobre a regularidade de uso de heroína.



## GRÁFICO 98 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE COGUMELO (CHÁ).



*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam a esta pergunta.*

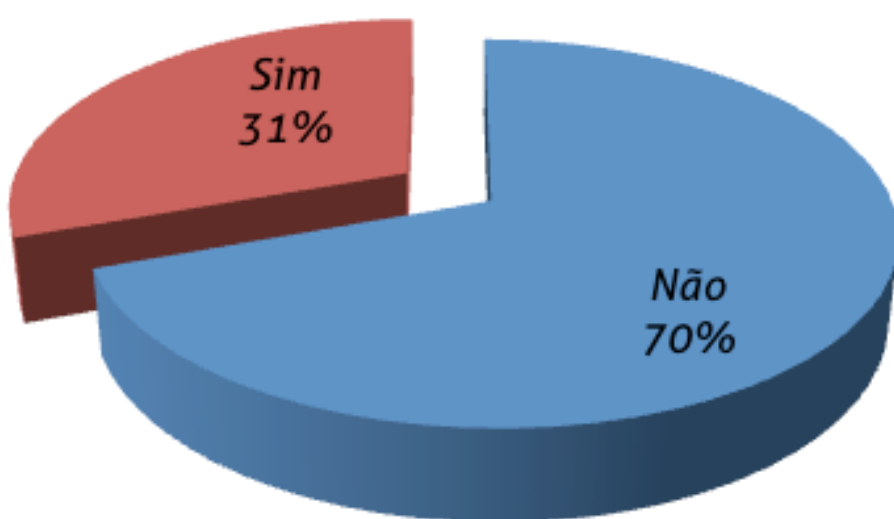
Observa-se que, dentre 140 respondentes, 96% (135) não fizeram uso de cogumelo (chá) e apenas 4% (5) já fizeram uso de cogumelo (chá).

## TABELA 36- FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO COGUMELO (CHÁ).

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
1 vez	2	50
2 meses	1	25
6 anos	1	25
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>100</b>

Dentre as 4 respondentes, observa-se que 50,0% (2) fizeram uso de cogumelo por uma vez; 25,0% (1) das entrevistadas fez uso de cogumelo por dois meses e 25,0% (1) das entrevistadas fez uso de cogumelo por seis anos. Dentre as 3 participantes que responderam sobre ainda usar cogumelo (chá), observa-se que uma respondeu que não faz mais uso de cogumelo e duas (2) responderam que ainda fazem uso de cogumelo (chá). E somente uma (1) entrevistada relatou o uso de cogumelo nos finais de semana/balada. As demais não responderam quanto à regularidade de uso.

## GRÁFICO 99 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE LANÇA PERFUME (LOLÓ), COLA DE SAPATEIRO, BENZINA, CLOROFÓRMIO.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 141 participantes que responderam quanto ao uso de inalantes, observa-se que 70% (98) das entrevistadas não fizeram uso de lança perfume (loló), cola de sapateiro, benzina, clorofórmio e 31% (43) já fizeram uso destes inalantes.

## TABELA 37 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO LANÇA PERFUME (LOLÓ), COLA DE SAPATEIRO, BENZINA, CLOROFÓRMIO.

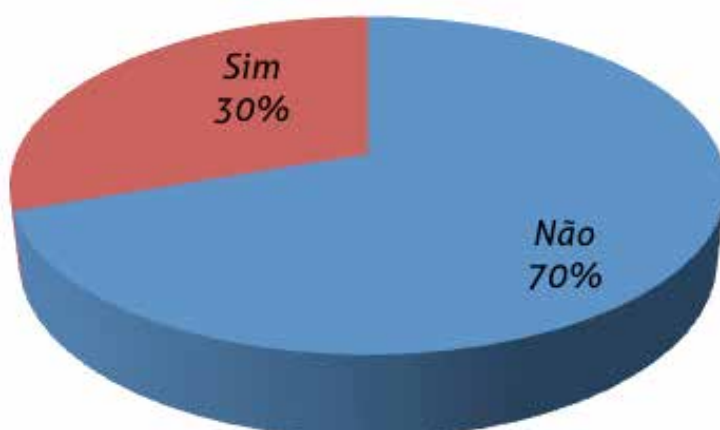
	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Experimentou apenas	12	48,0
2 vezes	3	12,0
1 semana	1	4,0
1 mês	1	4,0
1 ano	3	12,0
2 anos	2	8,0
6 anos	1	4,0
7 anos	1	4,0
Não sabe	1	4,0
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100,0</b>



Dentre as 25 respondentes, observa-se que 48,0% (12) disseram que apenas experimentaram lança perfume (loló), cola de sapateiro, benzina, clorofórmio; 12,0% (3) fizeram uso duas vezes; 4,0% (1) fez uso por uma semana; 4,0% (1) fez uso por um mês; 12,0 % (3) fizeram uso por um ano; 8,0% (2) fizeram uso por dois anos; 4,0% (1) fez uso por seis anos; 4,0% (1) fez uso por sete anos e 4,0% (1) não soube responder esta pergunta.

## GRÁFICO 100 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE LANÇA PERFUME (LOLÓ), COLA DE SAPATEIRO, BENZINA, CLOROFÓRMIO.

*\*Dados referentes a 33 participantes que responderam a esta pergunta.*



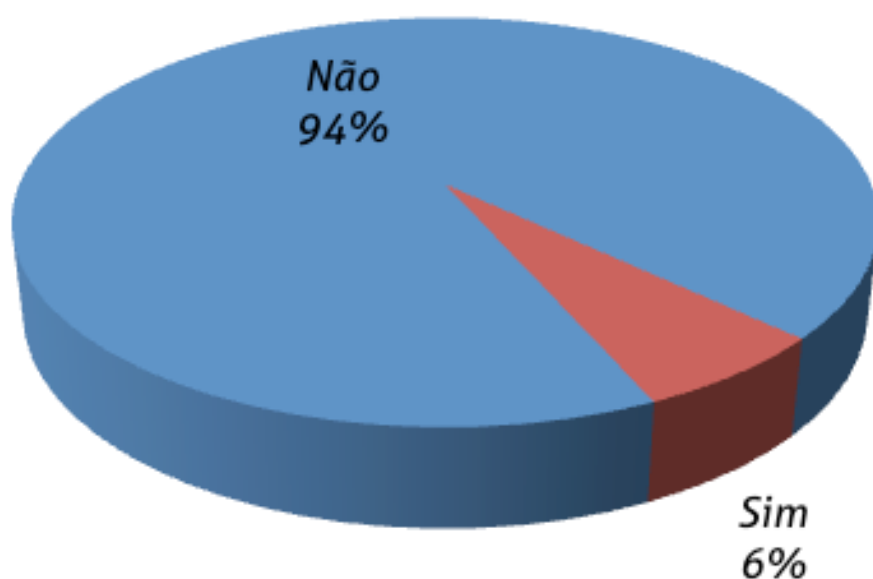
Observa-se que 70% (23) das entrevistadas responderam que não fazem mais uso de lança perfume (loló), cola de sapateiro, benzina, clorofórmio e 30% (10) das entrevistadas ainda fazem uso de lança perfume (loló), cola de sapateiro, benzina, clorofórmio.

## TABELA 38 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE LANÇA PERFUME (LOLÓ), COLA DE SAPATEIRO, BENZINA, CLOROFÓRMIO RELATADO PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
2x semana	1	10,0
5x semana	1	10,0
Final de semana / balada	2	20,0
Durante o carnaval	4	40,0
Eventualmente	2	20,0
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que, dentre as 10 participantes que responderam a esta pergunta, 10,0% (1) usa lança perfume (loló), cola de sapateiro, benzina, clorofórmio duas vezes por semana; 10,0% (1) usa cinco vezes por semana; 20,0% (2) usam lança perfume (loló), cola de sapateiro, benzina, clorofórmio nos finais de semana/balada; 40,0% (4) usam durante o carnaval e 20,0% (2) usam eventualmente.

## GRÁFICO 101 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE ANFETAMINA - BOLINHA, REMÉDIO PARA EMAGRECER.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se, dentre as entrevistadas, que 94% (132) não fizeram uso de anfetamina - bolinha, remédio para emagrecer, e apenas 6% (9) já fizeram uso destes químicos.



### TABELA 39 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO ANFETAMINA - BOLINHA, REMÉDIO PARA EMAGRECER.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Experimentou apenas	1	20,0
2 meses	1	20,0
3 meses	1	20,0
5 anos	1	20,0
6 anos	1	20,0
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>100,0</b>

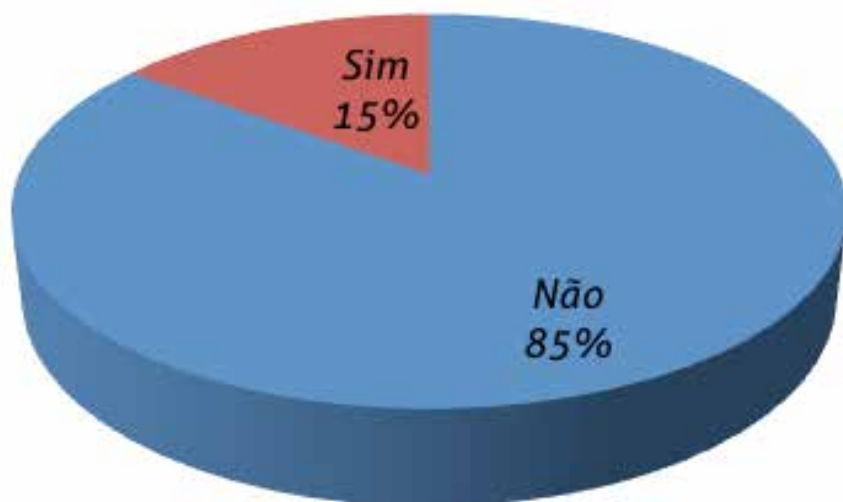
Dentre as cinco (5) participantes que responderam esta questão, 20,0% (1) apenas experimentou anfetamina - bolinha, remédio para emagrecer; 20,0% (1) fez uso por dois meses; 20,0% (1) das entrevistadas fez uso por três meses; 20,0% (1) das entrevistadas fez uso por cinco anos e 20,0% (1) fez uso por seis anos.

Observa-se que dentre as quatro (4) entrevistadas que responderam se ainda fazem uso, todas afirmaram que não fazem o uso de anfetamina – bolinha, remédio para emagrecer, atualmente. As demais participantes não responderam ou a questão não se aplicava a elas.

Nenhuma participante respondeu à questão referente à regularidade do uso de anfetamina – bolinha, remédio para emagrecer.



## GRÁFICO 102 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE VIAGRA® OU CIALIS®.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

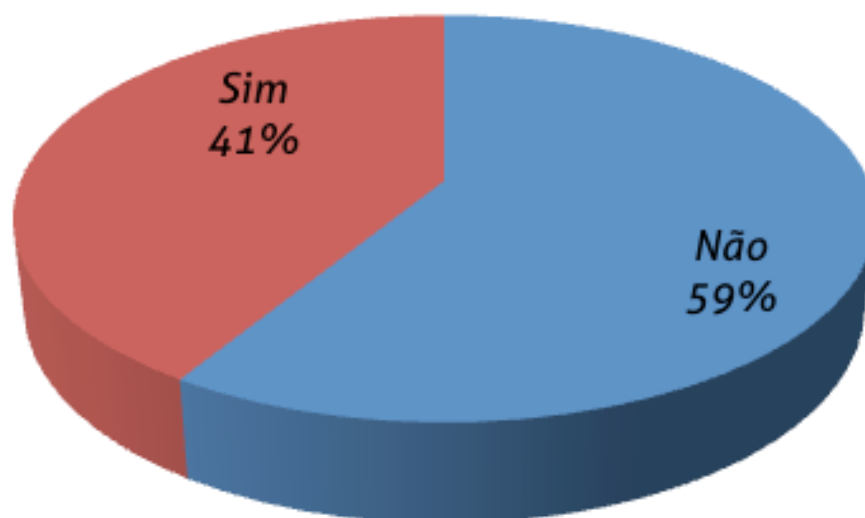
Das 141 entrevistadas, 85% (120) delas não fizeram uso de *Viagra*® ou *Cialis*® e apenas 15% (21) já fizeram uso destes medicamentos.

## TABELA 40 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO VIAGRA® OU CIALIS®.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Experimentou apenas	2	16,7
10 vezes	1	8,3
2 anos	1	8,3
2 meses	1	8,3
3 meses	1	8,3
5 meses	1	8,3
1 ano	1	8,3
2 vezes	3	25,0
3 anos	1	8,3
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que, dentre 12 respondentes, 16,7% (2) apenas experimentaram *Viagra*® ou *Cialis*®; 8,3% (1) fez uso dez vezes; 8,3% (1) das entrevistadas fez uso por dois anos; 8,3% (1) fez uso por dois meses; 8,3% (1) fez uso por três meses; 8,3% (1) fez uso por cinco meses; 8,3% (1) fez uso por um ano; 25,0% (3) fizeram uso duas vezes e 8,3% (1) fez uso por três anos.

## GRÁFICO 103 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE AINDA FAZEM USO DE VIAGRA® OU CIALIS®.



\*Dados referentes a 17 participantes que responderam a esta pergunta.

Observa-se que, dentre as 17 respondentes, 59% (10) disseram que não fazem mais uso de Viagra® e Cialis® e 41% (7) ainda fazem uso destes medicamentos.

## TABELA 41 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE VIAGRA® OU CIALIS® RELATADA PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Eventualmente	1	14,3
2x mês	1	14,3
Dia sim dia não	1	14,3
Diariamente	1	14,3
Indefinido - a trabalho	3	42,9
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100,0</b>

Dentre as 7 respondentes, 14,3% (1) usa Viagra® ou Cialis® eventualmente; 14,3% (1) usa duas vezes por mês; 14,3% (1) usa dia sim e dia não; 14,3% (1) das entrevistadas usa diariamente e 42,9% (3) usam uma frequência indefinida porque usam durante o trabalho sexual.

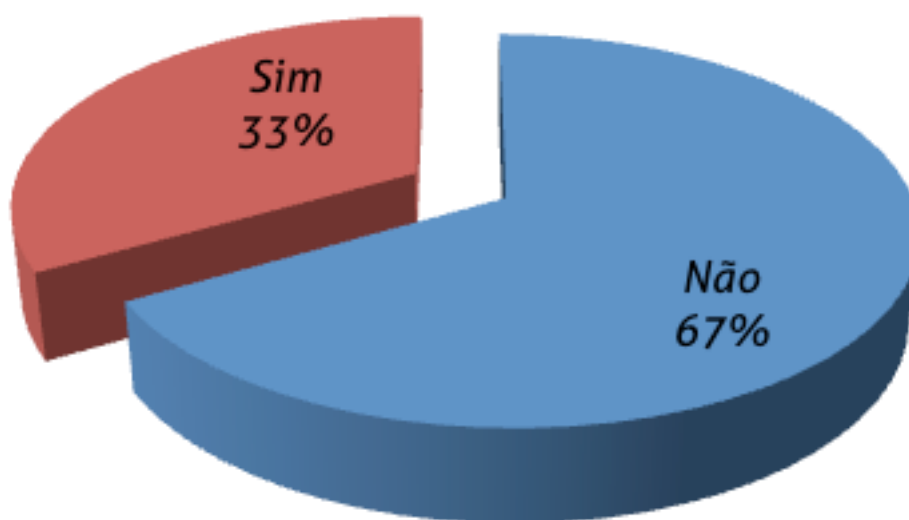
## GRÁFICO 104 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE XAROPE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que, dentre as 141 participantes, 94% (132) das entrevistadas não fizeram uso de xarope e apenas 6% (8) já fizeram uso de xarope.

## GRÁFICO 105 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE XAROPE.



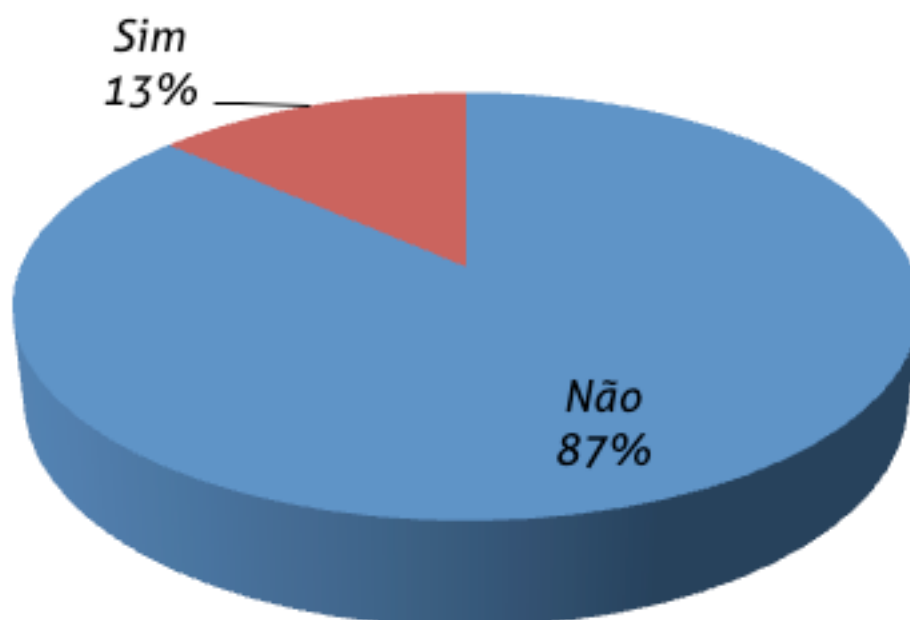
Dentre 6 respondentes, 67% (4) relataram que não fazem mais uso de xarope e 33% (2) das entrevistadas ainda fazem uso de xarope.

## TABELA 42 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE XAROPE RELATADO PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
2x mês	1	33,3
Eventualmente	1	33,3
Quando sentia abstinência dos remédios psiquiátricos	1	33,3
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que dentre as três (3) participantes que responderam quanto à regularidade de uso, uma (1) relatou usar duas vezes por mês; uma (1) usa eventualmente e uma (1) relatou usar quando sentia abstinência dos remédios psiquiátricos.

## GRÁFICO 106 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE REMÉDIOS PSIQUIÁTRICOS.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 141 entrevistadas, observa-se que 87% (122) não fizeram uso de remédios psiquiátricos e 13% (19) já fizeram uso de remédios psiquiátricos.

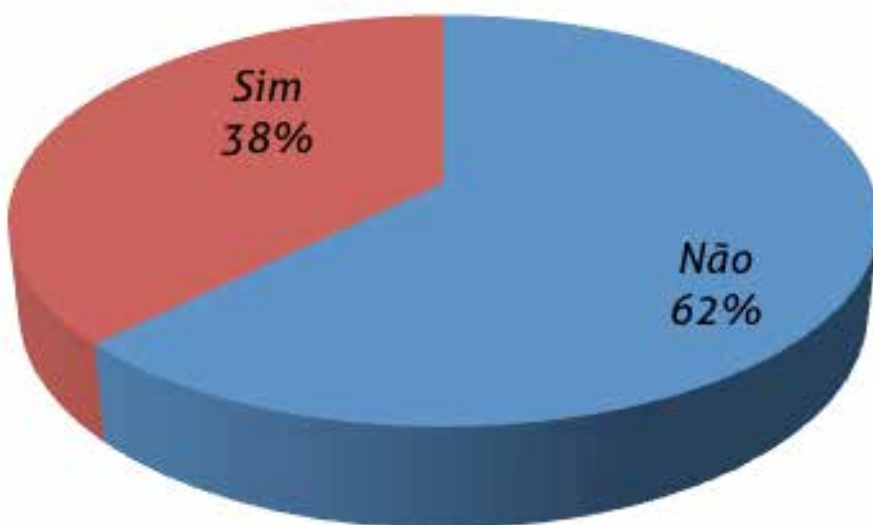
## TABELA 43 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DO TEMPO QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM TEREM USADO REMÉDIOS PSIQUIÁTRICOS.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Uma vez	1	14,29
2 meses	3	42,86
4 meses	1	14,29
1 ano	1	14,29
Não sabe	1	14,29
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100,00</b>



Observa-se que, dentre 7 respondentes, 14,29% (1) das entrevistadas fizeram uso de remédios psiquiátricos uma vez; 42,86% (3) das entrevistadas fizeram uso por dois meses; 14,29% (1) fez uso de remédios psiquiátricos por quatro meses; 14,29% (1) fez uso por um ano e 14,29% (1) respondeu que não sabe.

## GRÁFICO 107 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE RELATARAM AINDA FAZER USO DE REMÉDIOS PSIQUIÁTRICOS.



*\*Dados referentes a 8 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre 8 respondentes, observa-se que 62% (5) disseram que não fazem mais uso de remédios psiquiátricos e apenas 38% (3) das entrevistadas ainda fazem uso destes remédios.

## TABELA 44 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DA REGULARIDADE DO USO DE REMÉDIOS PSIQUIÁTRICOS RELATADA PELAS PARTICIPANTES.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Diariamente	1	50
Quando acha necessário	1	50
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>100</b>

Dentre as duas (2) participantes que responderam sobre a regularidade de uso, uma (1) faz uso diário de remédios psiquiátricos e uma (1) faz uso quando acha necessário. As demais não responderam ou a questão não se aplicava a elas.

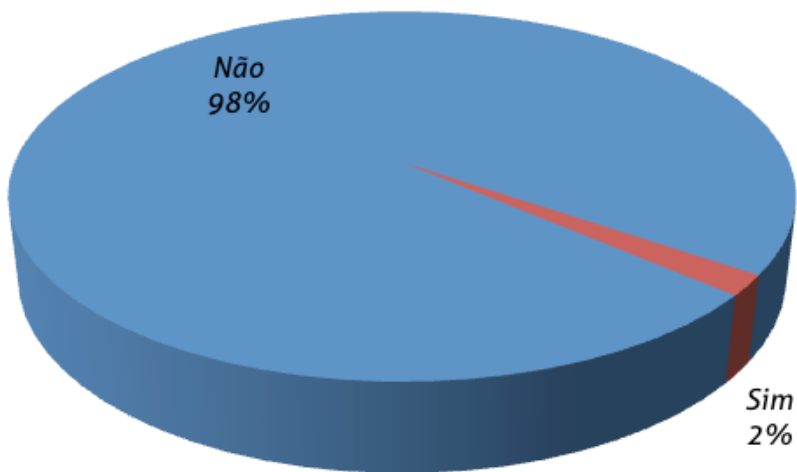
## TABELA 45 - FREQUÊNCIA DE QUAIS MEDICAMENTOS PSIQUIÁTRICOS AS ENTREVISTADAS FAZEM USO.

	FREQUÊNCIA
Antidepressivo	3
Diazepan®	3
Calmante	2
Rivotril®	2
Remédio para dormir	1
Respiridona	1
Haldol®	1
Gardenal®	1
Nervosine®*	1
Remédio para epilepsia	1
<b>Total</b>	<b>16</b>



Observa-se que os remédios mais utilizados foram: antidepressivo (3); Diazepan (3); Calmante (2) e Rivotril (2). Os seguintes remédios psiquiátricos foram citados uma vez: Remédio para dormir (1); Respiridona (1); Haldon (1); Gardenal (1); Nervosine (1) e remédio para epilepsia (1). No total foram 16 remédios psiquiátricos citados entre as entrevistadas que fazem uso.

## GRÁFICO 108 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE JÁ FIZERAM USO DE OUTRO TIPO DE SUBSTÂNCIA.

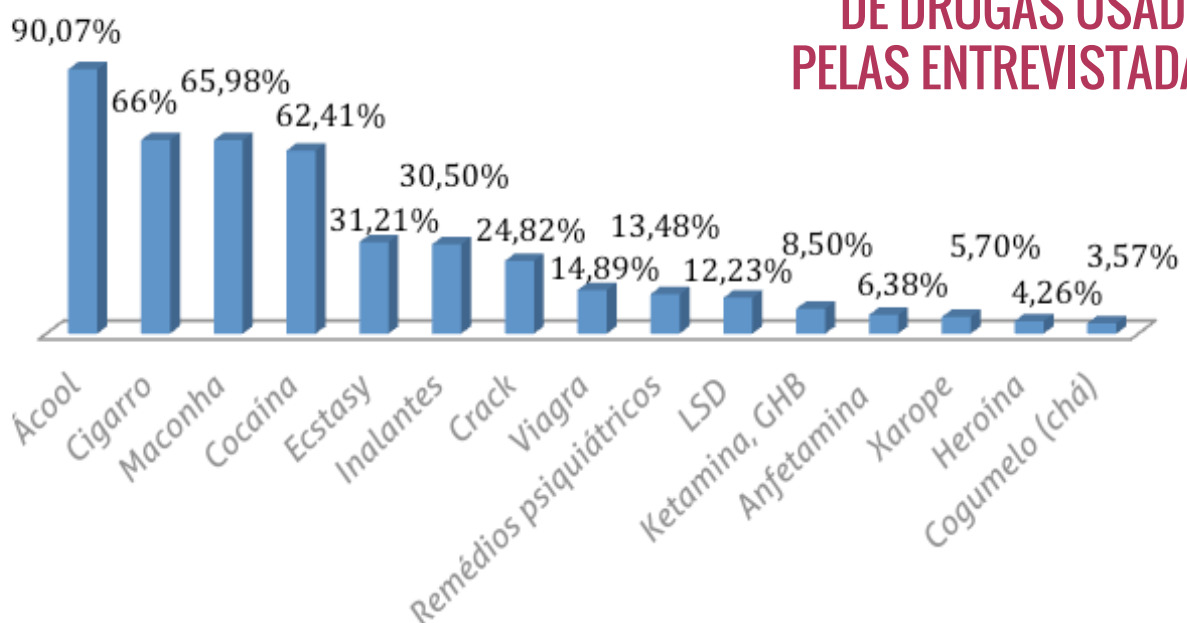


\*Dados referentes a 111 participantes que responderam a esta pergunta.

Observa-se que, dentre 111 respondentes, 98% (109) não fizeram uso de outro tipo de substância e apenas 2% (2) fizeram uso de outras substâncias.

Observa-se que uma (1) das entrevistadas fez uso de outro tipo de substância apenas uma vez. As demais participantes não responderam ou a pergunta não se aplicava. Somente uma entrevistada relatou que não faz mais uso de outras substâncias. E nenhuma participante respondeu sobre a frequência de uso dessas outras substâncias. Dentre as duas (2) entrevistadas que responderam esta pergunta uma (1) fez uso de Chá de lírio e uma (1) fez uso de Diazepan e Gadernal.

## GRÁFICO 109 - PERCENTUAL DOS TIPOS DE DROGAS USADOS PELAS ENTREVISTADAS.



\*Dados referentes a 141 participantes, exceto no caso do LSD e do chá de cogumelo, que dizem respectivamente de 139 e 140 entrevistadas.



De maneira geral, apesar dos dados estarem subestimados, percebe-se um alto índice de uso de drogas pelas entrevistadas. Ainda de modo geral, verifica-se que álcool (90,07%), cigarro (66%), maconha (65,98%) e cocaína (62,41%) foram usados pela maioria das entrevistadas, o seu uso permanece de modo diário e por longos períodos da vida. De acordo com relatos das participantes, o uso do álcool e da cocaína estão muitas vezes vinculados ao contexto de trabalho sexual em que estão inseridas, uma vez que precisam ficar despertas e no frio por longas horas durante a madrugada. A frequência de uso de cocaína “quando o cliente paga” foi mencionada por três participantes, entretanto, esse uso é mais recorrente, segundo o próprio relato das entrevistadas em campo.

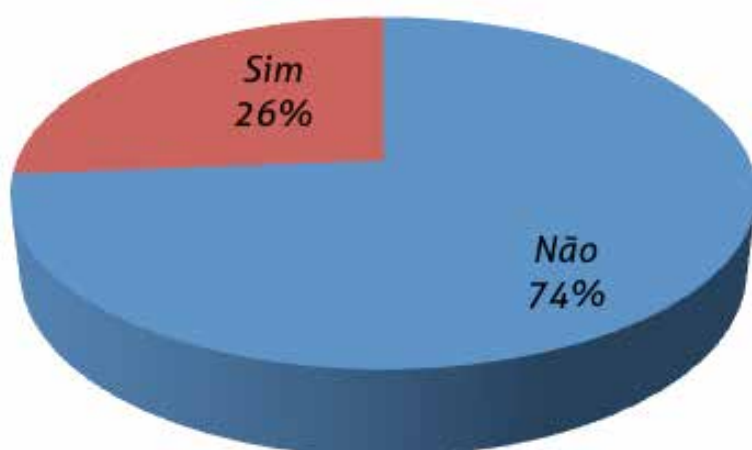
Já as drogas sintéticas são usadas em ocasião de festas e baladas no final de semana. A maioria das entrevistadas relata que não fez uso de drogas sintéticas e quando fez foi de modo experimental ou por períodos curtos, não permanecendo com o uso. Em relação aos inalantes, a maioria relata que não fez uso e as que fizeram foi de modo experimental, sendo que a maioria não usa mais, as



## 3.9.2 DIAGNÓSTICOS DE DOENÇAS

---

### GRÁFICO 110 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE DEPRESSÃO POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE

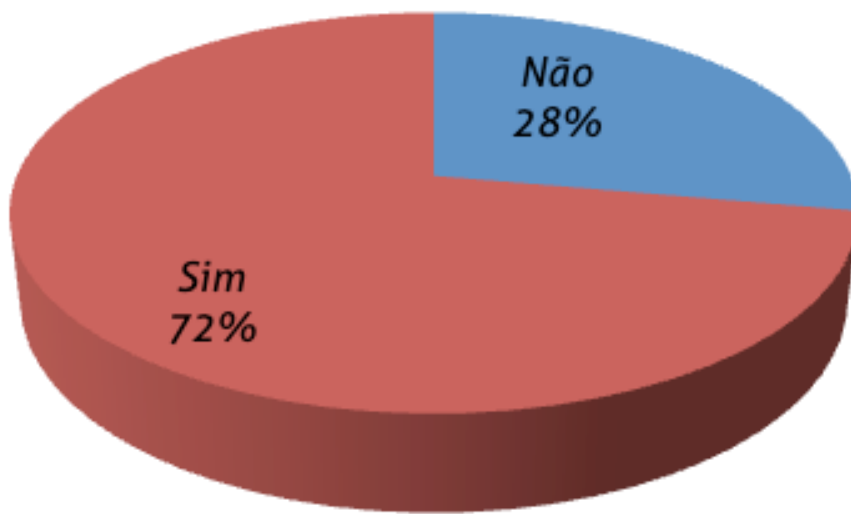


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

---

Observa-se que 74% (104) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram depressão, já 26% (37) responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram depressão.

## GRÁFICO 111 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA DEPRESSÃO.



*\*Dados referentes a 36 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 36 entrevistadas que responderam a esta questão, 28% (10) relataram que não fizeram acompanhamento da depressão e 72% (26) relataram que fizeram acompanhamento da depressão.

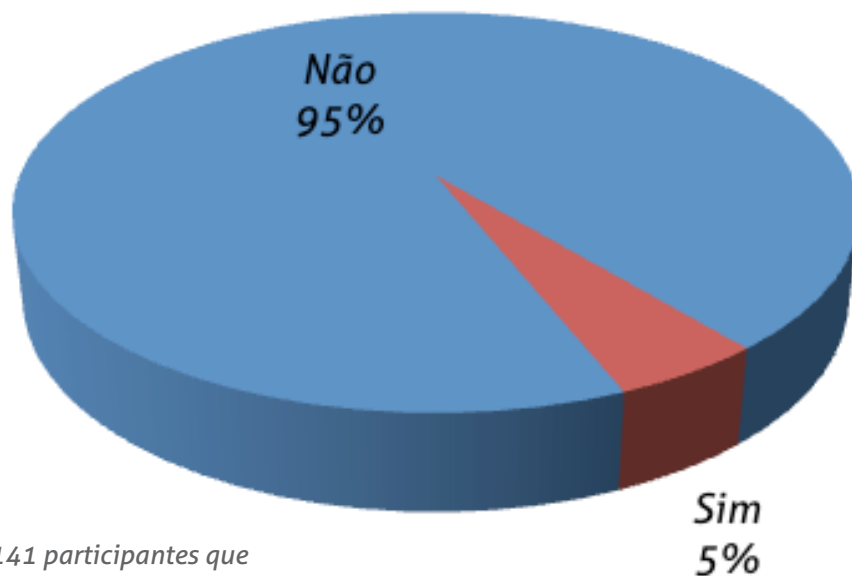
## TABELA 46 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TOMAM OU TOMARAM REMÉDIOS PARA DEPRESSÃO

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	8	33,3
Sim	16	66,7
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>100,00</b>

Observa-se que dentre as 24 entrevistadas que responderam sobre o uso de remédios para a depressão, 33,3% (8) das entrevistadas responderam que não toma ou não tomou remédio para depressão. Já 66,7% (16) das entrevistadas responderam que tomam ou já tomaram remédio para depressão.



## GRÁFICO 112 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE OUTRAS DOENÇAS PSIQUIÁTRICAS POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



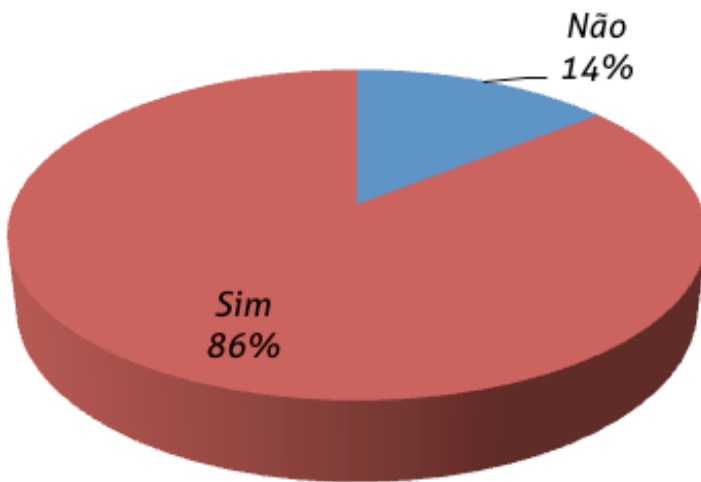
*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 95% (134) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm outras doenças psiquiátricas. Apenas 5% (7) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram outras doenças psiquiátricas.

Dentre as 3 participantes que responderam sobre quais outras doenças psiquiátricas já receberam diagnóstico, duas (2) citaram a síndrome do pânico e uma (1) mencionou o transtorno bipolar.



## GRÁFICO 113 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA OUTRA DOENÇA PSIQUIÁTRICA.



*\*Dados referentes a 7 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 7 participantes que responderam sobre acompanhamento de outras doenças psiquiátricas, 14% (1) responderam que não fazem ou fizeram acompanhamento de outras doenças psiquiátricas. 86% (6) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento de outras doenças psiquiátricas.

## TABELA 47 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TOMAM OU TOMARAM REMÉDIOS PARA OUTRAS DOENÇAS PSIQUIÁTRICAS.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	1	16,7
Sim	5	83,3
Total	6	100,0

Observa-se que 16,7% (1) das entrevistadas responderam que não tomam ou tomaram remédio para doenças psiquiátricas e 83,3% (5) das entrevistadas responderam que tomam ou já tomaram remédio para outras doenças psiquiátricas.



## GRÁFICO 114 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE TUBERCULOSE POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 98% (138) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram tuberculose e apenas 2% (3) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm tuberculose.

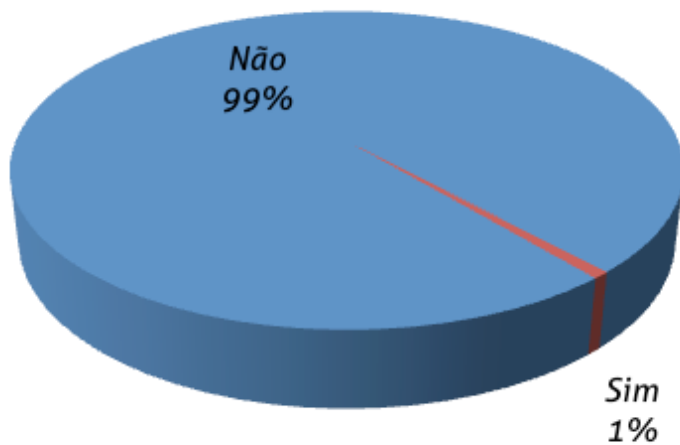
## TABELA 48 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA TUBERCULOSE.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	1	33,3%
Sim	2	66,7%
Total	3	100,0



Dentre as 3 participantes que relataram já terem sido diagnosticadas com tuberculose, observa-se que 33,3% (1) respondeu que não faz ou fez acompanhamento para tuberculose e 66,7% (2) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para tuberculose. Observa-se que duas (2) das entrevistadas responderam que não tomam ou tomaram remédio para tuberculose. Esta pergunta não se aplica ao restante da amostra.

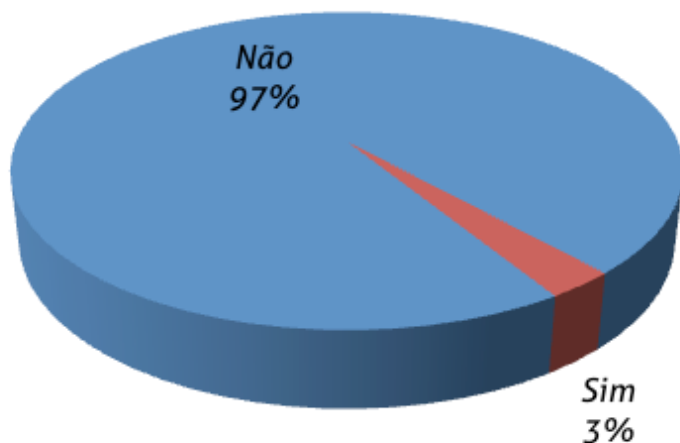
## GRÁFICO 115 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE CÂNCER POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 99% (140) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm câncer. Apenas 1% (1) das entrevistadas respondeu que algum médico ou outro profissional de saúde já lhe disse que ela tem ou teve câncer.

## GRÁFICO 116 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE DIABETES POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 97% (137) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm diabetes. Apenas 3% (4) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram diabetes. Dentre as 4 que relataram diagnóstico de diabetes, uma (1) respondeu que não toma ou tomou remédio para diabetes e três (3) entrevistadas responderam que tomam ou já tomaram remédio para diabetes.

## GRÁFICO 117 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE HIPERTENSÃO POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 96% (135) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm hipertensão. Apenas 4% (6) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram hipertensão.

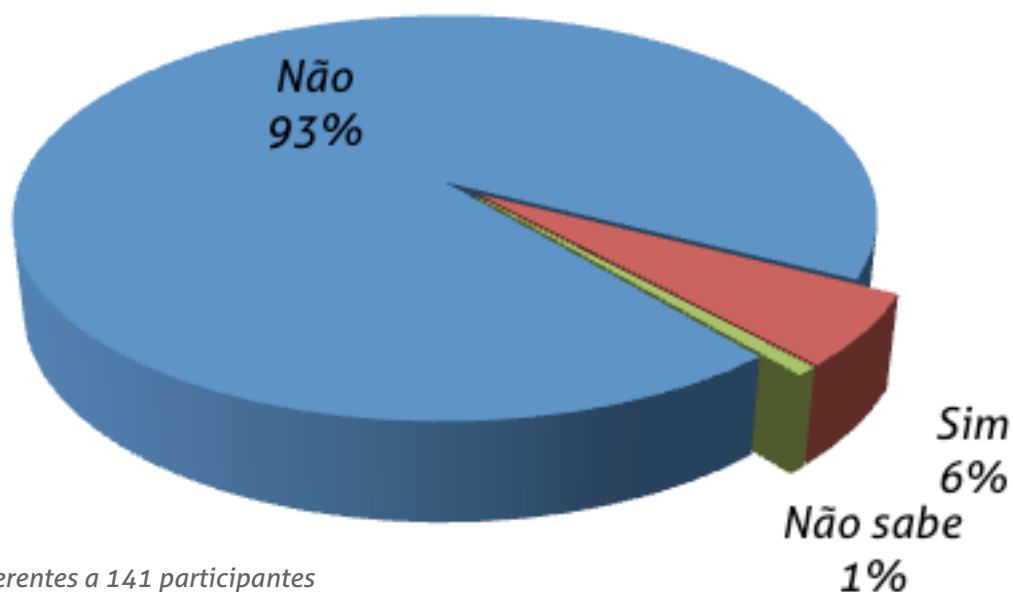
## TABELA 49 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA HIPERTENSÃO.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	1	16,70
Sim	5	83,30
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100</b>

Observa-se que 16,70% (1) das entrevistadas responderam que não fazem ou fizeram acompanhamento de hipertensão e 83,3% (5) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento de hipertensão. Dentre as três (3) participantes que responderam sobre o uso de remédios, todas responderam que tomam ou já tomaram remédio para hipertensão.



## GRÁFICO 118 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE COLESTEROL ALTO (HIPERCOLESTEROLEMIA) POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 93% (132) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm colesterol alto. Já 6% (8) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram colesterol alto e 1% (1) não soube responder a pergunta.

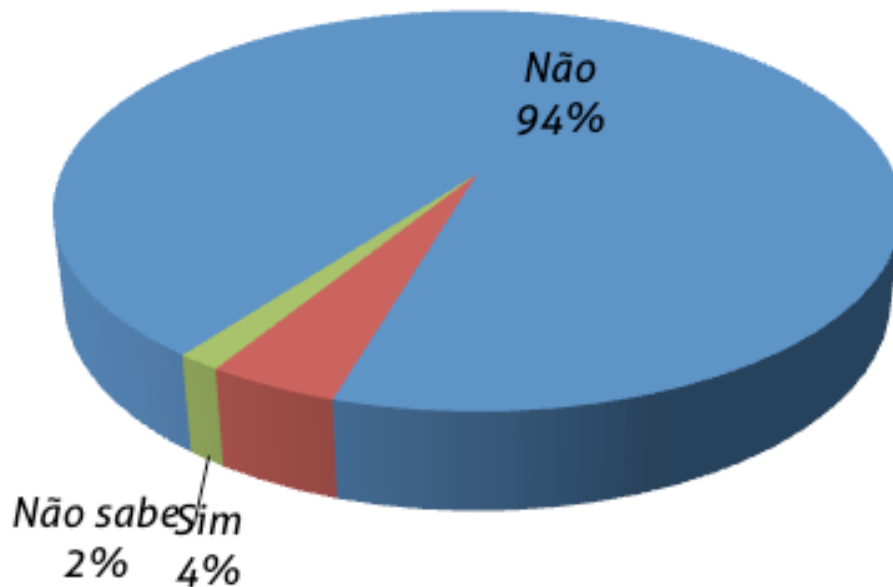
## TABELA 50 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA COLESTEROL ALTO.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	4	50,00
Sim	4	50,00
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>100,00</b>

Observa-se que, dentre as 8 participantes que responderam a esta questão, 50% (4) delas afirmaram que não fazem ou fizeram acompanhamento para colesterol alto e 50% (4) responderam que fazem ou fizeram acompanhamento para colesterol alto.

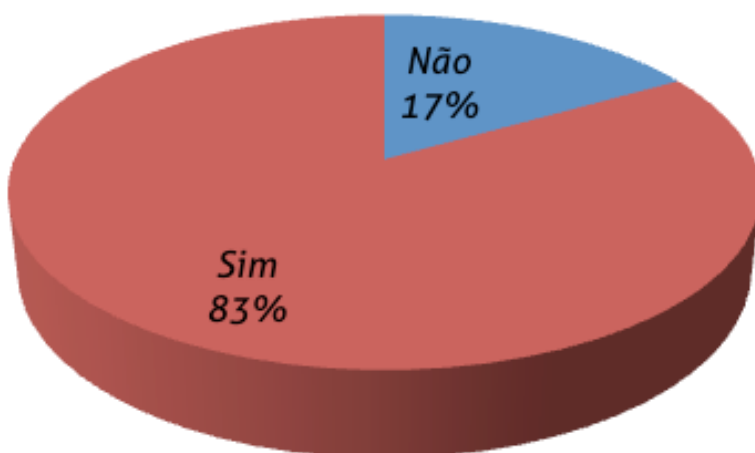
As quatro (4) entrevistadas que responderam sobre acompanhamento afirmaram que tomaram ou tomam remédio para colesterol alto.

## GRÁFICO 119 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE HIV/AIDS POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



Observa-se que 94% (133) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou profissional de saúde já lhes disseram que elas têm HIV/Aids. Apenas 4% (6) responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm HIV/Aids e 2% (2) das entrevistadas não souberam responder a esta pergunta.

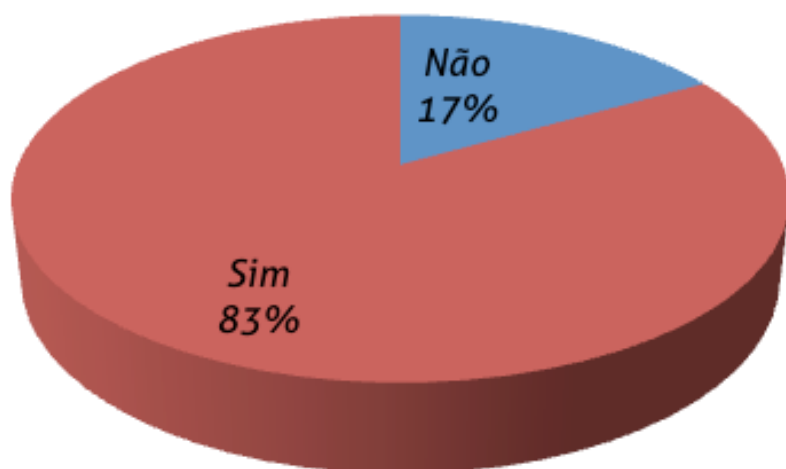
## GRÁFICO 120 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM OU FAZEM ACOMPANHAMENTO PARA HIV/AIDS.



*\*Dados referentes a 6 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 17% (1) das entrevistadas responderam que não fazem ou fizeram acompanhamento para HIV/Aids e 83% (5) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para HIV/Aids.

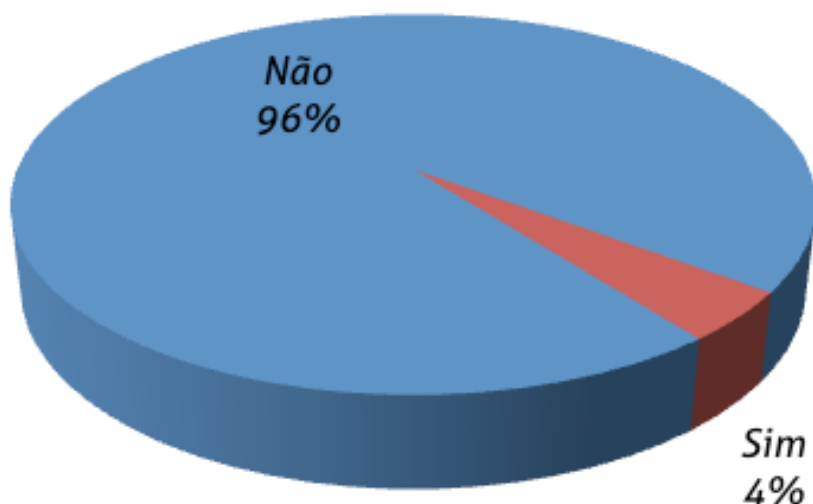
## GRÁFICO 121 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TOMAM OU TOMARAM REMÉDIOS PARA HIV/AIDS.



*\*Dados referentes a 6 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 17% (1) das entrevistadas respondeu que não toma ou tomou remédio para HIV/Aids. As outras 83% (5) das entrevistadas tomam ou já tomaram remédio para HIV/Aids.

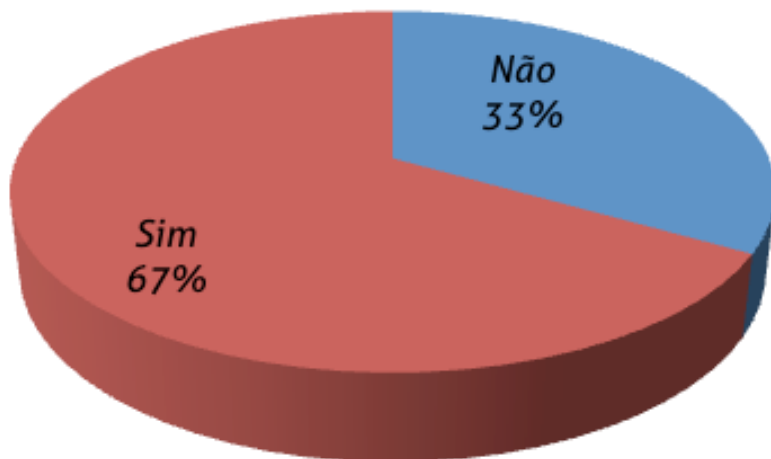
## GRÁFICO 122 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE GONORREIA POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 96% (135) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm gonorreia. Apenas 4% (6) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram gonorreia.

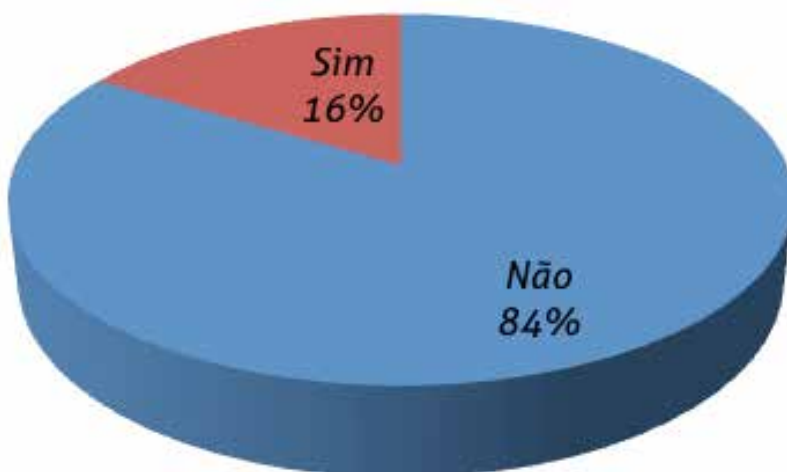
## GRÁFICO 123 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM OU FAZEM ACOMPANHAMENTO PARA GONORREIA.



*\*Dados referentes a 6 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que, dentre as 6 respondentes, 33% (2) das entrevistadas responderam que não fazem ou fizeram acompanhamento de gonorreia e 67% (4) responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento de gonorreia. Todas as entrevistadas (4) que responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento dessa doença, disseram que tomaram ou tomam remédio.

## GRÁFICO 124 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE SÍFILIS POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



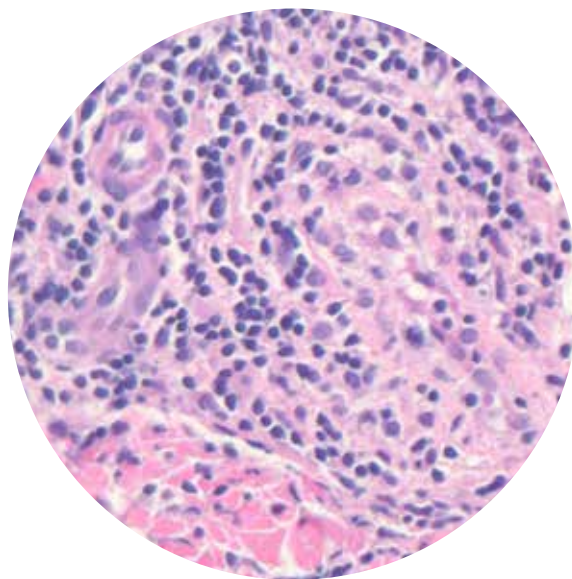
*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam a esta pergunta*

Observa-se que 84% (117) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm sífilis. Já 16% (23) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram sífilis.

## TABELA 51 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA SÍFILIS.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	3	13,0
Sim	20	87,0
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que, dentre as 23 participantes que responderam a esta questão, 13% (3) afirmaram que não fazem ou fizeram acompanhamento para sífilis e 87% (20) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para sífilis.



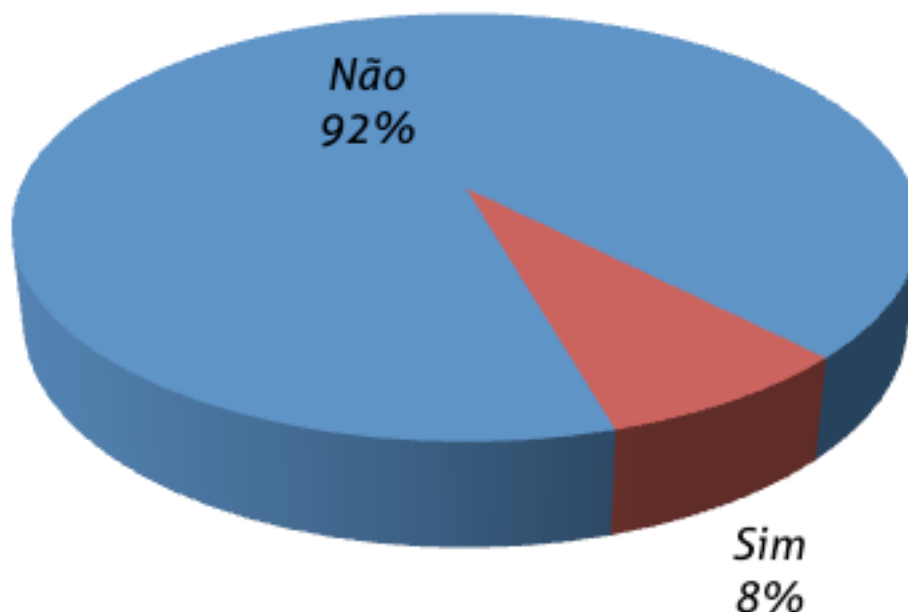
## TABELA 52 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TOMAM OU TOMARAM REMÉDIOS PARA SÍFILIS.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	1	4,80
Sim	20	95,20
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>100,00</b>

Dentre as 21 entrevistadas que responderam sobre o uso de remédios para Sífilis, observa-se que 4,8% (1) respondeu que não toma ou tomou remédio para sífilis e 95,2% (20) responderam que tomam ou já tomaram remédio para sífilis.



## GRÁFICO 125 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE DOENÇAS HEPÁTICAS POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam a esta pergunta.*

Observa-se que 8% (11) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm doenças hepáticas e 92% (129) responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram doenças hepáticas.

## TABELA 53 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA DOENÇAS HEPÁTICAS.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	3	30,00
Sim	7	70,00
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100,00</b>

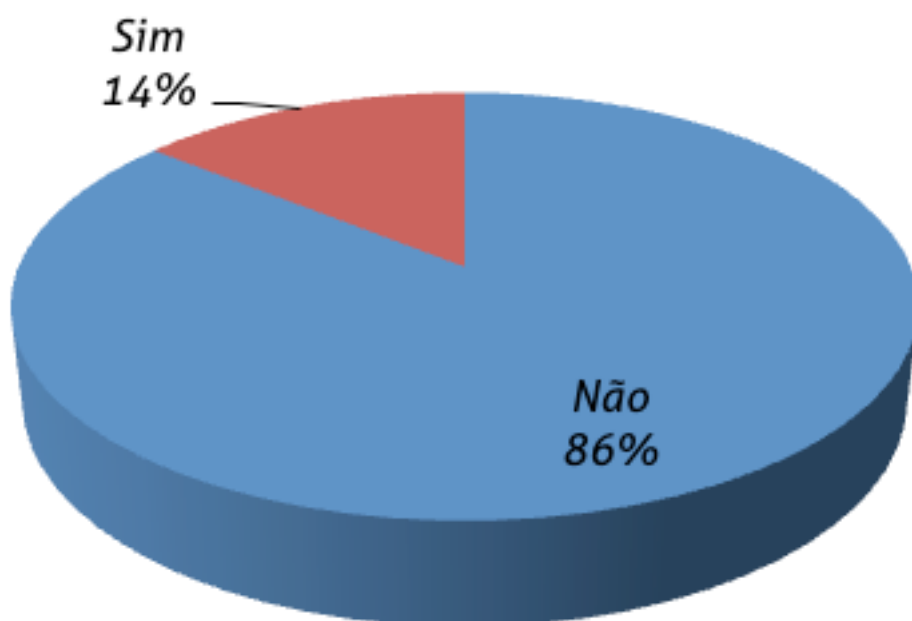
Observa-se que, dentre as 10 participantes que responderam a esta questão, 30% (3) afirmaram que não fazem ou fizeram acompanhamento para doenças hepáticas e 70% (7) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para doenças hepáticas.

## TABELA 54 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TOMAM OU TOMARAM REMÉDIOS PARA DOENÇAS HEPÁTICAS.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	1	16,70
Sim	5	83,30
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100</b>

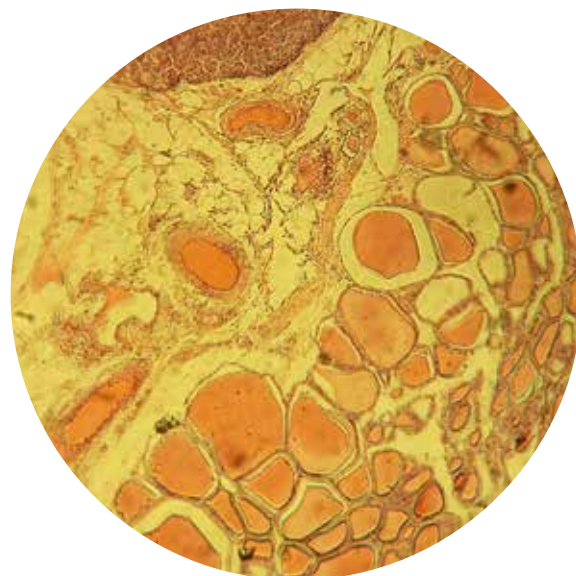
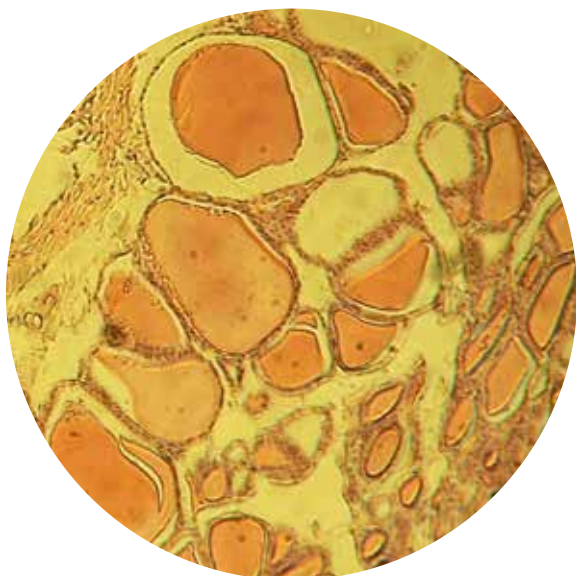
Dentre as 6 entrevistadas que responderam sobre o uso de remédios, 16,70% (1) responderam que não tomam ou tomaram remédio para doenças hepáticas e 83,30% (5) responderam que tomam ou já tomaram remédio para doenças hepáticas.

## GRÁFICO 126 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE PROBLEMAS RENAIS POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 141 entrevistadas, observa-se que 14% (20) responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm problemas renais. Já 86% (121) das entrevistadas responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram problemas renais.



## TABELA 55 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA PROBLEMAS RENAIIS.

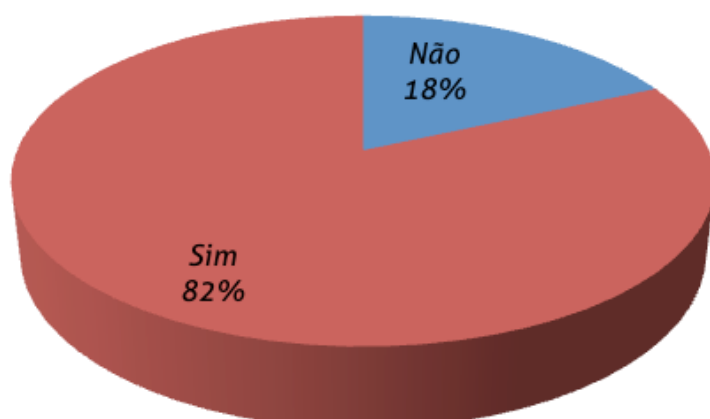
	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	2	10,00
Sim	18	90,00
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,00</b>

Observa-se que, dentre as 20 participantes que responderam a esta questão, 10,00% (2) afirmaram que não fazem ou fizeram acompanhamento para problemas renais e 90,00% (18) responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para problemas renais.

## GRÁFICO 127 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TOMAM OU TOMARAM REMÉDIOS PARA PROBLEMAS RENAIIS.

*\*Dados referentes a 11 participantes que responderam a esta pergunta*

Dentre as 11 entrevistadas que responderam sobre o uso de remédios, observa-se que 18% (2) responderam que não tomam ou tomaram remédio para problemas renais e 82% (9) responderam que tomam ou já tomaram remédio para problemas renais.



## GRÁFICO 128 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE PROBLEMAS CARDÍACOS POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 140 respondentes, observa-se que 96% (135) responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm problemas cardíacos e 4% (5) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram problemas cardíacos.

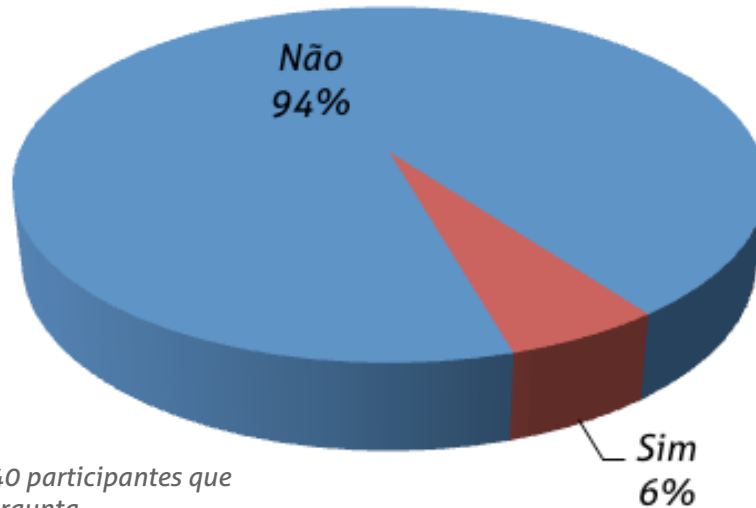
## TABELA 56 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA PROBLEMAS CARDÍACOS.

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	1	20,00
Sim	4	80,00
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>100,00</b>

Observa-se que, dentre as 5 participantes que responderam a esta questão, 20% (1) afirmou que não faz ou fez acompanhamento para problemas cardíacos e 80% (4) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para problemas cardíacos.

Duas (2) entrevistadas relataram que tomaram ou tomam remédio para problemas cardíacos. As demais participantes não responderam ou a pergunta não se aplicava a elas.

## GRÁFICO 129 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DE IDENTIDADE DE GÊNERO POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 140 respondentes, observa-se que 94% (132) responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm transtorno de identidade de gênero. Já 6% (8) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram transtorno de identidade de gênero.

## TABELA 57 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA TRANSTORNO DE IDENTIDADE DE GÊNERO

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	4	57,10
Sim	3	42,90
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100,00</b>

Observa-se que, dentre as 7 participantes que responderam a esta questão, 57,10% (4) afirmaram que não fazem ou fizeram acompanhamento para transtorno de identidade de gênero e 42,9% (3) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para transtorno de identidade de gênero. Dentre as três (3) participantes que já realizaram acompanhamento, todas responderam que não tomaram ou tomam remédio para transtorno de identidade de gênero. As demais participantes não responderam ou esta pergunta não se aplicava a elas.

## GRÁFICO 130 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE DEPENDÊNCIA OU PROBLEMAS COM ALGUMA DROGA POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta*

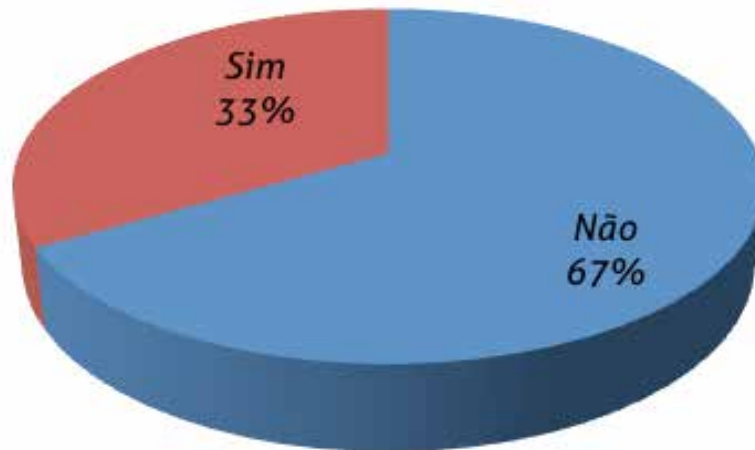
Dentre as 141 participantes, observa-se que 90% (127) responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm dependência ou problemas com alguma droga. Já 10% (14) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram dependência ou problemas com alguma droga.

## TABELA 58 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA DEPENDÊNCIA OU PROBLEMAS COM ALGUMA DROGA

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	8	61,50
Sim	5	38,50
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100,00</b>

Dentre as 13 participantes que responderam a esta questão, 61,50% (8) afirmaram que não fazem ou fizeram acompanhamento para dependência ou problemas com alguma droga e 38,5% (5) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para dependência ou problemas com alguma droga.

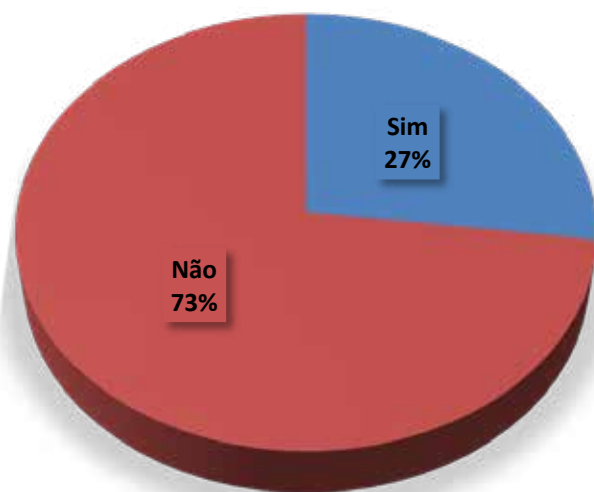
## GRÁFICO 131 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TOMAM OU TOMARAM REMÉDIOS PARA DEPENDÊNCIA OU PROBLEMAS COM ALGUMA DROGA.



*\*Dados referentes a 6 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 6 respondentes, 33% (4) responderam que tomam ou já tomaram remédio para dependência ou problemas com alguma droga e 67% (2) das entrevistadas responderam que não tomam ou tomaram remédio para dependência ou problemas com alguma droga. As demais participantes não responderam ou esta pergunta não se aplicava a elas.

## GRÁFICO 132 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM RECEBIDO DIAGNÓSTICO DE OUTROS PROBLEMAS DE SAÚDE POR UM MÉDICO OU OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 117 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 117 respondentes, observa-se que 73% (86) responderam que nenhum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas tiveram ou têm outros problemas de saúde e 27% (31) das entrevistadas responderam que algum médico ou outro profissional de saúde já lhes disseram que elas têm ou tiveram outros problemas de saúde.

**TABELA 59 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE DIAGNÓSTICOS DE OUTROS PROBLEMAS DE SAÚDE POR MÉDICOS E OUTROS PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Sinusite	4	11,43
Gastrite	3	8,57
Asma	2	5,71
Cancro / cancro mole	2	5,71
Dengue	2	5,71
Enxaqueca	2	5,71
HPV	2	5,71
Pneumonia	2	5,71
Problemas de nervo	2	5,71
Apendicite	1	2,86
Condiloma	1	2,86
Derrame	1	2,86
Dupla Personalidade	1	2,86
Hemorróida	1	2,86
Hepatite B	1	2,86
Infecção urinária	1	2,86
Micose	1	2,86
Infecção urinária	1	2,86
Problema de circulação / varizes	1	2,86
Problema de glicose (não é diabetes)	1	2,86
Rinite	1	2,86
Tireoidite de Quervain	1	2,86
Verminose	1	2,86
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100,00</b>

Dentre as 35 delas referem-se a declarações de diagnóstico por médico ou profissionais de saúde de outras doenças: 11,43% (4) sinusite; 8,57% (3) gastrite; 5,71% (2) asma; 5,71% (2) cancro/ cancro mole; 5,71% (2) dengue; 5,71% (2) enxaqueca; 5,71% (2) HPV; 5,71% (2) pneumonia; 5,71% (2) problema de nervos; 2,86% (1) apendicite; 2,86% (1) condiloma; 2,86% (1) derrame; 2,86% (1) dupla personalidade; 2,86% (1) hemorróida; 2,86% (1) de hepatite B; 2,86% (1) de infecção urinária; 2,86% (1) micose; 2,86% (1) problemas de circulação/varizes; 2,86% (1) problemas de glicose que não o diabetes; 2,86% (1) de rinite; 2,86% (1) de Tireoide de Quervain e 2,86% (1) de verminose.

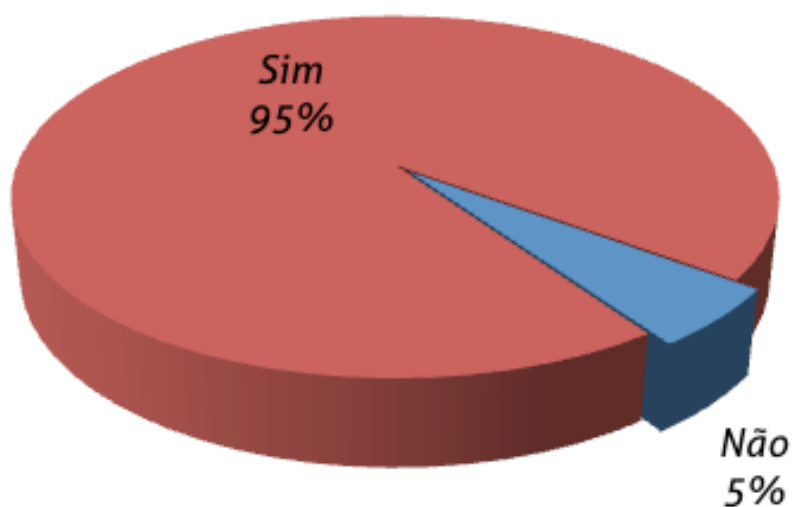


**TABELA 60 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE FIZERAM ACOMPANHAMENTO PARA OUTROS PROBLEMAS DE SAÚDE**

	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não	4	15,40
Sim	22	84,60
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100,00</b>

Observa-se que, dentre as 26 participantes que responderam a esta questão, 15,40% (4) afirmaram que não fazem ou fizeram acompanhamento para outros problemas de saúde e 84,60% (22) das entrevistadas responderam que fazem ou já fizeram acompanhamento para outros problemas de saúde.

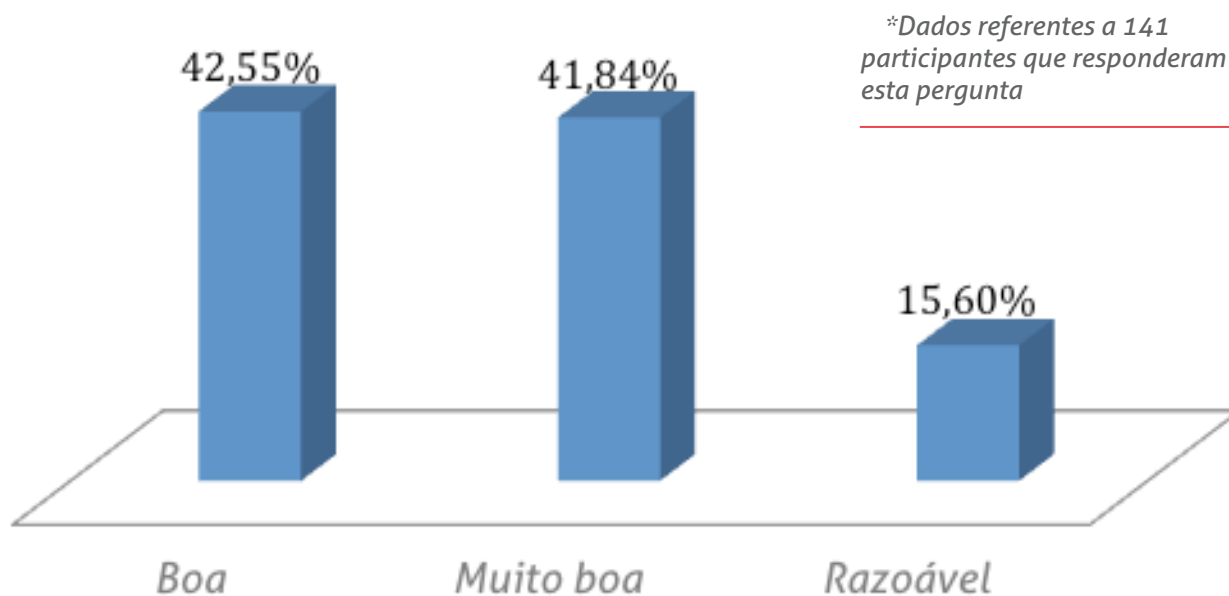
## GRÁFICO 133 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE TOMAM, OU TOMARAM REMÉDIOS PARA OUTROS PROBLEMAS DE SAÚDE.



*\*Dados referentes a 19 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as 19 respondentes, 5% (1) responderam que não tomam ou tomaram remédio para outros problemas de saúde e 95% (18) das entrevistadas responderam que tomam ou já tomaram remédio para outros problemas de saúde. As demais participantes não responderam ou esta pergunta não se aplicava a elas.

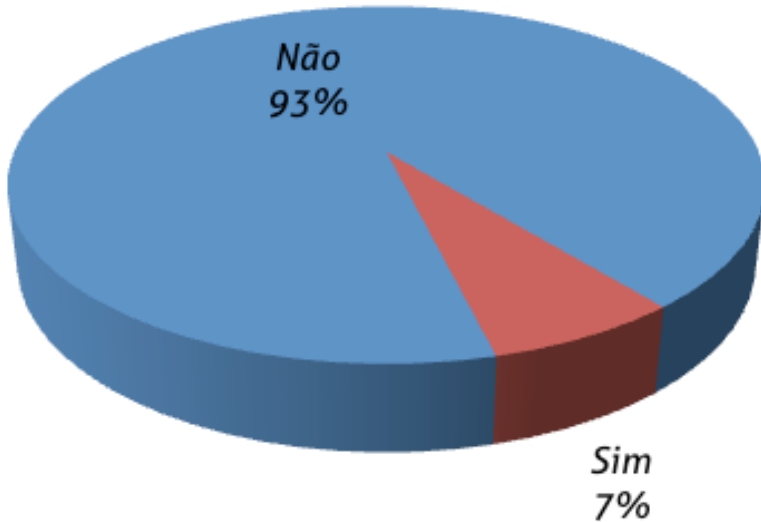
## GRÁFICO 134 - PERCENTUAL EM RELAÇÃO À AUTOPERCEPÇÃO DA CONDIÇÃO DE SAÚDE DAS ENTREVISTADAS.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta*

Dentre as 141 participantes, que responderam a questão sobre como consideram a própria condição de saúde, 42,55% (60) responderam que a sua saúde é boa, 41,84% (59) responderam que a sua saúde é muito boa e 15,60% (22) disseram que a sua saúde é razoável.

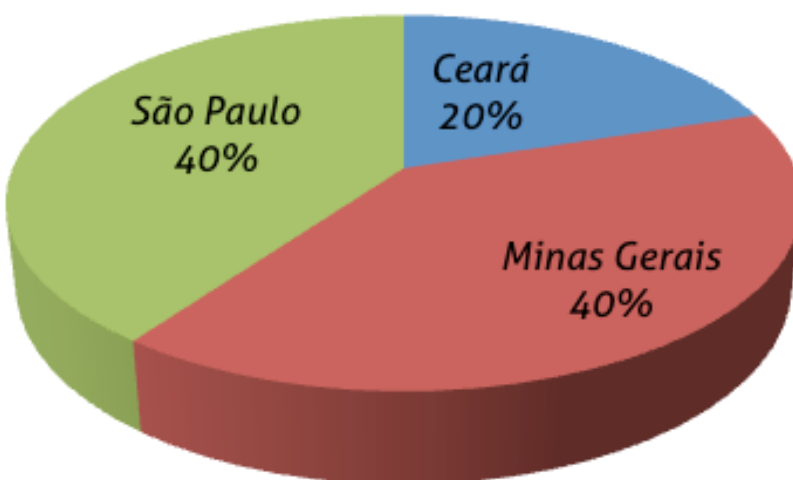
## GRÁFICO 135 - PERCENTUAL DAS PARTICIPANTES QUE HAVIAM INICIADO O PROCESSO TRANSEXUALIZADOR NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS).



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam a esta pergunta.*

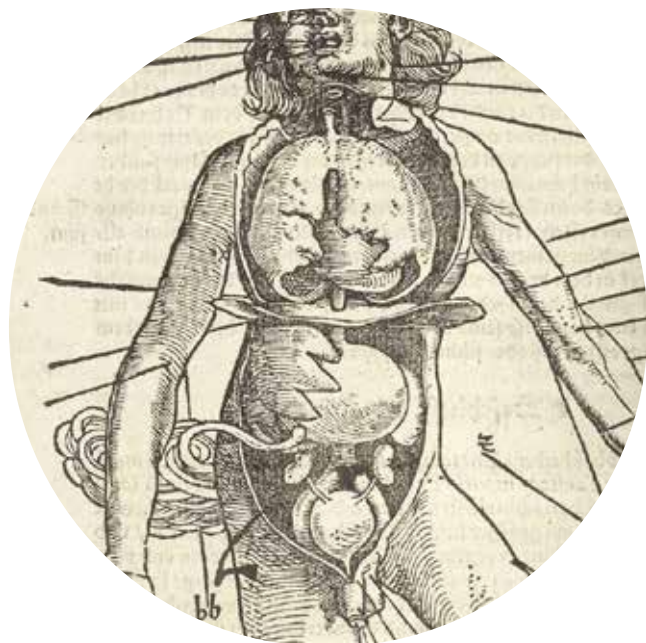
Dentre as 141 participantes, 93% (131) não haviam iniciado o processo transsexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS) e 7% (10) disseram já ter iniciado este processo.

## GRÁFICO 136 - PERCENTUAL DOS ESTADOS EM QUE AS PARTICIPANTES RELATARAM TER INICIADO O PROCESSO TRANSEXUALIZADOR NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS).

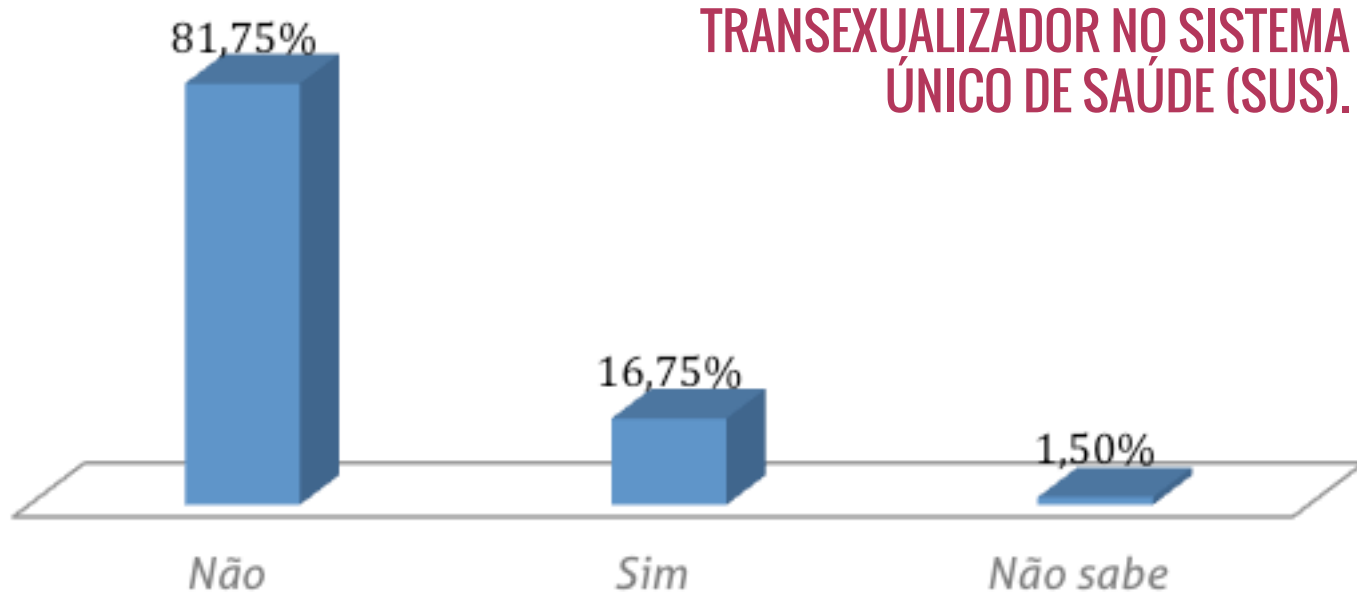


*\*Dados referentes a 5 participantes que responderam a esta pergunta.*

Dentre as cinco participantes que responderam sobre o estado onde iniciaram o processo transsexualizador do SUS, duas (40%) iniciaram o processo em Minas Gerais, duas (40%) em São Paulo e uma (20%) em Ceará.



## GRÁFICO 137 - PERCENTUAL SOBRE A PRETENSÃO DAS ENTREVISTADAS DE INICIAR O PROCESSO TRANSEXUALIZADOR NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS).

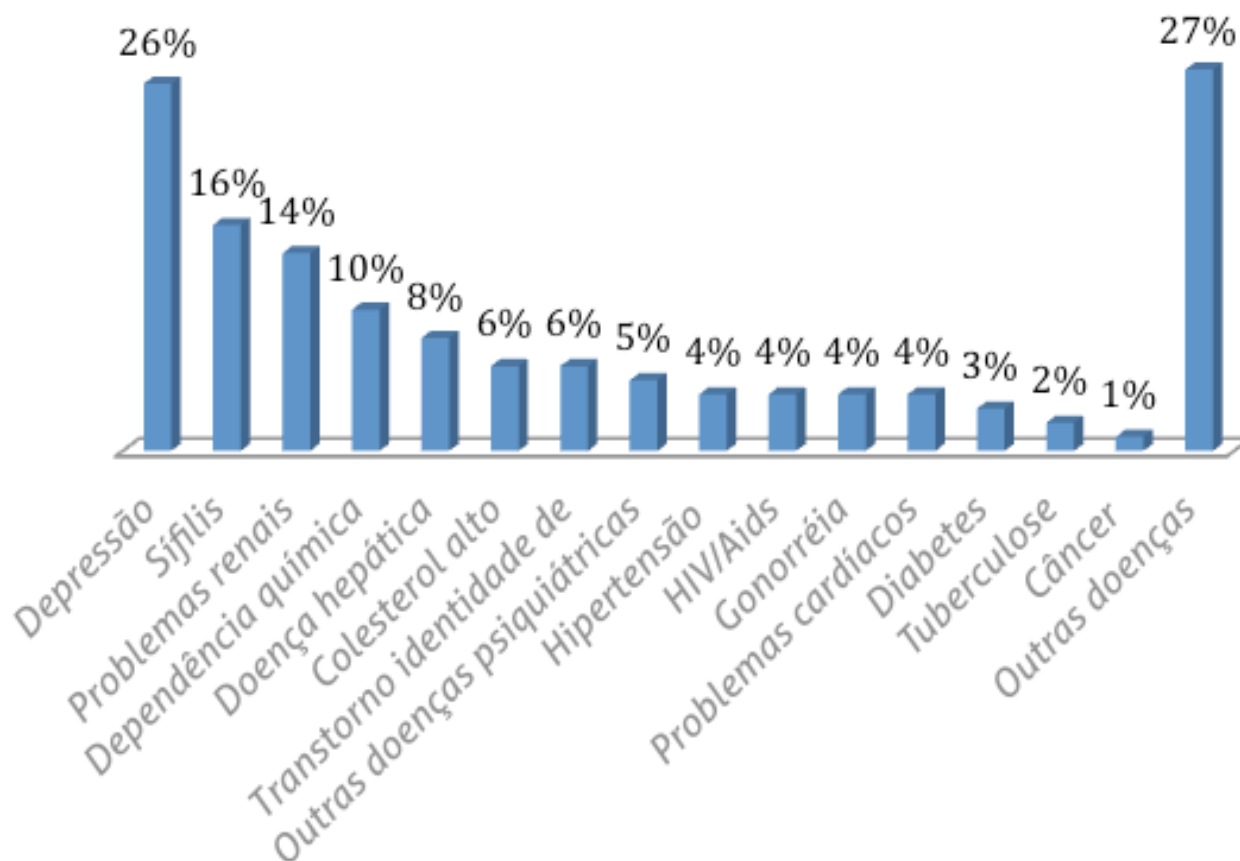


*\*Dados referentes a 137 participantes que responderam a esta pergunta.*

Quando questionadas se pretendem iniciar o processo transexualizador no SUS, 81,75% (112) das entrevistadas disseram que não pretendiam iniciar este processo, 16,75% (23) disseram que pretendiam iniciar este processo e 1,50% (2) não souberam responder a esta pergunta.

É importante relatar que muitas das entrevistadas não tinham conhecimento acerca do processo transexualizador e, quando sabiam algo a respeito, era ainda presente a concepção de que tal processo possui como finalidade única a cirurgia de redesignação sexual.

## GRÁFICO 138 - PERCENTUAL DE DIAGNÓSTICOS DE DOENÇAS RELATADOS PELAS ENTREVISTADAS.



*\*Dados referentes a 141 participantes, exceto no caso de doença hepática, transtorno de identidade de gênero e problemas cardíacos que se referem a 140 participantes, e "outras doenças" que diz de 117 entrevistadas.*

Quando questionadas acerca de diagnósticos de doenças, 26% (37) das entrevistadas relataram terem sido diagnosticadas com depressão; 16%(23)com sífilis; 14% (20) problemas renais; 10% (14) dependência química; 8% (11) doença hepática; 6% (8) colesterol alto; 6% (8) transtorno da identidade de gênero; 5% (7) outras doenças psiquiátricas. O percentual de 4% (6) apareceu para hipertensão, HIV/Aids, gonorreia e problemas cardíacos. 3% (4)relataram diabetes, 2% (3) tuberculose e 1% (1) câncer. 27% de 117(32 )entrevistadas responderam ainda outras doenças que não constavam no questionário.

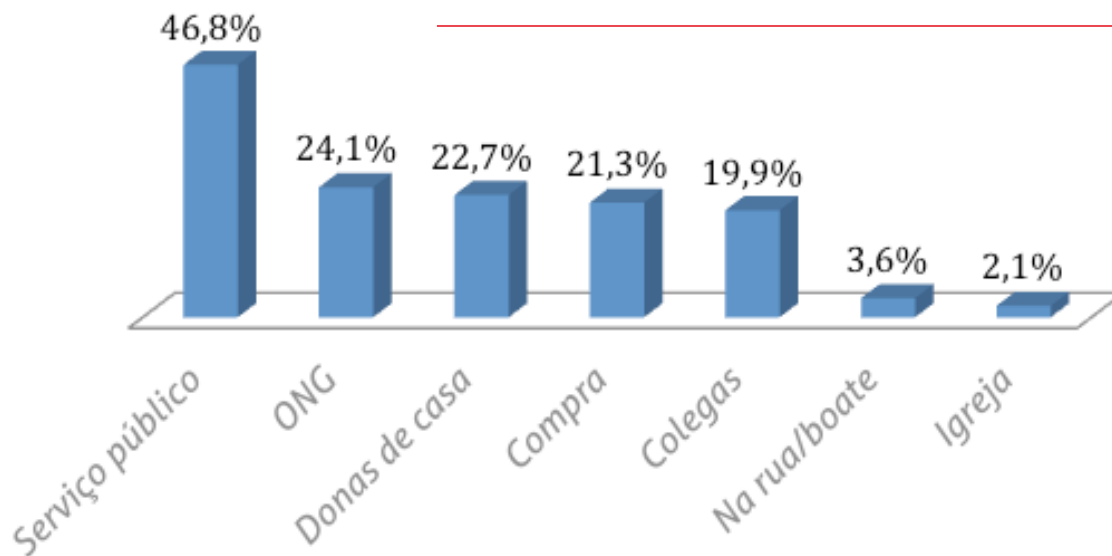
Na maioria dos casos as entrevistadas relataram terem realizado acompanhamento da doença mencionada, exceto nos casos de dependência química, transtorno de identidade de gênero e colesterol alto, em que nos dois primeiros casos a minoria fez acompanhamento médico e, no terceiro, metade delas fizeram acompanhamento.



## 3.10 CAMISINHAS

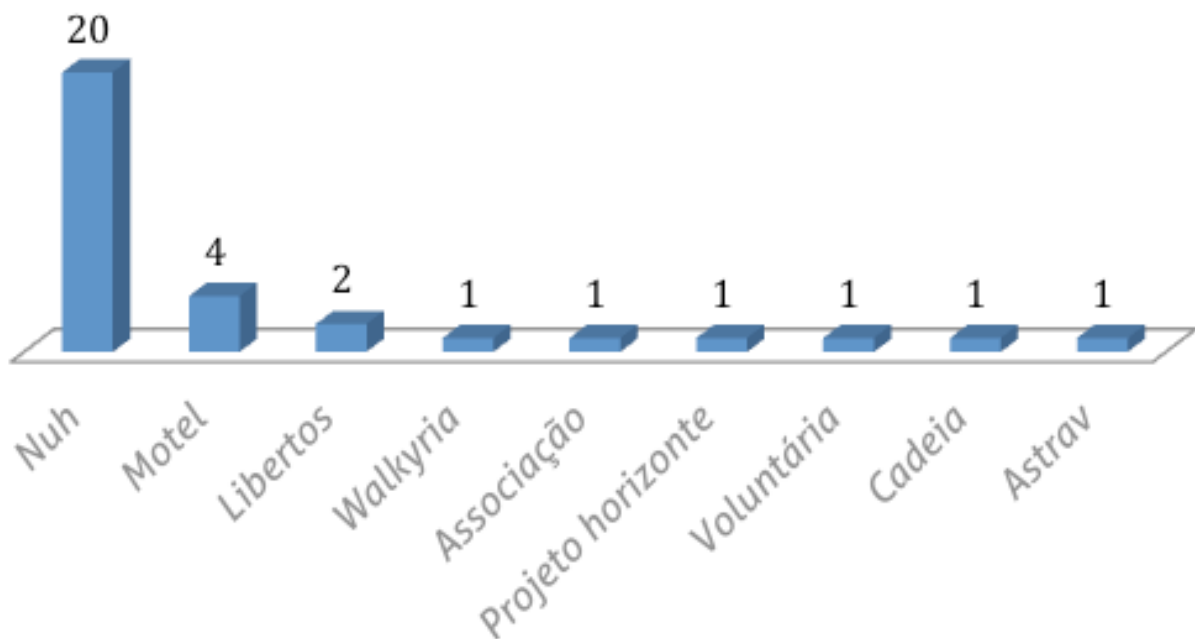
### GRÁFICO 139 - PERCENTUAL DOS MEIOS PELOS QUAIS AS ENTREVISTADAS OBTÊM PRESERVATIVOS.

*\*Dados referentes a um total de 141 participantes que responderam esta pergunta. Destaca-se que elas podiam escolher mais de uma alternativa como resposta.*



Os meios de obter preservativos estiveram distribuídos da seguinte maneira: 46,8% (66) das entrevistadas responderam que utilizam vias do serviço público (posto de saúde, hospital, CTA, etc.) para obtê-los; 24,1% (34) as ONG's; 22,7% (32) conseguem obtê-los por meio das *donas de casa*; 21,3% (30) disseram comprá-los; 19,9% (28) conseguem através de colegas; 3,6% (5) das entrevistadas obtêm na rua (pista) ou na boate; e 2,1% (3) das entrevistadas disseram consegui-lo por meio da igreja.

## GRÁFICO 140 - FREQUÊNCIA DE OUTROS MEIOS PELOS QUAIS AS ENTREVISTADAS OBTÊM PRESERVATIVOS.



*\*Dados referentes aos 32 relatos das entrevistadas.*

*Destaca-se que elas podiam escolher mais de uma alternativa como resposta.*

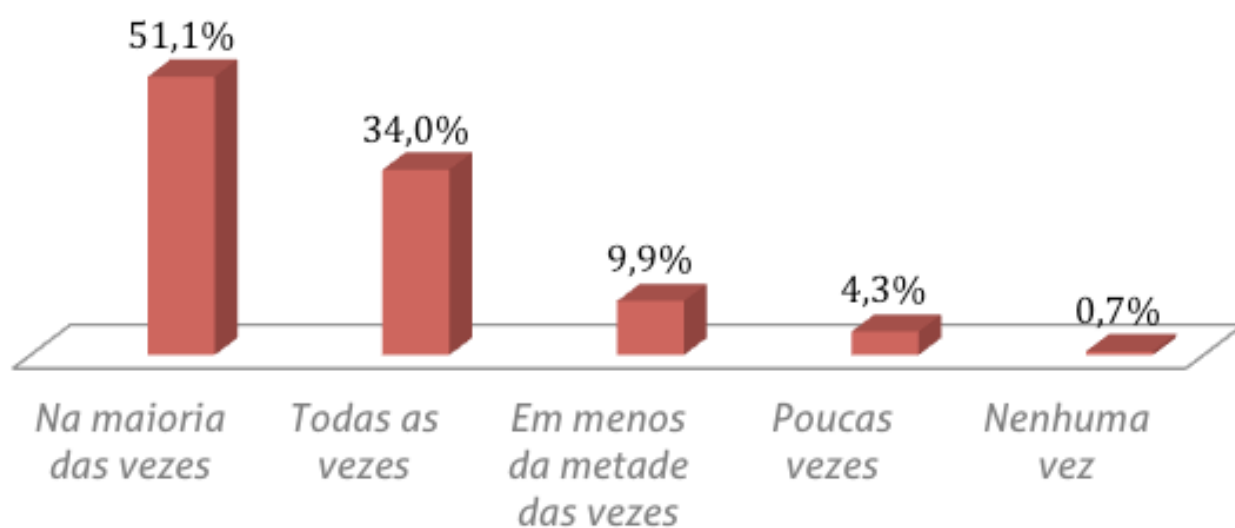
Dentre as outras opções citadas pelas travestis, o Nuh foi mencionado 20 vezes como sendo uma das vias por meio da qual elas conseguem camisinha. O motel em que realizam programas foi mencionado 4 vezes; a ONG Libertos 2 vezes e liderança movimento social, "associação", "Projeto Horizonte", "voluntários", "cadeia" e "Astrav" foram outras opções mencionadas uma vez cada.

Esses números mostram que as principais vias de acesso a preservativos entre as entrevistadas são os serviços públicos (postos de saúde, hospital, CTA, etc.), seguidos das ONG's; *donas de casa*, através da compra, por meio de colegas e também através do Nuh, sendo estes os números que apareceram como sendo os mais significativos.





## GRÁFICO 141 - PERCENTUAL DAS VEZES EM QUE O PRESERVATIVO FOI UTILIZADO PELAS ENTREVISTADAS EM SUAS RELAÇÕES SEXUAIS NOS SEIS MESES ANTERIORES À ENTREVISTA.



*\*Dados referentes 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Responderam ter utilizado preservativo na maioria das vezes nas suas relações sexuais, nos últimos seis meses, 51,1% (72) das entrevistadas; 34,0% (48) disseram ter utilizado em todas as vezes; 9,9% (14) disseram ter utilizado em menos da metade das vezes; 4,3% (6) utilizaram poucas vezes e 0,7% (1) respondeu não ter utilizado preservativo nenhuma vez em suas relações sexuais, nos últimos seis meses.

## TABELA 61 - FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DOS MOTIVOS PELOS QUAIS AS ENTREVISTADAS DEIXAM OU NÃO DE UTILIZAR O PRESERVATIVO NAS SUAS RELAÇÕES SEXUAIS

POR QUAL MOTIVO A ENTREVISTADA DEIXA DE USAR CAMISINHA	SIM		NÃO	
	Frequência	Percentual (%)	Frequência	Percentual (%)
1- Não precisa, confia no(a) parceiro(a), companheiro(a) ou namorado(a) (137)	82	59,9	55	40,2
2- O(a) parceiro(a) não gosta / se recusa (137)	36	26,3	101	73,7
3- Com cliente que paga mais (137)	35	25,6	102	74,5
4- Sempre usa (139)	34	24,5	105	75,5
5- Com vícios (137)	32	23,4	105	76,6
6- Com cliente preferencial (136)	31	22,8	105	77,2
7- Tira o prazer / quebra o clima (138)	27	19,6	111	80,4
8- Não gosta de usar (138)	15	10,9	123	89,1
9- O cliente não gosta / se recusa (135)	14	10,4	121	89,6
10- Perde o cliente (137)	14	10,2	123	89,8
11- Com cliente que ameaça (134)	12	9,0	122	91,0
12- Com amigo(a) (137)	10	7,3	127	92,7
13- Camisinhas não foram distribuídas (138)	10	7,3	128	92,8
14- É muito cara (138)	2	1,5	136	98,6
15- É difícil de achar (138)	2	1,5	136	98,6
16- Tem vergonha de pedir para o(a) parceiro(a) (138)	2	1,5	136	98,6
17- Tem vergonha de pedir para o cliente (136)	1	0,7	135	99,3
18- Não acredita que protege contra doenças (136)	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>136</b>	<b>100,0</b>

\*Nesta questão, como as participantes podiam escolher mais de uma alternativa como resposta, cada opção refere-se a um total de participantes distinto.



Verifica-se que de 137 entrevistadas que responderam à primeira opção, 59,9% (82) afirmaram que deixam de utilizar preservativo em suas práticas sexuais com o(a) parceiro(a), companheiro(a) ou namorado(a) por confiar nele(a). De um total de também 137 entrevistadas que responderam à segunda opção, 26,3% (36) delas disseram deixar de utilizar preservativo nas práticas sexuais feitas com o(a) parceiro(a), companheiro(a) ou namorado(a) porque ele(a) não gosta ou se recusa a usá-lo.

Das 137 participantes que responderam a terceira opção, 25,6% (35) disseram que deixam de utilizar preservativo nas práticas sexuais feitas com clientes, quando estes pagam mais. De um total de 139 entrevistadas que responderam a quarta opção, 24,5% (34) afirmaram que sempre utilizam preservativo em todas as suas relações sexuais. Dentre as 137 entrevistadas que responderam a quinta opção, 23,4% (32) afirmaram deixar de utilizar preservativo nas práticas sexuais feitas com os vícios.

Já com relação à sexta opção, das 136 entrevistadas que a responderam, 22,8% (31) afirmaram que deixam de utilizar preservativo nas práticas sexuais feitas com clientes que são preferenciais. Das 138 que responderam a sétima opção, 19,6% (27) afirmaram que deixam de utilizar preservativo nas práticas sexuais por achar que ele tira o prazer ou quebra o clima. 10,9% (15) entrevistadas, de um total de 138 que responderam a oitava opção, afirmaram que deixam de utilizar preservativo por não gostar de usá-lo. 10,4% (14) das 135 entrevistadas que responderam a nona opção afirmaram que deixam de utilizar preservativo nas práticas sexuais feitas com clientes que não gostam ou se recusam a usá-lo.

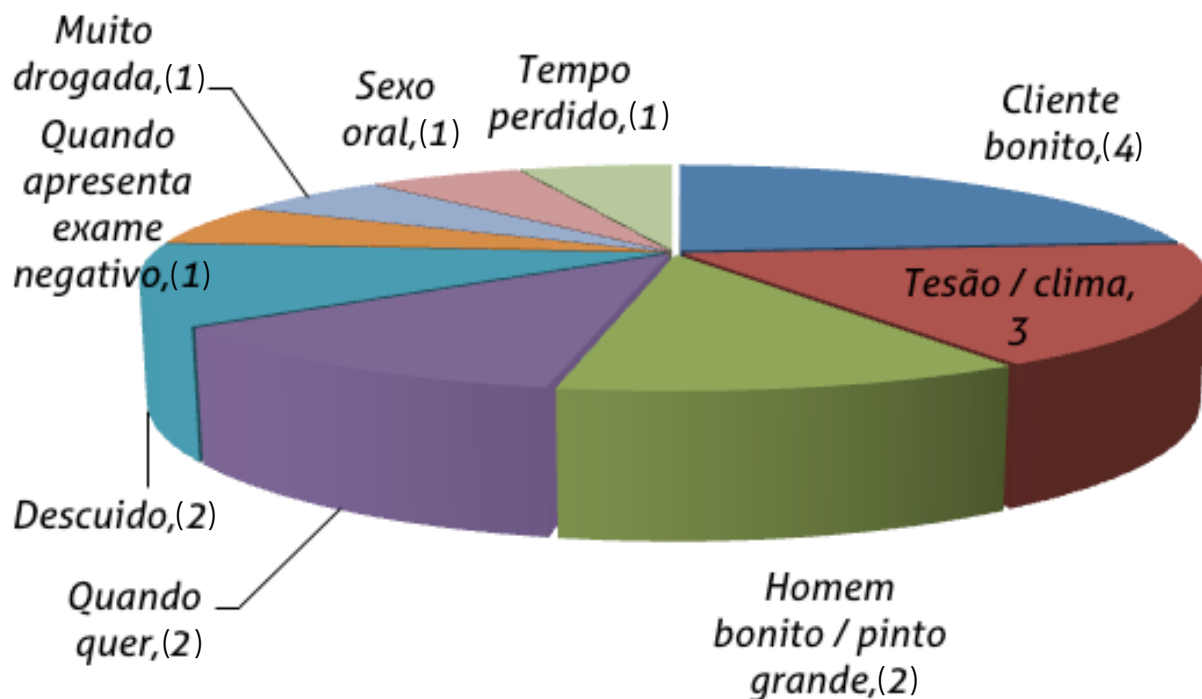
Dentre as 137 entrevistadas que responderam a décima opção, 10,2% (14) afirmaram que deixam de utilizar preservativo com o cliente para não perder o programa. Outras 9% (12) de 134 entrevistadas afirmaram que deixam de utilizar preservativo nas práticas sexuais feitas com clientes que as ameaçam.

Dentre 137 participantes que responderam a décima segunda opção, 7,3% (10) delas disseram deixar de utilizar preservativo nas práticas sexuais feitas com amigos. Das 138 que responderam a décima terceira opção, 7,3% (10) delas disseram deixar de utilizar preservativo quando este não é distribuído. De um total de 138 entrevistadas que responderam a décima quarta opção, 1,5% (2) afirmaram deixar de utilizar preservativo por este ser muito caro. Também de 138 participantes que responderam a décima quinta opção, 1,5% (2) disseram deixar de utilizar preservativo porque

este é difícil de achar. Dentre as 138 entrevistadas que responderam a décima sexta opção, 1,5% (2) disseram deixar de utilizar preservativo porque têm vergonha de pedir para o(a) parceiro(a) colocar.

Outras 0,7% (1), das 136 entrevistadas que responderam a décima sétima opção, afirmaram que deixam de utilizar preservativo porque tem vergonha de pedir para o cliente utilizá-lo; e das 136 entrevistadas que responderam a última opção (décima oitava), nenhuma (0%) disse deixar de utilizar o preservativo por acreditar que ele não proteja contra doenças.

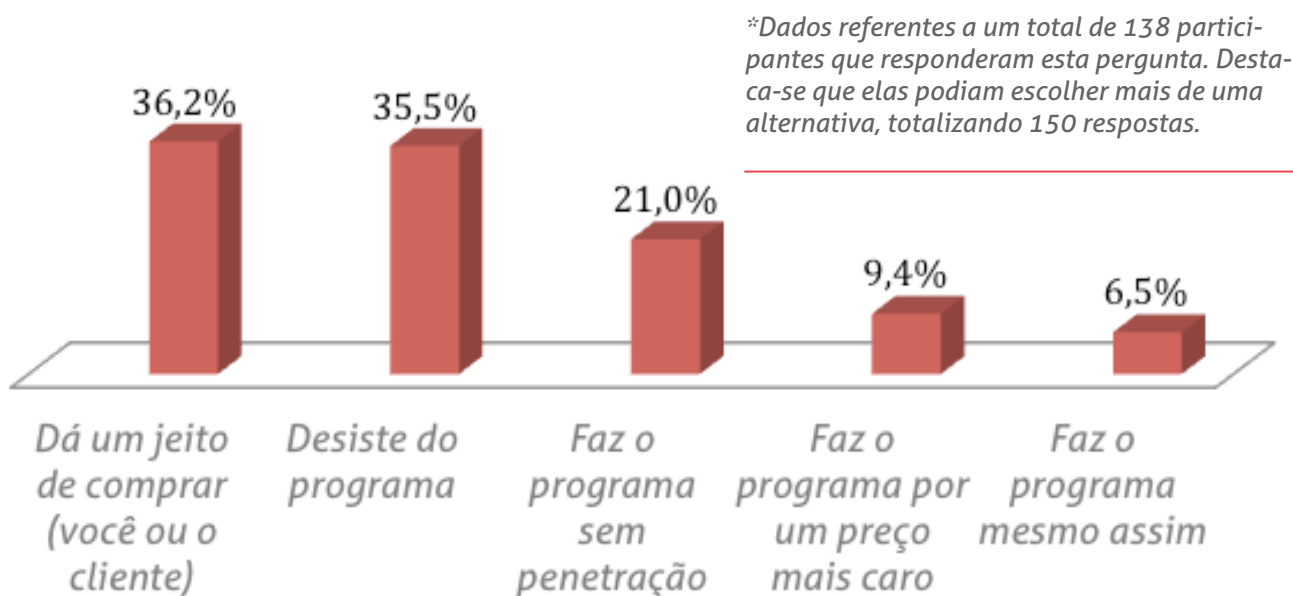
## GRÁFICO 142 - FREQUÊNCIA DE OUTROS MOTIVOS PELOS QUAIS AS ENTREVISTADAS NÃO UTILIZAM O PRESERVATIVO NAS SUAS RELAÇÕES SEXUAIS.



*\*Dados referentes a 17 participantes que responderam esta pergunta.*

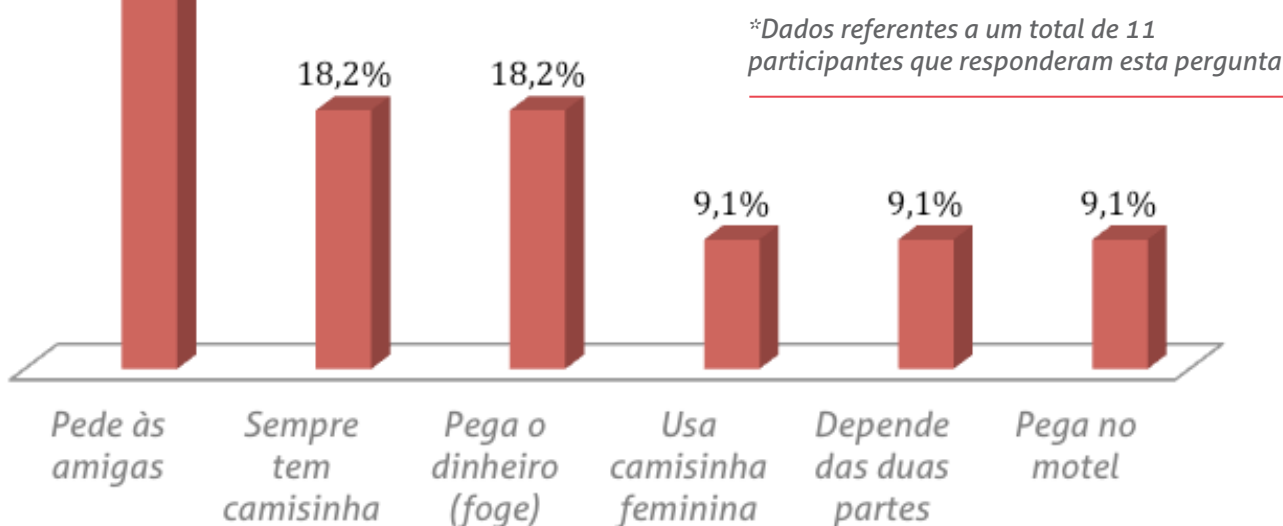
Dentre os outros motivos mencionados que levam as entrevistadas a deixar de usar preservativo, quatro (4) responderam que deixam de utilizá-lo com cliente bonito; três (3) disseram que não o utilizam quando estão com muito tesão ou quando o clima está muito bom; duas (2) responderam que deixam de usá-lo quando o homem é bonito e possui um pênis grande; duas (2) disseram que deixam de utilizá-lo quando querem; duas (2) informaram que por descuido deixam de usar; uma (1) entrevistada informou que quando seus exames de DSTs/HIV dão negativo ela deixa de usar preservativo; uma (1) disse que não o utiliza quando está muito drogada; uma (1) respondeu que não utiliza o preservativo quando faz sexo oral e uma (1) disse que quando percebe que vai perder tempo colocando o preservativo deixa de usá-lo.

## GRÁFICO 143 - PERCENTUAL DAS AÇÕES QUE A ENTREVISTADA TOMARIA SE DURANTE O PROGRAMA ELA E SEU CLIENTE ESTIVESSEM SEM PRESERVATIVO.



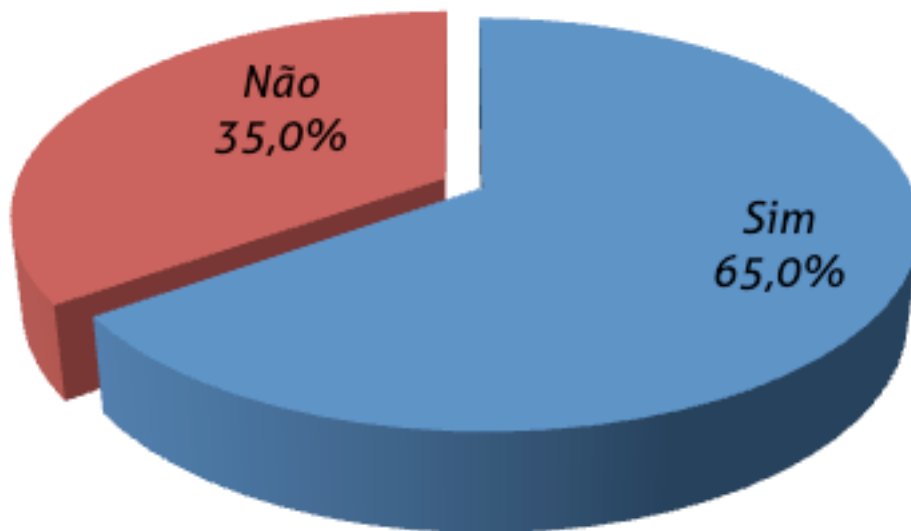
Das 150 respostas acerca do que a entrevistada faria caso durante o programa ela e seu cliente estivessem sem preservativo, 36,2% (50) se referiam a tentar comprar; 35,5% (49) a desistir do programa; 21,0% (29) realizar o programa sem penetração; 9,4% (13) elevar o preço do programa e 6,5% (9) realizar o programa mesmo sem o preservativo.

## GRÁFICO 144 - PERCENTUAL DE OUTRAS OPÇÕES DE AÇÕES QUE AS ENTREVISTADAS TOMARIAM SE DURANTE O PROGRAMA ELA E SEU CLIENTE ESTIVESSEM SEM PRESERVATIVO.



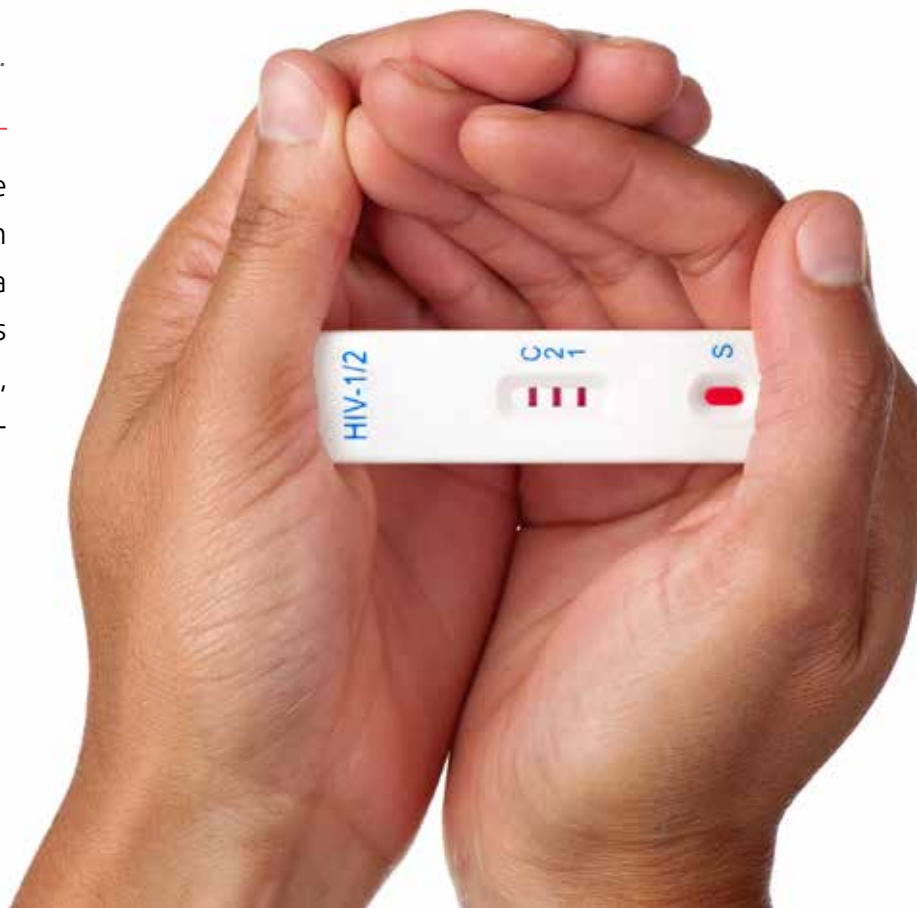
Dentre as 11 participantes que responderam a questão sobre outras ações que tomariam caso ela e seu cliente estivessem sem preservativo no momento do programa, 36,3% (4) disseram que pedem preservativo para as amigas; 18,2% (2) delas afirmaram sempre ter camisinha; 18,2% (2) disseram que pegam o dinheiro do cliente e fogem; 9,1% (1) usa camisinha feminina; 9,1% (1) informou que depende do que as duas partes envolvidas resolverão e 9,1% (1) pega preservativo no motel.

## GRÁFICO 145 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE REALIZARAM EXAME DE HIV OU OUTRAS DSTs NOS DOZE MESES ANTERIORES À ENTREVISTA.

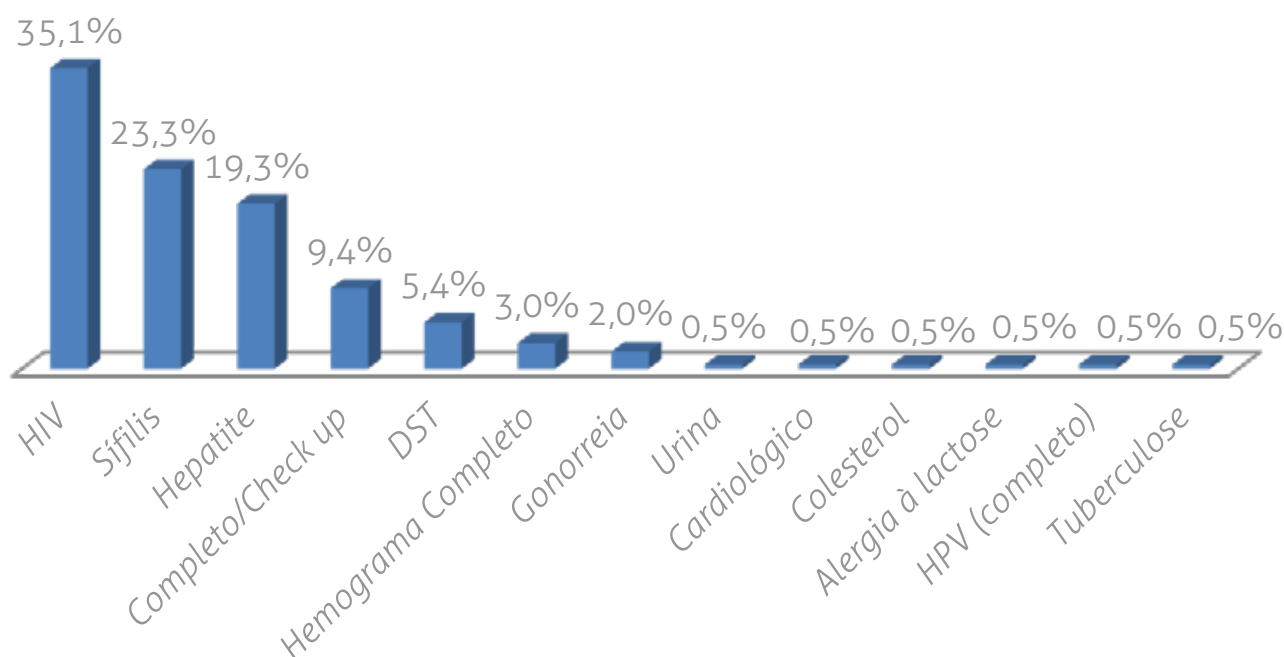


*\*Dados referentes a um total de 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 141 participantes deste estudo, 65,0% (92) delas declararam ter realizado exame diagnóstico para HIV ou outras DSTs nos doze meses anteriores à realização das entrevistas, enquanto 35,0% (49) disseram não tê-lo feito.



## GRÁFICO 146 - PERCENTUAL DOS TIPOS DE EXAMES DIAGNÓSTICOS QUE AS ENTREVISTADAS REALIZAM NOS DOZE MESES ANTERIORES À ENTREVISTA.

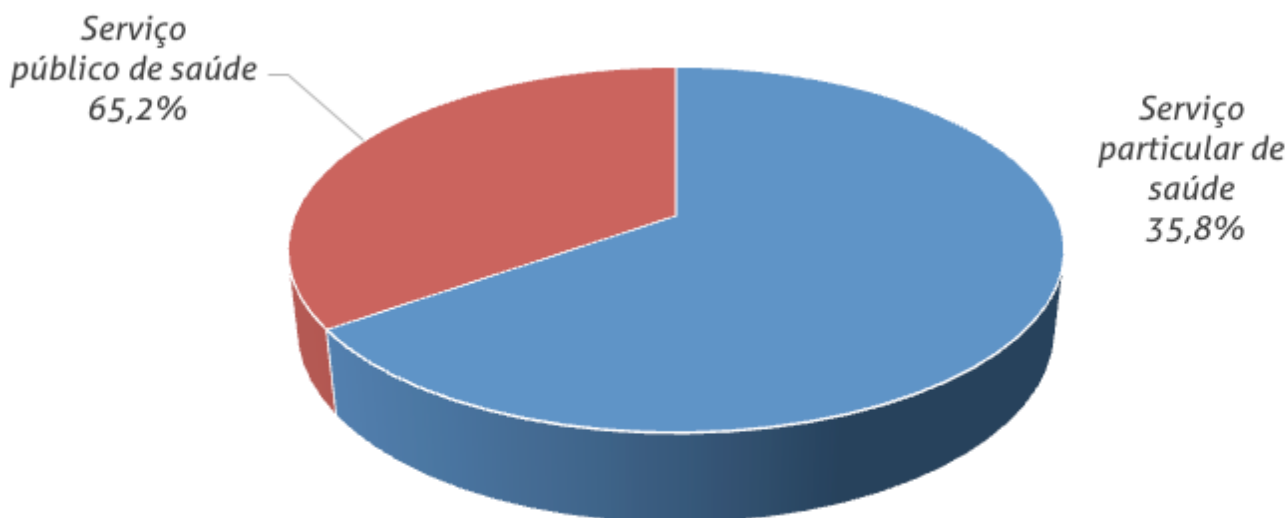


*\*Dados referentes ao total de 203 relatos, das 92 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre os 203 relatos das entrevistadas a respeito dos exames realizados, a realização do exame de HIV foi mencionada em 35,10% (71) deles; a de sífilis em 23,30% (45); de hepatite em 19,3% (39); a realização de exame completo / check up apareceu em 9,4% (19) dos relatos; de DSTs (sem especificar quais foram) em 5,4% (11); a de hemograma completo em 3,0% (6); e a de gonorreia em 2,0% (4) desses relatos.

As respostas não se referiram unicamente a exames relacionados à HIV/DSTs entrando na listagem também outros tipos de exame. Assim, entre os 203 relatos, 0,50% (1) se referiam a exame de urina; 0,5% (1) a exame cardiológico; 0,5% (1) para verificar o nível do colesterol; 0,50% (1) para detectar alergia/intolerância à lactose; 0,50% (1) para exame diagnóstico de HPV e 0,5% (1) para diagnóstico de tuberculose.

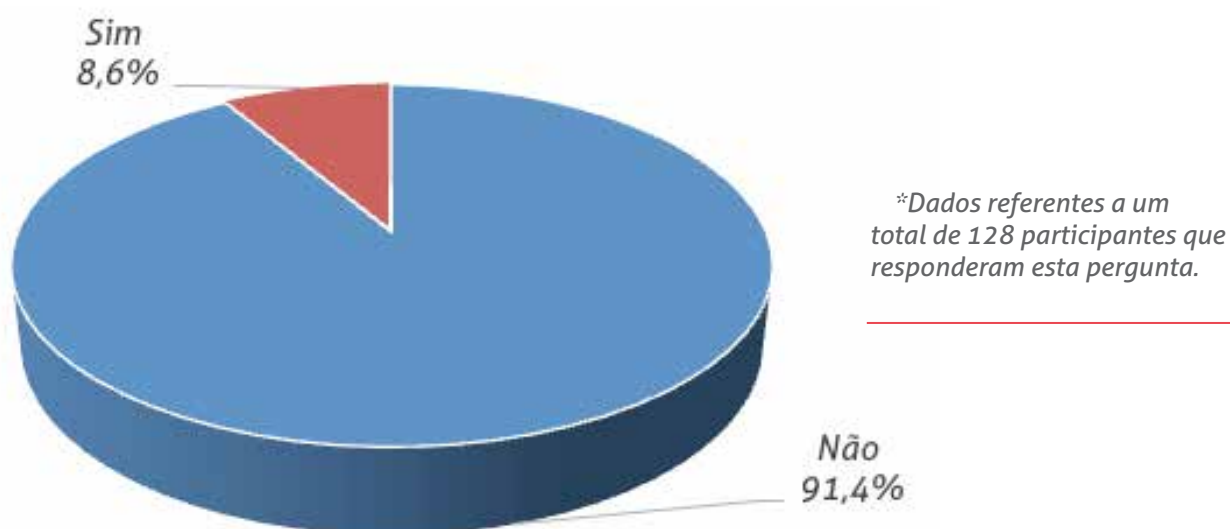
## GRÁFICO 147 - PERCENTUAL DO LOCAL EM QUE AS ENTREVISTADAS REALIZARAM OS EXAMES DE HIV OU OUTRAS DSTs NOS ÚLTIMOS DOZE MESES ANTERIORES À ENTREVISTA.



*\*Dados referentes a um total de 92 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 92 entrevistadas que declaram ter realizado exame de HIV ou outras DSTs, 65,2% (60) o(s) fizeram em serviço público de saúde e 35,8% (32) em serviço particular.

## GRÁFICO 148 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE REALIZARAM EXAME DIAGNÓSTICO PARA CÂNCER DE PRÓSTATA.

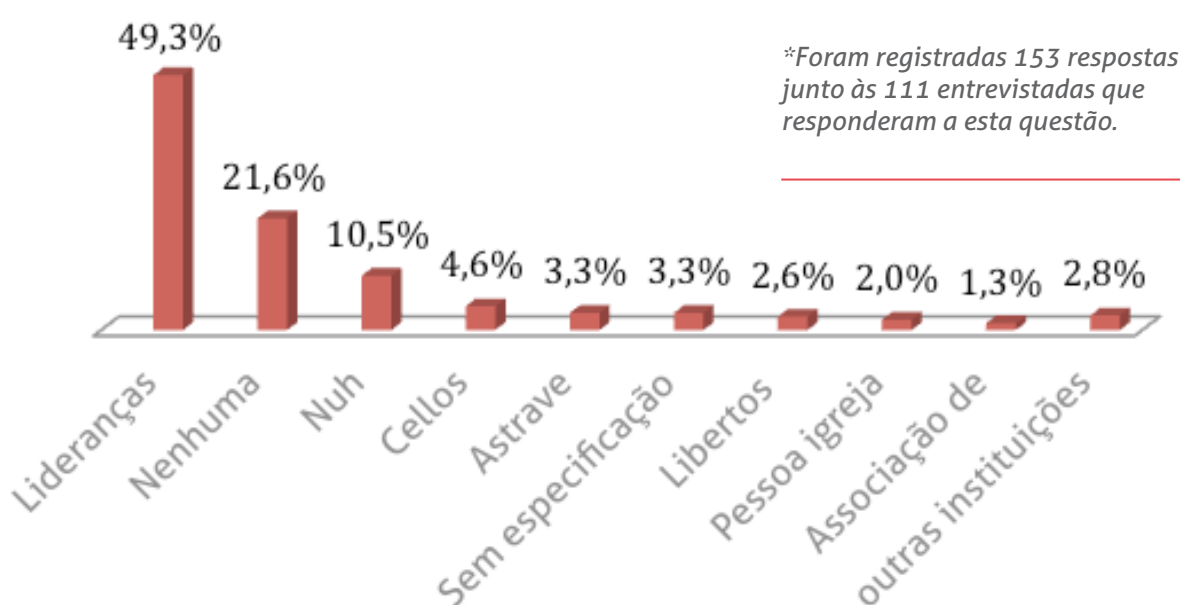


*\*Dados referentes a um total de 128 participantes que responderam esta pergunta.*

Dentre as 128 entrevistadas que responderam a questão sobre a realização de exame diagnóstico para câncer de próstata, 8,6% (11) declaram já ter realizado o exame, enquanto 91,4% (117) disseram que não o fizeram.

# 3.11 POLÍTICAS PÚBLICAS

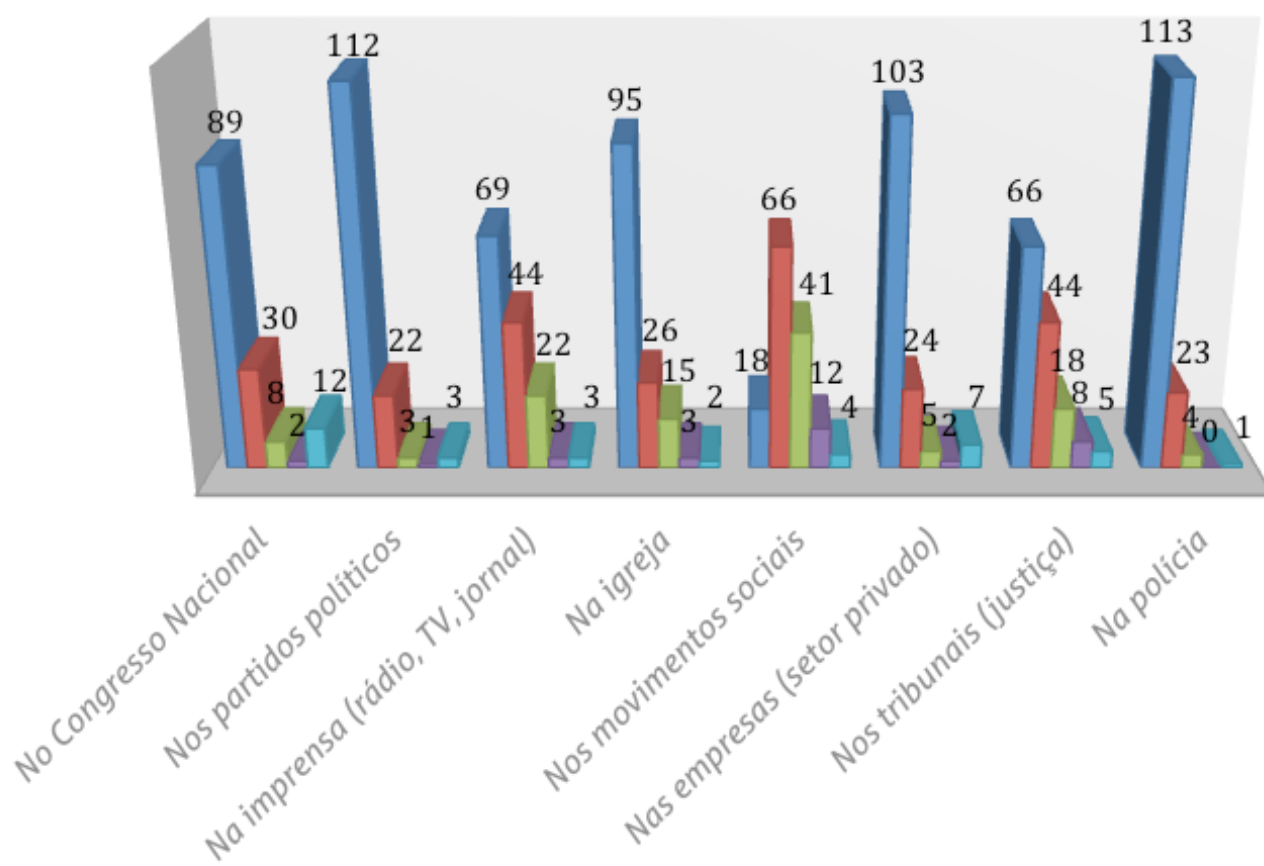
**GRÁFICO 149 - PERCENTUAL DAS INSTITUIÇÕES E/OU PESSOAS QUE AS ENTREVISTADAS DECLARARAM CONHECER POR LUTAR PELOS DIREITOS DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE.**



Apenas 78 entrevistadas explicitaram o conhecimento acerca de instituições e/ou pessoas que lutam pelo direito de travestis e mulheres transexuais na cidade de Belo Horizonte. O restante das entrevistadas ou não respondeu a questão (30) ou afirmou não possuir conhecimento de nenhuma organização ou liderança em prol de seus direitos (33 entrevistadas; o que equivale a 21,6% das 153 respostas válidas). Dentre as pessoas e instituições citadas pelas entrevistadas estão: lideranças conhecidas na cidade (49,3% das respostas); Nuh (10,5% das respostas); Cellos (4,6% das respostas); Astrave (3,3% das respostas); sem especificação (3,3% das respostas); Libertos (2,6% das respostas); Igreja (2,0% das respostas); Associação de travestis (1,3% das respostas) e outras (2,8% das respostas).

## GRÁFICO 150 - FREQUÊNCIA DO GRAU DE CONFIANÇA DAS ENTREVISTADAS EM INSTITUIÇÕES NA LUTA E PROMOÇÃO DOS DIREITOS DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS.

■ Não confia  
■ Confia pouco  
■ Confia muito  
■ Confia totalmente  
■ Não sabe / Não respondeu



Foi perguntado às entrevistadas se elas confiavam em especificadas instituições para a luta e promoção dos direitos de travestis e mulheres transexuais de acordo com as seguintes opções: confia totalmente, confia muito, confia pouco e não confia. A partir de 141 respostas foi possível constatar que:

- No Congresso Nacional, 89 entrevistadas responderam não confiar, 30 disseram que confiam pouco, 8 confiam muito, 2 confiam totalmente e 12 não souberam ou não responderam;
- Nos partidos políticos, 112 responderam que não confiam, 22 confiam pouco, 3 confiam muito, 1 confia totalmente e 3 não souberam ou não responderam;

- Na imprensa (rádio, TV, jornal), 69 entrevistadas não confiam, 44 confiam pouco, 22 confiam muito, 3 confiam totalmente e 3 não souberam ou não responderam;
- Na igreja, 95 disseram que não confiam, 26 confiam pouco, 15 confiam muito, 3 confiam totalmente e 2 não souberam ou não responderam;
- Nos movimentos sociais, 18 não confiam, 66 confiam pouco, 41 confiam muito, 12 confiam totalmente e 4 não souberam ou não responderam;
- Nas empresas do setor privado, 103 não confiam, 24 confiam pouco, 5 confiam muito, 2 confiam totalmente e 7 não souberam ou não responderam;
- Nos tribunais de justiça, 66 não confiam, 44 confiam pouco, 18 confiam muito, 8 confiam totalmente e 5 não souberam ou não responderam;
- Na polícia, 113 não confiam, 23 confiam pouco, 4 confiam muito, nenhuma confia totalmente e 1 não soube ou não respondeu.

Os partidos políticos, as empresas do setor privado e a polícia destacaram-se por serem as instituições em que mais de 70% das entrevistadas disseram não confiar.





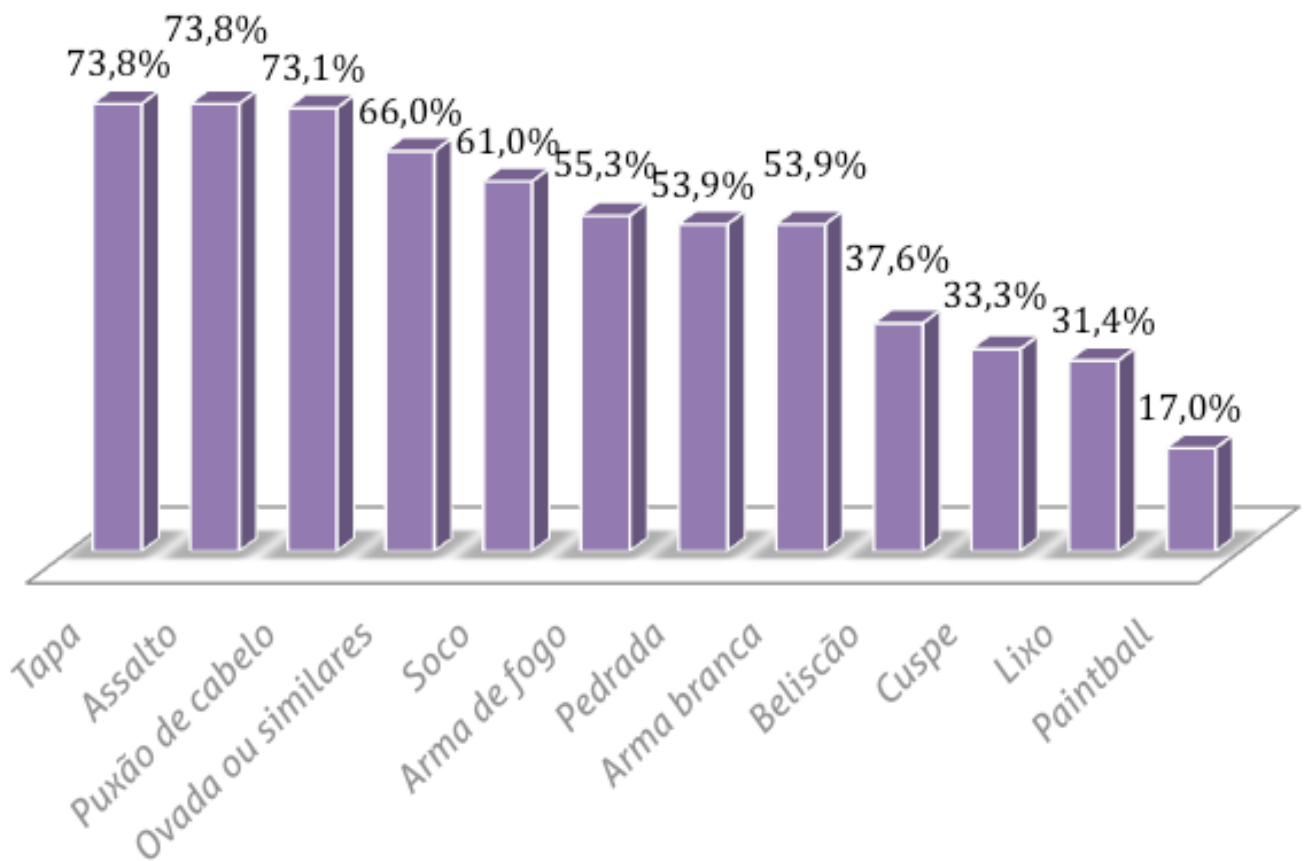
## 3.12 VIOLÊNCIA



Dentre as 141 entrevistadas, 99,3% foram vitimadas por violência psicológica, 97,9% sofreram violência sexual e 96,4% relataram terem sofrido algum tipo de violência física. Apesar da naturalização da violência ser algo muito presente no relato das travestis e mulheres transexuais entrevistadas, as respostas aos itens do questionário referentes à violência física foram precisas e mais facilmente identificadas como violência do que as violências sexuais e psicológicas.

## 3.12.1 VIOLÊNCIA FÍSICA

### GRÁFICO 151 - PERCENTUAL DOS TIPOS DE VIOLÊNCIAS FÍSICAS SOFRIDAS PELAS ENTREVISTADAS.



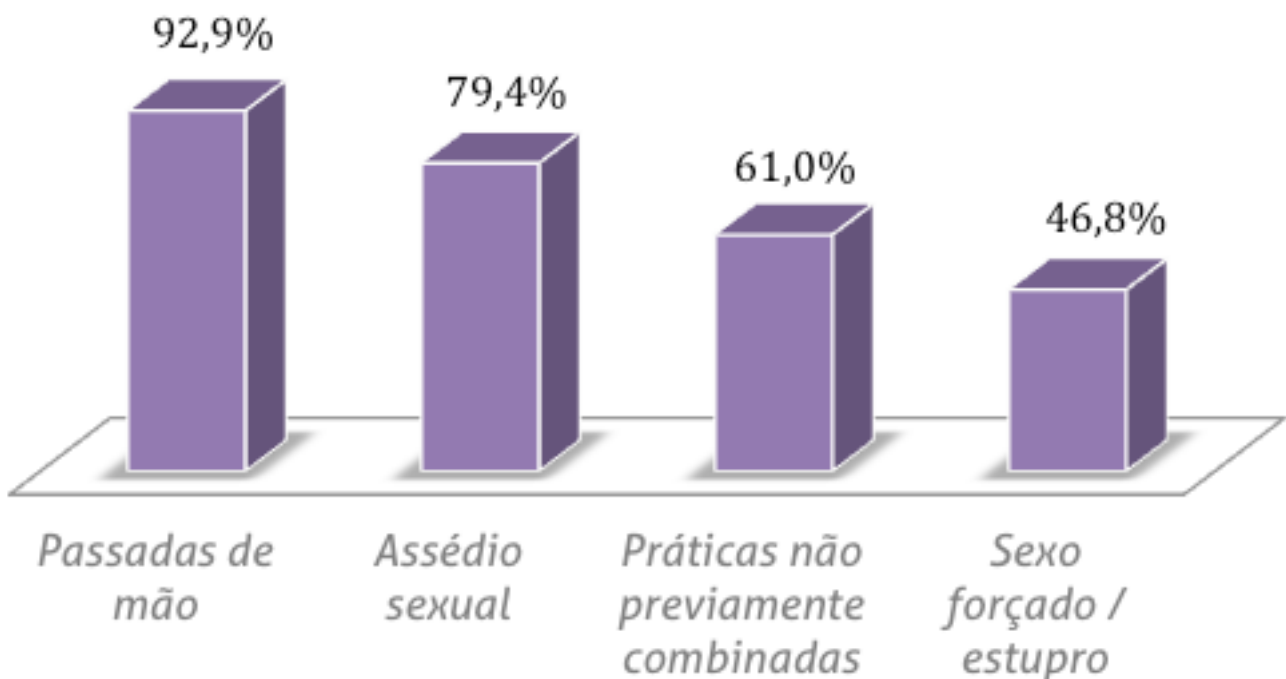
\*Dados relativos a 141 entrevistadas. Exceto, 'arremesso de lixo' que se refere a 140 entrevistadas.

Dentre as 141 entrevistadas que responderam as questões referentes aos tipos de violência física, 96,4% delas relataram já terem sofrido algum tipo de violência física. Apesar de a naturalização da violência ser algo muito presente no relato das travestis e mulheres transexuais entrevistadas, as respostas aos itens do questionário referentes à violência física foram precisas e mais facilmente identificadas como violência do que as violências sexuais e psicológicas.

Com relação a outros tipos de violência física levantados pelas entrevistadas, além dos especificados pelo questionário, o uso do extintor de incêndio foi citado 39 vezes (45,9%) dentre as 85 respostas. Chute, gelo, latinha de cerveja, fezes, garrafada, bala de borracha, balão de urina, cocada, comida, foguete, paulada, xixi, algemas de polícia, areia, arma com bolinha, atropelamento, bola de golf, bomba caseira, bomba de festa junina, catchup/maionese, facada, halter de cimento, lixo de açougue (osso), spray de matar barata, tijolada e tiro de sal também foram mencionados, em frequência menor, porém não deixam de evidenciar o quanto as práticas de violência física contra esta população são muito frequentes, diversificadas e humilhantes.

## 3.12.2 VIOLÊNCIA SEXUAL

### GRÁFICO 152 - PERCENTUAL DOS TIPOS DE VIOLÊNCIAS SEXUAIS SOFRIDAS PELAS ENTREVISTADAS.

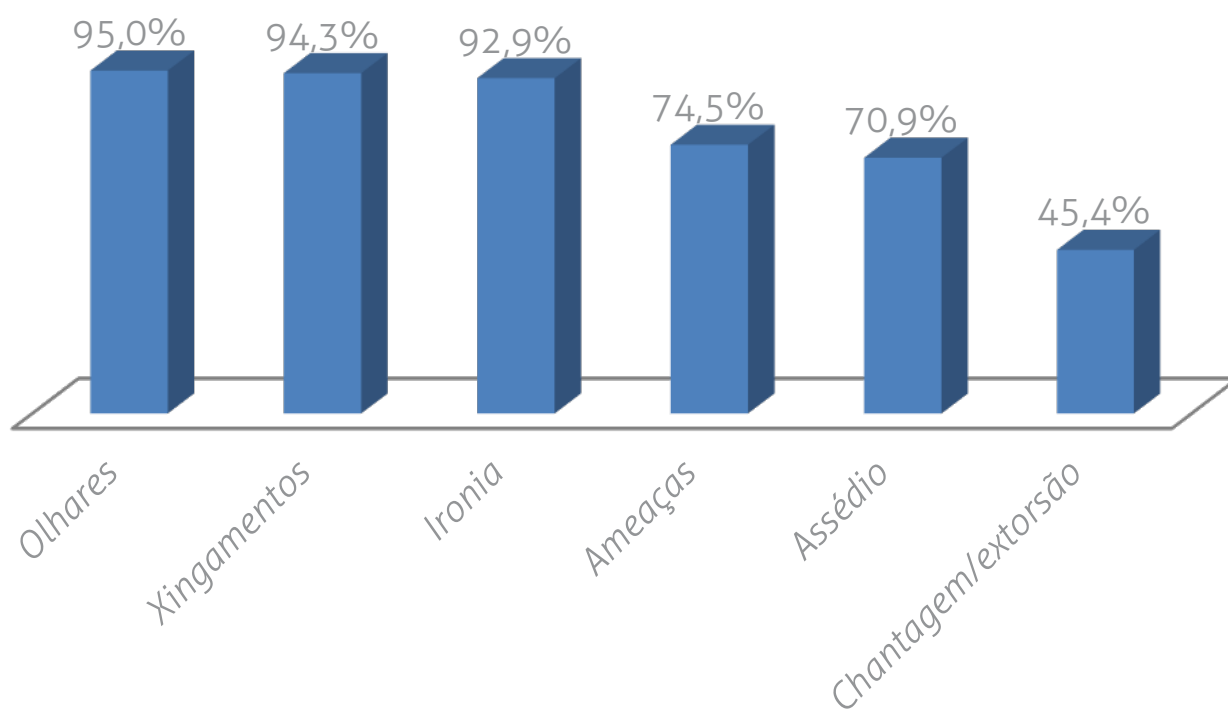


\*Dados referentes a 141 entrevistadas que responderam a esta questão.

Em relação à vitimização por violência sexual, 92,9% (131) das entrevistadas já sofreram passadas de mão; 79,4% (112) já foram vítimas de assédio sexual; 61,0% (86) já sofreram com práticas não previamente combinadas e 46,8 % (66) das entrevistadas já sofreram sexo forçado/estupro. Sobre outras formas de violência sexual, uma (1) entrevistada respondeu que foi bulinada e duas (2) responderam que o cliente passou se masturbando.

## 3.12.3 VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

### GRÁFICO 153 - PERCENTUAL DOS TIPOS DE VIOLÊNCIAS PSICOLÓGICAS SOFRIDAS PELAS ENTREVISTADAS.



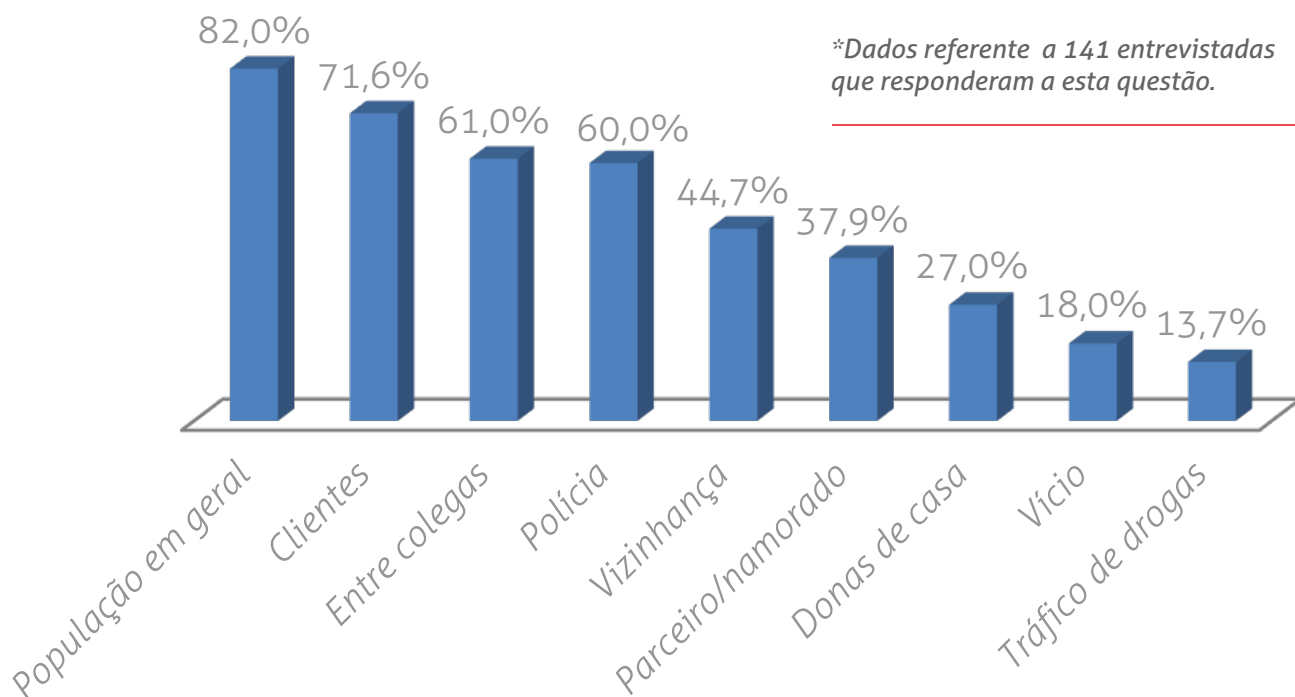
*\*Dados referentes a 141 entrevistadas que responderam a esta questão.*

Sobre violência psicológica, 95,0% (134) das entrevistadas relataram terem sofrido com olhares; 94,3% (133) relataram terem sido agredidas com xingamentos; 92,9% (131) relataram terem sofrido com ironia; 74,5% (105) sofreram ameaças; 70,9% (100) sofreram assédio moral; 45,4% (64) sofreram com chantagem/extorsão. Outras formas de violência psicológica citadas: uma (1) entrevistada disse que sofreu persuasão, três (3) mencionaram o preconceito e uma (1) mencionou ter sofrido constrangimento.

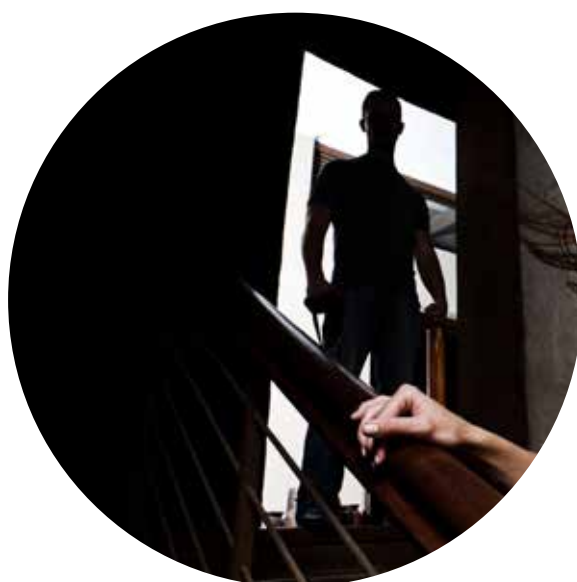
Cabe ressaltar que, por meio do trabalho de campo, percebe-se que as violências psicológicas geralmente não estão restritas aos pontos de prostituição, ocorrendo também em outros espaços da cidade. Essas violações as intimidam, humilham e acarretam isolamento social restringindo e limitando inclusive os espaços e horários de circulação na cidade.

## 3.12.4 AGENTES DE VIOLÊNCIA

GRÁFICO 154 - PERCENTUAL DOS AGENTES DAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS PELAS ENTREVISTADAS.

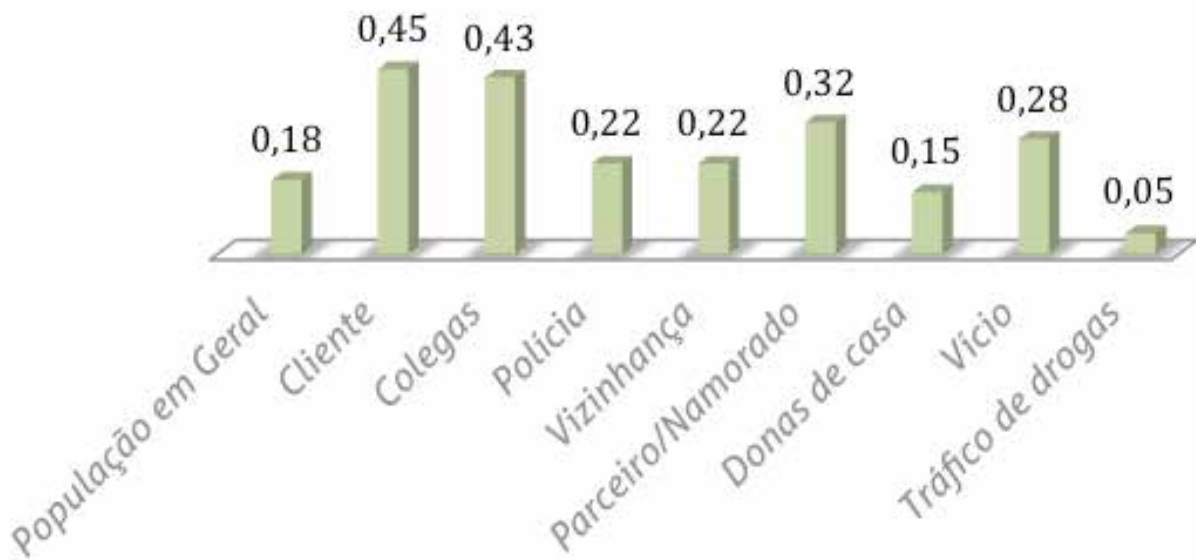


Dentre as travestis e mulheres transexuais entrevistadas, 82,0% (113) relataram já terem sido violentadas por parte da população em geral; 71,6% (101) por parte dos clientes; 61,0% (86) por parte das colegas; 60,0% (84) por parte da polícia e 44,7% (63) por parte da vizinhança. Para parceiro ou namorado o percentual foi de 37,9% (53); para *dona de casa* 27,0% (38); para vício 18,0% (25) e para tráfico de drogas 13,7% (19).



## 3.12.5 PROVIDÊNCIAS

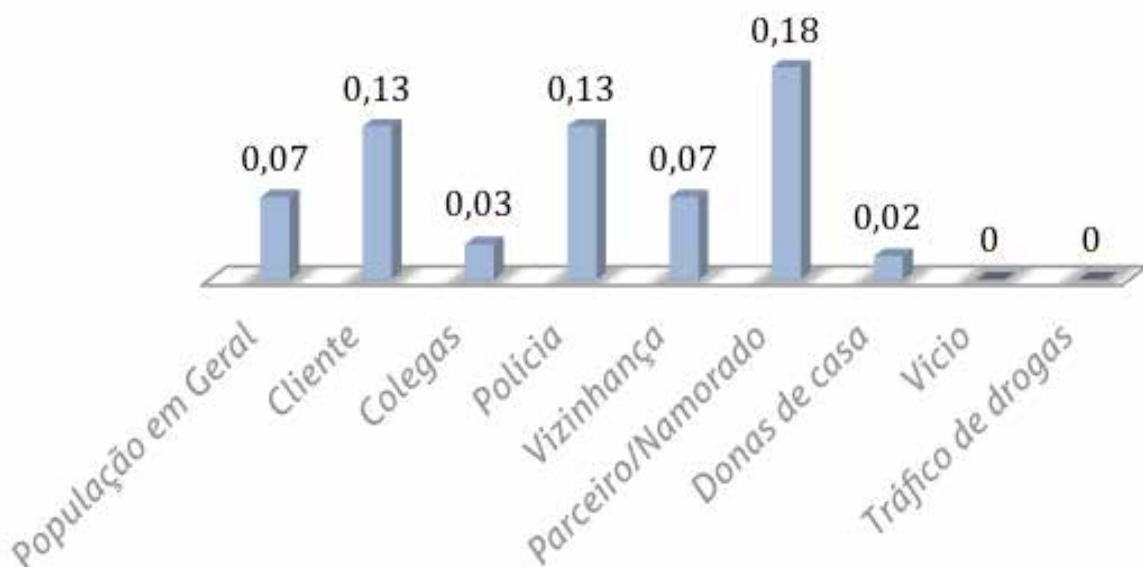
GRÁFICO 155 - MÉDIA DO NÚMERO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS  
(M: N<sup>o</sup> DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA DO AGENTE X  
N<sup>o</sup> DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM SIDO VIOLENTADAS PELO AGENTE X)



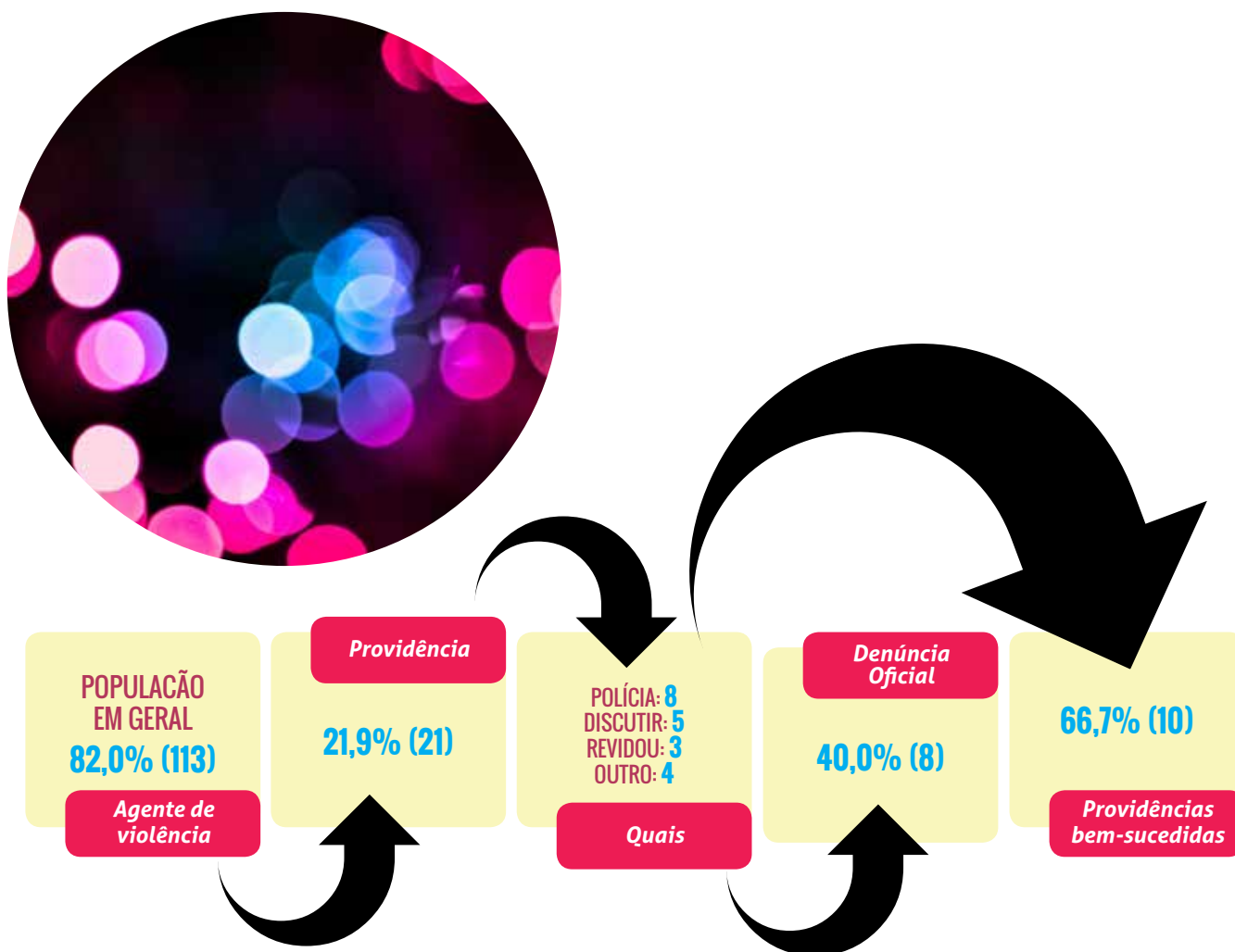
## 3.12.6 PROVIDÊNCIAS POR MEIO OFICIAIS

GRÁFICO 156 - MÉDIA DO NÚMERO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS POR MEIO DE CANAIS OFICIAIS DE DENÚNCIA

(M.OF: N<sup>o</sup> DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS VIA CANAIS OFICIAIS EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA DO AGENTE X / N<sup>o</sup> DE ENTREVISTADAS QUE RELATARAM TEREM SIDO VIOLENTADAS PELO AGENTE X).

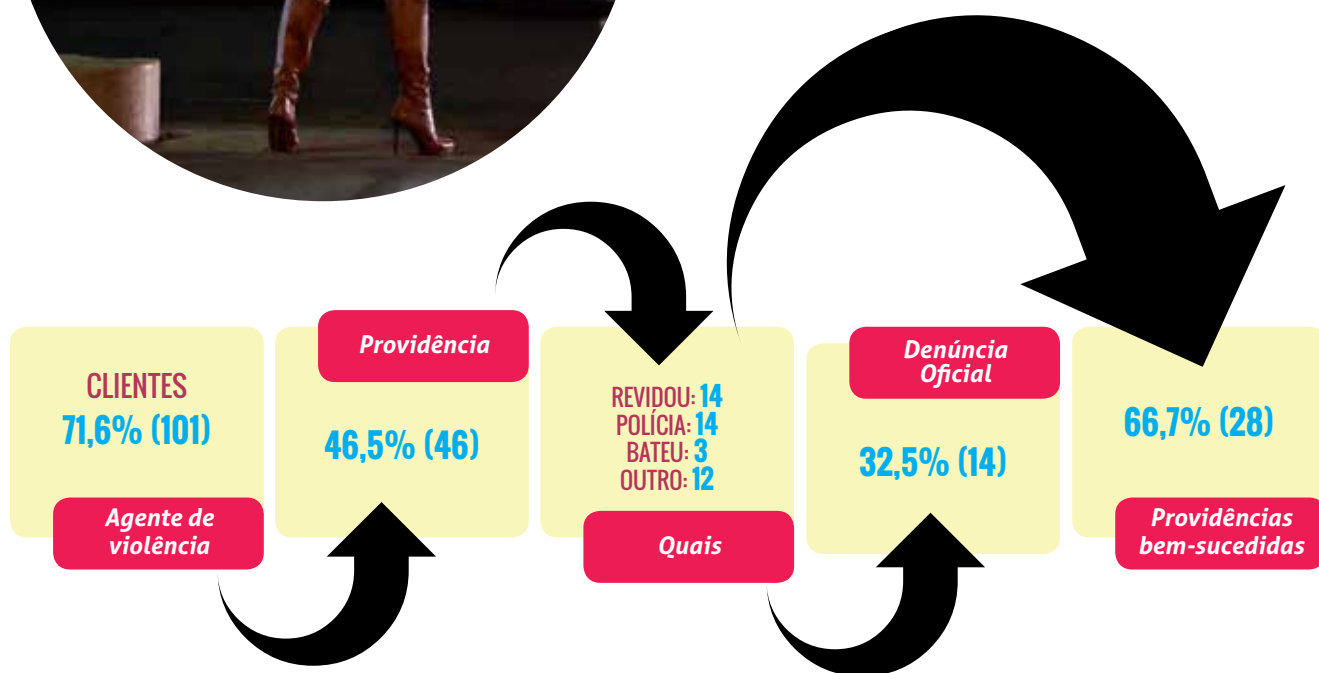


### 3.12.7 AGENTES DE VIOLÊNCIA E TOMADAS DE PROVIDÊNCIA



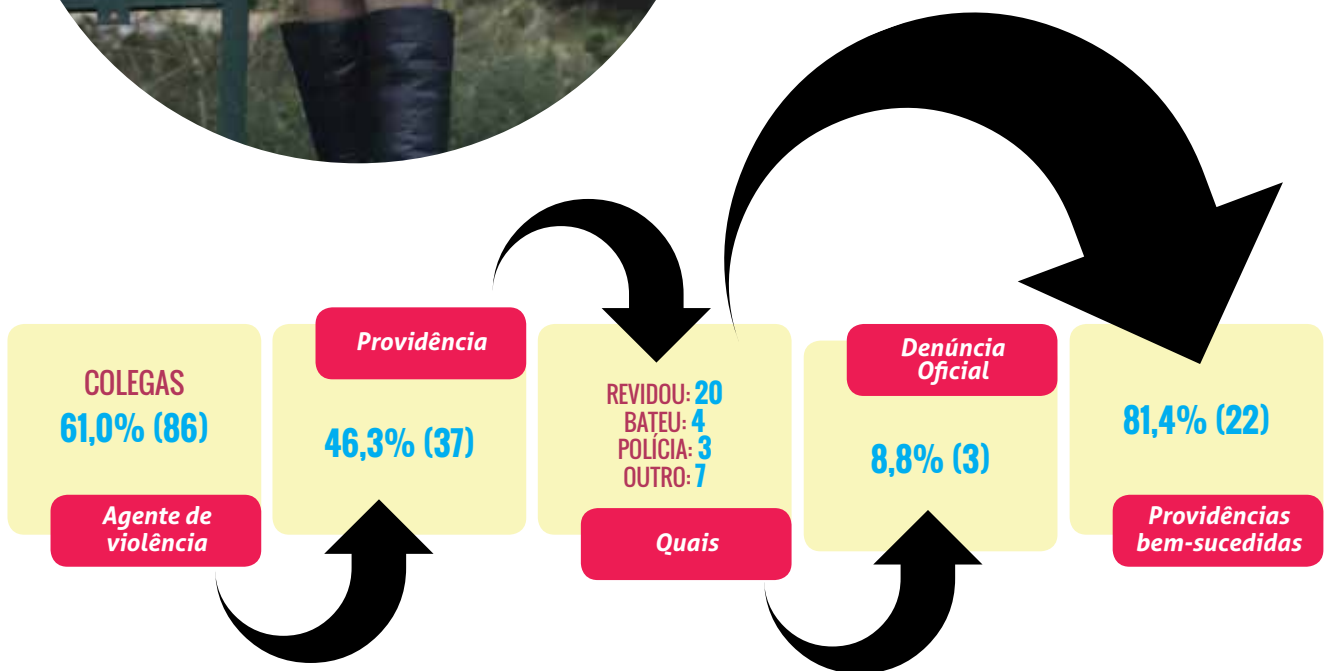
**FIGURA 4 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DA POPULAÇÃO EM GERAL.**

Das 138 entrevistadas que responderam a questão sobre violência vinda da população em geral, 82,0% (113) responderam que já sofreram violência por parte deste agente. Dentre as 96 entrevistadas que responderam sobre a tomada de providências, 21,9% (21) disseram que tomaram providências. Dentre as providências tomadas: 8 chamaram a polícia e/ou fizeram boletim de ocorrência, 5 discutiram/xingaram, 3 revidaram, 1 brigou, 1 resolveu sozinha, 1 perguntou o que estavam olhando e 1 virou a mesa de laranjas de um feirante que a agrediu. Das 20 providências citadas, 40,0% (8) realizaram via canais oficiais de denúncia. Sobre o sucesso das providências tomadas das 15 entrevistadas que responderam a questão, 66,7% (10) disseram que foram bem-sucedidas.



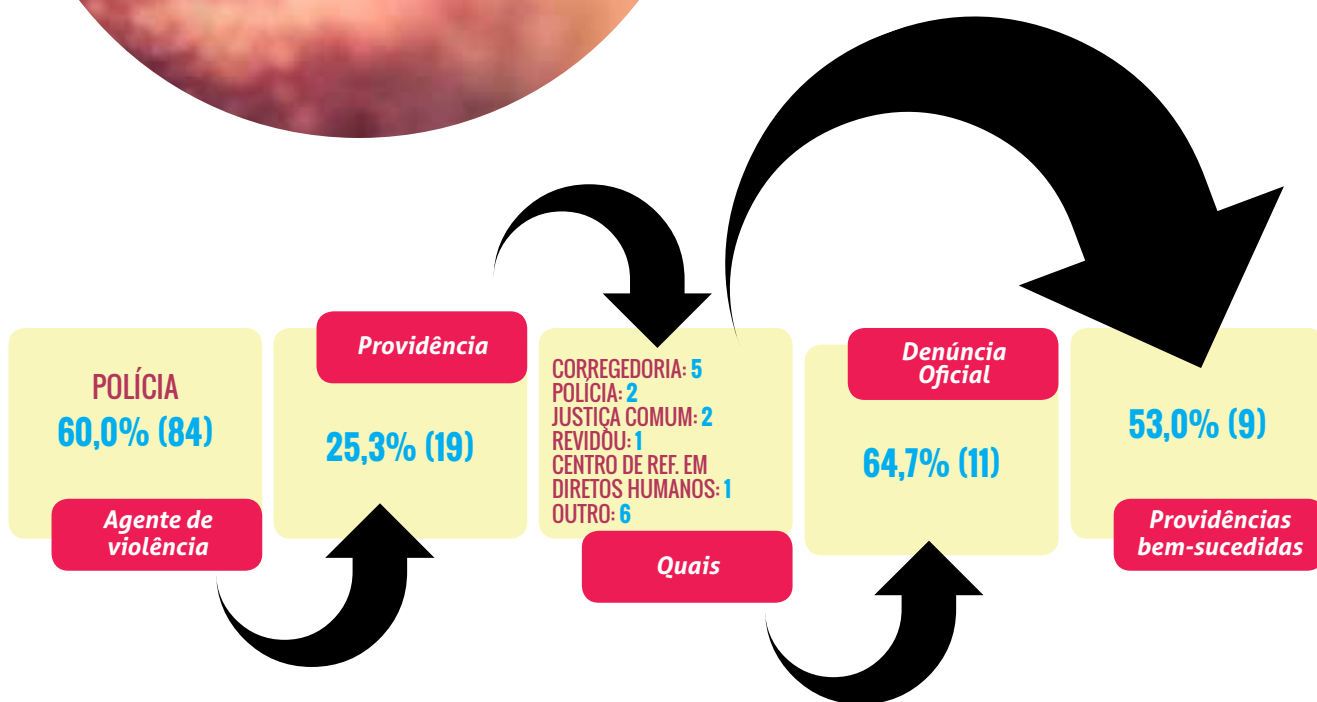
## FIGURA 5 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DE CLIENTES.

Das 141 entrevistadas, 71,6% (101) relataram terem sofrido violência por parte de cliente. Dentre as 99 entrevistadas que responderam sobre a tomada de providências, 46,5% (46) tomaram providência em relação à violência sofrida. Dentre as entrevistadas que tomaram alguma providência: 32,6% (14) revidaram; 32,5% (14) chamaram a polícia e/ou fizeram boletim de ocorrência; 7,0% (3) bateram no cliente e outros 7,0% (3) brigaram; 4,7% (2) discutiram/reagiram; 2,3% (1) acionou o motel; 2,3% (1) resolveu sozinha; 2,3% (1) discutiu e não saiu mais com o cliente; 2,3% (1) quebrou o carro dele; 2,3% (1) quebrou o salto no cliente; 2,3% (1) saiu do carro; 2,3% (1) terminou o programa. Das 43 providências relatadas, 32,5% (14) foram realizadas via canais oficiais de denúncia. Sobre o sucesso das providências tomadas das 42 entrevistadas que responderam a esta questão, 66,7% (28) relataram terem sido bem-sucedidas.



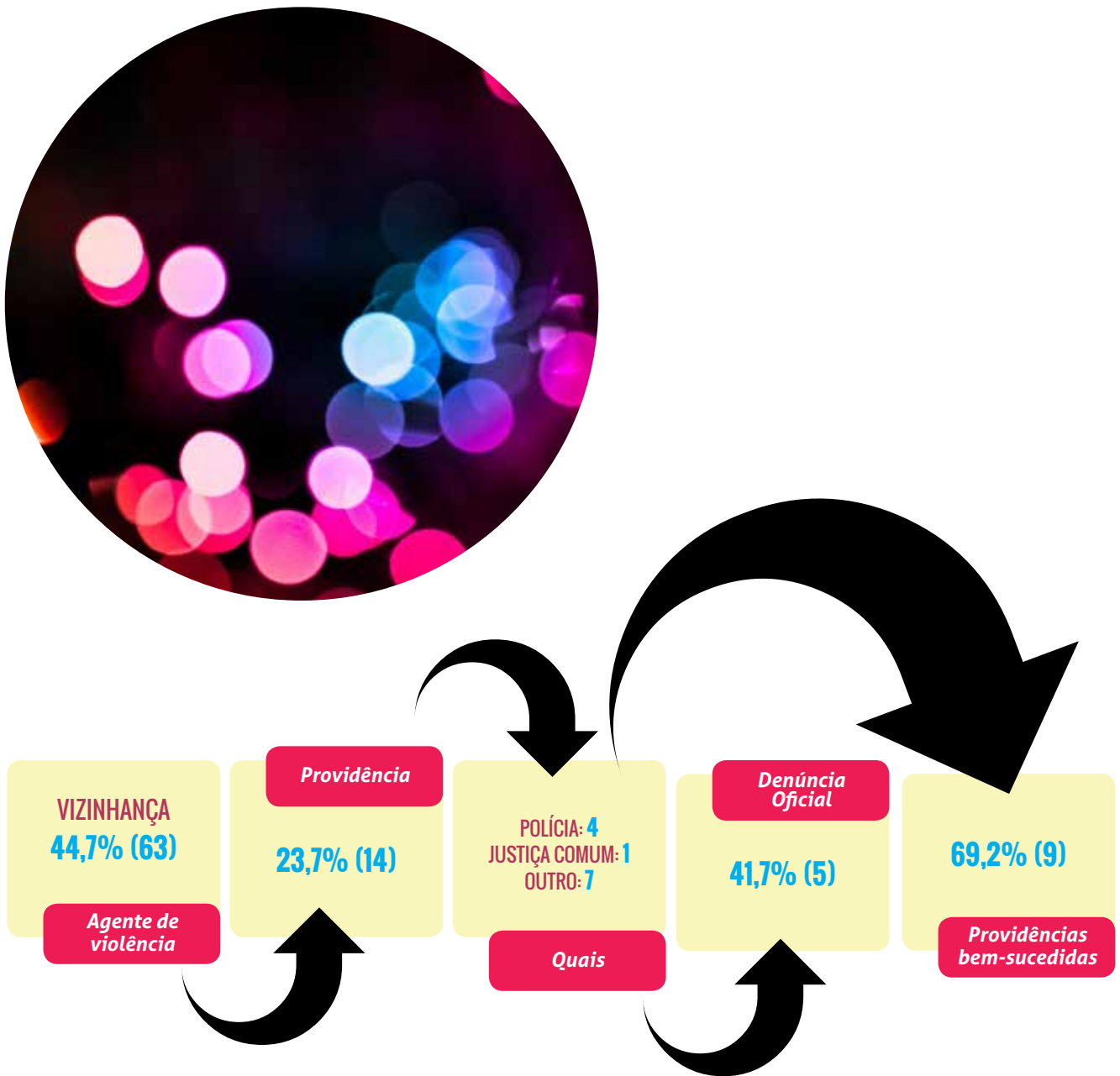
## FIGURA 6 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DE COLEGAS.

Das 141 entrevistadas, 61,0% (86) relataram que já sofreram violência entre colegas. Dentre as 80 entrevistadas que responderam sobre a tomada de providências, 46,3% (37) responderam que tomaram alguma providência em relação à violência sofrida. Dentre as providências tomadas: 20 revidaram, 4 bateram, 3 chamaram a polícia, 3 resolveram na conversa, 2 bateram boca, 1 brigou e 1 se defendeu. Das 34 providências relatadas, 8,8% (3) foram realizadas via canais oficiais de denúncia. Sobre o sucesso das providências tomadas, das 27 entrevistadas que responderam a esta questão, 81,4% (22) responderam que foram bem-sucedidas.



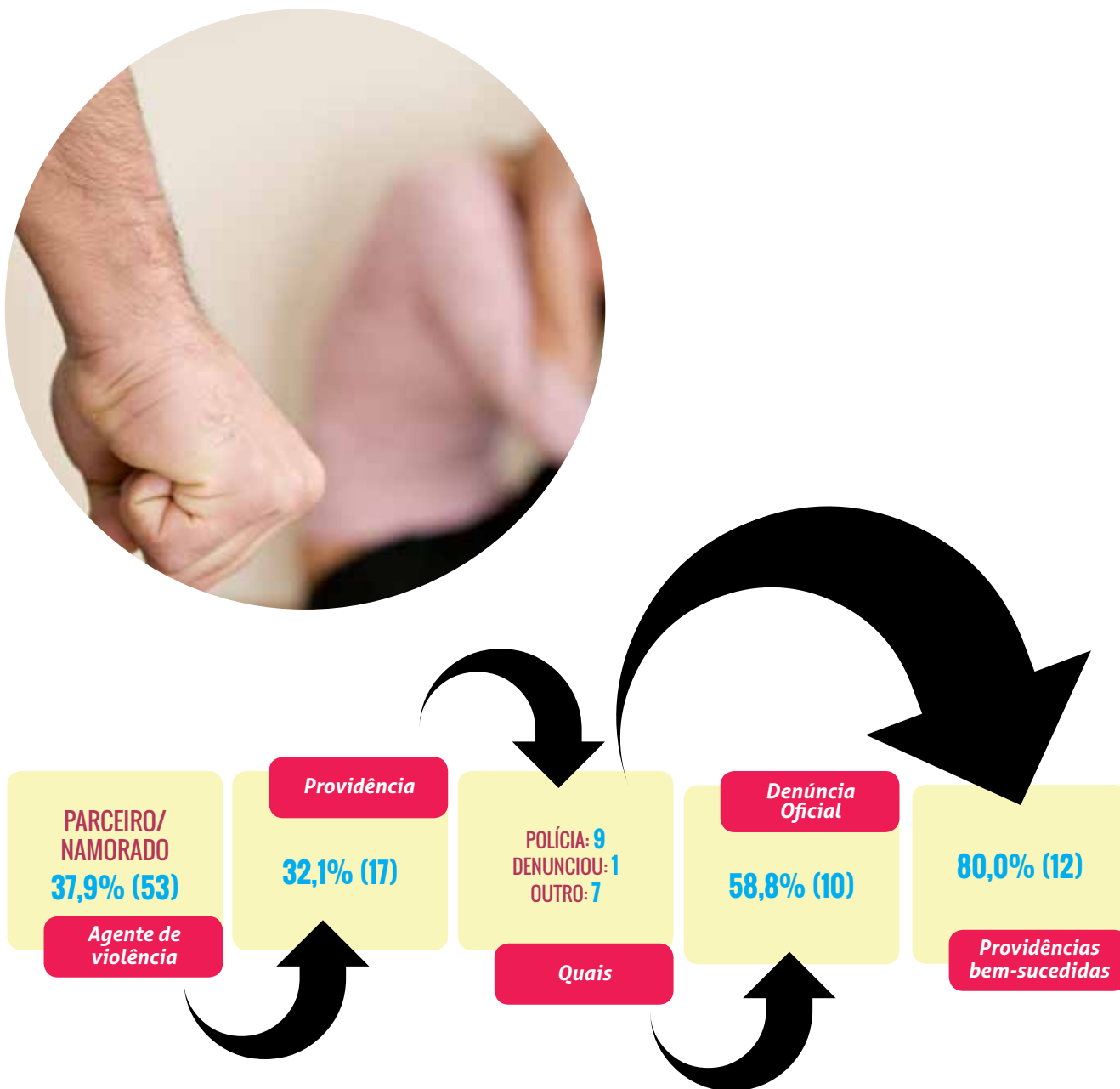
**FIGURA 7 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DA POLÍCIA.**

Do total de 140 entrevistadas, 60,0% (84) relataram que já foram vítimas de violência policial. Dentre as 75 entrevistadas que responderam sobre tomada de providências, 25,3% (19) tomaram alguma providência em relação à violência sofrida. Dentre as providências tomadas: 5 denunciaram/foram à corregedoria; 2 chamaram a polícia; 2 entraram na justiça; 2 bateram/revidaram; 1 recorreu à militante conhecida na cidade, que tomou providência; 1 mencionou Direitos Humanos e ONG LGBT; 1 correu; 1 discutiu; 1 recorreu à ouvidoria; 1 tentou denunciar, mas sofreu ameaças. Das 17 providências citadas, 64,7% (11) foram realizadas em canais oficiais de denúncia. Sobre o sucesso das providências tomadas, das 17 entrevistadas que responderam a esta questão, 53,0% (9) afirmaram que foram bem-sucedidas.



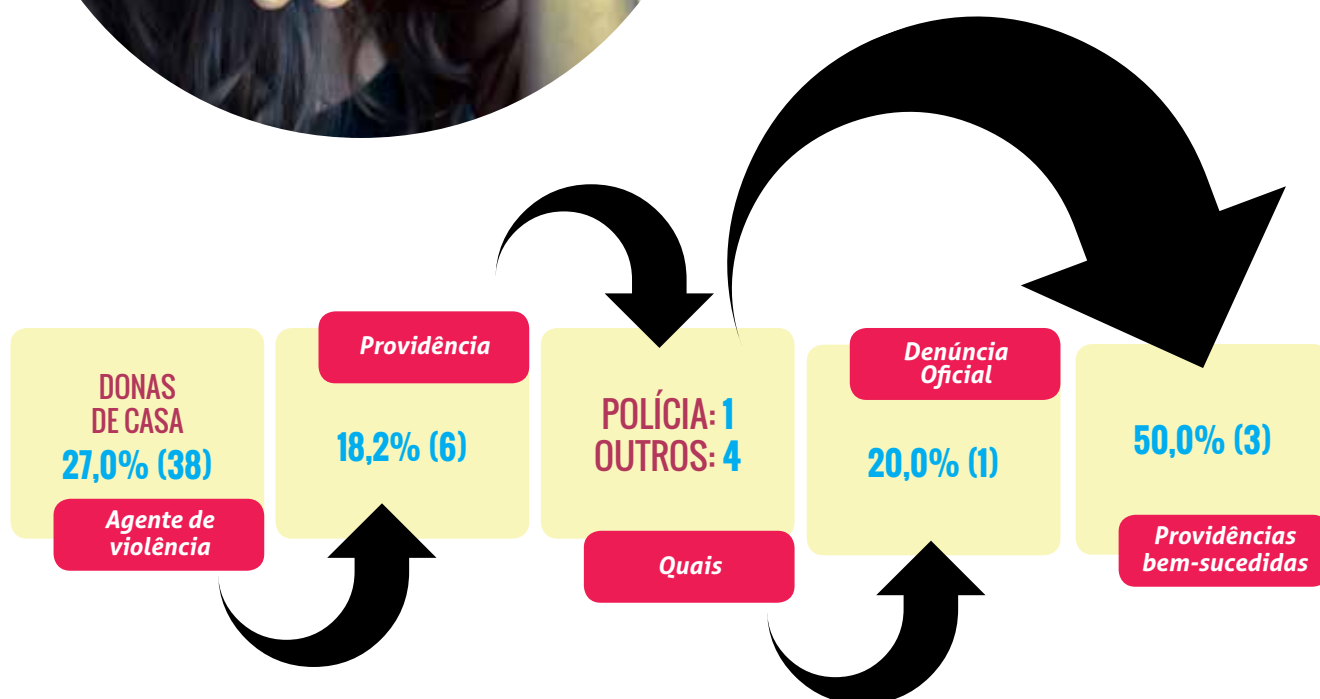
**FIGURA 8 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DA VIZINHANÇA.**

Das 141 entrevistadas, 44,7% (63) já sofreram violência de vizinhos. Dentre as 59 entrevistadas que responderam sobre tomada de providências, 23,7% (14) tomaram alguma providência em relação à violência sofrida. Dentre as providências tomadas: 4 chamaram a polícia e/ou fizeram boletim de ocorrência, 2 bateram/responderam, 2 revidaram, 1 processou, 1 se mudou, 1 foi defendida por uma amiga e 1 xingou. Das 12 providências tomadas, 41,7% (5) foram por meio de canais oficiais de denúncia. Sobre o sucesso das providências tomadas, das 13 entrevistadas que responderam a esta questão, 69,2% (9) afirmaram que foram bem-sucedidas.



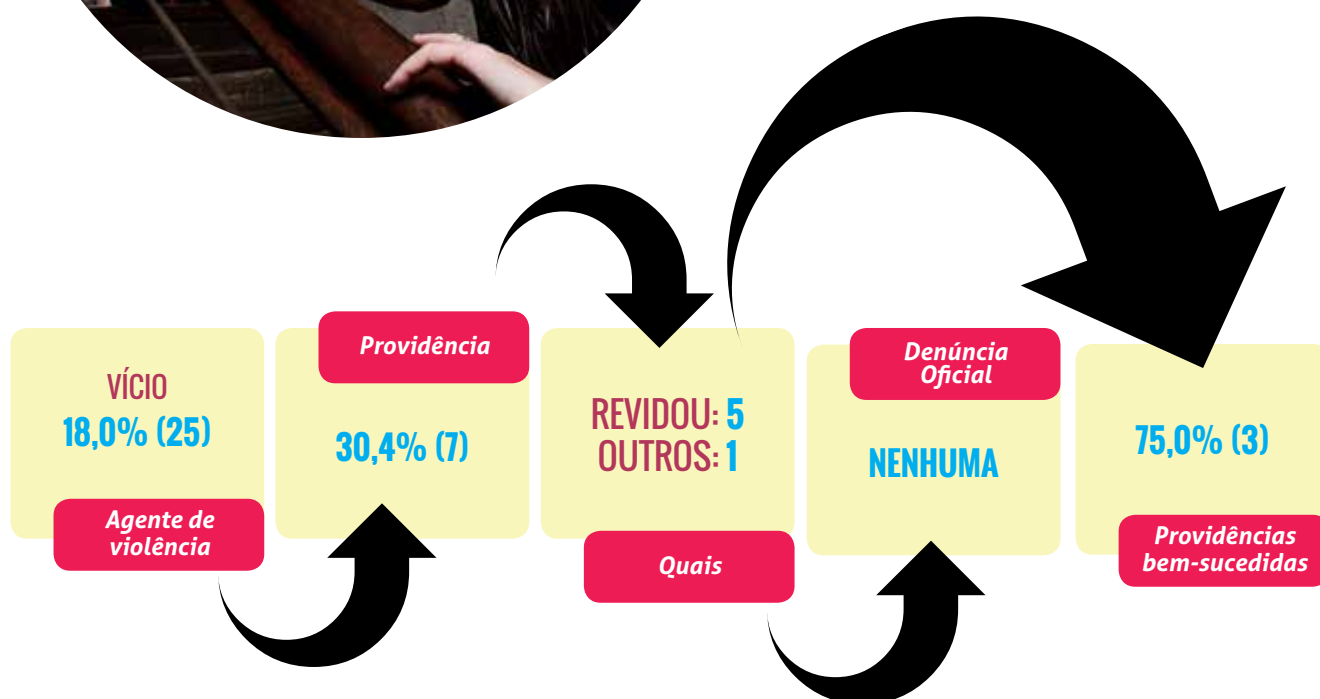
**FIGURA 9 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DO PARCEIRO/NAMORADO.**

Dentre as 140 entrevistadas, 37,9% (53) responderam que já sofreram violência de parceiro/namorado. Das 53 entrevistadas que responderam sobre tomada de providências, 32,1% (17) relataram que tomaram alguma providência em relação à violência sofrida. Dentre as providências tomadas: 9 chamaram a polícia e/ou fizeram boletim de ocorrência, 4 revidaram, 1 bateu no marido/namorado, 1 denunciou, 1 resolveu sozinha e 1 terminou o relacionamento. De 17 providências, 58,8% (10) se referem a canais oficiais de denúncia. Perguntadas sobre o sucesso da providência tomada, das 15 entrevistadas que responderam a esta questão, 80,0% (12) disseram que foram bem-sucedidas.



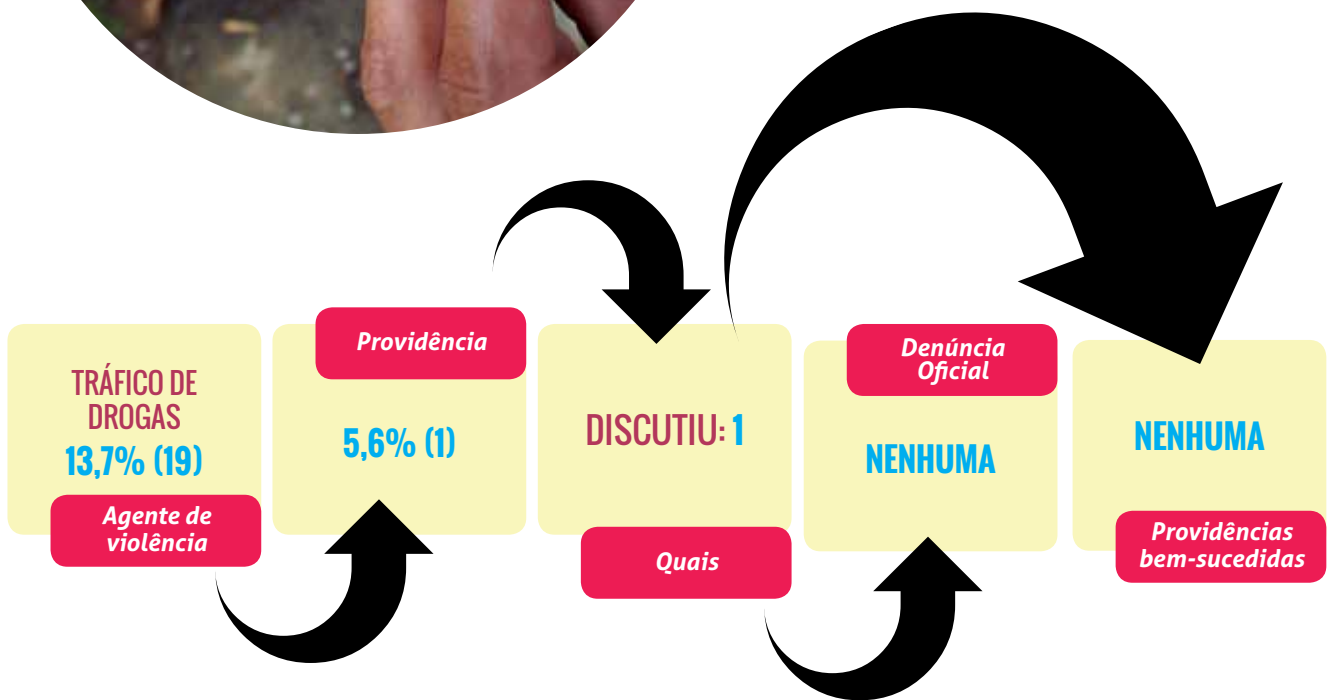
## FIGURA 10 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DE DONAS DE CASA.

Das 141 entrevistadas, 27,0% (38) responderam que já sofreram violência vinda de *donas de casa*. Dentre as 33 das entrevistadas que responderam sobre tomada de providência, 18,2% (6) disseram ter tomado alguma providência em relação a esta violência. Dentre as entrevistadas que tomaram providência: 1 bateu boca, 1 bateu na *dona de casa*, 1 chamou a polícia, 1 discutiu e 1 revidou. Das 5 providências relatadas, 20,0% (1) foi por canais oficiais de denúncia. Sobre o sucesso da providência tomada, das 6 entrevistadas que responderam a esta questão, 50,0% (3) disseram que foram bem-sucedidas.



## FIGURA 11 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DE VÍCIOS.

De 139 entrevistadas, 18,0% (25) relataram que já sofreram violência por parte de vícios. Dentre as 23 entrevistadas que responderam sobre tomada de providência: 30,4% (7) disseram que tomaram alguma providência. Dentre as providências tomadas: 5 revidaram e 1 resolveu sozinha. Nenhuma providência relatada foi realizada via canais oficiais de denúncia. Sobre o sucesso da providência tomada, das 4 participantes que responderam a esta questão, 75,0% (3) disseram que foram bem-sucedidas.



**FIGURA 12 - FLUXOGRAMA DO PERCURSO DE PROVIDÊNCIAS TOMADAS EM RELAÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR PARTE DE PESSOAS LIGADAS AO TRÁFICO DE DROGAS.**

De 139 entrevistadas, 13,7% (19) disseram que sofreram violência por parte de pessoas ligadas ao tráfico de drogas. Dentre as 18 entrevistadas que responderam sobre tomada de providência, 5,6% (1) tomou a providência de discutir e não foi bem-sucedida.



## 3.12.8 RELAÇÃO COM A POLÍCIA



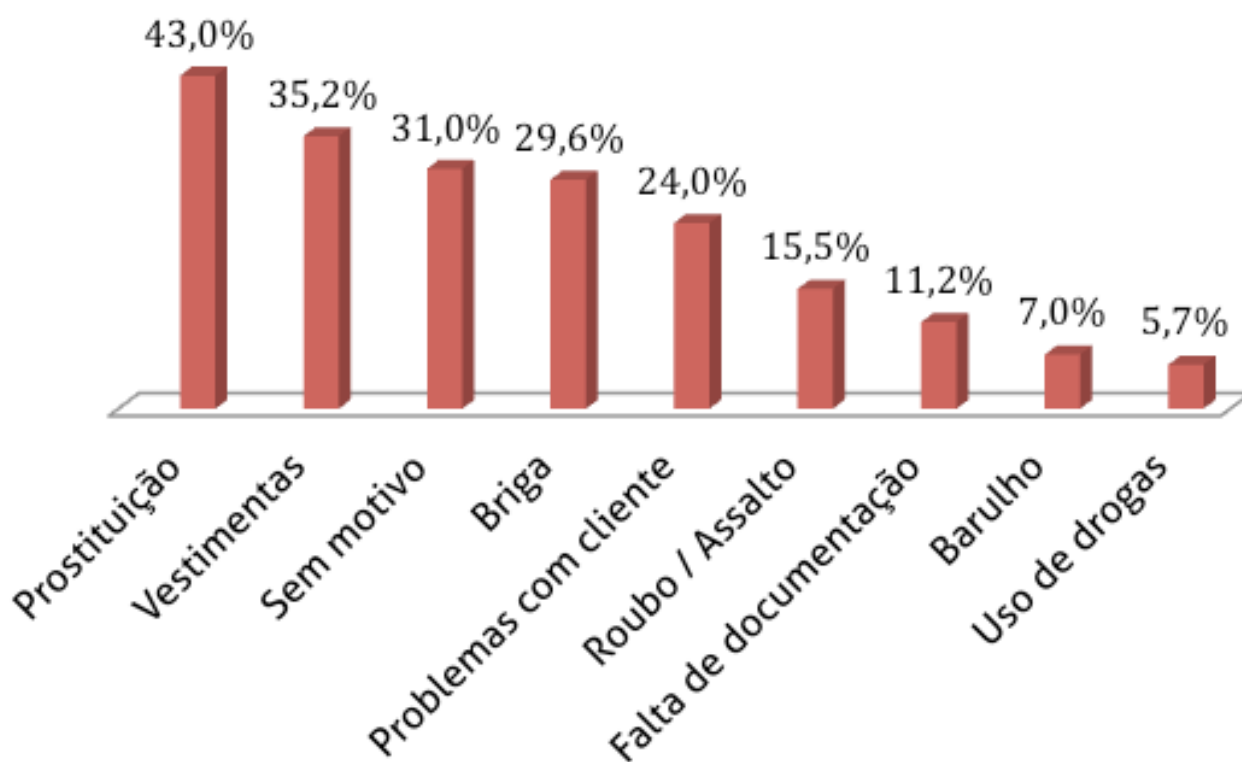
## GRÁFICO 157 - PERCENTUAL DE ENTREVISTADAS QUE JÁ TIVERAM PROBLEMAS COM A POLÍCIA.



*\*Dados referentes a 141 entrevistadas que responderam a esta questão.*

Das 141 entrevistadas, 51,8% (73) responderam que já tiveram problemas com a polícia.

## GRÁFICO 158 - PERCENTUAL DOS MOTIVOS PELOS QUAIS AS ENTREVISTADAS TIVERAM PROBLEMA COM A POLÍCIA.



Dentre as 73 entrevistadas que relataram já ter tido problemas com a polícia, os motivos apresentados foram:

- De 72 entrevistadas, 43,0% (31) afirmaram que tiveram problemas com a polícia por conta da prostituição;
- De 71 entrevistadas, 35,2% (25) mencionaram que tiveram problemas com a polícia por causa das vestimentas;
- De 71 entrevistadas, 31,0% (22) disseram que tiveram problemas com a polícia sem motivo algum;
- De 71 entrevistadas, 29,6% (21) afirmaram que tiveram problemas com a polícia devido a brigas;
- De 71 entrevistadas, 24,0% (17) disseram que tiveram problemas com a polícia por conta de problemas com clientes;
- De 71 entrevistadas, 15,5% (11) relataram que tiveram problemas com a polícia por conta de roubo/assalto;
- De 71 entrevistadas, 11,2% (8) mencionaram que tiveram problemas com a polícia por falta de documentação;
- De 71 entrevistadas, 7,0% (5) disseram que tiveram problemas com a polícia devido a barulho;
- De 71 entrevistadas, 5,7% (4) relataram que tiveram problemas com a polícia devido ao uso de drogas.

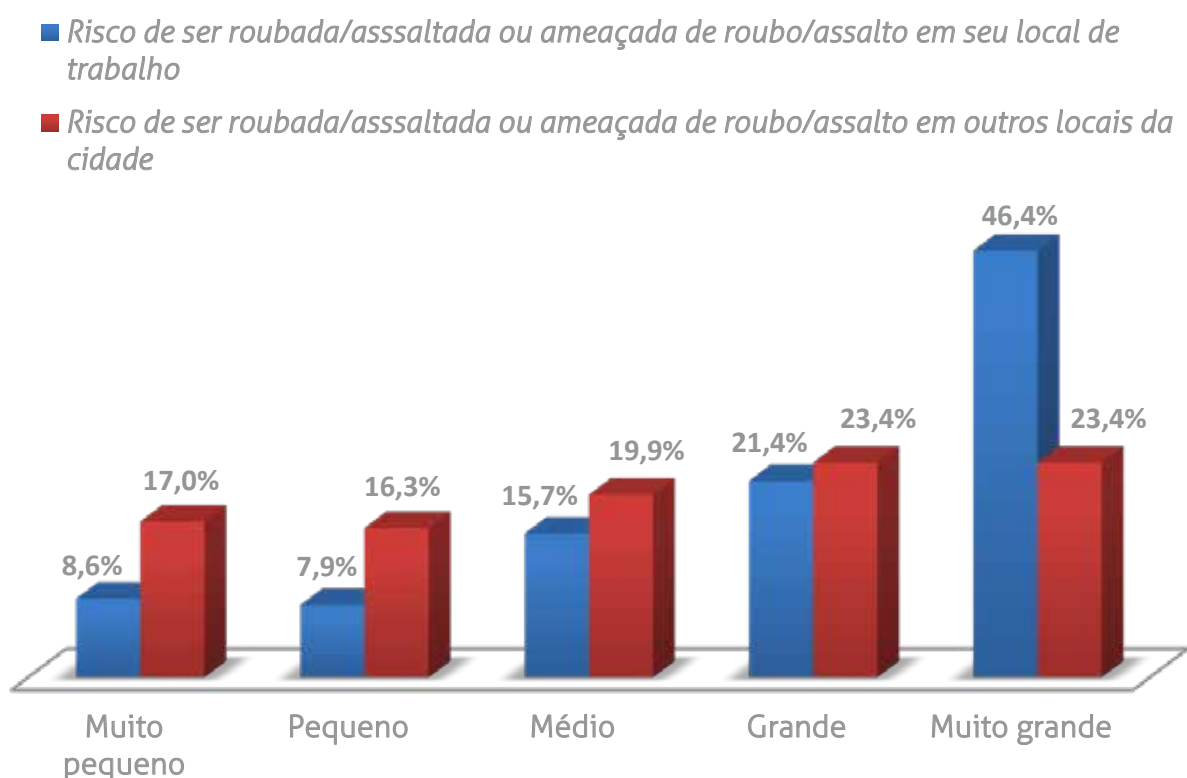
Dentre os motivos listados acima, vale ressaltar que além da prostituição ter sido o motivo mais citado entre as entrevistadas, as vestimentas e problemas com clientes também são motivos que se referem ao contexto da prostituição.

Considerando que em seus relatos as atuações da polícia, principalmente nos espaços de prostituição, são recorrentemente arbitrárias e reprodutoras de preconceito, problemas com a polícia no que concerne a prostituição parecem, em muitos casos, como uma estratégia de inibição à realização do trabalho sexual das entrevistadas.

Outros motivos pelos quais as entrevistadas tiveram problema com a polícia: 2 relataram estupro por cliente policial; 2 devido à agressão homofóbica da polícia; 2 por conta da abordagem; 2 devido à reclamação dos vizinhos por causa da prostituição; 1 porque o policial se recusou a falar seu nome civil; 1 por abuso de poder; 1 devido a assalto feito por uma colega; 1 por porte de arma branca; 1 por estar na companhia de um grupo que fazia apostas em um bar; 1 por ter emprestado documento a outra travesti que se meteu em problema; 1 devido a um homicídio e 1 por conta do uso do banheiro feminino.

## 3.12.9 PERCEÇÃO DE VULNERABILIDADE EM ESPAÇOS DA CIDADE

### GRÁFICO 159 - PERCENTUAL REFERENTE À PERCEÇÃO DO RISCO DE SEREM ROUBADAS/ASSALTADAS OU AMEAÇADAS DE ROUBO/ASSALTO.

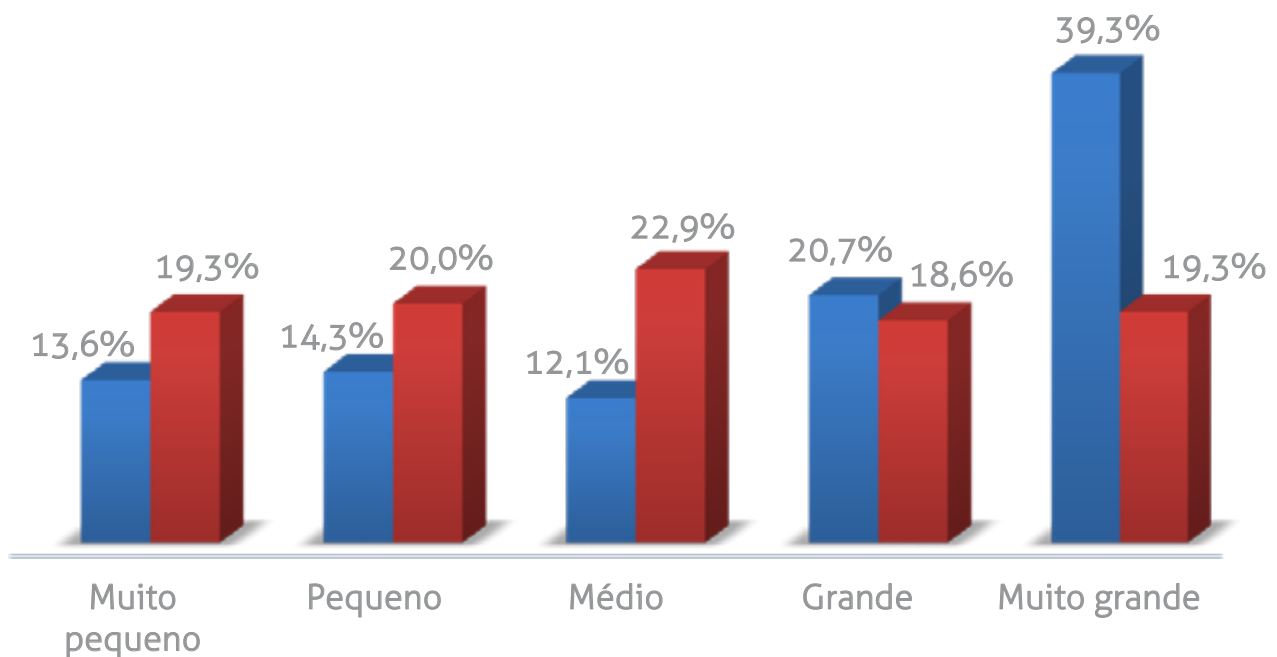


Dentre 140 entrevistadas, 8,6% (12) consideram o risco de ser roubada/assaltada ou ameaçada de roubo/assalto em seu local de trabalho muito pequeno, 7,9% (11) consideram este risco pequeno, 15,7% (22) consideram o risco médio, 21,4% (30) consideram o risco grande e 46,4% (65) consideram o risco muito grande.

Das 141 entrevistadas, 17,0% (24) consideram o risco de ser roubada/assaltada ou ameaçada de roubo/assalto em outros locais da cidade muito pequeno, 16,3% (23) consideram este risco pequeno, 19,9% (28) consideram o risco médio, 23,4% (33) consideram o risco grande e 23,4% (33) consideram o risco muito grande.

## GRÁFICO 160 - PERCENTUAL REFERENTE À PERCEPÇÃO DO RISCO DE SER AGREDIDAS OU AMEAÇADAS DE AGRESSÃO.

- *Risco de ser agredida ou ameaçada de agressão em seu local de trabalho*
- *Risco de ser agredida ou ameaçada de agressão em outros locais da cidade*

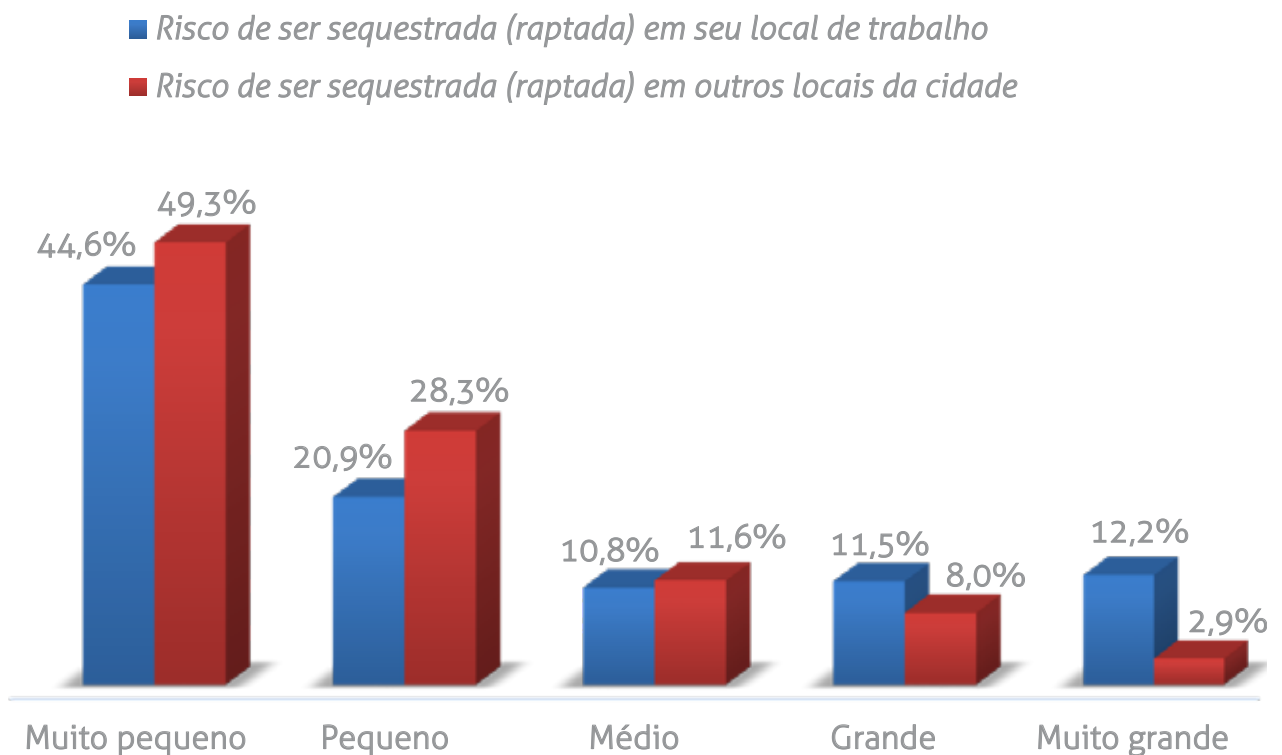


De 140 entrevistadas, 13,6% (19) consideram o risco de ser agredida ou ameaçada de agressão em seu local de trabalho muito pequeno, 14,3% (20) consideram este risco pequeno, 12,1% (17) consideram o risco médio, 20,7% (29) consideram o risco grande e 39,3% (55) consideram o risco muito grande.

De 140 entrevistadas, 19,3% (27) consideram o risco de ser agredida ou ameaçada de agressão em outros locais da cidade muito pequeno, 20,0% (28) consideram este risco pequeno, 22,9% (32) consideram o risco médio, 18,6% (26) consideram o risco grande e 19,3% (27) consideram o risco muito grande.



## GRÁFICO 161 - PERCENTUAL REFERENTE À PERCEPÇÃO DO RISCO DE SEREM SEQUESTRADAS (RAPTADAS).

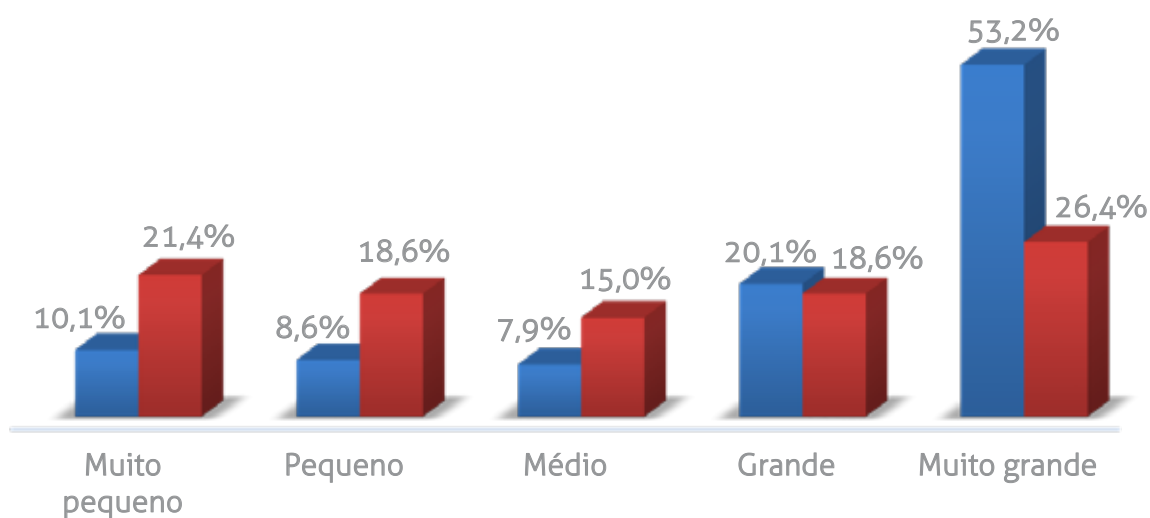


De 139 entrevistadas, 44,6% (62) consideram o risco de ser sequestrada (raptada) em seu local de trabalho muito pequeno, 20,9% (29) consideram este risco pequeno, 10,8% (15) consideram o risco médio, 11,5% (16) consideram o risco grande e 12,2% (17) consideram o risco muito grande. De 138 entrevistadas, 49,3% (68) consideram o risco de ser sequestrada (raptada) em outros locais da cidade muito pequeno, 28,3% (39) consideram este risco pequeno, 11,6% (16) consideram o risco médio, 8,0% (11) consideram o risco grande e 2,9% (4) consideram o risco muito grande.

## GRÁFICO 162 - PERCENTUAL REFERENTE À PERCEPÇÃO DO RISCO DE SEREM GRAVEMENTE FERIDAS (MACHUCADAS) OU ASSASSINADAS.

■ Risco de ser gravemente ferida (machucada) ou assassinada em seu local de trabalho

■ Risco de ser gravemente ferida (machucada) ou assassinada em outros locais da cidade



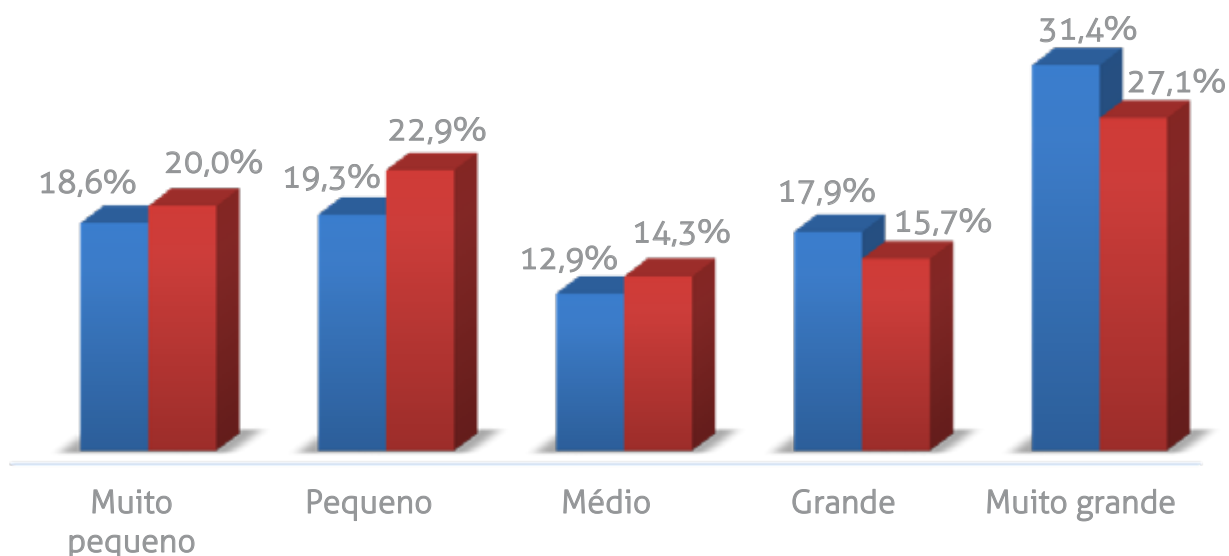
De 139 entrevistadas, 10,1% (14) consideram o risco de ser gravemente ferida (machucada) ou assassinada em seu local de trabalho muito pequeno, 8,6% (12) consideram este risco pequeno, 7,9% (11) consideram o risco médio, 20,1% (28) consideram o risco grande e 53,2% (74) consideram o risco muito grande.

De 140 entrevistadas, 21,4% (30) consideram o risco de ser gravemente ferida (machucada) ou assassinada em outros locais da cidade muito pequeno, 18,6% (26) consideram este risco pequeno, 15,0% (21) consideram o risco médio, 18,6% (26) consideram o risco grande e 26,4% (37) consideram o risco muito grande.

## GRÁFICO 163 - PERCENTUAL REFERENTE À PERCEPÇÃO DO RISCO DE SEREM FERIDAS (MACHUCADAS) OU MORTAS POR 'BALA PERDIDA'.

■ Risco de ser ferida (machucada) ou morta por "bala perdida" em seu local de trabalho

■ Risco de ser ferida (machucada) ou morta por "bala perdida" em outros locais da cidade

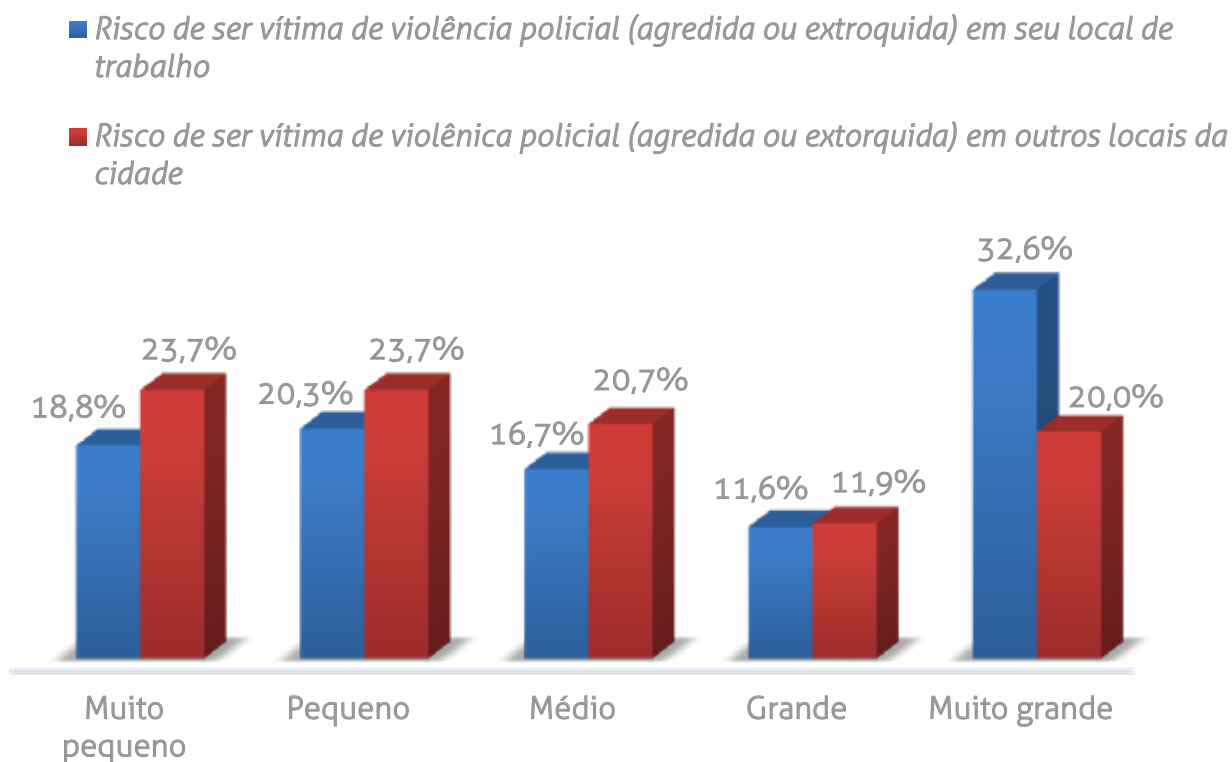


De 140 entrevistadas, 18,6% (26) consideram o risco de ser ferida (machucada) ou morta por 'bala perdida' em seu local de trabalho muito pequeno, 19,3% (27) consideram este risco pequeno, 12,9% (18) consideram o risco médio, 17,9% (25) consideram o risco grande e 31,4% (44) consideram o risco muito grande.

De 140 entrevistadas, 20,0% (28) consideram o risco de ser ferida (machucada) ou morta por 'bala perdida' em outros locais da cidade muito pequeno, 22,9% (32) consideram este risco pequeno, 14,3% (20) consideram o risco médio, 15,7% (22) consideram o risco grande e 27,1% (38) consideram o risco muito grande.

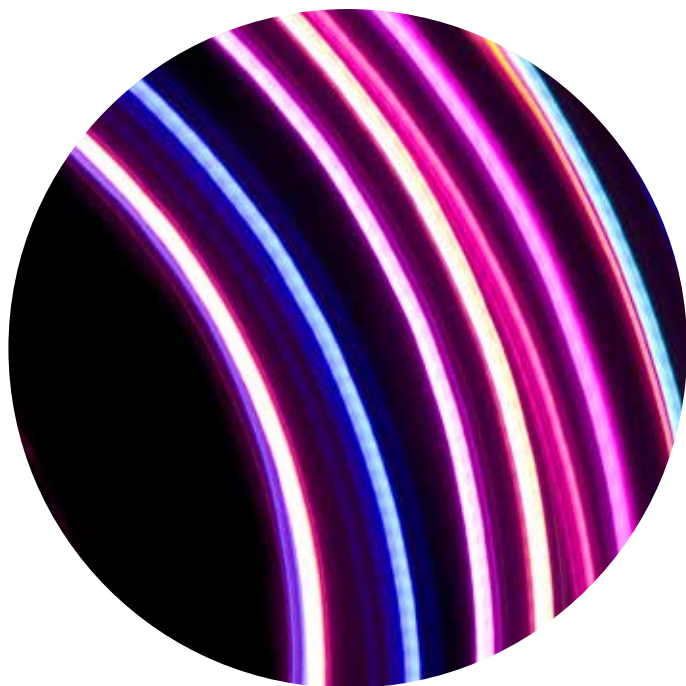


## GRÁFICO 164 - PERCENTUAL REFERENTE À PERCEPÇÃO DO RISCO DE SEREM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA POLICIAL.



De 138 entrevistadas, 18,8% (26) consideram o risco de ser vítima de violência policial (agredida ou extorquida) em seu local de trabalho muito pequeno, 20,3% (28) consideram este risco pequeno, 16,7% (23) consideram o risco médio, 11,6% (16) consideram o risco grande e 32,6% (45) consideram o risco muito grande.

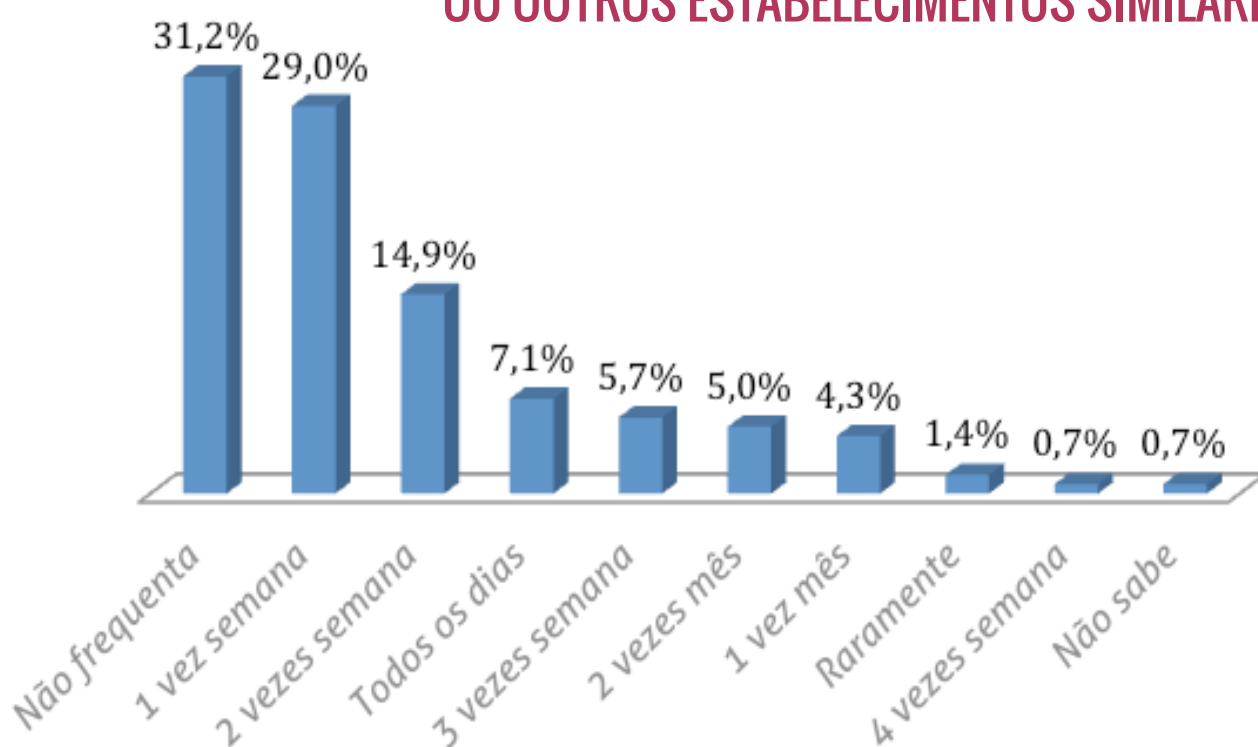
De 135 entrevistadas, 23,7% (32) consideram o risco de ser vítima de violência policial (agredida ou extorquida) em outros locais da cidade muito pequeno, 23,7% (32) consideram este risco pequeno, 20,7% (28) consideram o risco médio, 11,9% (16) consideram o risco grande e 20,0% (27) consideram o risco muito grande.



# 3.13 USO DO TEMPO/ LAZER



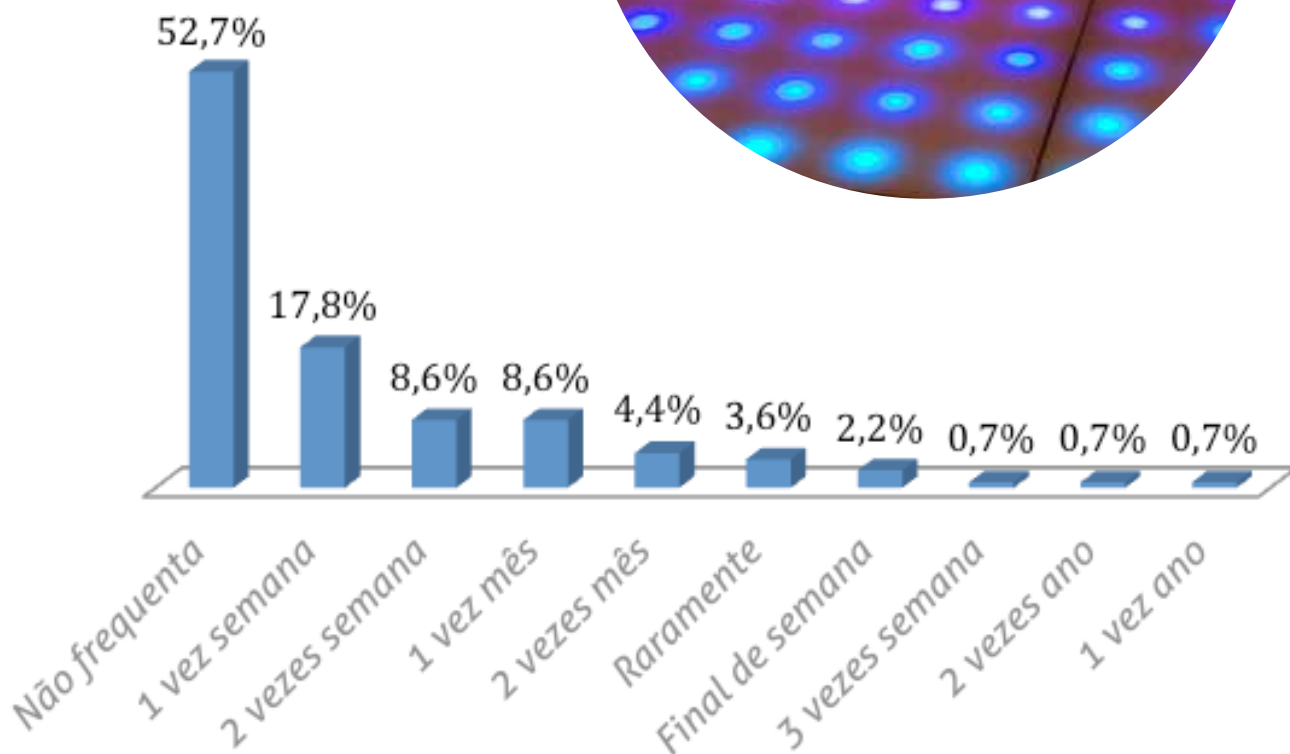
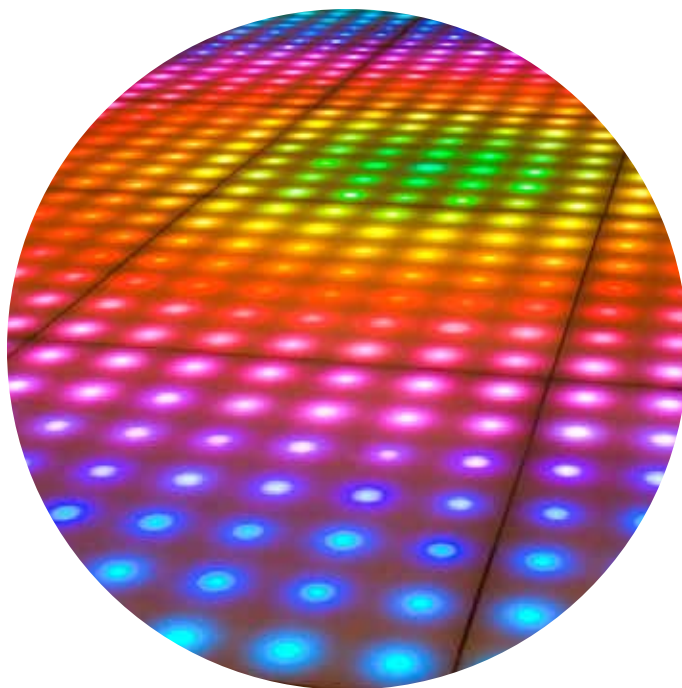
## GRÁFICO 165 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A BOTECOS, BARES OU OUTROS ESTABELECIMENTOS SIMILARES.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre a frequência com que saem de casa para ir a botecos, bares ou outros estabelecimentos similares, 31,2% (44) das entrevistadas responderam que não frequentam esses estabelecimentos. Já 29,0% (41) responderam que a frequência com que fazem isso é de 1 vez por semana; 14,9% (21) das entrevistadas afirmaram ir 2 vezes por semana, ao passo que 7,1% (10) das entrevistadas responderam que isso ocorre todos os dias. 5,7% (8) das entrevistadas disseram ir 3 vezes por semana; 5,0% (7) das entrevistadas afirmaram ir 2 vezes por mês; 4,3% (6) 1 vez por mês. 1,4% (2) das entrevistadas afirmaram que muito raramente vão a estes estabelecimentos; 0,7% das entrevistadas (1) responderam ir 4 vezes por semana e 0,7% (1) das entrevistadas disseram não saberem com que frequência vão a esses lugares.

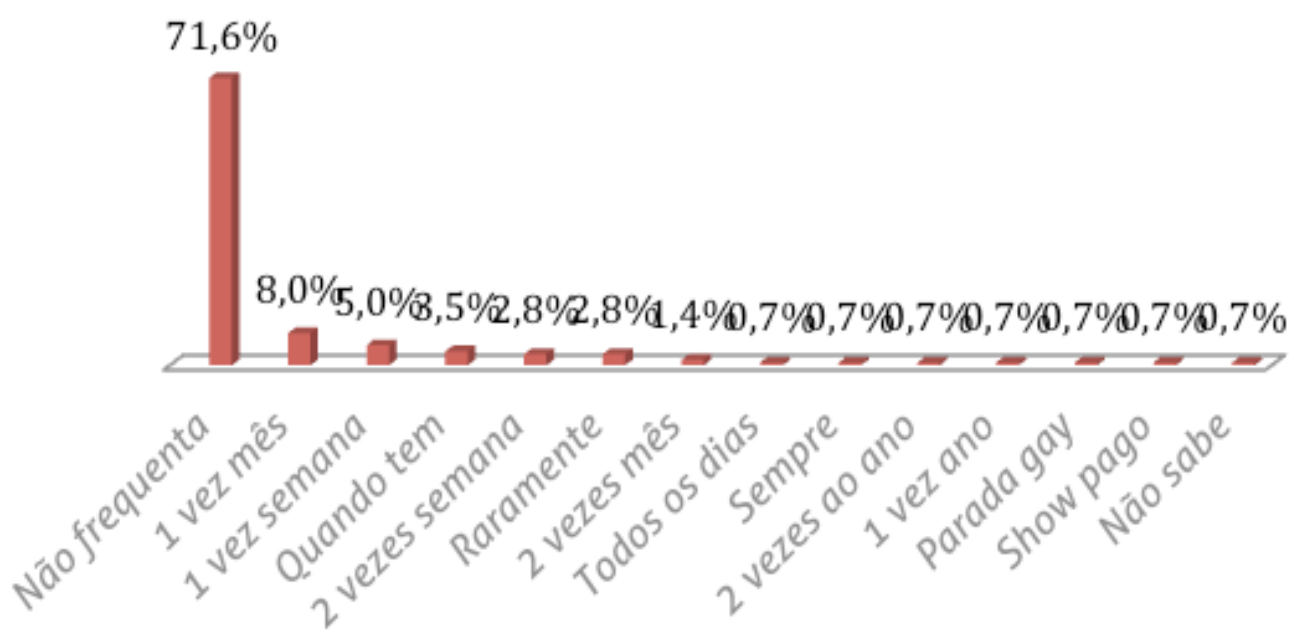
## GRÁFICO 166 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A BOATES E CASAS DE SHOW.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre a frequência com que vão a boates e casas de shows 52,6% (74) das entrevistadas afirmaram que não frequentam esses locais. Já 17,8% (25) das entrevistadas disseram que 1 vez por semana saem de casa para ir a boates e casas de shows; 8,6% (12) das entrevistadas afirmaram que vão 2 vezes por semana; 8,6% (12) responderam que vão 1 vez por mês; 4,4% (6) das entrevistadas responderam que vão 2 vezes por mês; 3,6% (5) das entrevistadas disseram que raramente vão a esses lugares; 2,1% (3) das entrevistadas vão aos finais de semana; 0,7% das entrevistadas (1) respondeu que o faz 3 vezes por semana; 0,7% (1) afirmou que isso ocorre 2 vezes por ano e a mesma porcentagem de entrevistadas afirmou que 1 vez por ano vai a casas de shows e boates.

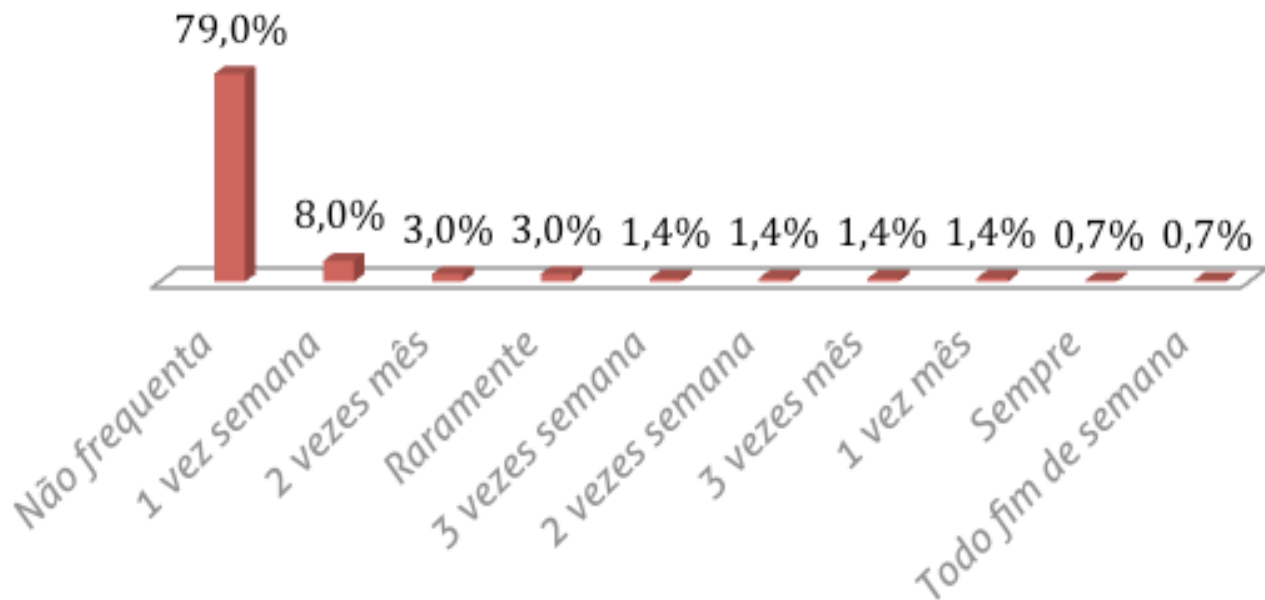
## GRÁFICO 167- PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A FESTAS POPULARES OU DE RUA (SHOWS GRATUITOS).



\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.

Quando perguntadas sobre a frequência com que vão a festas populares ou festas de rua (shows gratuitos), 71,6% (101) das entrevistadas afirmaram que não vão a esses eventos. Já 8,0% (11) das entrevistadas fazem isso 1 vez por mês, 5,0% (7) vão a esses locais 1 vez por semana; 3,5% das entrevistadas (5) responderam que vão a essas festas e shows de rua quando o evento ocorre, ou seja, vão sempre que tem. Já 2,8% (4) das entrevistadas responderam que 2 vezes por semana saem de casa para ir a esses lugares; 2,8% (4) afirmaram que raramente vão a esses espaços; 1,4% (2) vão 2 vezes por mês; 0,7% (1) disse que vai todos os dias; a mesma porcentagem, 0,7% (1), disse que vai sempre; 0,7% (1) vai 2 vezes por ano; 0,7% (1) afirmou que faz isso 1 vez por ano; 0,7% (1) respondeu que só vai a Parada Gay; 0,7% (1) afirmou que vai a shows pagos e a mesma porcentagem (0,7%) não soube responder a essa pergunta.

## GRÁFICO 168 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A CLUBES OU ASSOCIAÇÕES RECREATIVAS.

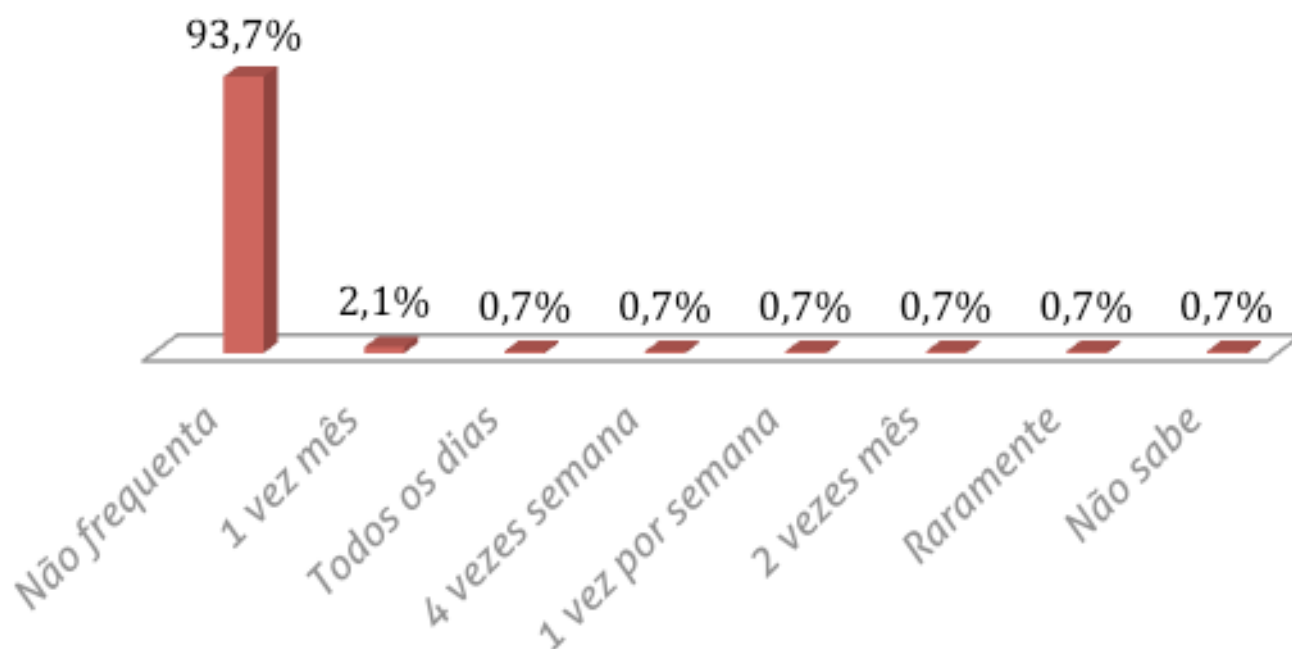


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre a frequência com que as entrevistadas saem de casa para frequentar clubes ou associações recreativas, 79,0% (110) responderam que não frequentam esses locais; 8,0% (11) vão 1 vez por semana; 3,0% (4) vão 2 vezes por mês; 3,0% (4) vão raramente; 1,4% (2) das entrevistadas afirmaram que vão a esses locais 3 vezes por semana; 1,4% (2) vão 2 vezes por semana; 1,4% (2) vão 3 vezes por mês e a mesma porcentagem, 1,4% (2), afirmou que 1 vez por mês vão a esses locais. Já 0,7% (1) afirmou que sempre vai a esses lugares, ao passo que 0,7% (1) respondeu que faz isso todos os fins de semana.



## GRÁFICO 169 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A CAMPOS DE FUTEBOL (MINEIRÃO, INDEPENDÊNCIA OU CAMPOS DE VÁRZEA).

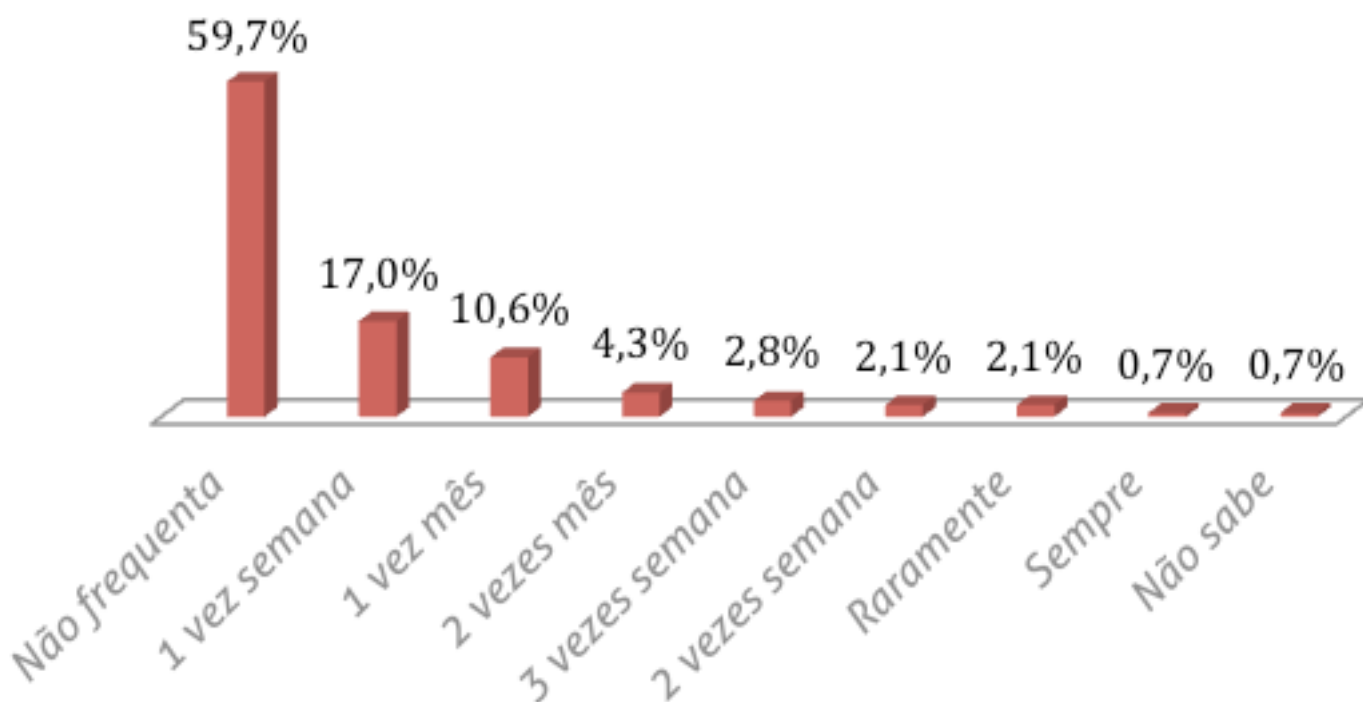


*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação ao número de vezes que as entrevistadas saem de casa para frequentar campos de futebol (Mineirão, Independência ou campos de várzea), 93,7% (131) afirmaram que não frequentam esses espaços. Já 2,1% (3) das entrevistadas responderam que 1 vez por mês vão a esses locais; 0,7% (1) vai todos os dias; 0,7% (1) vai todos os dias; 0,7% vai 4 vezes por semana; 0,7% (1) vai 1 vez por semana a esses locais; ao passo que a mesma porcentagem afirmou que 2 vezes por mês frequenta campos de futebol. Já 0,7% (1) afirmou que raramente vai a campos de futebol, ao passo que 0,7% (1) afirmou que não sabe a frequência com que vai a campos de futebol.



## GRÁFICO 171 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO AO CINEMA.

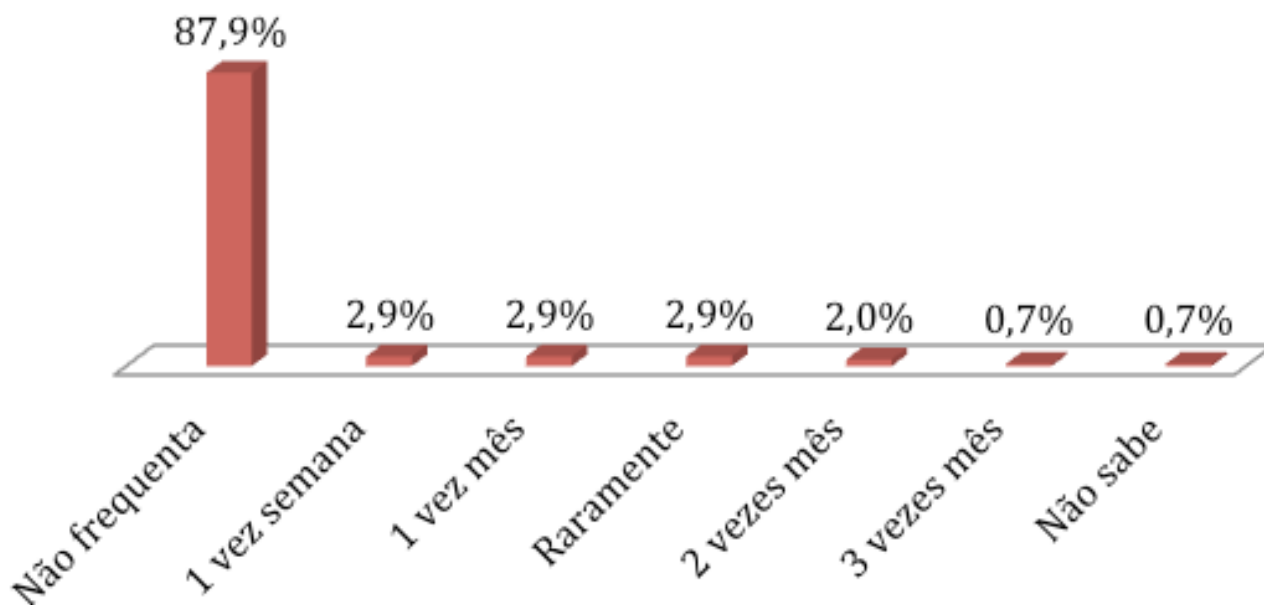


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação ao número de vezes que as entrevistadas saem de casa para frequentar o cinema, 59,7% (84) responderam que não frequentam esse espaço; 17,0% (24) das entrevistadas informaram que 1 vez por semana vão a esse local; 10,6% (15) disseram que vão 1 vez por mês; 4,3% (6) responderam que vão 2 vezes por mês; 2,8% (4) afirmaram que 3 vezes por semana vão a esses locais; 2,1% (3) disseram que vão 2 vezes por semana, a mesma porcentagem afirmou que raramente vai ao cinema. Já 0,7% (1) afirmou que sempre vai ao cinema e 0,7% (1) afirmou que não sabe informar tal frequência.



## GRÁFICO 171 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO AO TEATRO.

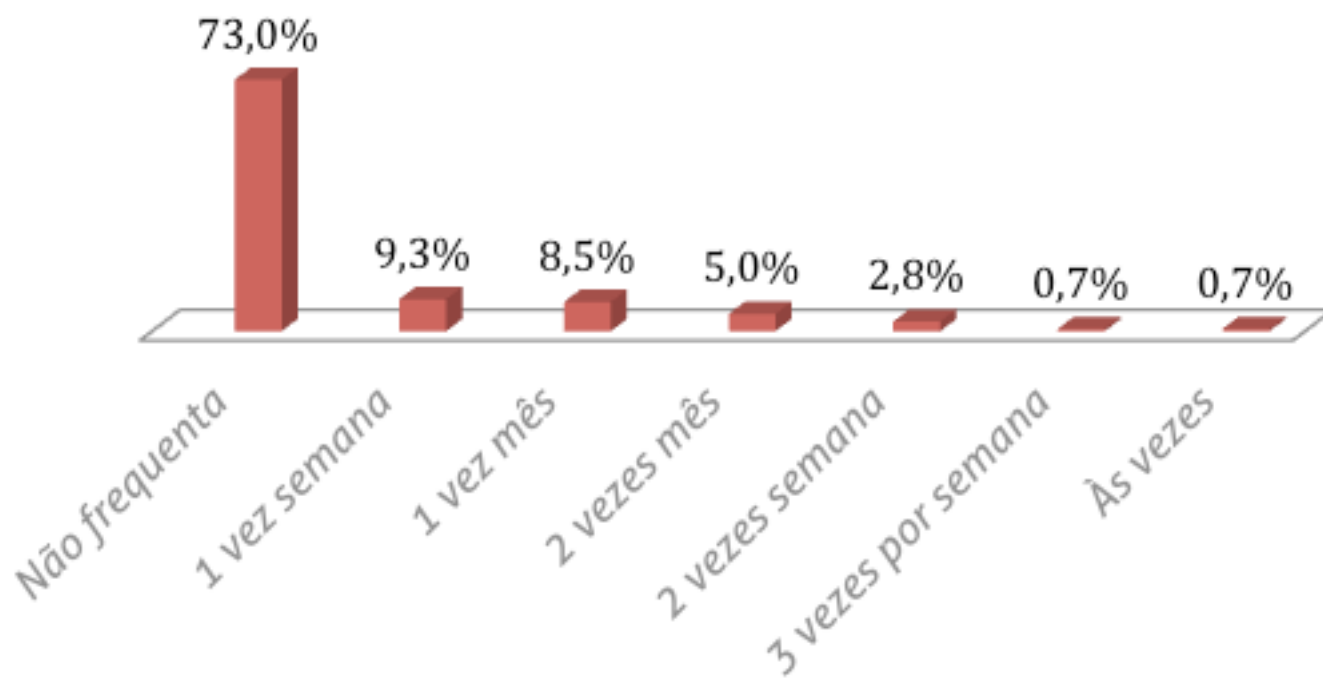


*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação ao número de vezes que as entrevistadas saem de casa para frequentar o teatro, 87,9% (123) das travestis e mulheres transexuais informaram que não frequentam teatros; 2,9% (4) responderam que vão 1 vez por semana, ao passo que 2,9% (4) disseram que vão 1 vez por mês; a mesma porcentagem (2,9%) disse que raramente vai ao teatro. Já 2,0% (3) afirmaram que vão 2 vezes por mês ao teatro; 0,7% (1) disse que vai 3 vezes por mês; 0,7% (1) disse que não sabe informar a frequência com que vai ao teatro.



## GRÁFICO 172 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A IGREJAS.



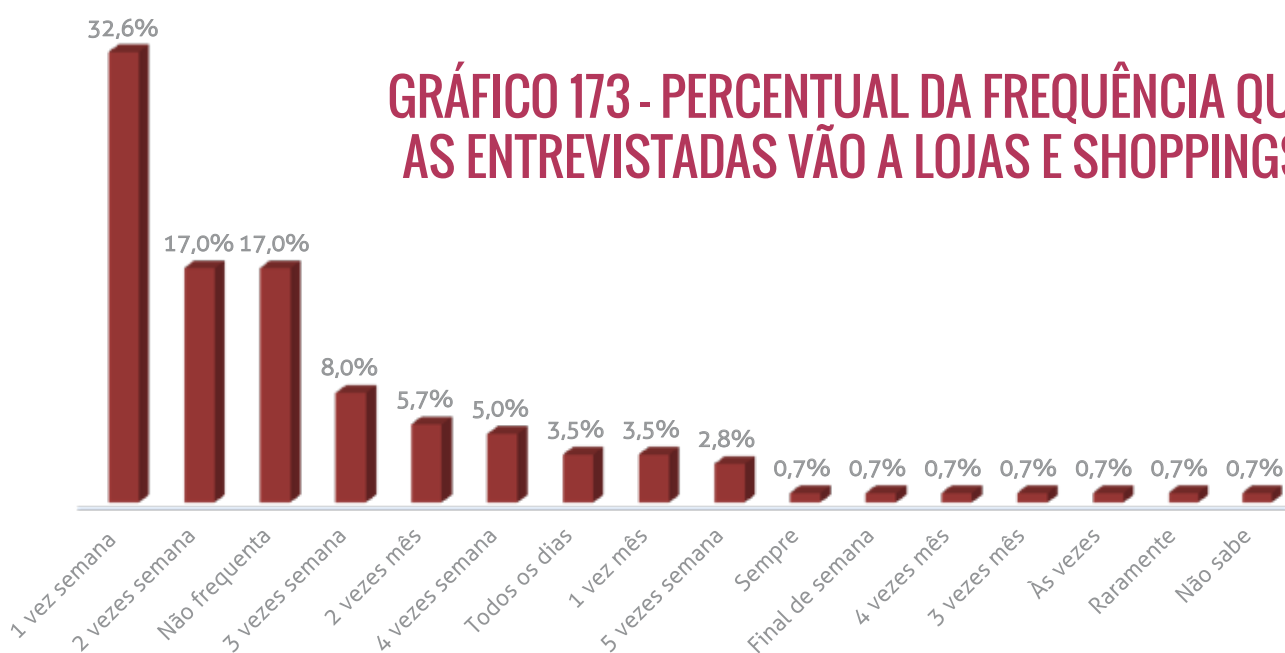
*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre o número de vezes que saem de casa para frequentar a igreja, 73,0% (103) das entrevistadas afirmaram que não frequentam esse local; 9,3% (13) disseram que isso ocorre 1 vez por semana; 8,5% (12) disseram que vão 1 vez por mês; 5,0% (7) informaram que vão 2 vezes por mês; 2,8% (4) responderam que isso ocorre 3 vezes por semana; 0,7% (1) afirmou que isso ocorre 3 vezes por semana, a mesma porcentagem, 0,7% (1), respondeu que às vezes vão a igreja.





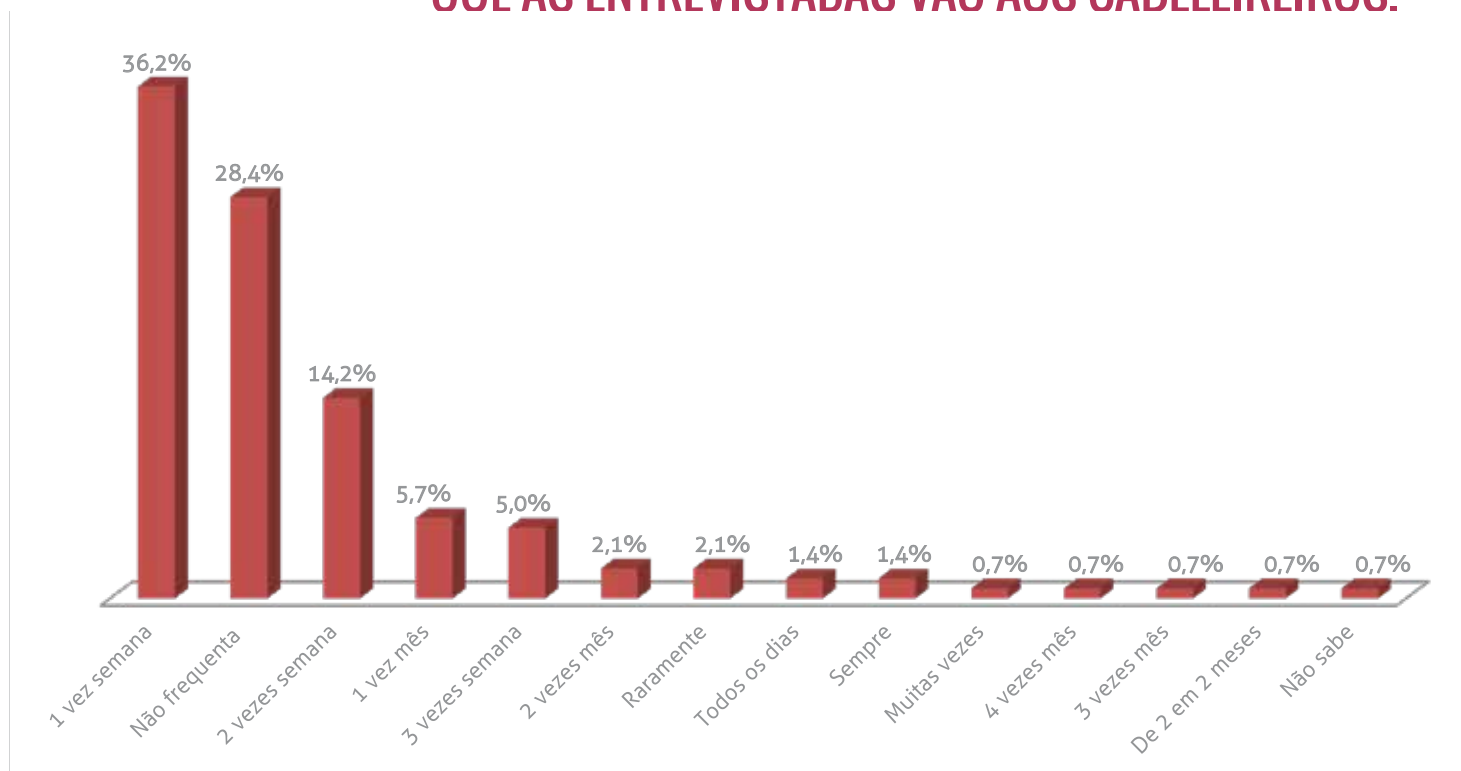
## GRÁFICO 173 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A LOJAS E SHOPPINGS.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre o número de vezes que saem de casa para frequentar lojas e shoppings, 32,6% (46) informaram que vão 1 vez por semana; 17,0% (24) afirmaram que vão 2 vezes por semana e a mesma porcentagem, 17,0%, de entrevistadas afirmaram que não frequentam lojas e shoppings. Já 8,0% (11) responderam que vão 3 vezes por semana; 5,7% (8) responderam que vão 2 vezes por mês; 5,0% (7) disseram que vão 4 vezes por semana; 3,5% (5) disseram que todos os dias saem de casa para frequentar lojas e shopping e a mesma porcentagem, 3,5%, informou ir 1 vez por mês. Já 2,8% (4) das entrevistadas responderam que vão 5 vezes por semana, ao passo que 0,7% (1) respondeu que vai sempre; 0,7% (1) disse que vai todos os fins de semana a esses locais; 0,7% (1) disse que vai 4 vezes por mês; 0,7% (1) disse que vai 3 vezes por mês; 0,7% (1) disse que vai às vezes; 0,7% (1) disse que vai raramente a esses espaços e 0,7% (1) não soube responder a essa questão.

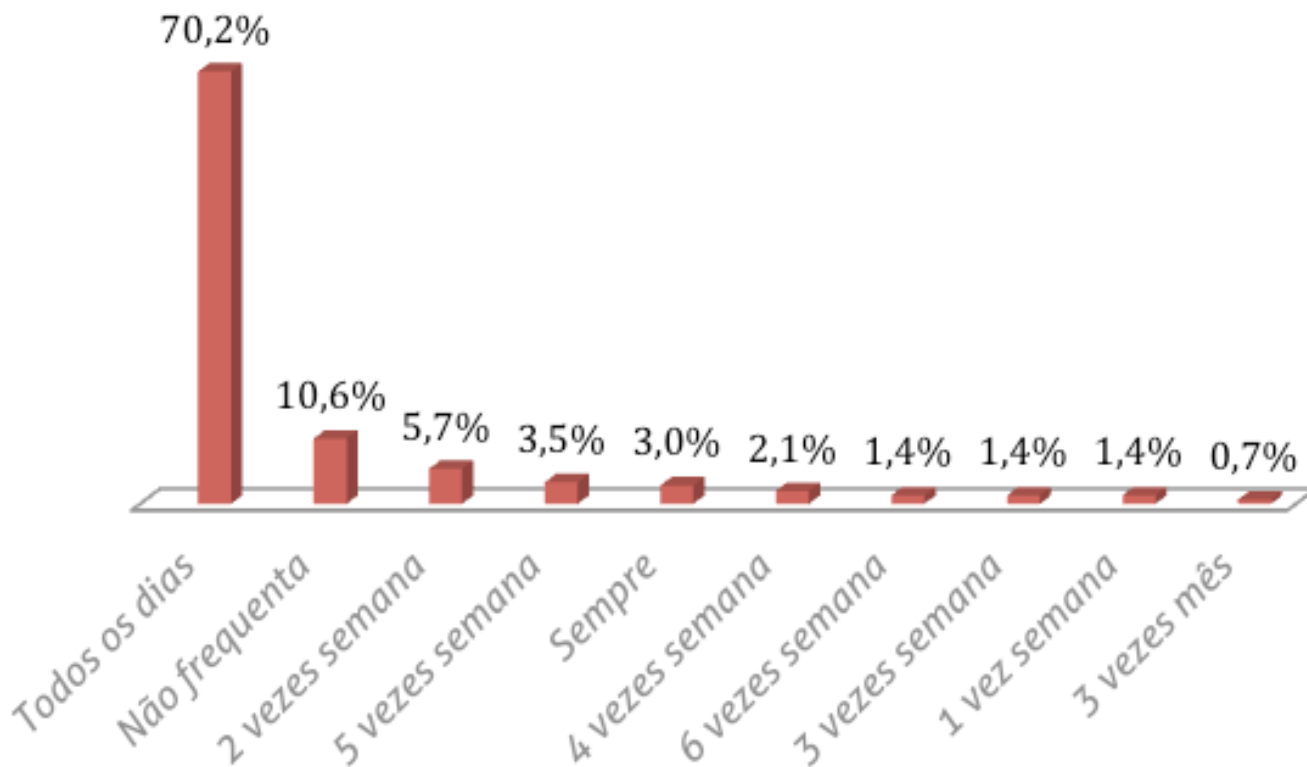
## GRÁFICO 174 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO AOS CABELEIREIROS.



*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre a frequência com que saem de casa para ir ao cabeleireiro, 36,2% das entrevistadas (51) responderam que fazem isso uma vez por semana, a passo que 28,4% (40) afirmaram que não vão. Já 14,2% (20) disseram que 2 vezes por semana vão ao cabeleireiro; 5,7% (8) afirmaram que vão 1 vez por mês; 5,0% (7) das entrevistadas responderam que vão 3 vezes por semana; 2,1% (3) vão 2 vezes por mês; 2,1% (3) raramente vão; 1,4% (2) vão todos os dias e a mesma porcentagem de entrevistadas (1,4%) afirmou que sempre vão ao cabeleireiro. Já 0,7% (1) disse que vai muitas vezes, 0,7% (1) vai 4 vezes por mês; 0,7% (1) faz isso 3 vezes por mês; 0,7% (1) respondeu que o faz de 2 em 2 meses e a mesma porcentagem afirmou que não soube responder a essa pergunta.

## GRÁFICO 175 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A PADARIAS.

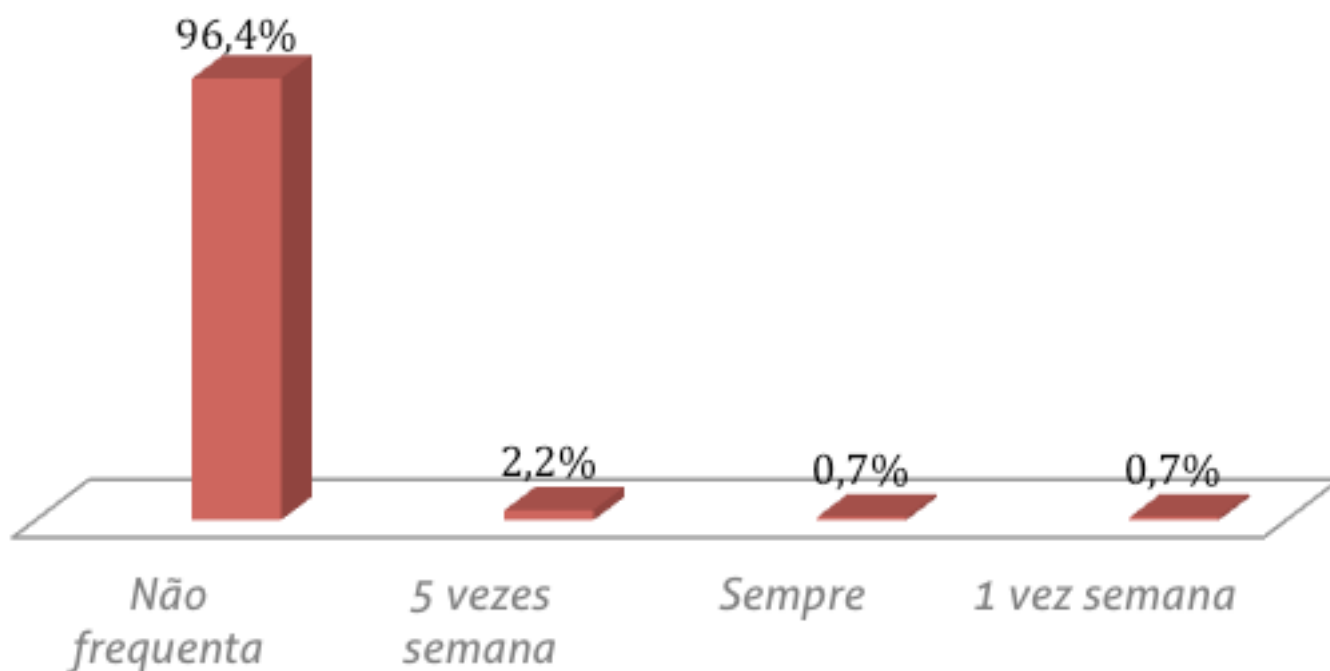


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à frequência com que saem de casa para irem à padaria, 70,2% das entrevistadas (99) responderam que fazem isso todos os dias, entretanto, 10,6% (15) afirmaram que não frequentam esse local. Já 5,7% (8) disseram que vão 2 vezes por semana; 3,5% (5) vão 5 vezes por semana; 3,0% (4) afirmaram que vão sempre à padaria; 2,1% (3) vão 4 vezes por semana; 1,4% (2) afirmaram que vão 3 vezes por semana; 1,4% (2) vão 1 vez por semana e 0,7% (1) 3 vezes por mês.



## GRÁFICO 176 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A ESCOLAS.

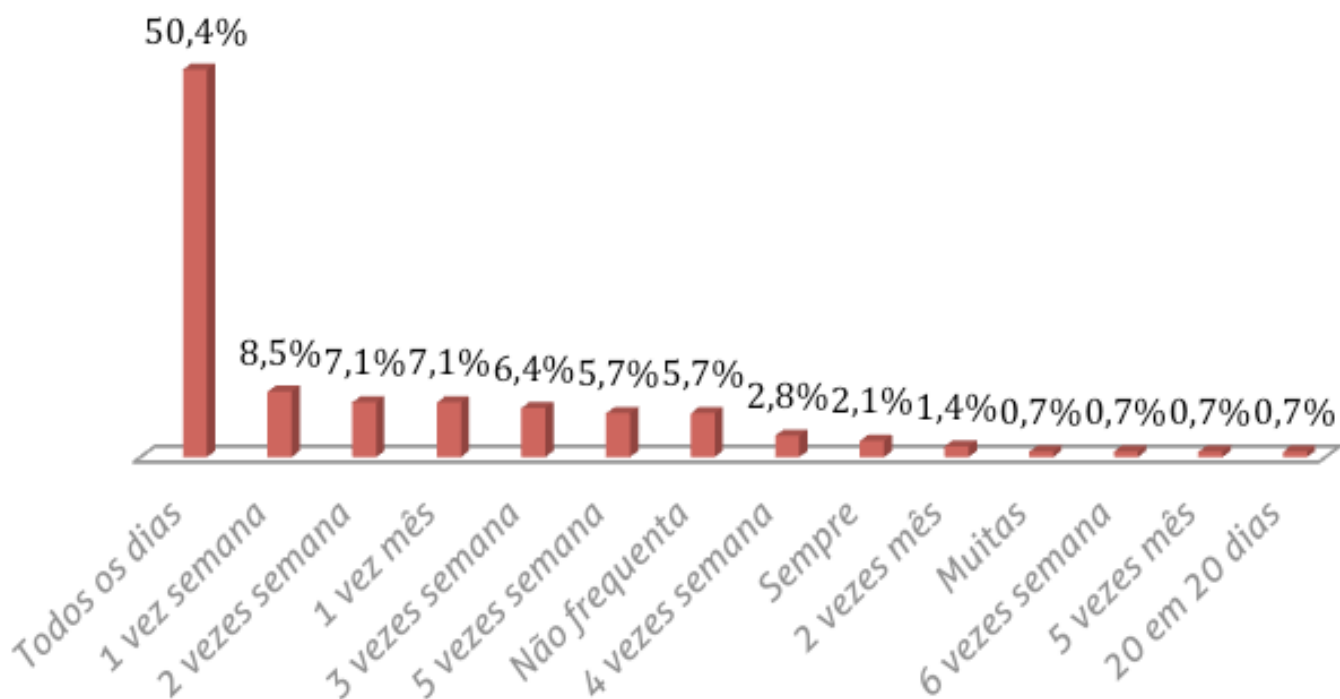


*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam esta pergunta.*

Foi perguntado às entrevistadas a frequência com que elas saem de casa para ir à escola, 96,4% (135) disseram que não frequentam a escola, ao passo que 2,2% (3) afirmaram que vão 5 vezes por semana; 0,7% (1) respondeu que sempre vai à escola e 0,7% (1) disse que vai 1 vez por semana a esse local.



## GRÁFICO 177 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO A SUPERMERCADOS.

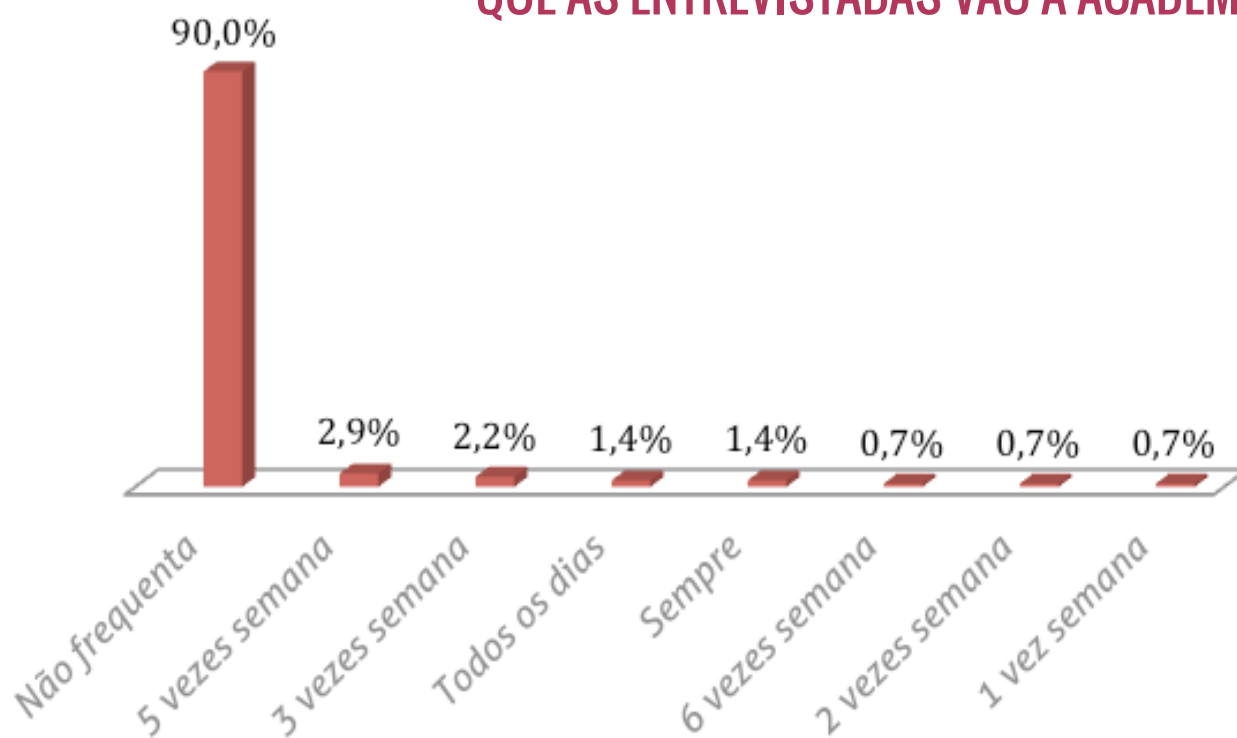


*\*Dados referentes a 141 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à frequência com que saem de casa para irem ao supermercado, 50,4% (71) responderam vão todos os dias; 8,5% (12) disseram que vão 1 vez por semana; 7,1% (10) vão 2 vezes por semana; 7,1% (10) vão 1 vez por mês; 6,4% (9) vão a esse local 3 vezes por semana; 5,7% (8) responderam que vão 5 vezes por semana; 5,7% (8) disseram que não frequentam esse espaço. Já 2,8% (4) vão ao supermercado 4 vezes por semana; 2,1% (3) afirmaram que sempre vão ao supermercado; 1,4% (2) vão 2 vezes por mês; 0,7% (1) respondeu que vai muitas vezes a esse local; 0,7% (1) respondeu que vai 6 vezes por semana; 0,7% (1) respondeu que vai 5 vezes por mês e 0,7% (1) respondeu que vai de 20 em 20 dias a esse local.



## GRÁFICO 178 - PERCENTUAL DA FREQUÊNCIA QUE AS ENTREVISTADAS VÃO À ACADEMIA.

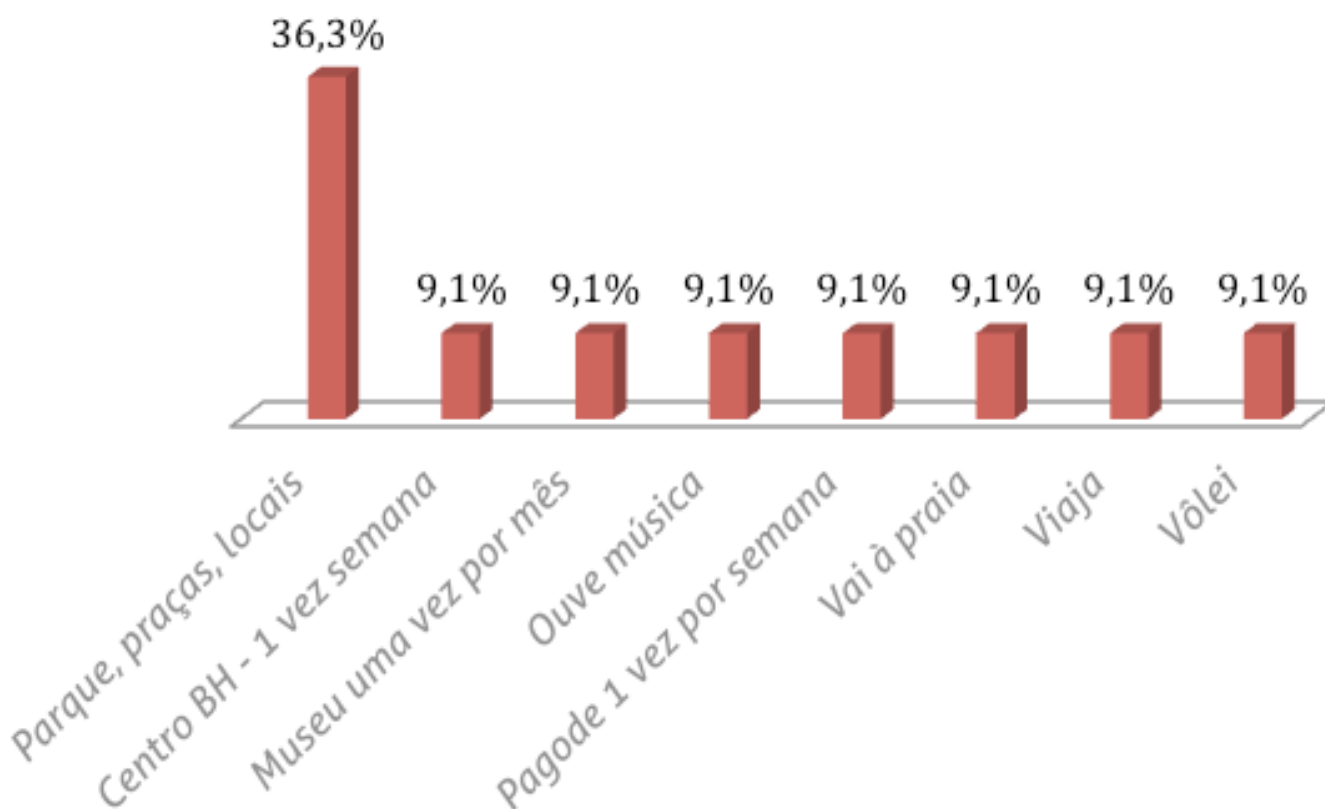


*\*Dados referentes a 140 participantes que responderam esta pergunta.*

Com relação à frequência com que saem de casa para ir à academia, 90,0% das entrevistadas (126) afirmaram que não frequentam esse local; 2,9% (4) disseram que vão 5 vezes por semana; 2,2% (3) vão 3 vezes por semana; 1,4% (2) afirmaram que vão todos os dias; 1,4% (2) sempre vão à academia; 0,7% (1) disse que vai 6 vezes por semana; 0,7% (1) vai 2 vezes por semana, a mesma porcentagem (0,7%) vai 1 vez por semana à academia.



## GRÁFICO 179 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE SAEM DE CASA PARA FREQUENTAREM OUTROS LUGARES.

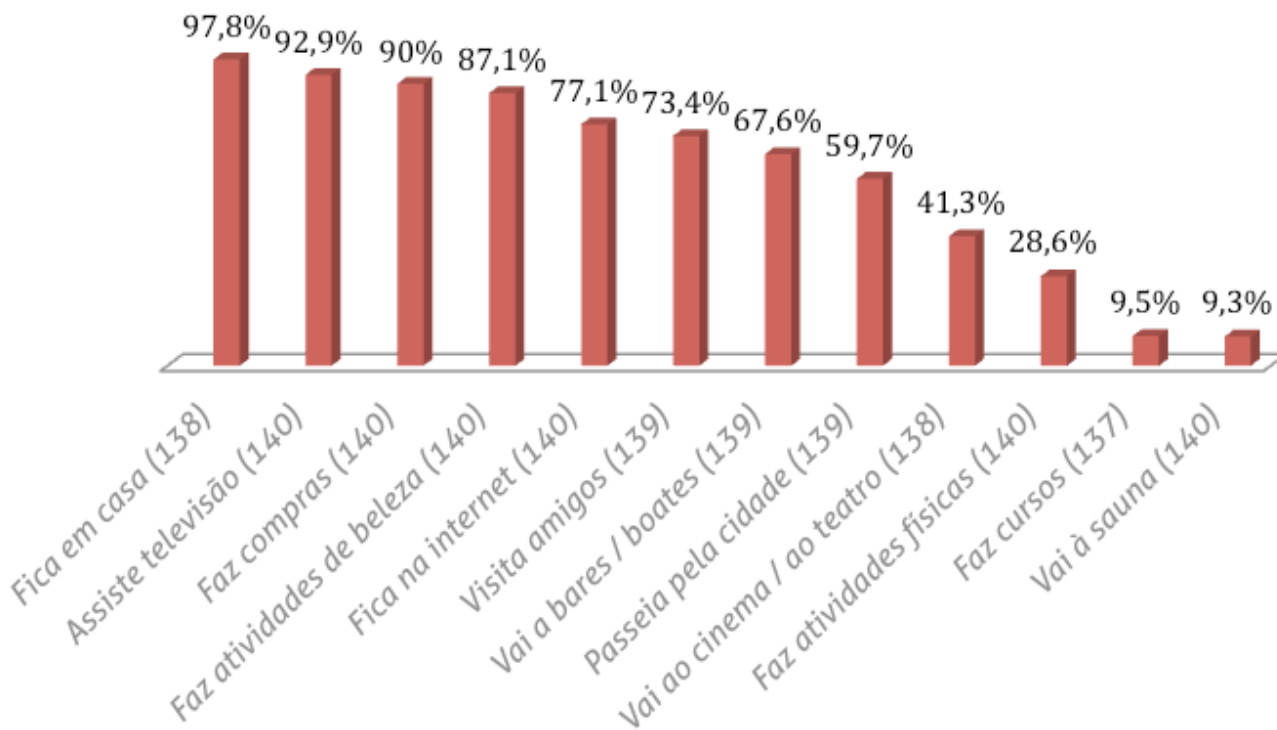


*\*Dados referentes a 11 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntadas sobre outros locais que frequentavam, 36,3% (4) das entrevistadas disseram que vão a parques e locais abertos; 9,1% (1) vai ao centro de Belo Horizonte, sendo 1 vez por semana a frequência de ida a esse local. Já 9,1% (1) vai 1 vez por mês à museus; 9,1% (1) ouve música; 9,1% (1) vai 1 vez por semana ao pagode; 9,1% (1) vai à praia. A mesma porcentagem, 9,1% (1), respondeu que viaja e 9,1% (1) afirmou que joga vôlei.



## GRÁFICO 180 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE FAZEM ATIVIDADES EM SEU TEMPO LIVRE.



\*Como as participantes poderiam escolher mais de uma alternativa como resposta, cada opção possui um número de dados referente às participantes distinto.

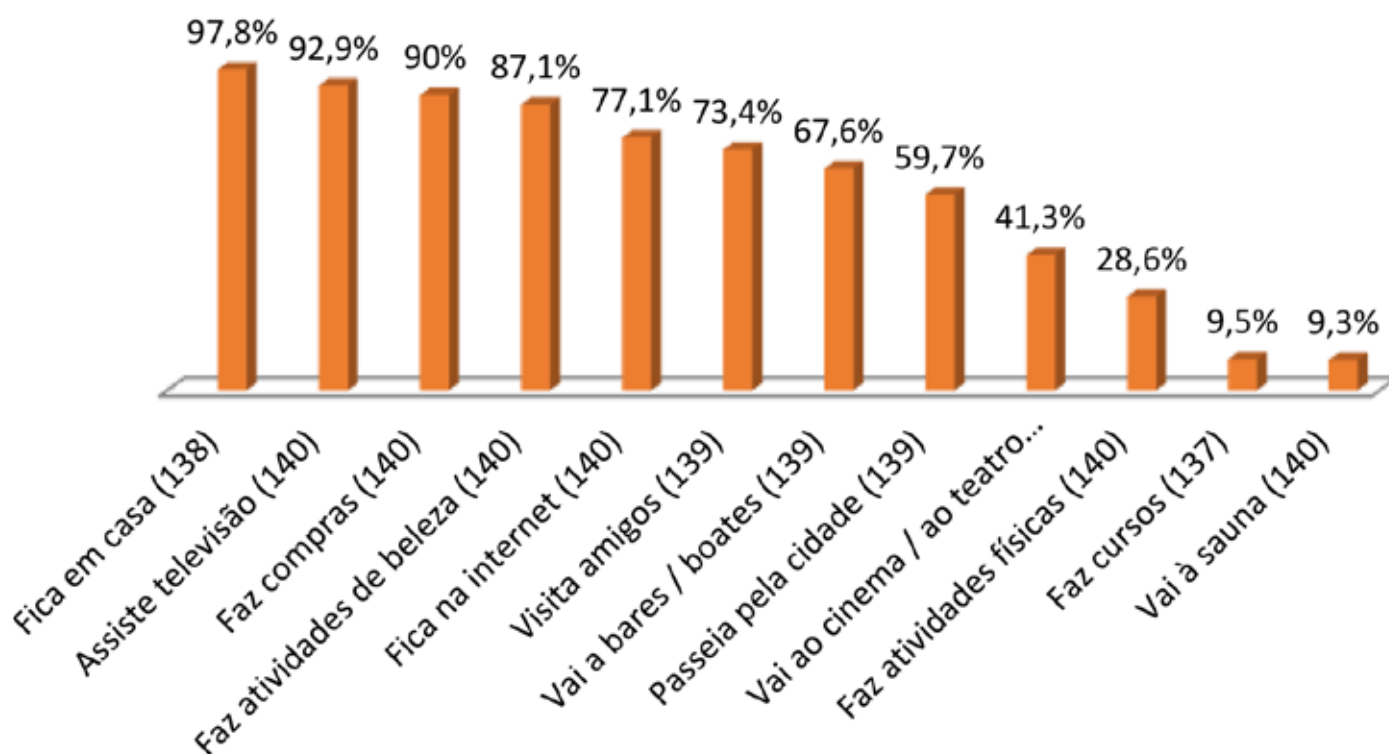
Verificou-se que 97,8% (135), das 138 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que ficam em casa; 92,9% (130), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que assistem televisão; 90,0% (126), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que fazem compras; 87,1% (122), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que fazem atividades de beleza (como ir ao salão); 77,1% (108), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que ficam na internet; 73,4% (102), das 139 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que visitam amigos; 67,6% (94), das 139 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que vão a bares e boates; 59,7% (83), das 139 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que passeiam pela cidade; 41,3% (57), das 138 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que vão ao teatro ou ao cinema; 28,6% (40), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que fazem atividades físicas; 9,5% (13), das 137 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que fazem algum curso e 9,3% (13), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que vão a saunas.

**TABELA 62 – FREQUÊNCIA DE CURSOS QUE AS ENTREVISTADAS RELATARAM FAZEREM EM SEU TEMPO LIVRE.**

<b>CURSO</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
Costura	2
Culinária	1
Ensino médio	1
Especializações	1
Estética	1
Inglês	1
Microcamp	1
pré-vestibular	1
Técnica em computadores	1
Telemarketing	1
<b>Total</b>	<b>11</b>

Com relação ao percentual de entrevistadas que responderam fazer cursos em seu tempo livre (9,22% - 13 entrevistadas), 2 afirmaram que fazem curso de costura. Quanto ao restante dos cursos relatados, houve apenas a frequência de uma entrevistada para cada curso. Os cursos citados foram: culinária, ensino médio, especializações, estética, inglês, Microcamp, pré-vestibular, curso técnico em computadores e telemarketing.

## GRÁFICO 181 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE FAZEM OUTRAS ATIVIDADES EM SEU TEMPO LIVRE.

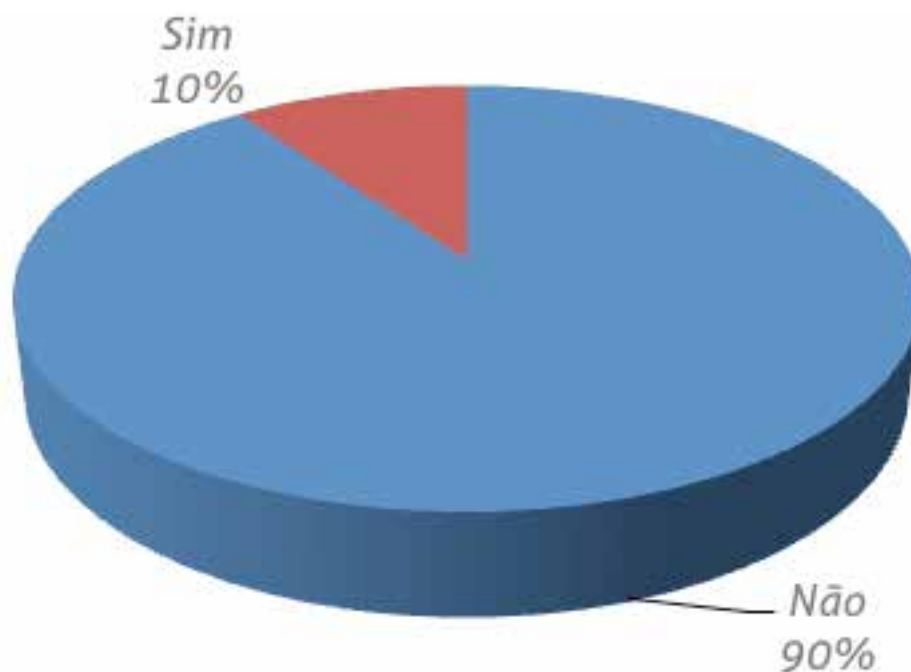


\* Como as participantes poderiam escolher mais de uma alternativa como resposta, cada opção possui um número de dados referentes às participantes diferentes, que estão após cada descrição entre parênteses.

Verificou-se que 97,8% (135), das 138 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que ficam em casa; 92,9% (130), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que assistem televisão; 90% (126), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que fazem compras; 87,1% (122), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que fazem atividades de beleza (como ir ao salão); 77,1% (108), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que ficam na internet; 73,4% (102), das 139 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que visitam amigos; 67,6% (94), das 139 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que vão a bares e boates; 59,7% (83), das 139 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que passeiam pela cidade; 41,3% (57), das 138 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que vão ao teatro ou ao cinema; 28,6% (40), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que fazem atividades físicas; 9,5% (13), das 137 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que fazem algum curso e 9,3% (13), das 140 entrevistadas que responderam essa questão, afirmaram que vão à saunas.



## GRÁFICO 182 - PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE SÃO MEMBROS OU PARTICIPAM DE ATIVIDADES EM ASSOCIAÇÕES, PARTIDOS, ENTIDADE OU DESENVOLVE ALGUM TRABALHO SOCIAL.

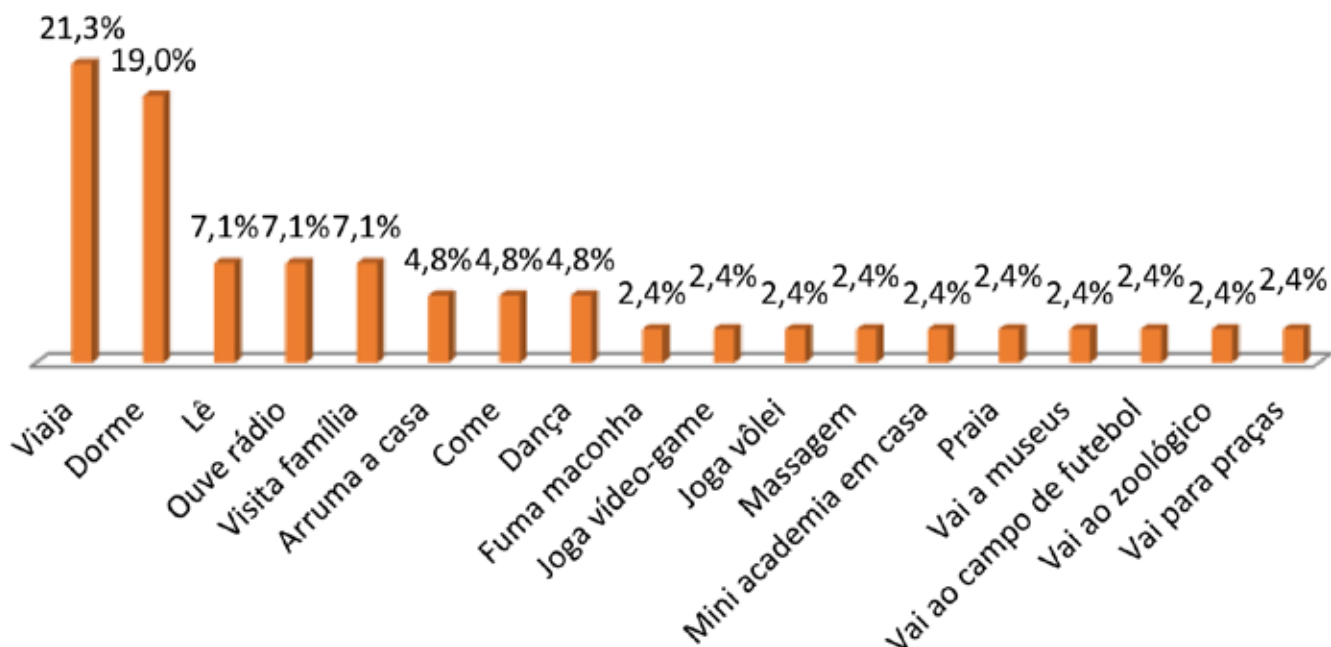


*\*Dados referentes as 139 participantes que responderam esta pergunta.*

Quando perguntado às entrevistadas se elas são membros ou participa de atividades em associações, partidos, entidade ou se desenvolvem algum trabalho social, 90% (125) responderam que não e 10% das entrevistadas (14) responderam que sim.

## GRÁFICO 183

### PERCENTUAL DAS ENTREVISTADAS QUE FAZEM OUTRAS ATIVIDADES EM SEU TEMPO LIVRE:



\*Dados referentes as 42 participantes que responderam esta pergunta.

Com relação às outras atividades que as entrevistadas costumam fazer em seu tempo livre, o fato de viajarem foi citado em 21,3% vezes (9) do total de citações. A frequência do fato de dormirem apareceu 19% de vezes (8). Em 7,1% das vezes (3) foi dito que se lê no tempo livre e também em 7,1% das vezes (3) foi dito que se ouve rádio. Visitações à família foram citadas 7,1% de vezes (3) pelas entrevistadas e arrumações de casa foram citadas 4,8% de vezes (2) pelas entrevistadas. 4,8% de vezes (2) foi dito que se come no tempo livre e a mesma quantidade de vezes (4,8%) apareceu que as entrevistadas dançam. Em 2,4% das vezes (1) foi dito que se fuma maconha no tempo livre. Também em 2,4% de vezes (1) entrevistadas dissera que jogam vídeo- game e na mesma porcentagem de vezes (2,4%) foi dito que se costuma jogar vôlei. Em 2,4% de vezes (1) foi citada que se faz massagem no tempo livre e também na mesma porcentagem de vezes (2,4%) foi dito que se utiliza uma mini academia que a entrevistada possui em casa. Foi dito que se vai à praia 2,4% de vezes (1) e também nessa mesma porcentagem de vezes (2,4%) foi respondido que as entrevistadas vão a museus. Em 2,4% de vezes (1) foi dito que se vai ao campo de futebol no tempo livre e essa mesma porcentagem apareceu (2,4%) relacionando-se ao fato de irem ao zoológico. Em 2,4% das vezes foi dito que as entrevistadas não a praças em seu tempo livre.

## TABELA 63: FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO, PARTIDO, ENTIDADE OU TRABALHO SOCIAL QUE AS ENTREVISTADAS RELATAM PARTICIPAREM

	FREQUÊNCIA
Acompanha militante conhecida na cidade	1
Ajuda arrecadando e doando cesta básica, roupas e fraldas	1
Apoia Cellos Trans / Paga Ong crianças	1
Astrave	1
Direto das travestis em Aracajú	1
Distribui preservativo	1
É Presidente da Pastoral da criança no Centro Comunitário do Bairro São Paulo	1
Era membro do PDT em Recife	1
Gostaria de participar junto a uma militante conhecida da cidade, mas no momento não atua	1
Gostaria de participar, mas no momento não atua	1
MNPR (Cellos)	1
Movimento População de Rua Belo Horizonte; Gangue das Bonecas	1
Mudança Já	1
Organização Triângulo Trans Programa em cima do salto	1
Palestrante sobre espiritismo	1
Secretária Triângulo Trans (Uberlândia)	1
Trabalho social autônomo, sem fins lucrativos.	1
<b>Total</b>	<b>17</b>

Dentre as 17 participantes que relatam a associação, partido, entidade ou trabalho social que participam, uma (1) respondeu que acompanha uma militante conhecida na cidade, ao passo que também uma (1) afirmou que ajuda arrecadando e doando cesta básica, roupas e fraldas. Uma (1) entrevista afirmou que apoia o CELLOS e contribui a ONG relacionada a crianças. Uma (1) entrevistada disse que faz parte da ASTRAV e o mesmo número de entrevistadas (1) disse que luta pelos direitos das travestis em Aracajú. Uma entrevistada afirmou que distribui preservativos e uma entrevistada disse que é presidente da Pastoral da Criança no Centro Comunitário do Bairro São Paulo.

Uma (1) entrevistada disse que já foi membro do PDT em Recife e também uma entrevistada disse que gostaria de participar junto a uma militante conhecida na cidade, mas que no momento não atua. Uma (1) entrevistada respondeu que também gostaria de participar, mas no momento não atua no MNPR (CELLOS) e uma entrevistada afirmou que participa do Mudança Já. Uma (1) entrevistada disse que é integrante da Organização Triângulo Trans Programa em Cima do Salto e uma entrevistada disse que é palestrante sobre espiritismo. Uma (1) entrevistada afirmou que faz trabalho social autônomo, sem fins lucrativos.



# CONSIDERAÇÕES

A partir de tais dados, observa-se o contexto de vulnerabilidade em que travestis e mulheres transexuais de Belo Horizonte estão inseridas, o precário acesso a serviços em alinhamento com suas especificidades e a escassez de políticas públicas e/ou instituições que visem a garantia de seus direitos. Ao mesmo tempo, percebe-se, também, como as travestis e mulheres transexuais se constroem como sujeitos políticos, traçando estratégias de resistência e enfrentamento diante de contextos marginalizados. Pela complexidade de suas experiências e para que a pesquisa vá além de dados estatísticos e seja capaz de aprofundar nas reflexões sobre a sociabilidade dessa população, a pesquisa conta com uma segunda etapa de coleta de dados que visa ampliar as possibilidades de entendimento, intervenção e mobilização dos grupos sociais em questão e de combate ao preconceito.

Compreender o cotidiano dessa população além dos estereótipos assim como as suas formas de sociabilidade, de práticas de trabalho e inserção profissional, de uso ou distanciamento das instituições públicas de saúde, de educação formal e de segurança pública, bem como seus impactos nas vidas das entrevistadas, de forma mais aprofundada possível, exige um trabalho minucioso que se pretende ser alcançado via entrevistas semiestruturadas às travestis ou mulheres transexuais que já tenham respondido ao questionário do projeto.

Essas entrevistas serão desenvolvidas a partir da perspectiva qualitativa e utilizadas para o conhecimento da trajetória individual de cada entrevistada tendo como finalidade principal compreender a dinâmica das formas de exclusão e das redes de solidariedade já existentes capazes de colaborar na emergência de uma organização social do grupo, para, assim, dar subsídio a ações e políticas públicas voltadas para o combate aos seus contextos de discriminação.



# GLOSSÁRIO

## **BOMBADEIRAS OU MÃOS DE FADA**

Trata-se de uma travesti ou mulher transexual que oferece o serviço de aplicação do silicone industrial para modelagem do corpo de outra travesti ou mulher transexual em troca de uma quantia em dinheiro. A denominação e o reconhecimento das bombadeiras como também “mãos de fada” resulta da satisfação de muitas travestis e mulheres transexuais com relação ao serviço.

## **DONA DE CASA OU PENSÃO**

Geralmente são travestis mais velhas que deixaram de se prostituir e que disponibilizam moradia para as travestis e mulheres transexuais em troca do pagamento de diárias. Em um contexto de ausência familiar e institucional a qual estão inseridas, a *dona de casa* geralmente destaca-se por minimizar esse vazio de recursos, de apoio e de assistência.

## **PISTAS**

Expressão utilizada pelas travestis e mulheres transexuais entrevistadas, que refere-se às áreas em que encontram clientes.

## **VÍCIO**

Vícios são tanto práticas sexuais que travestis e mulheres transexuais realizam com homens e que não envolve transação de dinheiro, como no caso dos programas, como é também uma categoria utilizada para se referir àqueles sujeitos com quem elas se relacionam. A relação não é conjugal/ amorosa, como no caso dos maridos, namorados ou companheiros, envolvendo mais atração física/tesão que sentimentos afetivos.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDETTI, Marcos Renato. Toda feita: Gênero e identidade no corpo travesti. Porto Alegre 2005: Garamond, 2005.

KULICK, Don. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Tradução Cezar Gordon. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998:2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos metodologia científica. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál., Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007

OLIVEIRA, Marcelo José. Jogo de cintura: uma etnografia sobre travestis em Florianópolis. Florianópolis: Departamento de Ciências Sociais, UFSC, 1994. Mimeo.

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA, Hélio R. S. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Iser, 1993.



**2016**

**[WWW.FAFICH.UFMG.BR/NUH](http://WWW.FAFICH.UFMG.BR/NUH)**

**[PROJETOTRANS.NUHUFMG.COM.BR](http://PROJETOTRANS.NUHUFMG.COM.BR)**